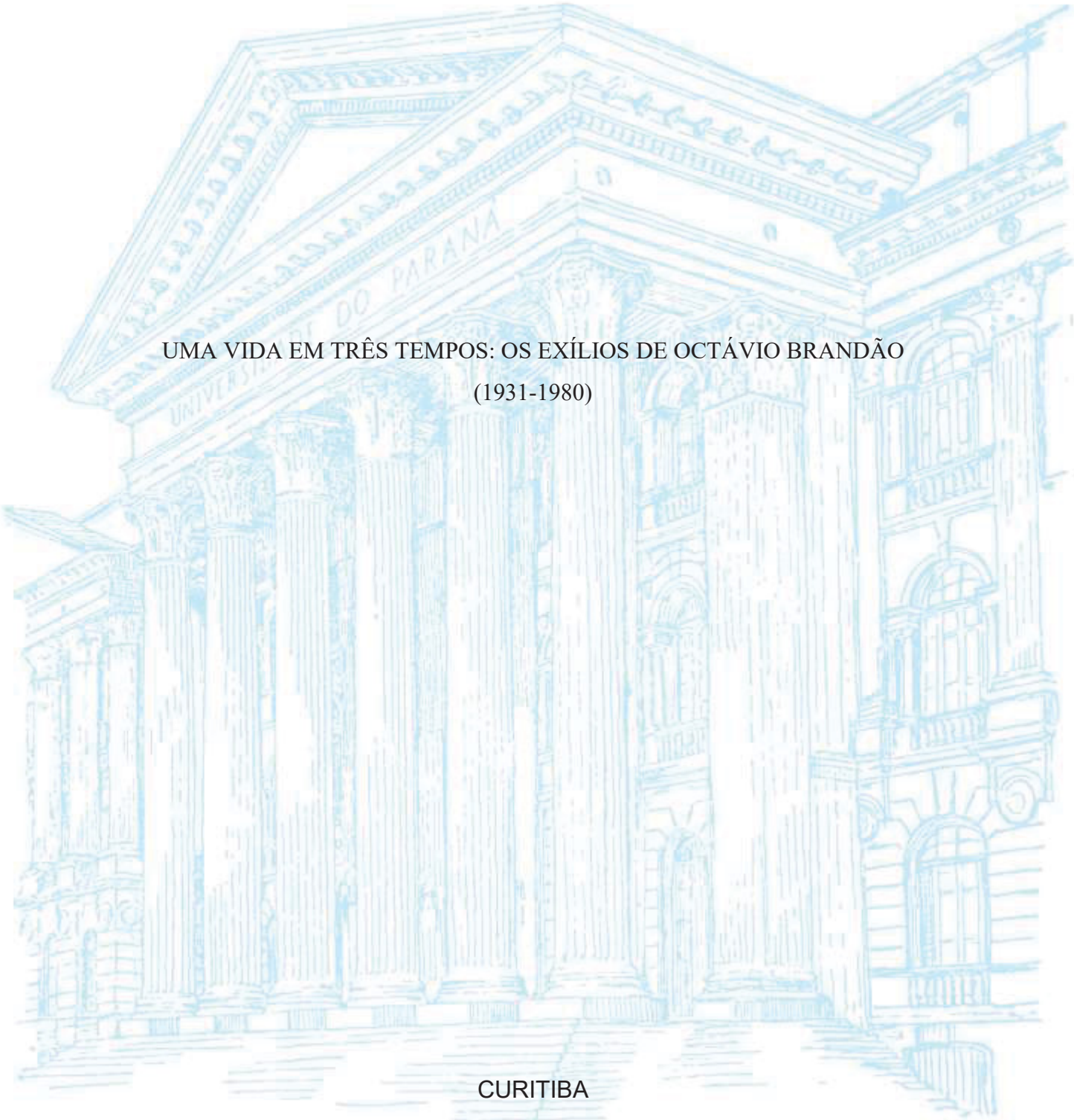
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DENILTON NOVAIS AZEVEDO



UMA VIDA EM TRÊS TEMPOS: OS EXÍLIOS DE OCTÁVIO BRANDÃO (1931-1980)

CURITIBA

2024

DENILTON NOVAIS AZEVEDO

UMA VIDA EM TRÊS TEMPOS:
OS EXÍLIOS DE OCTÁVIO BRANDÃO (1931-1980)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Linha de Pesquisa: Cultura e Poder, Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em História.
Orientador: Prof. Dr. Rafael Faraco Benthien

CURITIBA
2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Azevedo, Denilton Novais
Uma vida em três tempos: os exílios de Octávio Brandão (1931-1980). / Denilton Novais Azevedo. – Curitiba, 2024.
1 recurso on-line : PDF.

Doutorado (Tese em História) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História.
Orientador: Prof. Dr. Rafael Faraco Benthien.

1. Octávio Brandão. 2. Exílio político. 3. Partido Comunista Brasileiro (PCB). 4. Isolamento intelectual. I. Benthien, Rafael Faraco. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

Bibliotecário: Dênis Junio de Almeida CRB-9/2092

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA - 40001016009P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **DENILTON NOVAIS AZEVEDO** intitulada: **UMA VIDA EM TRÊS TEMPOS: OS EXÍLIOS DE OCTÁVIO BRANDÃO (1931-1980)**, sob orientação do Prof. Dr. RAFAEL FARACO BENTHIEN, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 29 de Julho de 2024.

Assinatura Eletrônica
29/07/2024 20:20:02.0
RAFAEL FARACO BENTHIEN
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
29/07/2024 20:03:13.0
PEDRO LEÃO DA COSTA NETO
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
30/07/2024 10:44:45.0
RODRIGO CZAJKA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
29/07/2024 19:20:16.0
RODRIGO JURUCÊ MATTOS GONÇALVES
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS)

Assinatura Eletrônica
30/07/2024 10:46:25.0
ERIVAN CASSIANO KARVAT
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA)

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.
Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 384918
Para autenticar este documento/assinatura, acesse https://siga.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp
e insira o codigo 384918

À minha amada esposa Aline,

sem o seu amor esta pesquisa jamais teria sido feita.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente ao professor, Luiz Carlos Ribeiro, pela orientação deste trabalho e, especialmente, pela paciência que teve durante os três anos do doutorado. Durante suas orientações, contribuiu enormemente a partir da leitura minuciosa do texto, com suas correções, comentários, observações e indicações de leitura sempre pertinentes. Ao longo do curso, tive o privilégio de me reunir com o professor Ribeiro em diversas ocasiões, primeiro nas aulas de Seminário que ministrou para a nossa turma no primeiro semestre de 2021, depois nos encontros de orientação e, em todos esses momentos recebi todo suporte e estímulo necessários para continuar esta pesquisa. Por conta de tudo isso, gostaria, outra vez, de reforçar o meu sincero agradecimento!

Sou muitíssimo grato ao professor Dr. Rafael Faraco Benthien por aceitar ser meu orientador formal, em virtude da aposentadoria do Dr. Luiz Carlos Ribeiro.

Tenho uma dívida com o professor da UTP, Pedro Leão da Costa Neto, pela leitura atenta que realizou deste trabalho, assim como seus apontamentos e sugestões feitos no exame de qualificação que, com toda certeza, foram essenciais para o resultado final desta pesquisa. Gostaria de ressaltar que foi durante suas aulas ministradas na graduação, que despertou em mim o interesse pela história do marxismo no Brasil.

Minha dívida estende-se ao professor da UEG, Rodrigo Jurucê Mattos Gonçalves, também estudioso dos pensadores marxistas brasileiros, pela leitura crítica deste trabalho durante o exame de qualificação, realizando importantes questionamentos e indicações.

Sou grato aos grandes mestres que despertaram em mim o interesse pela pesquisa, sobretudo aqueles que me ensinaram a importância do rigor científico e, igualmente, a necessidade de consultar os arquivos. Profissionais inspiradores que tive o privilégio de aprender muito durante minha jornada acadêmica na graduação na UTP e, posteriormente, na pós-graduação na UEM e UFPR, refiro-me aos professores: Erivan Cassiano Karvat, Etelvina Maria Trindade, Geraldo Magela Pieroni, José Antônio Vasconcelos, Viviane Maria Zeni, Wilma de Lara Bueno, Angelo Aparecido Priori, Sidney José Munhoz e Roseli Boschillia. Todos esses historiadores me ensinaram verdadeiras lições de sabedoria e humildade.

Agradeço também aos funcionários do Arquivo Edgard Leuenroth, em Campinas, sobretudo naqueles dias frenéticos de pesquisa ao acervo, quando o tempo era apertado e o volume das pastas a serem consultadas parecia não ter fim. De fato, foram dias muito exaustivos, mas, o profissionalismo dos funcionários da instituição, sem dúvida, facilitou

e muito nosso trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em História, em particular, à Maria Cristina, por ter me atendido prontamente todas as vezes que solicitei algum suporte.

Gostaria também de expressar meus sinceros agradecimentos à família de Octavio Brandão. Primeiramente sua filha, Dionysa Brandão Rocha, que me recebeu em sua casa, em Santa Tereza, no Rio de Janeiro, para uma tarde inteira muito agradável de conversa. Dionysa já havia gentilmente me ajudado na época do meu mestrado, enviando materiais valiosos de pesquisa como: livros, fotografias e, especialmente, uma cópia datilografada da autobiografia inédita de seu pai, *A luta libertadora,* segundo volume de *Combates e Batalhas*, que guardo até hoje com muito carinho, e que acabou sendo nossa principal fonte nesta tese. Agora no doutorado não foi diferente, quando a procurei, por intermédio de sua filha, Marisa Brandão Rocha, novamente encontrei incentivo para continuar a pesquisa, além de haver me presenteado com dois livros riquíssimos de poesias, um de sua autoria acerca de aspectos de sua vida, intitulado: *Raros lampejos de um meteorito* e outro *Laura e Octavio,* trata-se de uma coletânea de poesias de seus pais, que me ajudaram enormemente nesta pesquisa. Também agradeço muitíssimo à Marisa, com quem venho me correspondendo desde o início do doutorado, todas às vezes que a procurei, e não foram poucas ocasiões, encontrei a mesma gentileza de sua mãe para esclarecer passagens da vida da família Brandão, localizar documentos e, até mesmo, me aproximar de outros importantes pesquisadores. Apesar de seu tempo ser bastante limitado, atualmente dedica-se integralmente aos cuidados de Dionysa, que necessita de cuidados), não mediu esforços para nos ajudar. Gostaria de ressaltar que foi Marisa quem criou as condições para que pudesse me encontrar com Dionysa (o primeiro encontro foi de forma virtual, e o segundo presencial), escreveu para familiares e amigos que vivem na Rússia, a fim de nos orientar a respeito do prontuário de Octavio Brandão que se encontra no acervo da Internacional Comunista, me aproximou de outros pesquisadores para que pudessem me fornecer algum suporte caso precisasse, etc. Enfim, serei eternamente grato por todo suporte que recebi de Dionysa e Marisa!

Agradeço também aos amigos que ajudaram a tornar a pesquisa menos cansativa, Daniel Lúcio Petronzelli e Rodrigo Schlenker, velhos amigos que acompanharam de perto cada passo da minha trajetória acadêmica desde a época da graduação – ambos, historiadores muito competentes que me ensinaram verdadeiras lições de persistência e camaradagem. Marcos Francisco Bonetti, amigo que o mestrado me presenteou – é um apaixonado por teoria da História, e exímio conhecedor da história dos povos originários

Paraná. Gelise Martins Ponce e Moisés Wagner Franciscon, amizade que foi se aprofundado, cada vez mais, nas parcerias em congressos e publicações. À Samira Alves de Souza, pelo incentivo de sempre, e por ter encontrado tempo para realizar a leitura minuciosa deste trabalho em parceria com Yara, duas especialistas da língua portuguesa. À Lisandro Braga, pelo dom da escuta e por haver aberto as portas quando o procurei na Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFPR. Aliás, foi a partir de uma conversa que tivemos em um café próximo a reitoria que a ideia de fazer o doutorado na UFPR começou a se cristalizar em minha cabeça. À Henrique Okada, Christian Xavier, Marcus Juliano Pophal, Allan Niels, Wilen Silva, Taísa Robuste, Rafael Floro, Alessandro Tokumoto Eduardo Mello, Mariáh Cardoso e Luiz Alberto Vieira pelas divertidíssimas conversas e risadas que, seguramente, tornaram a escrita deste trabalho menos pesada.

Aos meus familiares que sempre me incentivaram a correr atrás dos meus sonhos. À minha Avó Nininha (in memoriam) que, apesar de nunca ter lido um livro na vida, foi a mulher mais culta que conheci. Com sua presença invejável, cultivou em mim a ânsia de querer aprender cada vez mais, independentemente da idade. Aos meus pais, José Francisco de Azevedo e Maria Aparecida Novais, pelo carinho, confiança e amor. Sempre fizeram o que estava ao seu alcance para me fornecer o melhor – Não foram raras às vezes que deixaram de lado seus sonhos para apoiar os meus.

À minha esposa Aline Cristine Rudnik Azevedo, que está presente em cada linha, parágrafo e página desta tese, sem ela, chegar até aqui não teria sido possível. É difícil até agradecer alguém que é tão responsável quanto eu por este trabalho, que abdicou de muita coisa para me ajudar a pesquisar nos arquivos, me acompanhar nos eventos, ouvir pacientemente cada nova descoberta, além, é claro, de todo apoio, incentivo e amor, que suavizaram os momentos mais difíceis desta jornada. Aliás, esta presença tem sido tão especial em minha vida há tantos anos que já nem consigo me imaginar sem ela! À Aline, o grande amor da minha vida, dedico este trabalho.

Cheguei às cidades em momentos de
desordem quando reinava a fome.
Cheguei perto dos homens em
momentos de tumulto e me indignei
com eles.
Assim transcorreu o tempo que foi
concedido na terra.
Comi minha comida entre batalhas me
recostei para dormir entre assassinos
[...]
Assim transcorreu o tempo que me foi
concedido na terra.
Na minha época, as estradas
conduziam ao pântano.
A língua me delatou ao verdugo.
Pouco podia fazer. Mas os
dominadores estariam mais seguros
sem mim, eu presumia.
Assim transcorreu o tempo que me foi
concedido na terra.
As forças eram escassas.
O objetivo se achava muito distante;
Era claramente visível, ainda que para
mim era quase que inalcançável.
Assim transcorreu o tempo que me foi
concedido na terra.

Bertolt Brecht.

A todas as almas, virgens do lameiro
atual; a todos os que desejam fazer da
vida um cântico de luz; a todos os que
aspiram sobrepujar o Presente para
atingir os níveis vindouros; aos
rebeldes, aos indomáveis, aos
generosos; são dedicados os meus
cantos insondáveis, a minha
Mensagem de Amor ao Mundo.

Octavio Brandão.

Em face dos golpes da vida, não
quebrei nem verguei. Não me dobrei
diante dos reveses. Não desesperei.
Nem capitulei. Lancei desafios à
desventura. Tirei partido da própria
desgraça.

Octavio Brandão

RESUMO

Octavio Brandão Rego (1896-1980) foi seguramente um dos intelectuais mais atuantes e polêmicos da esquerda comunista brasileira e do Partido Comunista Brasileiro da primeira metade do século XX. Fez parte da primeira geração de comunistas no Brasil, responsável por difundir o pensamento marxista e, igualmente, por elaborar as estratégias da revolução de esquerda, notabilizando-se como um dos intelectuais mais combativos daquela geração. Devido à notoriedade como militante e teórico político, acabou sendo preso diversas vezes, até ser deportado em 1931 para a Europa, onde permaneceu até 1946. Em seu exílio político, teve de lidar com as angústias inerentes à condição em que se encontrava. Por outro lado, esse banimento também oportunizou ao intelectual entrar em contato com importantes lideranças políticas do centro mundial da ideologia socialista e apreender novos referenciais culturais. Nessas condições, pôde repensar vários aspectos sobre o seu passado como dirigente do movimento operário e idealizador da revolução brasileira. No que concerne ao sentimento de isolamento interior, sustentamos a tese de que essa forma de exclusão foi ainda mais angustiante que a anterior: a tensão constante com os camaradas pecebistas fez com que experimentasse uma sensação de exclusão, sentimento que foi se cristalizado em suas memórias conforme foi envelhecendo, provocando uma profunda sensação de isolamento interior. Diante disso, passou a erguer para si uma espécie de refúgio interno, a fim de preservar sua identidade e, ao mesmo tempo, resistir ao isolamento a que foi relegado. Atualmente, sua memória circula de forma restrita entre alguns poucos grupos de pesquisadores acadêmicos; a maior parte de seus escritos ainda permanecem inéditos, à espera de editores interessados em publicá-los. É, portanto, figura pouco analisada na historiografia marxista; seu nome raramente é citado nas cerimônias que rememoram os personagens importantes do partido. Enfim, nesse processo tenso entre a memória oficial do PCB e pessoal de Brandão, a presente tese prioriza as memórias que foram atravessadas pela experiência do exílio político e, sobretudo, pelo sentimento de isolamento interior, ou exílio metafísico, em relação à Internacional e ao PCB. Dentro dessa perspectiva de análise, procuramos apreender o processo de construção da memória pelo exilado intelectual a partir da utilização de suas construções narrativas: escritos autobiográficos, literários e políticos e, como forma de analisar esses documentos, recorremos às concepções conceituais da categoria da memória e da história intelectual.

Palavras-chave: Octavio Brandão. PCB. Intelectuais comunistas. Memórias do exílio.

ABSTRACT

Octavio Brandão Rego (1896-1980) was certainly one of the most active and controversial intellectuals on the Brazilian communist left and in the Brazilian Communist Party in the first half of the 20th century. He was part of the first generation of communists in Brazil, responsible for spreading Marxist thought and also for drawing up the strategies of the left-wing revolution, making him one of the most combative intellectuals of that generation. Due to his notoriety as a political activist and theoretician, he ended up being arrested several times, until he was deported to Europe in 1931, where he remained until 1946. In his political exile, he had to deal with the anguish inherent in his condition. On the other hand, this banishment also gave the intellectual the opportunity to come into contact with important political leaders from the world center of socialist ideology and to learn new cultural references. Under these conditions, he was able to rethink various aspects of his past as a leader of the workers' movement and creator of the Brazilian revolution. With regard to the feeling of inner isolation, we support the thesis that this form of exclusion was even more distressing than the previous one: the constant tension with the Pecebista comrades made him experience a feeling of exclusion, a feeling that crystallized in his memories as he grew older, causing a deep sense of inner isolation. Faced with this, he began to build himself a kind of internal refuge in order to preserve his identity and, at the same time, resist the isolation to which he was relegated. Today, his memoir circulates in a restricted way among a few groups of academic researchers; most of his writings remain unpublished, waiting for publishers interested in publishing them. He is, therefore, a little-analyzed figure in Marxist historiography; his name is rarely mentioned in the ceremonies that commemorate the party's important figures. Finally, in this tense process between the official memory of the PCB and Brandão's personal memory, this thesis prioritizes the memories that were crossed by the experience of political exile and, above all, by the feeling of inner isolation, or metaphysical exile, in relation to the International and the PCB. Within this perspective of analysis, we seek to understand the process of memory construction by the intellectual exile through the use of his narrative constructions: autobiographical, literary and political writings and, as a way of analyzing these documents, we resort to the conceptual conceptions of the category of memory and intellectual history.

Keywords: Octavio Brandão Rego. PCB. Intellectual communists. Memories of exile.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – FAMÍLIA BRANDÃO SENDO DEPORTADOS PARA A EUROPA 58
FIGURA 2 – BRANDÃO E AS TRÊS FILHAS PEQUENAS NO NAVIO WESER.....58
FIGURA 3 – LAURA E AS QUATRO FILHAS PEQUENAS EM MOSCOU 72
FIGURA 4 – CARTA DE LÍGIA AO AMIGO BRANDÃO.....107
FIGURA 5 – JORNAIS EXPRESSANDO PREOCUPAÇÃO COM A ATUAÇÃO DE BRANDÃO 111
FIGURA 6 – BRANDÃO E CAMARADAS SOVIÉTICOS 113
FIGURA 7 – BRANDÃO NA CRIMEIA JUNTO AOS TRABALHADORES 146
FIGURA 8 – BRANDÃO VESTIDO ROUPA TÍPICA DA CULTURA RUSSA 147
FIGURA 9 – MEDALHA DE BRAVURA ENTREGUE À BRANDÃO 166
FIGURA 10 – O CANDIDATO BRANDÃO EM UMA CONFERÊNCIA EM 1946 171
FIGURA 11 – BRANDÃO RECEBENDO DIPLOMA DE VEREADOR NA ALERJ 174
FIGURA 12 – CHURRASCO DO PCB EM CAMPO GRANDE 174
FIGURA 13 – BRANDÃO FOTOGRAFADO NO EXERCÍCIO DE VEREADOR.....177
FIGURA 14 – BRANDÃO OUVINDO AS DEMANDAS DA POPULAÇÃO POBRE..177
FIGURA 15 – BRANDÃO ACOMPANHADO DO REPÓRTER HUMBERTO FELLES178
FIGURA 16 – BRANDÃO SENDO ENTREVISTADO PELO JORNAL DIÁRIO DA NOITE 182
FIGURA 17 – BRANDÃO NO AEROPORTO DOS PALMARES, MACEIÓ 206
FIGURA 18 – BRANDÃO PARTICIPANDO DE UMA CONFERÊNCIA EM MACEIÓ208
FIGURA 19 – BRANDÃO EM SEU GABINETE DE TRABALHO.....220
FIGURA 20 – BRANDÃO EM UM SEMINÁRIO NO COLÉGIO SÃO VICENTE 221
FIGURA 21 – BRANDÃO VIBRANDO AOS 82 ANOS DE IDADE 224

LISTA DE SIGLAS

AEL	– Acervo Edgard Leuenroth
AIB	– Ação Integralista Brasileira
ALERJ	– Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro
ANL	– Aliança Nacional Libertadora
BOC	– Bloco Operário e Camponês
CCE-PCB	– Comissão Central Executiva do Partido Comunista do Brasil
COMINTERN	– Internacional Comunista
DOPS	– Departamento da Ordem Política e Social
IC	– Internacional Comunista
MOPR	– Sociedade Internacional de Ajuda aos Trabalhadores
NEP	– Nova Política Econômica
PC DO B	– Partido Comunista do Brasil
PCB	– Partido Comunista Brasileiro
PCUS	– Partido Comunista da União Soviética
RGASPI	– Russian State Archive of Socio-Political History
SSA-IC	– Seção da Internacional Comunista da América Latina
URSS	– União das Repúblicas Socialistas Soviética

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 15
1. 1 O estado da arte 27
1. 2 Tipologia das fontes 29
2 AUTOBIOGRAFIA, MEMÓRIA E A CONDIÇÃO DE INTELECTUAL EXILADO 35
2.1 O Significado do intelectual exilado 47
3 UMA VIDA EM DOIS TEMPOS: AS MEMÓRIAS DO EXÍLIO 55
3.1 Viver na União Soviética e as memórias do exílio 54
3.2 A tese da revolução imediata soviética e o levante comunista no Brasil de 1935 77
3.3 O engajamento político no Comintern e outras atividades intelectuais 94
4 O ISOLAMENTO INTECTUAL: LITERATURA, POESIA E EXÍLIO 120
4.1 A sensibilidade e a personalidade intelectual 120
4.2 O perfil colecionador e memorialista 135
4.3 Literatura, poesia e exílio em tempos de guerra 140
4.4 Tempos difíceis: as memórias da guerra e a trajetória de uma família de exilados 152
5 DO ISOLAMENTO POLÍTICO AO EXÍLIO INTERIOR 167
5.1 Anos tensos e intensos: os primeiros conflitos com a direção do PCB 168
5.2 A construção do isolamento político 183
5.3 Do isolamento político ao exílio interior 201
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 225
FONTES 228
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA 238

1 INTRODUÇÃO

> Quando Dante atravessava Verona, o povo apontava-o com o dedo e segredava: "Ele está no inferno". E como poderia ele, de fato, sem aí viver, descrever-lhe todos os tormentos? Ele não tirara da sua imaginação, ele os vivera, experimentara, vira e sentira. Ele estava de verdade no inferno, na cidade dos condenados: Ele estava no exílio.
>
> (Heinrich Heine, Über Ludwig Börne)

> Outra vez ele está só, e outra vez o silêncio cai sobre ele... a angústia que amainara um pouco, surge de novo e oprime o peito com força ainda maior. Os olhos de Iona correm aflitos e martirizados pelas turbas que se agitam de ambos os lados da rua: não haverá no meio dessas milhares de pessoas ao menos uma que queira ouvi-lo? Mas as turbas correm sem nota-lo, nem a ele nem à sua angústia... Angústia enorme, que não conhece limites. Se estourasse o peito de Iona, e a angústia se derramasse, ela inundaria, parece, o mundo inteiro – e, no entanto, ela é invisível. Ela conseguiu alinhar-se numa casa tão ínfima, que não se pode enxergá-la nem com uma lanterna à luz do sol...
>
> (Antón Tchekhov, Angústia)

O convite à reflexão sobre os tormentos enfrentados por Dante e a angústia que desconhece limites, nas linhas poéticas de Tchekhov, evocam possibilidades de diálogos com a experiência do exílio vivida por Octavio Brandão. Sendo assim, a proposta desta tese é investigar o processo de construção da memória do intelectual e militante comunista Octavio Brandão e, ao mesmo tempo, entender de que maneira a sua experiência no exílio ajudou a repensar seu passado de lutas no Partido Comunista do Brasil (PCB)[1], sua própria condição de intelectual exilado, bem como problematizar sua trajetória futura. Será ainda analisada a autocrítica realizada pelo autor em relação a suas antigas posições políticas, particularmente, no que concerne à concepção da revolução brasileira. Para isso, optamos por um recorte temporal que nos pareceu ser mais apropriado (1931-1980), que foi circunscrever os seus relatos autobiográficos, suas produções intelectuais e políticas, que foram atravessados pela experiência do exílio, objetivando entender as implicações desse distanciamento espacial e temporal em sua trajetória. Cabe aqui, também, destacar,

[1] Optamos aqui por utilizar a denominação de Partido Comunista do Brasil tal como era utilizado na época.

a fim de que se possa orientar o leitor, as categorias de exílio, exílio político e exílio metafísico ou interior que estaremos empregando nesta pesquisa. Vamos nomear o exílio para se referir ao distanciamento geográfico, linguístico e cultural, de exílio político para caracterizar o seu isolamento político expresso no seu distanciamento e marginalização em relação PCB; e exílio metafísico ou interior para designar o sentimento resultante dos momentos anteriores.

Octavio Brandão Rego (1896-1980) é natural da cidade de Viçosa, Alagoas, porém viveu a maior parte de sua vida na cidade do Rio de Janeiro, local onde intensificou seu engajamento político no movimento anarquista, ideologia que havia aderido até o começo dos anos vinte e, logo após a fundação do PCB, migrou para o movimento comunista.

Como dirigente da Comissão Central Executiva pecebista (CCE-PCB), foi um dos articuladores políticos mais notáveis de sua geração, sua função era promover atividades referentes à propaganda político-ideológica e, igualmente, ampliar a influência do partido dentro do movimento operário.

Sua primeira ação política ocupando esse cargo foi ter traduzido para o português, em 1924, "O Manifesto do Partido Comunista", de Karl Marx e Friedrich Engels.[2] O objetivo era difundir o novo ideal entre os setores de esquerda. Pouco tempo depois, submetido aos desafios da vida ilegal, ajudou a fundar o primeiro jornal comunista no Brasil: "A Classe Operária". Este feito memorável contribuiu para a difusão dos ideais comunistas, ao ampliar os espaços de atuação ideológica do partido. Não obstante, sua maior contribuição ocorreu em meados de 1926, quando publicou a obra "Agrarismo e Industrialismo: Ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil."[3] A obra em questão serviu de referência teórica para a primeira geração de pecebistas, porém posteriormente foi muito questionada por haver sustentado a tese da existência de um modo de produção feudal no Brasil e, igualmente, por haver defendido o estabelecimento de uma aliança ampla entre os setores do proletariado, campesinato e a burguesia nacional, como forma de superar o atraso feudal.[4]

Após a nova orientação na linha política dos partidos comunistas determinado pela Internacional Comunista (IC), durante o VI Congresso dos Partidos Comunistas realizado em Moscou, em 1928, o ambiente de liberdades interpretativas dentro do PCB foi afetado.

---

[2] Cf.: MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. Manifesto Comunista. Porto Alegre: PCB, 1924.
[3] Cf.: MAYER, Fritz (pseud.) *Agrarismo e industrialismo:* ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a Guerra de classes no Brazil. Buenos Aires: s/e, 1926.
[4] FERREIRA, Pedro Roberto. *O conceito de revolução da esquerda brasileira: 1920-1946.* Londrina: EDUEL, 1999, p. 91.

Na ocasião da Conferência dos partidos comunistas em Buenos Aires, em abril de 1930, os dirigentes do partido viram-se forçados a realizar autocrítica dos supostos desvios ideológicos e a aceitar, sem questionamentos, as novas orientações políticas da Seção da Internacional Comunista da América Latina (SSA-IC), sob o risco de expulsão.

As implicações desse episódio foram indigestas para Brandão que, além de ter sido demitido da direção do partido, encarou, na sequência, um doloroso processo de marginalização. Segundo Marcos Del Roio (2007), as consequências imediatas dessa mudança radical na linha política do partido foram desastrosas para os pecebistas, pois favoreceu os grupos burgueses em ascensão que encontraram o maior partido operário do país em profunda crise interna e, cada vez mais, distante das massas populares, facilitando sua repressão. A esse respeito, argumentou o historiador:

> A mudança na orientação política do PCB imposta pela IC pôs em crise o grupo dirigente do partido e isolou o movimento operário autônomo no processo de desagregação da dominação oligárquica e de início da revolução burguesa, facilitando a repressão estatal.[5]

Após o golpe de Estado em outubro de 1930, a situação dos pecebistas se agravou consideravelmente. Brandão, que havia sido eleito, em 1928, intendente (vereador) pelo Bloco Operário e Camponês (BOC), teve o seu mandato parlamentar cassado. Para piorar, a repressão policial se intensificou nos meses seguintes e o militante comunista acabou sendo preso, acusado de promover atividades subversivas e, em seguida, deportado com sua família para a Europa.[6]

Em seu exílio na União Soviética de 1931 a 1946, o ex-dirigente do PCB viveu experiências decisivas para sua trajetória política-intelectual. Para além dos sofrimentos intrínsecos à condição em que se encontrava, empenhou-se para aprender uma língua estranha e os aspectos de uma cultura distante. Diferentemente do que ocorre muitas vezes com os exilados políticos, Brandão teve a oportunidade de prosseguir sua militância, aprofundar-se nos estudos sobre o Brasil, trabalhar em importantes instituições políticas e, igualmente, estabelecer laços de sociabilidade com importantes lideranças do socialismo internacional. Por outro lado, viveu momentos de tensão ao entrar em conflito

---

[5] DEL ROIO, Marcos. A gênese do Partido Comunista (1919-1929). In: FERREIRA, Jorge & FILHO, Daniel Aarão. *A formação das tradições: 1889-1945.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 247.
[6] PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão: a revolução mundial e o Brasil (1922-1935).* São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 259.

com os representantes pecebistas e os dirigentes da IC. Para sua infelicidade, alguns dos ressentimentos do passado foram retomados em um contexto conturbado da história soviética, no auge dos expurgos stalinistas, o que lhe causou profundo sofrimento. Pesou contra si, principalmente, suas posições polêmicas que divergia em relação à linha política soviética, defensora da estratégia da revolução imediata para os países da América Latina, obrigando a realizar autocrítica diante das autoridades da Comissão de Controle da IC. As tensões constantes com os camaradas comunistas resultaram em sua marginalização política, ocasionando os sentimentos de angústia e solidão.

O seu retorno ao Brasil ocorreu somente quinze anos após sua partida, em 1946. Estava motivado com o ambiente favorável da redemocratização, planejava colocar em prática toda experiência que adquiriu durante o período que viveu na URSS a serviço do PCB. No mesmo ano, concorreu e venceu, apesar das dificuldades para obter apoio dentro do próprio PCB, as eleições para o cargo de vereador pela cidade do Rio de Janeiro. Contudo, em razão do alinhamento do Brasil à cartilha anticomunista dos Estados Unidos, o partido seria novamente considerado ilegal, e o registro dos eleitos, cassados por determinação do Tribunal Superior Eleitoral. Novamente, assim como ocorreu em 1928, Brandão não conseguiria finalizar seu mandato legislativo. E, para deixá-lo ainda mais angustiado, nos anos seguintes, viveria uma das experiências mais dolorosas de sua existência: o fato de, por questões ideológicas com a nova direção do Partido, haver sido isolado pelos próprios camaradas pecebistas, como traremos mais à frente. Desde então, encontrou as portas fechadas sempre que procurava alguma aproximação; deixou de ser convidado para participar das reuniões, congressos e, seus livros, artigos, memórias, foram relegados ao esquecimento.

Sabe-se que nossas escolhas são arbitrárias, na medida em que selecionamos, a partir de um interesse, que é sempre motivado pelas inquietações do tempo presente. Ao refletir sobre o excesso de presentismo na escrita historiador, invariavelmente, naturalizamos certos recortes, sem nos interrogarmos acerca dos procedimentos utilizados para sua validação.[7] Aceitamos tacitamente a instrumentalização desse tempo histórico pré-fabricado sem nos determos aos critérios por trás desse princípio de seleção.[8] Dito isso, pensar o regime de historicidade do exílio experienciado por Brandão tornou-se imperativo para a escrita desta tese, a fim de compreender como se representou em sua

---

[7] HARTOG, François. *Regimes de historicidade.* Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p.26.
[8] PROST, Antoine. A história como compreensão. In. *Doze Lições sobre a história.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014, p.33.

narrativa. A investigação priorizou, portanto, os seguintes recortes temáticos: o exílio político, isolamento político e exílio interior, como forma de entender as implicações desse distanciamento espacial, temporal e metafísico em suas narrativas.

Se, por um lado, o exílio permitiu que repensasse vários aspectos de sua trajetória política, por outro, sua experiência no retorno agravou seu sentimento de isolamento, de tal modo que passou a se sentir um estrangeiro em sua própria pátria. Sendo assim, nossa tese central é a de que o exílio político[9], caracterizado pelo seu distanciamento político em relação ao PCB agravou o sentimento de isolamento interior que se caracteriza à noção de exílio metafísico, deixando marcas profundas na sensibilidade enquanto escritor.

Em relação ao conceito de exílio (palavra de origem latina: e*xilium*) refere-se à condição de banimento, ou seja, encontrar-se impedido de estar na terra natal.[10] É possível identificar registros dessa prática desde os tempos bíblicos até os dias atuais. Porém, o que parece não haver mudado ao longo do tempo foi o sentimento de perda por parte daqueles que foram atravessados por essa experiência, descrita como uma dor terrível de se suportar, quase sempre associado ao sentimento de solidão e melancolia.

Já a definição de intelectual exilado, por sua vez, refere-se à condição daquele indivíduo que, em seu país de origem se colocou na cena pública ao ser reconhecido como produtor/mediador/despertador e difusor do saber e, justamente por conta dessa exposição foi forçado a deixar sua terra natal. Esta condição dos intelectuais exilados, devemos registrar o que entendemos por essa categoria. O intelectual, no sentido francês do termo, é aquele que, na sociedade, assumiu para si uma função pública de levantar questões e confrontar os discursos hegemônicos.[11] Ele articula seus argumentos a partir da escrita, discursos ou aparecendo na mídia para ensinar algo, objetivando representar um público, tornando-se uma figura representativa.[12] Aliás, a situação do intelectual se altera, quando se trata de um exilado político e, nesses casos, a marginalização é uma sentença quase certa. E, uma dessas formas de exclusão é o que Edward Said nomeou exílio intelectual, que não se restringe, necessariamente, ao distanciamento geográfico, pois se manifesta também de forma metafórica, afetando aqueles que não precisaram cruzar qualquer

---

[9] O conceito de "exílio político" que estamos utilizando foi pensado por Yossi Shain. Para Shain, os exilados políticos se articulam procurando manter o enfrentamento ao governo do país de origem, criando as condições para viabilizar o seu regresso. SHAIN, Yossi. *The frontier of loyalty: political exiles in the age of Nation-States.* Middletown: Wesleyen University Press, 1989, p.15.

[10] QUEIROZ, Maria José. *Os males da ausência ou a literatura de exílio.* Rio de Janeiro, RJ: Topbooks, 1998, p. 21-22.

[11] SAID, Edward. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993.* Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 26.

[12] *id. ibid*. p. 27.

fronteira, mas vivem em seu próprio país como se estivessem exilados. É, portanto, esse sentimento de *estar sempre à margem* que também Said chamou de exílio metafisico, que cria uma sensação de inquietude permanente:

> A condição de marginalidade, que pode parecer irresponsável e impertinente, nos liberta da obrigação de agir sempre com cautela, com medo de virar tudo de cabeça para baixo, preocupados em não inquietar os colegas, membros da mesma corporação. [...] O intelectual que encarna a condição de exilado não responde à lógica do convencional, e sim ao risco da ousadia, à representação da mudança, ao movimento sem interrupção.[13]

Para Said pode-se verificar a existência de dois grupos de intelectuais marginais: os primeiros seriam os consonantes, aqueles que escolheram viver suas vidas indiferentes, sem manifestar qualquer discordância. Já os segundos, por sua vez, seriam os dissonantes, aqueles que resistem aceitar os modelos sociais vigentes e, por esse motivo, sentem-se inconformados, vivendo suas vidas como "exilados no que se refere aos privilégios, ao poder e às honrarias"[14]. Para esse segundo caso, a escrita comprometida parece ser um dos comportamentos mais típicos, talvez uma forma de encontrar algum conforto, uma morada interior, capaz de ajudá-lo a suportar o sentimento de angústia e solidão ocasionado pela exclusão a que foi submetido. Nesse caso, poderíamos dizer que o exílio não se refere apenas a um tema, mas sim a uma forma específica de experienciar e representar a realidade a partir da escrita, conforme observou Paloma Vidal:

> O exílio é ao mesmo tempo o desfecho e o início de uma experiência de padecimento, Estar, ao menos em princípio, a salvo da repressão política é uma forma de liberação. Significa, por exemplo, estar a salvo para escrever. Mas significa também estar desarraigado, distante de seu país, significa ter perdido o contato com familiares, amigos e, frequentemente, com sua língua materna. Por outro lado, todas essas perdas podem ser transformadas em matéria de escrita: a condição do exílio – a relação com a língua e com a realidade que ele determina – pode fazer surgir um tipo de escrita que é a materialização de uma situação geográfica, política e subjetiva.[15]

Nesse mesmo sentido, Theodor Adorno observa: "para quem não tem mais pátria,

---

[13] *id. ibid*. p. 70.
[14] *id. ibid*. p. 60.
[15] VIDAL, Paloma. *A história em seus restos: Literatura e exílio no cone sul.* São Paulo: Annablume, 2004, p. 51.

é bem possível que o escrever se torne sua morada".[16] Não é por acaso, segundo Said, que "grande parte da vida de um exilado é ocupada em compensar a perda desorientadora, criando um novo mundo para governar. Não surpreende que tantos exilados sejam romancistas, jogadores de xadrez, ativistas políticos e intelectuais".[17] Pode-se inferir, portanto, que o exílio se configura enquanto um lugar de resistência[18] e, manter-se disciplinado em relação ao trabalho deveria ser a ética do intelectual em exílio, como forma de resistir à ameaça da insignificância. Conforme Adorno:

> A exigência de ser duro em relação à autocomiseração inclui a exigência técnica de contrapor uma extrema vigilância ao relaxamento da tensão intelectual e de eliminar tudo o que se sedimenta como escória do trabalho [ou escrita], tudo o que funciona de maneira improdutiva, tudo o que, numa etapa anterior, enquanto conversa fiada, talvez tenha provocado uma atmosfera calorosa. Conveniente a seu desenvolvimento, mas que no presente não passa de um resíduo insípido e com odor de mofo. No fim das contas, nem sequer é permitido ao escritor habitar o ato de escrever.[19]

Seguindo essa linha de reflexão é importante observar que o intelectual exilado é um resistente que aprendeu a enfrentar situações de extrema instabilidade, pois, para ele, nenhum cenário, por pior que lhe pareça, será definitivo. Aliás, essa forma particular de enxergar os fatos à sua volta não se limita apenas à condição "real" do exílio; está inscrita igualmente na condição do exílio metafísico ou exílio interior.[20] Essa qualidade de exílio implica uma dimensão muito subjetiva, responsável por causar uma fratura psicológica que estabelece uma separação entre o indivíduo e seu convívio social, criando para si uma espécie de refúgio interior. Pode-se dizer que o exílio interior ocorre quando há uma ruptura com os valores dominantes no seu grupo social, conforme observou Paul Ilie:

---

[16] ADORNO, Theodor. *Mínima Moralia: reflexões a partir da vida lesada.* Rio de Janeiro: Azougue, 2008, p. 83.
[17] SAID, Edward. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993.* Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 54.
[18] VIDAL, Paloma. *A história em seus restos: Literatura e exílio no cone sul.* São Paulo: Annablume, 2004. p. 39.
[19] ADORNO, Theodor. *Mínima Moralia: reflexões a partir da vida lesada,* op. cit. p. 83.
[20] De acordo com Júlio Cortázar (2001), o "exílio interior" é uma sensação ainda mais angustiante, pois ao ser impedido de expressar suas ideias em seu próprio país por motivos de censura e/ou repressão policial, o sujeito acaba neutralizado ou perde sua capacidade criadora. Na Argentina, por exemplo, Cortázar lembrou a perda de uma geração promissora de jovens escritores que se viram forçados a renunciar total ou parcialmente suas ambições literárias em razão do ambiente de violência de Estado. CORTÁZAR, Julio. América Latina: exílio e literatura. In: *Obra Crítica 3.* Organização de Saul Sosnowski. Tradução de Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 150.

> [...] o exílio é um estado mental cujos valores e sentimentos respondem à separação e ruptura como condições em si mesmas. Viver apartado supõe aderir-se a valores que não se correspondem com os valores predominantes; aquele que percebe esta diferença moral e que responde a ela emocionalmente vive em exílio. Assim, um cidadão pode sentir falta de carinho por parte da maioria mesmo vivendo nela. Seu exílio se assemelha em sua morfologia interna, à dimensão psicomoral de um emigrado. Além disso, uma população que reside no país pode viver tão exiliada da parte expulsada como aquela desta.[21]

Desse modo, permanecemos atentos para as atitudes intelectuais e emocionais que caracterizam esse tipo de exílio. E, nesse caso, a análise das formas de engajamento, atreladas ao discurso que construiu de si em suas narrativas testemunhais, configuram-se como dois eixos estratégicos para a compreensão das experiências subjetivas do nosso sujeito de investigação, o intelectual Octavio Brandão que, a nosso ver, experienciou, simultaneamente, as duas qualidades de exílio: o exílio político e o exílio metafísico, tal como foi entendido por Said.

Como a nossa tese se embasa na investigação da trajetória de um indivíduo que exerceu funções intelectuais na sociedade brasileira, e também no exterior, intervindo no espaço público, a fim de transformá-lo a partir de sua atuação engajada. Isso nos obriga a realizar, nas páginas seguintes, uma abordagem acerca das possibilidades investigativas no campo da História Intelectual. Por conseguinte, compete registrar que a reflexão que estamos articulando é parte integrante da revisão de literatura e sistematização teórica que ajudará na escrita da nossa tese.

Na atualidade, a história dos intelectuais e a história intelectual vem desfrutado de uma situação favorável no campo historiográfico. Esse crescimento está relacionado ao fato de a história intelectual encontrar-se situada na interseção da história política, social e cultural. Aliás, esse cruzamento tem se mostrado essencial para a compreensão da ação desse grupo social ímpar, indivíduos engajados e suas interações com a população a partir do ambiente político-cultural.

O conceito de intelectual[22] passou a estar condicionado a um comportamento que

---

[21] ILIE, Paul. *Literatura y exilio interior.* Editora Espiral. Madrid, 1981. p. 435, (tradução nossa).

[22] No contexto russo, essa palavra era utilizada frequentemente no plural, falava-se em "*intelectuais*" para se referir ao conjunto de personalidades que se posicionavam coletivamente para reivindicar algo. Essa categoria era composta por "homens de cultura", figuras pensantes que geralmente se sobressaiam na sociedade da qual faziam parte, devido ao enorme prestígio que haviam adquirido em suas respectivas áreas: médicos, engenheiros, advogados, escritores, artistas. BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea.* São Paulo: Universidade Estadual

o vincula a uma causa pública.[23] Desde então, a *intelligentsia* francesa sempre se fez presente nas discussões políticas que marcaram o seu tempo. Esse comportamento característico dos intelectuais franceses fez com que René Rémond questionasse se não seria o caso a construção de um campo de investigação para estudar esse comportamento político.[24]

A partir da década de 1980, houve a retomada dos estudos sobre os intelectuais no campo historiográfico, a qual contou com a participação daqueles pesquisadores que se encontravam vinculados à renovação da história política. Os historiadores mais atentos ampliaram suas ferramentas metodológicas, enriquecendo-as com abordagens que não mais se restringia ao âmbito político, como também foram encorajados a dialogar com o campo sociocultural: espaço de produção, circulação, recepção e apropriação das ideias. Essas mudanças abriram um horizonte de expectativas e possibilidades para o historiador. Aliás, um dos responsáveis por ampliar as práticas investigativas, elaborando uma espécie de programa para a história intelectual, foi o historiador Jean-François Sirinelli, com sua proposta de reconstrução do "itinerário político", as "estruturas de sociabilidade" e a ideia de "geração", entendidos como interdependentes.

A investigação embasada no "itinerário político" permite a localização da linha de envolvimento dos intelectuais nas discussões do seu tempo. Essa possibilidade de reconstituição da história da trajetória política procura se apoiar sobremaneira nos estudos biográficos como forma de apreender a inserção das ideias propostas pelos intelectuais em seu contexto sócio-histórico.[25] Em relação às "estruturas de sociabilidade", entende-se como agrupamentos que podem ser tanto permanentes quanto temporários, permite identificar os motivos que levam os intelectuais a participar dos debates do seu tempo, utilizando-se de revistas, petições, manifestos ou ainda de abaixo-assinados no intuito de difundir suas posições.[26] Por conseguinte, a identificação dessas estruturas possibilita um

---

Paulista, 1997, pp. 121-124. Portanto, no contexto russo, o intelectual passou a significar um grupo muito específico de pensadores independentes, que se organizavam para realizar críticas ao poder autoritário do regime político vigente. Já no vocábulo francês, por sua vez, a palavra *intelectual* passou a ser difundida no ano de 1894, a partir do polêmico julgamento do oficial da artilharia do exército francês, o judeu Alfred Dreyfus (1859-1935), condenado injustamente pelo crime de traição à pátria. SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragmentos da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas.* São Paulo: Papirus, 2002, p. 16.

[23] SAPIRO, Gisèle. Modelos de intervenção política dos intelectuais: o caso francês. *Revista Pós Ciências Sociais*, v. 9, nº. 17, p. 19-50, 2012.

[24] RÉMOND, René. Do Político. In: RÉMOND, René. (org.). *Por uma História Política.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

[25] SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma História Política.* 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003, p. 249.

[26] Embora seja preciso acrescentar que essa análise da rede de sociabilidade que procura apenas mencionar

entendimento mais abrangente do movimento de circulação das ideias, assim como as relações de sociabilidade que se estabelecem entre aqueles que transitam nesses espaços sociais.[27] Enfim, a "noção de geração", categoria que diz respeito ao reconhecimento de um evento fundador marcante, essencial para a formação de uma experiência geracional, uma vez que os intelectuais sempre se definem em referência a uma herança político-ideológica[28], assim sendo, a ênfase no ambiente sociocultural se configura como abordagem incontornável para a compreensão dos contextos de produção e transmissão das ideias.

Estabelecendo um diálogo com Paul Ricoeur, Carlos Altamirano (2007) entende-se que é por meio de uma estrutura simbólica que os homens atribuem sentido a suas vidas e a tudo que está em seu em torno. Refletindo a partir do referencial de Jean François Sirinelli (2003), Altamirano (2007) pondera que a história política teve uma importância fundamental ao dedicar sua atenção ao estudo das ideias, das culturas e das mentalidades de determinados grupos sociais. Em consonância com o filósofo: "[...] os próprios textos são objetos fronteiriços, que estão no horizonte de diferentes interesses e disciplinas – a História política, a História das ideias, a História das elites e a História da literatura".[29] Em termos metodológicos, lembra que para compreender o sentido intelectual dos textos não seria suficiente restringir as análises apenas ao contexto em que foram criados, pois os textos também falam por si, sendo assim, a apreensão do discurso somente seria possível a partir da leitura da camadas dos textos, ainda que possamos considerá-los como documentos da história política e social.

Cabe registrar que uma abordagem que nos parece mais assertiva para a condução de nossa pesquisa sobre a autobiografia intelectual de Brandão: no primeiro momento consiste em circunscrever o personagem no contexto histórico ao qual fazia parte, a fim de apreender suas experiências como dirigente partidário e militante do movimento operário brasileiro. E na sequência apresentar sua atuação política no estrangeiro na

---

os assinantes de manifestos e petições seja insuficiente para entender os aspectos intrínsecos do campo intelectual. Essa análise deverá ser enriquecida a partir das contribuições antropológicas e sociológicas. De acordo com Pestre: "Para que o historiador saia do horizonte naturalizado dos atores, é essencial que ele adote a postura do outro, do estrangeiro, a postura do etnólogo; é vital que ele se decentralize radicalmente em relação a seu objeto". PESTRE, *apud.* RODRIGUES DA SILVA, Helenice. *Fragmentos da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas* op. cit. p. 22.

[27] SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma História Política,* op. cit. p. 249.

[28] SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma História Política,* op. cit. p. 255.

[29] ALTAMIRANO, Carlos. Ideias para um programa de História intelectual. In: *Tempo Social.* Revista de Sociologia da USP. v. 19, n.1. São Paulo, 2007, p. 11.

condição de exilado, procurando apreender, nesse espaço social conflituoso, as relações que o intelectual estabelece com seus pares, o diálogo com as outras lideranças políticas do movimento comunista. Além disso, procuraremos averiguar suas visões de mundo defendidas, assim como os sistemas de pensamento que faziam parte do meio cultural em que se encontrava. Em consonância com Phillipe Levillain (1996), a utilização do relato autobiográfico como testemunho poderia contribuir para "[...] revelar as realidades socioeconômicas de uma época, contribuir para apurar a descrição das categorias profissionais, informar sobre a vida cotidiana e os costumes".[30]

No segundo momento, recorreremos a uma abordagem a partir da leitura de seus textos (autobiografia, livros, manifestos, artigos publicados na imprensa), dentro de uma lógica hermenêutica. Pensamos que essa maneira de proceder, além de permitir uma análise dos escritos do autor, nos permitirá, igualmente, identificar na sua trajetória suas aspirações, representações de mundo e utopias, assim como eventuais continuidades e rupturas em seu pensamento político após a experiência do exílio.

Parece-nos que a escolha por essa metodologia também nos permitirá restituir a historicidade do personagem de Octavio Brandão, inserindo-o no tempo e no espaço social, ambiente marcado por tensões, disputas e conflitos, sem aquela característica heroica que os intelectuais frequentemente procuram realizar em suas narrativas autobiográficas. Desse ponto de vista, a abordagem não se limitará exclusivamente às leituras, e sim pensar o objeto a partir de uma interconexão entre os contextos e análise das obras, promovendo um diálogo entre ambas. Enfim, deve-se ter em mente que essa categoria de análise implica uma investigação interdisciplinar. Para alguns críticos, a relação fronteiriça que caracteriza o campo de estudo da história intelectual na atualidade tem demonstrado ser paradoxalmente fecunda e problemática ao mesmo tempo, pois constatamos o enriquecimento da pesquisa por meio do diálogo com outras áreas do conhecimento, ao passo que as dificuldades para delimitar conceitualmente e metodologicamente o campo de atuação do historiador tornam-se enormes.[31] Tendo esse olhar, optamos por um recorte em que prioriza as memórias e as produções intelectuais

---

[30] LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René. *Por uma história política.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, FGV, 1996, p. 166-167.

[31] Cf.: KARVAT, E. C.; MACHADO, Valeria Floriano. Intelectuais, um conceito: observações sobre uma alegoria sociológica (e histórica) escorregadia. In: *Anais do II Encontro do GT Regional Religião e Religiosidades ANPUH PR/SC e da 40a. Semana de História DEHIS/UEPG Religião, Cultura e Identidades,* 2011, Ponta Grossa. II Encontro do GT Regional Religião e Religiosidades ANPUH PR/SC e da 40a. Semana de História DEHIS/UEPG Religião, Cultura e Identidades. Ponta Grossa: Aos Quatro Ventos, 2011. pp. 447-463.

do exílio de Brandão, como veremos na próxima seção.

1. 1 O estado da arte

A maior parte dessa produção do intelectual foi voltada para a fase anterior ao exílio, quando Brandão teve uma atuação considerável nas lutas sociopolíticas no interior do movimento operário brasileiro. Desse modo, destacamos, a seguir, algumas pesquisas que, de alguma forma, tangenciaram a temática do exílio, portanto, relevantes para a construção desta nossa pesquisa.

Dos trabalhos que auxiliaram na divulgação das memórias de Brandão, destaque para o "Inventário Analítico do Acervo Octavio Brandão", resultado de um esforço notável despendido pela pesquisadora Elaine Marques Zanatta, que organizou e catalogou o volumoso material depositado no Acervo Edgar Leuenroth, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.[32]

Na década de 1990, dois artigos publicados na coletânea *História do marxismo no Brasil* contribuíram para o avanço das pesquisas. O filósofo João Quartim de Moraes[33] e o cientista social Ângelo José da Silva[34] procuraram evidenciar, em seus artigos, a influência teórica exercida por Octavio Brandão entre os militantes da primeira geração de pecebistas. Apesar de terem destacado as limitações e confusões teóricas presentes nas interpretações realizadas por Brandão, ambos reconheceram a importância do dirigente ao haver introduzido o debate teórico da revolução brasileira nas discussões do partido.

A preocupação com o pensamento de Octavio Brandão resultaria na organização de um seminário realizado na ocasião do centenário de seu nascimento, organizado por Luitgarde Oliveira, professora de antropologia da Universidade Estadual do Rio de

---

[32] Cf.: ZANATTA, Elaine Márquez et alii. *Inventário analítico do acervo Octavio Brandão.* Arquivo Edgard Leuenroth, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: Editora da Unicamp, 1986. Recentemente os catálogos foram atualizados a fim de facilitar o acesso dos pesquisadores, o que resultou na publicação de dois volumes. Cf.: ACERVO EDGARD LEUENROTH. Catálogo do Fundo Octavio Brandão. Campinas/IFCH/AEL, 2013. E o segundo volume: Cf.: ACERVO EDGARD LEUENROTH. Catálogo do Fundo Octavio Brandão. Campinas/IFCH/AEL, 2014.

[33] Cf.: MORAES, João Quartim de. A evolução da consciência política dos marxistas brasileiros. In: MORAES, João Quartim de (Org.). *História do marxismo no Brasil*: os influxos teóricos, Vol. 2. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

[34] Cf.: SILVA, Ângelo José da. Tempo de fundadores. In: MORAES, João Quartim de.; DEL ROIO, Marcos. (orgs.). *História do marxismo no Brasil:* visões do Brasil, Vol. 4. Campinas: Editora da Unicamp, 2000. Anteriormente Ângelo José da Silva já havia realizado um estudo pioneiro sobre a principal obra de Brandão, estamos nos referindo ao artigo: "*Agrarismo e industrialismo:* uma primeira tentativa marxista de interpretação do Brasil". Cf.: SILVA, Ângelo José da. Agrarismo e Industrialismo: uma primeira tentativa marxista de interpretação do Brasil. In: *Revista de Sociologia e Política*, nº 8, Curitiba: Editora da UFPR, 1997.

Janeiro, em parceria com o Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. O Seminário *Octavio Brandão: centenário de um militante na memória do Rio de Janeiro* ocorreu nos dias 10, 11 e 12 de setembro de 1996. O intuito dos organizadores era refletir sobre as memórias dos espaços políticos de convivência operária e intelectual da capital federal a partir das lembranças dos familiares do militante comunista. Na ocasião, a antropóloga aproveitou o ambiente de celebrações para realizar o lançamento do livro que organizou e que deu nome ao Seminário[35]. O livro apresenta várias indicações de artigos e poesias publicados na imprensa operária, relatórios das prisões produzidos pelo DOPS, além de discursos políticos proferidos no Conselho Municipal do Distrito Federal.

Ainda no ano de 1996, Dionysa Brandão organizou uma série de poesias inéditas de seu pai referentes à sua fase anarquista e as publicou no livro *Octavio Brandão - As Forças Encadeadas II*.[36] Em 2000, novamente selecionou um conjunto de poesias de seus pais e as transformou no livro: "Poesia: Laura e Octávio". Em geral, as poesias versam sobre a terra natal, luta política, fé na humanidade, liberdade do homem, sacrifícios etc.; temas que nos permitiram acessar as subjetividades dos autores.

Outra forma de divulgação das memórias do militante comunista foi realizada por José Roberto Guedes de Oliveira em *Cartas de Octávio Brandão: memórias*, de 2005. Em certo sentido, o intuito do organizador foi apresentar alguns pontos de vista de como Brandão costuma ser recordado por intelectuais, amigos e familiares. Foi inserido no livro um número expressivo de documentos inéditos: artigos, cartas e testemunhos de pessoas que conviveram com ele. Aliás, ressaltamos que muitos desses documentos remetem à fase do exílio, portanto, interessou-nos.

Dentre as pesquisas apresentadas nos programas de pós-graduação, localizamos quatro dissertações de mestrado. A primeira, *Memória e omissão: Octávio Brandão e anarquismo*, realizada por Alice Anabuki Plancherel, defendido junto ao departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, em 1993[37]. Trata-se de uma pesquisa que, segundo a própria autora, procurou apresentar um resgate de uma omissão da memória de Octavio Brandão em sua fase pré-comunista, quando ainda militava pelo anarquismo no embrionário movimento operário alagoano. Ao empreender essa análise, Plancherel

---

[35] Cf.: BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti (Org.). Octávio Brandão: centenário de um militante na memória do Rio de Janeiro, UERJ, Cultural SR-3, Arquivo Público, 1996.
[36] Cf.: ROCHA, Dionysa Brandão (org.). *Octavio Brandão – as forças encadeadas II (poesias).* Rio de Janeiro: s/ed., 1996.
[37] Cf.: PLANCHEREL, Alice Anabuki. *Memória e Omissão: Octávio Brandão e anarquismo.* Dissertação de mestrado, FFLCH, USP, São Paulo, 1993.

demonstrou, por meio de uma abordagem da história social, as especificidades do pensamento anarquista de Brandão e sua relação com a sociedade alagoana.

A segunda pesquisa é *Uma memória silenciada: ideias, lutas e desilusões na vida do revolucionário Octávio Brandão: 1917-1980*, apresentada por Roberto Mansilla do Amaral ao departamento de História da Universidade Federal Fluminense, em 2003. Em sua investigação, propôs-se a trabalhar com a militância do intelectual em dois momentos distintos, primeiro a fase anarquista (1918-1921) e, posteriormente, a comunista (1922-1980). A abordagem utilizada pelo autor se baseou nos aportes metodológicos da História Política e no campo autobiográfico. Trata-se de uma pesquisa minuciosa, amparada em uma extensa documentação. É igualmente importante mencionar que nossa pesquisa se difere da realizada por Amaral, que estava mais enviesado em abarcar a trajetória do militante comunista em um sentido cronológico, ou seja, um enfoque que priorizou toda sua existência, enquanto nossa pesquisa dedica-se ao recorte temático do exílio.

Em 2013, apresentei, ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Maringá, a dissertação de mestrado *A trajetória de vida e as ideias políticas do intelectual revolucionário Octávio Brandão (1896-1931)*, trabalho orientado pelo professor Ângelo Aparecido Priori. O objetivo da pesquisa foi problematizar as primeiras experiências de luta operária de Brandão, como dirigente do PCB, responsável pela elaboração de um estudo pioneiro e polêmico, que versa sobre o desenvolvimento da história nacional, a partir do referencial marxista: *Agrarismo e Industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brazil,* publicado em 1926. Em linhas gerais, debatemos as teses apresentadas no livro, assim como o alcance dessa interpretação para a formação para a primeira geração de pecebistas.

Enfim, ainda como exemplo do interesse despertado pela figura de Brandão, citamos a dissertação de mestrado Felipe Castilho de Lacerda, *Octávio Brandão e as Matrizes intelectuais do comunismo no Brasil*, apresentada no programa de pós-graduação da Universidade de São Paulo, em 2017. A pesquisa em questão enfatizou a contribuição teórica do intelectual no PCB, sobretudo, as influências do pensamento marxista na formação do líder pecebista.

Em relação aos artigos mais recentes veiculados as revistas acadêmicas, citamos, a título de exemplo, *Octávio Brandão e o confisco da memória: nota à margem da história do comunismo brasileiro*, publicado na revista *Crítica Marxista*, em 2012. No referido texto, o Cientista Político da Unicamp e diretor do Arquivo Edgard Leuenroth, Álvaro Bianchi, procurou analisar a trajetória política de Brandão, desde as primeiras

agitações políticas como militante anarquista até a transição para o movimento comunista. De certa forma, a pesquisa nos auxilia ao apresentar um panorama das lutas sociopolíticas do militante no interior do movimento operário brasileiro durante as primeiras décadas do século XX, assim como os efeitos do ostracismo político imposto pelos pecebistas à memória de Brandão. Para nos guiarmos nessa apresentação, usaremos fontes de tipologias descritas no próximo item.

1. 2 Tipologia das fontes

Para a escrita desta nossa tese nos orientamos em fontes de tipologias distintas, como narrativas autobiográficas, cartas ativas e passivas, folhetos, testemunhos, livros, artigos e ensaios publicados na imprensa operária nacional e internacional produzidos em diferentes momentos da vida do nosso sujeito, a maioria, disponíveis para consulta no Acervo Edgard Leuenroth, em Campinas (AEL).

A história do Acervo Octavio Brandão no AEL teve início na década de 1980, com a primeira remessa de seus documentos, logo em seguida, deram-se os primeiros esforços da equipe de pesquisadores para inventariar sua numerosa documentação. Atualmente, encontram-se arrolados 5.463 documentos textuais, 1.422 livros, 979 documentos iconográficos, 165 folhetos, 77 mapas, 54 títulos de revistas, 7 artefatos tridimensionais.[38] De modo geral, esses documentos podem ser classificados como rascunhos, bilhetes, panfletos de campanha eleitoral, recortes de textos jornalísticos, livros, inventários, discursos do período de gestão como vereador do distrito federal, artigos escritos para a imprensa, cadernetas, postais, fotografias, correspondências ativas e passivas, documentos pessoais, receitas médicas, exames clínicos, além de uma de suas antigas máquinas de escrever etc. A procedência desses documentos ocorreu por meio de quatro remessas em períodos diferentes. A primeira foi adquirida em 1980 através de compra realizada de Dionysa Brandão; a segunda, a partir de Termo de Doação assinado pelo neto de Brandão que vive na Rússia, Sergei Tchernov, em 1995; a terceira foi enviada por Simone Kropf em 2004; a quarta remessa, doação de Dionysa em 2008. É importante sublinhar que dispomos de um inventário analítico do acervo de Octávio Brandão, organizado por Elaine Márquez Zanatta e outros colaboradores (1986), depositado no

[38] BIANCHI, Alvaro. Octavio Brandão e o confisco da memória. In: ACERVO EDGARD LEUENROTH. Catálogo do Fundo Octavio Brandão. Campinas/IFCH/AEL, 2013, p.16.

AEL.[39] Recentemente, entre os anos de 2013 e 2014, o inventário foi ampliado e melhor distribuído pela equipe técnica do AEL, a fim de facilitar o acesso dos pesquisadores, o que resultou na publicação de dois catálogos.[40]

No que diz respeito às principais fontes primárias a serem consultadas, incluem-se a obra *O Caminho*, escrita por Brandão durante o seu exílio na URSS e, publicado pela primeira vez no Rio de Janeiro em 1950.[41] O interesse pela referida obra se justifica pelo fato de o autor, em sua escrita, haver se reposicionado politicamente ao refletir sobre suas atividades no campo político-cultural realizadas em Alagoas entre os anos de 1896 a 1919, especialmente, por sua escrita encontrar-se atravessada pela experiência do exílio.

A obra em dois volumes *Combates e Batalhas: memórias*, o primeiro publicado pela Editora Alfa-Ômega no ano de 1978. Na referida obra, Brandão, já aos 82 anos de idade, nos oferece um importante testemunho de suas principais experiências como militante do movimento operário brasileiro até o início do exílio, ocorrido em 1931. Em síntese, o autor procura realizar uma autocrítica sobre seus pensamentos, sua visão de mundo, suas vitórias e derrotas do passado. O segundo volume de sua autobiografia *Combates e Batalhas: a luta libertadora*, de 1970*,* ainda inédito, o mais importante para nós, pois através dele foi possível acompanhar sua trajetória de vida, entre os anos de 1931 a 1970. Na referida obra expôs suas principais experiências políticas e intelectuais no exílio, as circunstâncias do seu retorno ao Brasil, assim como sua luta para romper com o silêncio a que foi submetido pela nova geração de dirigentes pecebistas, no entanto, optou por não a publicar em vida. Dispomos de uma cópia do original datilografado que nos foi enviado por Dionysa Brandão Rocha no ano 2013. No seu texto é possível identificar anotações, correções e rabiscos posteriores feitos pelo próprio autor.

Em relação a sua correspondência, utilizamos as cartas enviadas por Brandão que serviram para compreender suas experiências políticas e angústias referentes ao período do exílio, tais como: as cartas endereçadas aos amigos e familiares no Brasil informando as condições da viagem, as primeiras impressões acerca do cotidiano soviético, bem como os desafios impostos para se estabelecerem em novo país; dispomos das cartas trocadas entre Brandão e Lígia Prestes, referentes ao seu engajamento na campanha pela libertação

---

[39] Cf.: ZANATTA, Elaine Márquez et alii. *Inventário analítico do acervo Octavio Brandão.* Arquivo Edgard Leuenroth, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: Editora da Unicamp, 1986.

[40] Cf.: ACERVO EDGARD LEUENROTH. Catálogo do Fundo Octavio Brandão. Campinas/IFCH/AEL, 2013. E o segundo volume: Cf.: ACERVO EDGARD LEUENROTH. Catálogo do Fundo Octavio Brandão. Campinas/IFCH/AEL, 2014.

[41] Para a realização desta nossa pesquisa, utilizamos a segunda edição da obra *O Caminho*, publicada pela Editora da Universidade Federal de Alagoas (EDUFAL), em 2007.

da família Prestes; analisamos ainda as cartas escritas pelos membros da família Brandão durante os anos tensos da Segunda Guerra Mundial e, igualmente, as cartas endereçadas aos seus compatriotas narrando ambiente favorável do pós-guerra, que permitiu projetar o seu retorno para casa. No tocante ao processo de seu isolamento político, após o seu retorno ao Brasil, destacaram-se as cartas à Luís Carlos Prestes; a carta apresentando o texto Abecedário dos Trabalhadores; a carta desaprovando a atividade clandestina; a carta solicitando comunicação com Prestes e publicação de artigo no jornal *Imprensa Popular*; a carta conclamando a repensar a participação do PCB como um partido proletário; por fim, a carta enviando notícias familiares.

Outra importante fonte são os seus escritos nomeados "Coleções" - uma espécie de caderno atas com fragmentos de artigos que escreveu em diferentes momentos de sua vida. Selecionamos os seguintes: "Coleção n.º 4" (1946 à 1955); "Coleção n.º 5" (1960 à 1961) e "Coleção n.º 6" (1961). Foram analisados ainda os artigos que publicou no jornal "Imprensa Popular" entre os anos de 1956-1957.

Julgamos também pertinente a inclusão de fotografias como forma de ilustrar alguns momentos importantes da trajetória de vida e da trajetória política do personagem relacionados à nossa proposta de pesquisa, além, é claro, de haver contribuído para sua humanização. Em seus escritos, o autor mesclou, elementos memoriais, políticos, literários e ensaísticos relacionados a recortes da conjuntura social brasileira. Porém, o mais interessante se deve ao fato de encontrarmos nesses registros elementos que pudessem nos fornecer indícios de sua relação de conflito com o PCB e a IC e, igualmente, por estarem repletos de simbolismos e inquietações pessoais que nos permitiram acessar suas subjetividades, sobretudo, aquelas memórias que foram atravessadas pela experiência do exílio.

Quanto às entrevistas, duas merecem destaque: a primeira, um longo depoimento do próprio Brandão concedido aos sociólogos Maria Cecília Velasco e Cruz e Renato Lessa, para o Centro Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC), no ano de 1977. No referido depoimento, recordou suas experiências como militante da causa operária, sua atuação como vereador eleito pelo BOC, assim como sua expulsão do Brasil em 1931. A segunda entrevista foi concedida aos pesquisadores Ana Loner e Valmir Menezes no ano de 1979, publicada, apenas, no ano de 1996 pela *História em Revista*, da Universidade Federal de Pelotas. Cabe destacar que o enfoque da entrevista era ser sobre as agitações operárias em trono dos Primeiros de Maio anteriores ao golpe de 1930, mas, tanto o entrevistado quanto os entrevistadores acabaram se distanciando do período

estabelecido, apresentando um panorama das lutas internas dentro partido comunista após o ano de 1945. Aliás, recorte que nos interessa muito. Propomo-nos ainda analisar outros testemunhos de pessoas próximas a Brandão, bem como suas diversas cartas a amigos, parentes, intelectuais, políticos e personalidades do cenário político brasileiro, reunidos na coletânea *Cartas de Octávio Brandão: memória*, organizada por José Roberto Guedes de Oliveira (2005).

Além dessas fontes, utilizamos alguns registros oficiais, como é o caso das Atas parlamentares da Biblioteca da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ), referentes as sessões de março a outubro de 1947, período que ocupou o cargo de vereador pelo PCB, assim como os relatórios de política produzidos pelo Departamento da Ordem Pública e Social (DOPS).

Também procuramos realizar uma leitura crítica das fontes estabelecendo um diálogo com as categorias analíticas do campo da memória, o qual, nos permitiu refletir acerca do nosso objeto de pesquisa. Assim, em consonância com Denise Rollemberg (1999), para analisarmos essas memórias em conflitos, devemos estar alertas quanto ao equilíbrio entre a objetividade e subjetividade a fim de não comprometer a análise das fontes: "Narrar a história do exílio é problematizá-la, creio, é conseguir entender esta dupla face, ao mesmo tempo, ambígua e complementar. É equilibrar-se entre o objetivo e o subjetivo".[42] Para Ricoeur (1996) devemos submeter essas experiências individuais externalizadas pelo autor ao contexto histórico ao qual elas pertencem, como forma de entender as interações entre sujeito, contexto, emoções, assim como a relação entre passado e presente que perpassaram essas experiências. Ainda sobre a questão do uso crítico da memória por parte do historiador, escreveu Ricoeur:

> É, pois, ao nível da narrativa que se exerce primeiro o trabalho de lembrança. E a crítica ainda agora evocada parece-me consistir no cuidado em contar a outrem as histórias do passado, em conta-las também do ponto de vista do outro – outro, meu amigo ou meu adversário. Este rearranjo do passado, consistindo em conta-lo a outro e do ponto de vista do outro, assume uma importância decisiva, quando se trata dos acontecimentos fundadores da História e da Memória comuns.[43]

Portanto, a partir da metodologia supracitada, procuramos fazer uso crítico dessas

---

[42] ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: entre raízes e radares.* Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 47.
[43] RICOEUR, Paul. O perdão pode curar? Tradução: José Rosa. *Revista Viragem*, n.º 21, 1996. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/paul_ri-coeur_o_perdao_pode_curar.pdf>. Acesso em: 08 de set. 2023.

narrativas, cruzando-as com outras fontes, como forma de entender as subjetividades e os interesses políticos por trás da representação realizada por nosso personagem.

Para complementar eu estive na cidade do Rio de Janeiro à época da pesquisa de mestrado (2011/2013) por duas vezes para consultar os arquivos da ALERJ, o Arquivo Público e a sede do PCB, com vistas a realizar uma entrevista com a Dionysa Brandão Rocha. Trocamos alguns e-mails e, gentilmente, enviou-me livros, documentos e fotografias pertencentes ao acervo da família. Estava tudo se encaminhando para esse encontro acontecer, contudo, por se encontrar com a saúde fragilizada, infelizmente, não consegui conhecê-la pessoalmente na ocasião. Atualmente, Dionysa está com 98 anos de idade e encontra-se aos cuidados de sua filha, Marisa Brandão.

Em maio deste ano, por intermédio de Marisa com a qual me correspondia desde o início do doutorado, enfim pude conhecer pessoalmente Dionysa, que me recebeu de forma calorosa em seu apartamento no bairro "pitoresco" de Santa Teresa, como ela mesma costuma dizer. Uma das primeiras perguntas que me fez no referido encontro foi: "*você sabe qual é o lugar mais bonito do mundo? Eu vivo nele, é o bairro de Santa Tereza, dizia ela sorrindo"*. Desde que foi informada que eu pretendia pesquisar os arquivos de seu pai na Rússia, ela passou a se referir a mim carinhosamente como: *"O garoto que vai estudar Octavio Brandão em Moscou"*. Foi uma tarde muito agradável. Marisa ainda me apresentou o bairro e o local onde seus avós viveram antes de serem deportados. Ela também oportunizou o contato com outros integrantes de sua família, sobretudo, aqueles que permaneceram em Moscou e que, certamente, poderiam contribuir com esta pesquisa. Aliás, estava nos nossos planos, inicialmente, consultar os arquivos do Comintern reunidos hoje no arquivo conhecido pela sigla RGASPI (*Russian State Archive of Socio-Political History*) onde consta uma pasta dedicada ao intelectual brasileiro, porém, por conta do conflito entre Rússia e Ucrânia que se iniciou em fevereiro de 2022 e se estende até o presente momento, essa possiblidade se tornou dificílima, em razão do fechamento das fronteiras. Nesses últimos três anos, fizemos várias tentativas de nos comunicar com os responsáveis do arquivo, porém infelizmente não obtivemos respostas.

É igualmente importante destacar que Brandão sempre afirmou em seus escritos autobiográficos que a maior parte de sua documentação referente as atividades realizadas na IC foram destruídas na época da Segunda Guerra Mundial pela própria IC. No entanto, estamos inclinados a pensar como o pesquisador Alvaro Bianchi, que sustentou a hipótese de os materiais terem sido salvos da destruição e preservados em algum arquivo soviético,

uma vez que isso já aconteceu em outros casos semelhantes.[44]

Quanto à estrutura da presente tese, encontra-se dividida em quatro capítulos. No primeiro, desenvolvemos um conjunto de reflexões teórico-metodológicas da categoria da memória, da história intelectual e a condição do exílio, que nos permitiu pensar as memórias de Brandão. Baseamos essa discussão teórica a partir de sugestões indicadas por Joel Candau, Leonor Arfuch e Michael Pollak.

No segundo capítulo, "Uma vida em dois tempos: As memórias do exílio", nosso esforço foi no sentido de analisar as memórias de Brandão atravessadas pela experiência do exilio político na URRS, em particular suas angústias e inquietações intrínsecas à condição de exilado. Foi considerado também sua inserção em outro contexto sociocultural, assim como o estabelecimento das redes de sociabilidade internacional a partir do contato com importantes lideranças socialistas.

No terceiro capítulo, "O isolamento intelectual: literatura, poesia e exílio", nossa lente se voltou para a complexidade das construções narrativas, literárias e poéticas produzidas pelo autor durante o seu exílio político, cuja temática principal versa sobre os sentimentos de saudade da terra natal e, igualmente, de injustiça, em razão do seu isolamento político provocado pela Internacional Comunista.

O quarto e último capítulo, "Do isolamento político ao exílio interior", apresenta a análise dos desafios encontrados pelo intelectual no seu retorno ao cenário político brasileiro ocorrido em 1946, em um contexto de muitas expectativas, motivadas pelos eventos democráticos do pós-Guerra. Expomos também as divergências políticas e o ambiente de tensão com a nova geração de dirigentes pecebistas, assim como o sentimento de exílio político que, por sua vez, levará ao sentimento de exílio interior que se enraizou em seu pensamento. Enfim, pensamos que a investigação dessa fase de sua vida se constitui em uma oportunidade ímpar para compreender a noção de exílio interior.

---

[44] BIANCHI, Alvaro. Octavio Brandão e o confisco da memória. In: ACERVO EDGARD LEUENROTH. Catálogo do Fundo Octavio Brandão, op. cit. p.14.

2 AUTOBIOGRAFIA, MEMÓRIA E A CONDIÇÃO DE INTELECTUAL EXILADO

> A primeira coisa que guardei na memória foi um vaso de louça vidrada, cheio de pitombas, escondido atrás de uma porta. Ignoro onde o vi, quando o vi, e se uma parte do caso remoto não desaguasse noutro posterior, julgá-lo-ia sonho. Talvez nem me recorde bem do vaso: é possível que a imagem, brilhante e esguia, permaneça por eu a ter comunicado a pessoas que a confirmaram. Assim, não conservo a lembrança de uma alfaia esquisita, mas a reprodução dela, corroborada por indivíduos que lhe fixaram o conteúdo e a forma.
>
> (Graciliano Ramos, Infância).

> A biografia histórica hoje reabilitada não tem vocação esgotar o absoluto do "eu" de um personagem, como já se quis e ainda se quer. [...] Ela é o melhor meio de mostrar os laços entre passado e presente, memória e projeto, indivíduo e sociedade e de experimentar o tempo como prova de vida. [...] A biografia é o local por excelência da condição humana em sua diversidade, se ela não isola o homem de seus dissemelhantes ou não o exalta às custas de diminuir os mesmos semelhantes.
>
> (LEVILLAIN. Os Protagonistas: sobre biografia)

Como nossa pesquisa embasa-se na investigação das memórias autobiográficas do intelectual comunista Octávio Brandão, abre-se espaço para uma breve reflexão em que Graciliano Ramos num tom confessional revisita a memória e Levillain por sua vez, experimenta o tempo como prova de vida. Assim, as possibilidades investigativas na tese encontram-se no campo de estudo da memória e da história autobiográfica. Em um primeiro momento, é preciso ter em mente que não existe uma linearidade e coerência na trajetória de vida dos autobiografados. Em sintonia com Giovanni Levi, é um equívoco supor que os sujeitos históricos respeitam um modelo de racionalidade coerente em sua trajetória, atuam sem incertezas em suas tomadas de decisões.[45] Atento a essas ilusões, Pierre Bourdieu fornece-nos uma dimensão do problema ao identificar nas reminiscências do passado o desejo de ordenar os acontecimentos atribuindo a eles significado e direção, como se a história da trajetória de vida obedecesse a regras previamente estabelecidas.[46]

Em conformidade com Pierre Bourdieu, aquele que se aventura a escrever sobre

---

[45] LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, J; FERREIRA, M. M. *Usos e abusos da história oral.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996, p. 169.

[46] BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação.* Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996, p. 185.

a história do percurso de vida de um personagem deveria, primeiramente, reconstruir toda a "superfície social", na qual o indivíduo encontra-se localizado, pois, somente dessa maneira, tal reconstrução teria sentido.

O conceito de "campo" empregado por Pierre Bourdieu permite pensar o espaço social em que os atores sociais encontram-se inseridos, e esses agentes dispõem de certos capitais (econômico, cultural, simbólico, etc.) para a conquista ou consolidação do poder. Esses espaços são caracterizados pelas lutas concorrenciais entre os agentes em torno de interesses específicos, um universo de problemas onde as posições ocupadas por cada agente (autores de ideias) ajudam a revelar sua identificação ao grupo, a classe social ou ainda a filiação intelectual (a busca pela legitimação de um determinado discurso). De uma forma resumida podemos desvelar que o campo social é constituído pelas relações de poder, e os agentes se utilizam de diversas estratégias (tomadas e posições) para que seus discursos sejam consolidados (legitimados pelo grupo). Para Bourdieu:

> É no horizonte particular dessas relações de força específicas, e de lutas que tem por objetivo conservá-las ou transformá-las, que se engendram as estratégias dos produtores, a forma de arte que defendem, as alianças que estabelecem, as escolas que fundam e isso por meio dos interesses específicos que aí são determinados.[47]

Além disso, a opção pela análise da "superfície social" na qual atuam os indivíduos pode vir a ser uma oportunidade ímpar para a compreensão de temas originais, como, "por exemplo, a consciência de classe ou a solidariedade de grupo, ou ainda os limites da dominação e do poder"[48], abordagem que possibilita ao investigador escapar daquela narrativa de vida tradicional, no sentido de sucessão de acontecimentos históricos. Sem embargo, apesar das dificuldades intrínsecas a esse campo de pesquisa, para o historiador François Dosse:

> Escrever a vida é um horizonte inacessível, que, no entanto, sempre estimula o desejo de narrar e compreender. Todas as gerações aceitaram a aposta biográfica. A biografia pode ser um elemento privilegiado na reconstituição de uma época, com seus sonhos e angústias.[49]

---

[47] *id. ibid.* p. 61.
[48] LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, J; FERREIRA, M. M. *Usos e abusos da história oral,* p. 182.
[49] DOSSE, François. *O desafio biográfico:* escrever uma vida. São Paulo: EDUSP, 2009. p. 11.

Enfim, vale aqui destacar aquela passagem do texto "A imagem de Proust" reproduzido na coletânea *Magia e técnica, arte e política*, do crítico Walter Benjamin em que ele diz que "um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois".[50]

O ponto de partida será a delimitação precisa do problema para a reconstrução do contexto sociocultural de criação que o intelectual Octávio Brandão encontrava-se inserido e, no segundo momento, propomos realizar uma análise dos seus textos autobiográficos, submetendo-os à crítica constante no intuito de verificar, nesses discursos, as narrativas em disputa, a ressignificação dos embates travados no passado, a tentativa de afirmação de sua identidade, assim como as políticas de esquecimento em torno de sua memória e de suas narrativas. Seguramente foi um dos intelectuais mais atuantes do movimento operário brasileiro das primeiras décadas do século XX. Dirigente do Partido Comunista, teórico político, idealizador e propagador da concepção da revolução brasileira, porém hoje é figura pouco conhecida do público em geral, até mesmo entre os intelectuais de esquerda. Afinal, o que mais nos interessou nas memórias de Brandão foi o fato de que, em diversos momentos nos relatos pessoais, assim como na sua trajetória intelectual e militância política, suas experiências de vida se entrecruzaram com a história dos embates sociais do movimento operário brasileiro, e por esse motivo, o intelectual merece uma biografia. Desse modo, devemos nos questionar: quais os motivos e o significado desse silenciamento em torno de sua memória? Quais são os limites que essa memória autobiográfica restitui do acontecimento memorizado? Como ocorreu o processo de memorização do contexto desse acontecimento?

Neste capítulo, procuramos destacar alguns enfoques teórico-metodológicos que pretendemos empregar na análise interna e externa dos textos, questões centrais para a pesquisa das memórias autobiográficas. A primeira consideração é perceber que estamos nos referindo à "memória viva, memória sentida, memória em carne e osso"[51] e esse espaço se configura como depósito de múltiplas narrativas, sendo resultado de uma escrita em que "o autor declara ser seu próprio objeto de conhecimento".[52] A autobiografia, portanto, seria um relato introspectivo que o sujeito realiza de sua própria existência, uma

---

[50] BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: *Obras escolhidas I* - Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 37.
[51] CANDAU, JOEL. *Antropologia da Memória.* São Paulo: Instituto Piaget, 2005, p. 163.
[52] ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea.* Rio de Janeiro. Ed. UERJ, 2010, p. 76.

construção imaginária de si mesmo. Nesse sentido, deve-se ter o cuidado de perceber nesses discursos o excesso de subjetivismo e questionar a respeito de como esse indivíduo que produziu uma narrativa se reconhece nesse discurso, uma vez que a performance realizada na escrita não compreende a totalidade da realidade vivida.[53] Assim, para compreender o sistema de funcionamento da circulação narrativa da vida é essencial considerar sua dupla dimensão, a intertextualidade e interdiscursividade da narrativa, procedimento que permite pensar as interações produzidas por esses discursos. A segunda consideração, não menos importante, é pensar o momento em que o sujeito está escrevendo suas memórias está narrando em outro tempo suas experiências do passado[54], sendo assim, estamos diante de um trabalho de memória. Por conseguinte, o caminho razoável é perceber que esse campo se constitui em um espaço fragmentado, caótico de identidade e de constante disputa de narrativas: a memória, logo, configura-se como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações e mudanças constantes.[55]

A princípio, a memória parece se referir a um fenômeno individual, atrelado ao íntimo do sujeito, porém, é preciso ter em mente seu caráter coletivo e social[56], pois estão marcadas socialmente pela visão de mundo do sujeito, pelos valores e necessidades sociais. Elizabeth Jelin (2002) entende a memória como uma categoria social, e como tal, uma abordagem que envolva a memória implicaria considerar os esquecimentos, as subjetividades das narrativas, as fraturas, as emoções e os saberes, que se encontram relacionadas à identidade do sujeito ao manifestar no desejo de construir um compromisso novo entre passado e presente. Nesse sentido, as lembranças encontram-se vinculadas a um sentido de permanência, inserida num tempo e em um espaço, como resultado de um constructo social[57] e a memória autobiográfica se apoia à memória social[58] e esta, por sua

---

[53] A questão que se coloca é perceber nesses discursos a impossibilidade de uma réplica fiel das experiências vividas, pois esse "eu' que fala de si nesses discursos deve ser entendido como "outro de si" uma vez que a experiência vivida não corresponde à vida que foi narrada. Será essa autorrepresentação simbólica, ou a história que o indivíduo conta de si mesmo que nos interessará. O conceito de identificação imaginária de Leonor Arfuch poderá nos ser útil para pensarmos a dimensão simbólico-narrativa do sujeito. Desse modo, diante de cada imitação de imagem caberia se perguntar: para quem está atuando esse papel? "Que olhar é considerado quando o sujeito mesmo se identifica com uma imagem?" Esse espaço do Eu é também espaço de autorreflexão e as anotações que esses sujeitos fazem de se ajudam a despontar sua própria personalidade. *id. ibid.* p. 79.

[54] As recordações evocadas pelos indivíduos estão a falar a partir do tempo presente: linguagens, palavras, significados, sensibilidades do momento que se que pretende recuperar com honestidade. ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Moraes. (coord.). *Usos e abusos da História Oral*, op. cit.,

[55] POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: *Estudo Históricos.* Rio de Janeiro, vol.05, n.10, 1992, p. 202.

[56] MALUF, Marina. *Ruídos da Memória.* São Paulo: Siciliano, 1995.

[57] JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memória.* Madrid: Siglo XXI de España editores, 2002, p. 27.

[58] HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva.* São Paulo: Centauro, 2004.

vez, pode ser partilhada, uma vez que o indivíduo tem algo a contribuir com a história social.[59]

Tendo em vista a subjetividade intrínseca aos sujeitos históricos, assim como as particularidades das experiências vividas, podemos falar de uma memória coletiva ao referirmo-nos às experiências de vida individualizada? Essa questão já foi motivo de incontáveis debates entre os especialistas no assunto. Maurice Halbwachs (1887-1945), autor de "Memórias Coletivas" (2004) foi um dos responsáveis por consolidar o conceito de memórias coletivas no campo das Ciências Sociais. O sociólogo entende a memória como motivo de coesão social que permite a adesão afetiva dos indivíduos ao coletivo. Sua maior contribuição à historiografia foi ter percebido que as lembranças do passado não podem ser desvencilhadas dos contextos sociais, que atuam como suporte para o trabalho de sua reconstrução. Joel Candau é crítico em relação ao conceito de memória coletiva tal como empregado por Maurice Halbwachs (em particular, no que se refere ao exagero atribuído ao peso social sobre o indivíduo). Para o antropólogo seria uma ilusão supor que os membros de um grupo partilham exatamente a mesma visão de um determinado acontecimento, uma vez que as experiências marcam de forma diferenciada os indivíduos.[60] Essa percepção da "unicidade de cada espírito-cérebro" leva em conta que jamais teremos acesso à dor do outro, saberemos apenas o que o outro está a nos dizer a respeito do sofrimento narrado. Por outro lado, é imperativo notar que sem o vínculo com o social seria impossível acessar qualquer recordação, pois, ao evocar as lembranças, os sujeitos se utilizam da linguagem (convenções verbais), lugares e pontos de apoio (marcos singulares) para externalizarem suas experiências.

Estamos inclinados a pensar a memória como uma categoria de análise que permite o reconhecimento do passado, sem embargo, é essencial pensar esse passado não como uma realidade em si, e sim como representação individual/ coletiva desse passado que foi, mas já não é mais. O indivíduo é membro de um grupo social[61] e as lembranças dos outros reforçam suas lembranças, na medida em que se relacionam com os acontecimentos do passado[62]. Esses elementos ultrapassam os limites do seu próprio

---

[59] PORTELLI, Alessandro. O Massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaina (Orgs.). *Usos e Abusos da História Oral,* op. cit., 2000.

[60] CANDAU, JOEL. *Antropologia da Memória.* São Paulo: Instituto Piaget, 2005, p. 87.

[61] HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva.* São Paulo: Centauro, 2004.

[62] A respeito dos mecanismos intrínsecos ao processo de articulação das lembranças com o meio social, comenta Maurice Halbwachs: "para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser

corpo, conteúdos que foram partilhados pelos membros dos grupos que pertencem ou pertenceram ajudam a moldar suas recordações. Resta-nos perguntar: o que leva alguém a se autobiografar? A autobiografia é documento ou ficção? Por que alguém julga importante seu próprio relato?

Novamente estamos inclinados a pensar que a publicação das memórias autobiográficas atende a uma necessidade de ressignificação do passado, ou ainda, colocar em ordem o itinerário a partir das experiências do vivido. Quem produz esse tipo de relato, posiciona-se no presente ao evocar o passado, avaliando repetidamente suas experiências vividas.[63] Esse esforço de reconstrução é característico de alguém que entende ter algo importante para dizer, que considera suas experiências de vida merecedora de registro.[64] Sendo assim, observa-se o interesse de narrar a vida como confirmação de regra e dos legados da tradição, uma aventura a ser imaginada que envolve toda uma subjetividade que faz as memórias autobiográficas se circunscrever no campo da literatura, com suas convicções, códigos e costumes próprios.[65] A despeito, o entendimento acerca da subjetividade das memórias autobiográficas não nos desobriga a aceitar a obra literária enquanto categoria de análise, uma vez que ela emerge de uma realidade histórica e fornece um retrato de uma época. Aliás, a obra histórica não seria também subjetiva?[66]

A partir da década de 1970/1980, o debate sobre a classificação das memórias autobiografias como verdadeiras ou falsas perdeu espaço para uma abordagem que considera como essencial a "autorrepresentação" que os indivíduos realizam de si em uma determinada cultura, assim como a preocupação com o cotidiano, as experiências do

---

reconstruída sobre um fundamento comum. Não é suficiente reconstruir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que essa reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele, e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e construída". HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, p. 34.

[63] AGUIAR, Joaquim Alves de. *Espaços da Memória: um estudo sobre Pedro Navas.* São Paulo: Edusp, 1997.

[64] No caso de Octávio Brandão, que teve uma relação forte com o partido comunista do Brasil no passado, sua relação com os dirigentes após o período do exílio não era das melhores. Tudo indica que a performance realizada pelo intelectual comunista em suas memórias autobiográficas parece estar direcionada, em alguns momentos, ao partido, como um acerto de contas.

[65] VELLOSO, Mônica Pimenta. A literatura como espelho da nação. *Estudos Históricos.* Rio de Janeiro, vol.1, n.2, p.239-263, 1988.

[66] Paul Veyne já havia refletido acerca da relação entre história e romance. Para o historiador, a história se aproxima da ficção na medida em que o historiador seleciona, simplifica e organiza os acontecimentos que já deixaram de existir no tempo e no espaço, faz caber um século em uma página. VEYNE, Paul. *Como se escreve a história.* Brasília: Editora da UNB, 1982.

vivido e subjetividades outras.[67] O referido deslocamento na categoria de análise da "ego-história" permitiu ao pesquisador um entendimento mais significativo do problema, ao identificar o personagem-indivíduo em uma escala minimalista, a escolha pelo "eu" que se apresenta nas narrativas, assim como os papeis que representam em sua cultura, passou a ser a principal estratégia para a compreensão de como os personagens-indivíduos se definem em suas narrativas memoriais (o nobre honrado, o artista sempre inspirado, a esposa virtuosa, o intelectual coerente em suas decisões, entre outros) a partir de certos enredos recorrentes, tais como: da miséria à gloria, da pobreza à riqueza, da tristeza à alegria.[68] Assim, as memórias autobiográficas se enquadram na categoria de história de vida, e, como tal, uma das formas de intermediação é o registro escrito.[69] Dessa maneira, não podemos perder de vista que quando se analisa narrativas memoriais, estamos diante de memórias transformadas a partir da escrita, que tomam por empréstimo a "linguagem e significados públicos da nossa cultura".[70] Para Ricoeur, a análise mais efetiva à memória como fonte histórica seria aquela que estabelecesse uma crítica da confiabilidade da reminiscência, uma vez que a história tem a função de impor limites aos abusos da memória ao corrigir e remediar suas fragilidades.[71] Nesse caso, a memória não pressupõe uma recepção neutra e científica do passado, o caráter subjetivo dessa fonte deve ser constantemente tensionado e submetido ao cruzamento de informações, utilizando-se diferentes tipos de fontes.

Em relação às dificuldades intrínsecas a essa categoria, em particular sobre escrita da história da trajetória do autobiografado e a validade do seu relato como fonte histórica, é preciso considerar que não existe motivo para proceder diferente como ocorre em outros

---

[67] LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise.* Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

[68] BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

[69] Os elementos metodológicos da teoria da narrativa e, particularmente, da categoria da análise do discurso, certamente podem nos ajudar na nossa pesquisa. Isso porque permitem a compreensão dos aspectos subjetivos da memória, ao identificar os princípios de seleção e representação do passado que foram exteriorizados pelos indivíduos em seus discursos, embora seja importante mencionar que essa representação do passado nunca será somente do indivíduo, mas sim do indivíduo inserido em um contexto social. Além da análise dos textos autobiográficos que nos permitiu cartografar a subjetividade de Brandão, procuramos realizar uma consulta nos arquivos documentais de algumas importantes instituições, como é o caso do Acervo Edgar Leuenroth, no Despertamento da Ordem Política e Social, na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro e no Arquivo da Internacional Comunista em Moscou, conservado no atual Centro da Rússia de Conservação e Estudo de Documentos da História Contemporânea, a fim de apreender nesses documentos a multiplicidade de atuações, assim como os engajamentos políticos. Portanto, nossa pesquisa encontra-se estruturada a partir de um eixo central: as experiências de vida e a militância política do intelectual comunista, sem pretender, com isso, heroicizar o personagem.

70 THOMPSON, Edward. P. *A voz do passado.* Trad. de Lólio Lourenço de Oliveira. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 86.

[71] RICOEUR, *apud.* RODRIGUES DA SILVA, Helenice. *Fragmentos da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas.* São Paulo: Papirus, 2002.

casos no campo historiográfico[72], os cuidados devem ser os mesmos, devemos estar alertas, uma vez que nenhum documento dispensa o filtro do historiador, afinal, todas as fontes são subjetivas. Nesse sentido, opera-se o deslocamento da questão, já que o essencial não seria com o que trabalhar, e sim como trabalhar, já que todo documento é resultado de manipulações e nunca será a representação fiel do passado.

No tocante aos elementos constitutivos da memória é preciso diferenciar aqueles acontecimentos "vividos pessoalmente" pelo indivíduo e aqueles "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pela coletividade de que o sujeito se sente parte e aprendeu por intermédio de outras pessoas[73], pois essas experiências não se encontram no seu espaço-tempo, mas se enraizaram de tal maneira no imaginário coletivo que não se tem mais certeza se participaram ou não.[74]

Nos acontecimentos "vividos por tabela", o princípio de socialização política/ socialização histórica opera no sentido de impulsionar um fenômeno de identificação com esse passado distante de uma forma tão acentuada que poderíamos falar em uma espécie de memória herdada.[75] Outro aspecto essencial é perceber que a memória é seletiva, falível, fantasiosa e maleável, e nem tudo que aconteceu permanece registrado, ela sofre flutuações no momento que está sendo articulada.[76]

O ponto que nos parece mais assertivo para uma análise mais problematizada do nosso objeto de investigação é identificar, nesse princípio de seleção, como essas lembranças variam de um lugar para outro e como se transformam com o passar do tempo, além da compreensão de como são concretizadas e por quem, além de quais os limites impostos. Conforme mencionado anteriormente, recordar e escrever o passado não são

---

[72] ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Moraes. (coord.). *Usos e abusos da História Oral.* Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2001.
[73] CANDAU, JOEL. *Antropologia da Memória,* op. cit., p. 78.
[74] POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: *Estudo Históricos,* op. cit., p. 202.
[75] Tomando como exemplo o massacre cometido pelos nazistas no verão de 1944, no pequeno vilarejo de Civitella Val di Chiana, região da Toscana, Itália. Alessandro Portelli mostra como alguns acontecimentos do passado carregados de emoções e afetividades provocaram um efeito no coletivo de tal modo que as imagens transmitidas e partilhadas podem ser restituídas nos mínimos detalhes pelos moradores do vilarejo, com um poder impressionante de identificação coletiva, ainda que muitos daqueles moradores não se encontrassem no espaço-tempo do trágico acontecimento. Essas imagens memoriais de grande intensidade do passado longínquo contribuem para a persistência de uma memória partilhada, e a função da história é desnudar essas narrativas intersubjetivas, o que Joel Candau definiu como as várias camadas de memória CANDAU, JOEL. *Antropologia da Memória,* op. cit., p. 92. Enfim, em muitos casos, observa-se uma estratégica inconsciente e desviada da memória para não falar de outros acontecimentos mais recentes que incomodam, pois carregam uma carga emocional forte. Cf: PORTELLI, Alessandro. O Massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaina (Orgs.). *Usos e Abusos da História Oral.* Rio de Janeiro: FVG, 2000.
[76] POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: *Estudo Históricos,* op. cit., p. 04.

atividades semelhantes e inocentes que se imaginava ser, e essas reminiscências não se constituem em um repositório passivo, é parte do produto cultural. Nesse caso, é preciso diferenciar os mecanismos intrínsecos a esses princípios de seleção e identificar, no seu interior, se são resultados de ações consciente/inconsciente do indivíduo, além da interpretação das distorções condicionadas por grupos sociais.[77]

Como nossa pesquisa procura investigar um longo período da vida de Brandão, impõem-se novos desafios, pois essa memória, além de deformada e fantasiosa, carrega consigo uma carga nostálgica em virtude do processo de envelhecimento.[78] É interessante notar que, quando os idosos deixam de exercer funções ativas na sociedade, assumem o papel de lembrar (se convertem nos guardiães da memória). E, por conseguinte, essas lembranças se configuram como uma memória social, familiar ou grupal[79], e o vínculo que se constrói entre o passado e o presente a partir dessas memórias permite manter preservadas as identidades do indivíduo[80], ao atribuir significado aos dias.[81] Assim, estamos enviesados a pensar a memória como uma estrutura da vida cotidiana, uma habilidade natural, e, acima de tudo, um constructo social que procura dar sentido ao palco da vida.

A relação entre Octávio Brandão e o PCB desde o início foi marcada por tensões[82].

---

[77] BURKE, Peter. História como memória social. In: *Variedades de história cultural.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

[78] THOMSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta M. (coord.). *Usos e abusos da História Oral.* Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2001.

[79] BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade. Lembranças de velhos.* São Paulo: Cia das Letras, 1994.

[80] O conceito de "memória longa" pode nos permitir analisar como essas construções memoriais encontram-se preenchidas por várias camadas de memórias, ajuda-nos a entender como os mitos e as narrativas lendárias foram construídos e partilhados coletivamente, e como pode influenciar sobre o sentimento de identidade do indivíduo. Para Joel Candau: "O conteúdo da narrativa será objeto de uma regulação memorial coletiva que dependerá, tal como a recordação individual, do contexto social e dos jogos do momento da narração". CANDAU, JOEL. *Antropologia da Memória,* op. cit., p. 91. É preciso igualmente registrar que esse esforço de rememorar conduz sempre a uma geografia. No caso de Octávio Brandão, são sintomáticas suas frequentes referências a esse passado idealizado a respeito da história de luta dos seus antepassados da pequena cidade de Viçosa, no sertão alagoano, descrito como lugar de um povo batalhador, que carrega no sangue o DNA de luta, de quem jamais se rendeu diante dos reveses e violência dos agressores. Aliás, em seus relatos, sua cidade natal estaria situada supostamente nas imediações do icônico Quilombo dos Palmares, lugar de embates e resistência dos escravizados africanos contra a opressão dos colonizadores portugueses; a bravura dos povos indígenas caetés também aparecem com frequência em suas narrativas, os primeiros moradores da região que não haviam se curvado diante da violência perpetrada pelos invasores europeus. Em síntese, em suas autobiografias, Octávio Brandão se considera herdeiro desse espírito de luta, caboclo nordestino que nunca baixou a guarda diante da opressão.

[81] GUARINELLO, Norberto Luiz. História científica, história contemporânea e história cotidiana. *Revista Brasileira de História,* v. 24, nº. 48, p. 13-38, dezembro, 2004.

[82] Nas últimas décadas, tem havido uma preferência metodológica por parte dos pesquisadores em abordar a categoria da memória a partir da perspectiva dos conflitos e das disputas de narrativas ao invés dos fatores de continuidade estabilidade. Essa nova configuração permitiu aos pesquisadores pensar essa categoria a partir da desconstrução de imagens, signos e símbolos de personagens que até então se encontravam consolidados por meio de uma memória oficial, representados como heróis, salvadores da pátria, lideranças

Quando escreveu, por exemplo, suas memórias autobiográficas, *A Luta Libertadora: 1931-1970* (*Combates e batalhas,* vol.2, 1970) e *Combates e Batalhas* vol.1, 1978), o intelectual encontrava-se em um profundo esquecimento.[83] Procurou diversas vezes uma aproximação, porém não logrou sucesso, teve sempre as portas fechadas.[84] Pensamos que a autobiografia de Octávio Brandão, entendida como um esforço de registro do passado

---

incorruptíveis, entre outros atributos dignificantes. Citamos, a título de exemplo, o caso que ocorreu com a memória de Josef Stálin. Após a ocasião de sua morte, e as denúncias tornadas públicas por Nikita Kruschev no relatório apresentado no XX Congresso do Partido Comunista Soviético, os pesquisadores mergulharam a fundo nos arquivos a fim de desconstruir os signos e símbolos que remetiam à figura sacralizada de Josef Stálin e, procuram, ao mesmo tempo, reabilitar a memória de antigos membros do partido que foram vítimas das perseguições estalinistas. POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989.

[83] A condução deste nosso texto nos direciona a três categorias analíticas essenciais para nossa pesquisa e que pretendemos teorizar na continuidade deste capitulo, a fim de auxiliar na compreensão da trajetória de vida e do percurso político realizado por Brandão. A primeira categoria é a de "memórias do engajamento político" no intuito de entender os sentidos de sua atuação política pelo movimento operário brasileiro das primeiras décadas do século XX, a questão central aqui é entender como o autobiografado se representa e ressignifica, em suas narrativas autobiográficas, suas experiências políticas do passado. A segunda categoria é a de "memórias do exílio", cujo objetivo é investigar como o exílio se materializou em suas memórias e, igualmente, se essa experiência no estrangeiro lhe permitiu uma compreensão mais crítica e objetiva acerca das atividades intelectuais desempenhadas no passado, na condição de dirigente e militante do movimento operário brasileiro. Por fim, estamos nos referindo à categoria de "memórias do ostracismo", no intuito de averiguar o impacto do isolamento político em suas memórias autobiográficas, em particular, as lembranças referentes ao contexto posterior ao retorno ao Brasil, ocorrido no ano de 1946. Nesse caso, nossa hipótese é a de que esse isolamento intelectual reflete, por um lado, as dificuldades do intelectual para se adequar as novas diretrizes políticas defendidas pela direção do PCB, e, por outro, as angústias para se adequar ao sistema político vigente no país, obrigando-o a silenciar-se. Nesse caso, poderíamos supor que o intelectual se encontrava em uma condição de "exílio interior", estando, portanto, mais relacionado a uma condição mental do que propriamente a falta de um contato físico com a terra natal e com as pessoas do seu convívio ILIE, Paul. *Literatura y exilio interior,* op. cit., 1981. Ocorre, nesses casos, uma espécie de fratura psicológica, aliás, essa é uma das sensações mais angustiantes possíveis, pois força o indivíduo a calar-se dentro do seu próprio país, em virtude de um sistema político opressivo, ou ainda, a revolta com as oportunidades limitadas ou inexistentes em sua própria terra. Esse exílio íntimo acometeu Octávio Brandão, que teve seu mandato de vereador pelo PCB cassado em 1947, em razão da política anticomunista adotada pelo governo de Eurico Gaspar Dutra. Logo depois, enfrentaria uma onda ainda mais autoritária com o golpe Civil-Militar de 1964, além do doloroso ostracismo imposto pelo próprio PCB a sua pessoa, partido que defendeu até os últimos dias de sua vida.

[84] No texto *A vida de um escritor*, escrito aos 74 anos de idade, Octávio Brandão reclamou o esquecimento imposto à sua memória: "Afrontei mais de 15 anos de exílio na Europa. Voltei ao Brasil. Vivi proscrito oito anos dentro da própria Pátria. Fiquei exilado de Alagoas, minha terra natal, durante 41 anos. Vivi num ambiente de pobreza econômica, dificuldades financeiras, perseguições políticas, preterições sociais, dores morais, injustiças intelectuais. E continuo da mesma forma. Aos 74 anos de idade, dos quais cinquenta de lutas negam-me tudo no meu país. Sou boicotado por todos os lados. Contra tanta torpeza, protesto com revolta, veemência e indignação". BRANDÃO, Octávio. "A vida de um escritor". S.l., 12.12.1970, 31 p. *Fundo Octávio Brandão (Inventário).* AEL/IFCH. Pasta 114-b. Outro depoimento revelador dessa situação de ostracismo é fornecido pelo poeta e escritor Carlos Drummond de Andrade. Em um texto publicado no jornal *Estado de Minas,* revelou um diálogo comovente que manteve com Octávio Brandão: "Na galeria da Caixa Econômica, encontro Octávio Brandão, que prende longamente a minha mão à sua, no cumprimento inicial. Sabendo da minha recente aposentadoria no serviço público, indaga como é que me sinto: é repousante mesmo? Respondi-lhe que entre nós o aposentado tem de trabalhar duro para sobreviver, e ele me diz, sorrindo: - 'E eu, então, que nem isso tenho? Os jornais não pagam a minha colaboração, e no Partido Comunista estou em ostracismo [...].' Para confortá-lo, invoco a sua fibra de velho lutador, que nunca esmoreceu. Despedimo-nos, e trago na lembrança a cabeça já branca de sertanejo, cheio de comunismo e de sonho". ANDRADE, Carlos Drummond. *Estado de Minas*. 06.01.1981.

seria a forma mais expressiva que o intelectual encontrou para ressignificar e preservar sua identidade de militante da causa comunista, ameaçada pela política de esquecimento, imposta pela nova direção do PCB.[85] Referimo-nos aos conflitos acerca de memórias, uma batalha de narrativas pela legitimação memorial.[86] Na hipótese de utilização da noção de "conflitos acerca de memórias" para analisar o caso de Brandão, nosso enfoque será nas narrativas memoriais, mais até que nos fatos, no intuito de apreender nessas disputas de narrativas as relações de poder de quem está narrando, e o empenho para forjar uma hegemonia sobre a memória do passado (legitimação de poder).

O reconhecimento desse esforço de reconstrução de uma visão unívoca do passado objetivada pelos dirigentes pecebistas, e também por parte de Octávio Brandão, encontra-se relacionado ao que Johan Michael definiu como as "políticas simbólicas da memória", procedimento voltado para a construção de uma imagem idealizada do passado, interessada em estabelecer a legitimação do poder a partir da "construção de imagens, símbolos e narrativas que permitiria se reconhecer nesse espelho idealizante", tanto como membro, quanto diferente de outros grupos.[87] Nessa perspectiva, o conceito de "políticas simbólicas da memória" adquire relevância, na medida em que nos permite apreender as estratégias voltadas à construção da identidade, seja ela individual ou coletiva. Refere-se a um conjunto de ações praticadas por agentes públicos cujo interesse seria produzir lembranças partilhadas do passado no sentido de reforçar o monopólio do poder. O processo pelo qual se constrói uma narrativa coletiva está relacionado ao modo de ação intencionado em reforçar a integração social a partir da memória.[88] Em síntese, essas ações contribuem para avivar certas impressões do passado e, por outro lado, eliminar outras, ou deixá-las em suspenso. Por conseguinte, faz-se necessário identificar outra categoria a serviço da legitimação do poder, a "política de esquecimento".

---

[85] O conceito de "quadros políticos da memória" pode auxiliar na compreensão da relação de tensão entre a narrativa apresentada por Octávio Brandão e a "política de esquecimento" imposta pelos dirigentes pecebistas à sua memória. Nesse caso, o que se encontra em jogo são as disputas pela representação do passado, uma vez que as lembranças e os esquecimentos se encontram vinculados à noção de poder. Assim, as narrativas mais bem-sucedidos teriam mais possibilidade de se impor nesses conflitos de memórias.

[86] Para a análise dessas disputas de memórias, optamos pela utilização do conceito de Joel Candau, "conflitos acerca de memórias" ao invés de "conflitos de memórias". Estamos evidenciando com essa escolha que pretendemos ir além dos conflitos memoriais na nossa pesquisa. Na hipótese de utilização do conceito de conflitos de memórias, estaríamos sinalizando que bastaria colocar as memórias individuais partilhadas (com a mesma, ou quase a mesma representação) em oposição uma com as outras, e essas memórias se mostrariam sensivelmente opostas, a constatação seria a de que os indivíduos entrariam em conflito para fazer prevalecer uma memória sobre a outra. Portanto, o resultado poderia não ser suficientemente esclarecedor. CANDAU, JOEL. *Antropologia da Memória,* op. cit., p. 124-125.

[87] MICHEL, Johann. *Podemos falar de uma política do esquecimento? In: Revista Memória em rede.* Pelotas. v.2, n.3, ago-nov 2010, p. 14.

[88] *id. ibid.*, p. 15.

A princípio, pode parecer estranho uma instância que busca reforçar as lembranças do passado, agir inversamente no sentido oposto à memória. Porém, o esquecimento se configura em um elemento constitutivo da própria formação da memória, uma vez que não seria possível lembrar de tudo.[89] A memória possui uma habilidade natural de seleção que se encarrega de descartar informações indesejadas, traumáticas, que marcaram derrotas ou sofrimentos. Aliás, essa omissão seria essencial para o seu funcionamento satisfatório.[90] A constatação do passado que também se manifesta em silêncio, não se restringe ao caso da "memória individual". O mesmo pode ocorrer com a memória coletiva e a memória oficial, já que alguns traços do passado podem desaparecer gradualmente, ou ainda perder significações aos contemporâneos. Desse modo, podemos conjecturar que, se por um lado, a essência de toda sociedade consiste em um certo grau de partilhamento de experiências entre os seus membros, por outro, faz-se necessário o esquecimento de outras situações para que a sociedade permaneça existindo.[91]

No caso do "longo silêncio" imposto à memória política de Octavio Brandão pelo PCB, pensamos que esse silêncio está longe de conduzir ao esquecimento[92], muito pelo contrário, pode ser entendido como uma resistência da direção do partido em reconhecer certas injustiças cometidas no passado, pois se sabe que a questão da autocrítica sempre foi um caso delicado para os partidos políticos, em particular para os partidos de esquerda, muitas vezes evitado a todo custo, pois uma profunda revisão das ações do passado está sujeita aos riscos de se perder o controle da situação e fragilizar a identidade do grupo, ao derrubar os antigos tabus conservados pela memória oficial.[93] Esses episódios, quando ocorrem, costumam reavivar lembranças difíceis de se controlar, que permaneceram latentes na memória dos seus integrantes, esperando o momento certo para

---

[89] JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memória.* Madrid: Siglo XXI de España editores, 2002, p. 29.
[90] MICHEL, Johann. *Podemos falar de uma política do esquecimento? In: Revista Memória em rede,* op. cit., p. 16.
[91] JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memória,* op. cit., p. 29.
[92] Entendemos essa disputa de narrativas como resultado do trabalho de "reenquadramento da memória", conceito utilizado por Michael Pollak, emprestado do teórico Henry Rousso. A "memória enquadrada" diz respeito ao desejo de manter as fronteiras sociais e, igualmente, modificá-las, com intuito de construir uma visão oficial e harmônica do passado que envolvem o coletivo. O esforço de reinterpretação incessante do passado está relacionado aos combates do presente e do futuro. Esse trabalho de reenquadramento era frequentemente realizado pelos historiadores orgânicos, profissionais cujo objetivo era o enquadramento da memória, algo semelhante ao que ocorreu com a historiografia durante o século XIX: o esforço voltado para a construção de uma identidade nacional, interessada em reforçar os laços de pertencimento ao coletivo. Michael Pollak lembra que além do referido esforço de enquadramento, ocorre também o trabalho da própria memória em si, pois "cada vez que a memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização". POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos,* op. cit., p. 07.
[93] POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos,* op. cit., p. 03.

externalizarem. Em se tratando do "longo silêncio" manifestado por Octavio Brandão em relação as divergências políticas com o PCB, nossa hipótese é a de que se trata de uma resistência interior que encontrou para se proteger e, ao mesmo tempo, opor-se diante do excesso de discursos oficiais. Sabe-se que as experiências vividas moldam os indivíduos e influenciam nas lembranças do passado. Certas experiências dolorosas, por exemplo, a depender da carga emocional que carregam, podem durar a vida toda e conduzir ao que Joel Candau definiu como "amnésia psicogênica", ou seja, quando ocorre a censura total da recordação.[94] Para quebrar esse silêncio[95], é necessário haver um interlocutor, alguém interessado em ouvir (tratando-se de contextos pós-traumáticos, nem sempre existem interessados, como veremos na próxima seção).

2.1 O Significado do intelectual exilado.

Traremos para discussão os silenciados, fenômeno indissociável da vida psicológica do homem moderno. George Simmel (1858-1918), sociólogo judeu natural da Alemanha, expressou de forma incisiva o sentimento de viver como um "estrangeiro" em sua própria nação, um país que experimentava o aumento exponencial do antissemitismo. Isso transparece, por exemplo, na experiência dos judeus em seu artigo. Sugiro que essa experiência de vida pessoal do sociólogo contribuiu para despertar o interesse por essa categoria de indivíduos que são estranhos ao grupo, e que frequentemente se sentem um "estrangeiro" em sua própria pátria.

O conceito de exilado que discutiremos na sequência deste capítulo nos pareceu semelhante à categoria de "estrangeiro" sistematizada por Simmel. Para o sociólogo, essa posição é determinada pelo fato de o indivíduo não estar ligado de forma orgânica ao grupo de acolhida desde o começo, ou seja, nas palavras do próprio autor: "pelo fato de ter introduzido qualidades que não se originaram nem poderiam se originar no próprio grupo".[96] Nesse caso, o estrangeiro é concebido como um "viajante potencial", aquele que chega hoje e amanhã fica, ou seja, que interage com os outros membros da sociedade

---

[94] CANDAU, JOEL. *Antropologia da Memória,* op. cit., p. 164.

[95] A existência de uma multiplicidade de situações que se manifestam os esquecimentos e silêncios, faz-nos refletir acerca das escolhas metodológicas que consideramos mais assertivas para o encaminhamento a ser seguido. No complexo mosaico preenchido por falas e silêncios, o historiador deve permanecer alerta com as pegadas e marcas materiais deixadas e, igualmente, perceber nessas narrativas as situações que fogem dos padrões, os casos desviantes, assim como os silêncios diante de assuntos polêmicos que mobilizaram a sociedade, mas que por algum motivo o indivíduo se omitiu de se posicionar.

[96] SIMMEL, George. O Estrangeiro. In: MORAES FILHO, Evaristo. (Org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983, p. 182.

por meio de interesses provisórios, mantendo uma relação constante de tensão, pois, ainda que esteja próximo fisicamente ao grupo, sente-se distante simbolicamente por procurar manter-se fiel ao meio social de origem, vivendo, portanto, entre a tendência de se identificar e se distanciar.[97] Em consonância com Simmel, ele está próximo, "na medida em que possui traços comuns de natureza social, nacional, ocupacional, ou genericamente humana, entre ele e nós e, por outro lado, distante, na medida em que estes traços comuns se estendem para além de nós, e nos ligam apenas porque ligam muitíssimas pessoas".[98] De tal modo, o dinamismo dessa relação elástica experimentada pelos estrangeiros, permite-nos pensar o grau de inserção de Brandão nos círculos intelectuais durante o seu exílio.

A prática do exílio está presente na esfera política desde as sociedades antigas. Entre os gregos, por exemplo, o ostracismo, como sinônimo de banimento, constituiu-se em uma punição recorrente para aqueles cidadãos considerados indesejáveis da *Ἀγορά*.[99] No Brasil, por sua vez, apesar das dificuldades em precisar sua origem, o exílio se tornou uma prática frequente, especialmente a partir da ascensão de governos autoritários.[100]

---

[97] Para Fábio de Faria Peres, existe um fio condutor que auxilia na compreensão da teoria social de Simmel: é a ideia da existência de um mundo feito de relações, que formam uma rede de relações recíprocas, em que tudo se relaciona com tudo. Assim, seria possível "descobrir em cada detalhe da vida o seu sentido global"; "ver no individual o universal". PERES, Fabio de Faria et all. A 'sensibilidade' de Simmel: notas e contribuições ao estudo das emoções. *RBSE* 10 (28): 93-120, ISSN 1676-8965, Abril de 2011, p. 98. Nesse caso, a sociedade é entendida como equivalente às interações entre os indivíduos por meio dos princípios de estruturação do social, definido como o processo de "sociação", dispositivo pelo qual os indivíduos estabeleçam laços, sejam eles duradouros ou efêmeros, para alcançar seus objetivos, superando a mera "agregação" dos sujeitos. Para tanto, o conceito de "sociação" acaba sendo central na análise de Simmel, como se observa no fragmento a seguir: "Um aglomerado de homens não constitui uma sociedade só porque exista em cada um deles em separado um conteúdo vital objetivamente determinado ou que o mova subjetivamente. Somente quando a vida desses conteúdos adquire a forma da influência recíproca, só quando se produz a ação uns sobre os outros [...] é que a nova coexistência social, ou também a sucessão no tempo, dos homens, se converte numa sociedade. Se, pois, deve haver uma ciência cujo objeto seja a sociedade, e nada mais, deve ela unicamente propor-se como fim de sua pesquisa estas interações, estas modalidades e formas de sociação". SIMMEL, *apud*. PERES, Fabio de Faria et all. A 'sensibilidade' de Simmel: notas e contribuições ao estudo das emoções. *RBSE* 10 , op. cit., p. 61.

[98] SIMMEL, George. O Estrangeiro. In: MORAES FILHO, Evaristo. (Org.). *Sociologia,* op. cit., p. 186.

[99] Do grego, a expressão *Ἀγορά* (*Agorá*, tradução para o português) significa reunião, assembleia em praça pública com a finalidade de deliberar assuntos de interesse da maioria dos cidadãos das *polis* gregas do período Clássico. Porém, nem todos os membros da sociedade estavam plenamente aptos a participar de tais discussões devido à restrição do conceito de cidadania, ou mesmo devido à punição do ostracismo que, além de afastar o cidadão do cenário político, obrigava-o a cumprir sua pena por um período previamente determinado (5 a 10 anos) longe de sua cidade de origem. Em síntese, apesar da vida do indivíduo banido não ser uma completa desgraça, só a possibilidade do afastamento de sua terra natal já seria suficiente para ser interpretado como um castigo atormentador. QUEIROZ, Maria José. *Os males da ausência ou a literatura de exílio,* op. cit., p. 21.

[100] O primeiro momento do exílio do Brasil ocorreu com o Estado Novo, nas décadas de 1930/1940, quando centenas de figuras públicas foram deportados, acusadas de promoverem agitações. O segundo, ocorreu nas décadas de 1960 e 1970, no contexto da ditadura empresarial-militar. Nesse período, aliás, ampliou-se exponencialmente o número de exilados, pois o medo da violência policial após as revelações de torturas e assassinatos praticados pelo Estado fez com que muitos cidadãos, por força maior ou por livre vontade,

A vida em outro país pode vir a ser uma experiência cultural reveladora para o intelectual exilado[101], um aprendizado valioso para o sujeito resistente e irrequieto que não se entrega às lamúrias por estar de fora, à margem do conforto do lar.[102] A despeito da experiência no estrangeiro na condição de exilado, o mais importante a se considerar é que o intelectual deveria se conscientizar de que tem muito a aprender no exílio, não deveria, pois, desperdiçar o seu tempo e suas energias se entregando às lamentações e adversidades que lhe foram impostas, uma vez que o exílio não se trata de uma questão de escolhas particulares, está relacionado a um fator que lhe é imposto pelas circunstâncias políticas de seu país.[103] Desse modo, o exílio é entendido como um imperativo moral, que faz com que o sujeito não se sinta em casa na sua própria casa. Em outras palavras, a condição de exilado traz consigo algo torturante, ao impor uma série de restrições ao intelectual, que por mais que conheça alguns aspectos do novo país, nunca se sentirá como em sua casa.

Essa questão já havia sido teorizada pelo filósofo alemão Theodor Adorno, em sua obra intitulada *Mínima Moralia*, publicada no ano de 1951, posterior ao seu exílio nos Estados Unidos. É interessante lembrar que, ao refletir acerca de sua própria experiência como intelectual exilado, o filósofo propôs uma teoria do exílio para a sociedade moderna. Viver em outro país na condição de imigrante se constitui em uma experiência bastante desconfortável, pois o sujeito encontra-se isolado, distante de sua língua nativa e, como consequência, assiste ao sepultamento de suas raízes[104]. Para Adorno:

> Todo intelectual no exílio é, sem excepção, prejudicado e faz bem em reconhecê-lo, se não quiser que lho façam saber de forma cruel por detrás das portas hermeticamente fechadas da sua autoestima. Vive num ambiente que lhe deve permanecer

---

deixassem o país para não serem mortos. O exemplo é igualmente válido para muitos países da América Latina que enfrentaram uma situação semelhante. *Grosso modo*, podemos afirmar que essa experiência dos intelectuais exilados se mostrou um capítulo integrante da cultura política da América Latina no século XX. Dito isso, é importante destacar que, nas últimas décadas, tem sido cada vez mais recorrente abordagens a partir da categoria da memória, que se utilizam de narrativas de vida a fim de acessar essas experiências, bem como compreender o impacto do exílio nos países de acolhimento. Esses estudos, em geral, têm contribuído para promoção de uma profunda reflexão no campo historiográfico, cuja proposta é repensar como o exílio impactou no modo de pensar dos intelectuais latino-americanos. RODRIGUES DA SILVA, Helenice & KOHLER, Heliane. *Travessias e cruzamentos culturais: a mobilidade em questão,* op. cit., p. 28.

[101] BURKE, Peter. *Perdas e ganhos: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000.* São Paulo: Editora Unesp, 2017, 52.

[102] SAID, Edward. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993.* Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 66.

[103] SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios.* São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 57.

[104] ADORNO, Theodor W. (s.d) *Minima Moralia.* Lisboa: Edições 70. 2001, p.22.

> incompreensível, por mais que saiba das organizações sindicais ou do tráfego urbano; estará sempre desorientado.[105]

Em relação às angústias e desafios impostos pelo exílio, Said parece ter as mesmas impressões de Adorno, como se pode observar na reflexão a seguir:

> O exílio nos compele a pensar sobre ele, mas é terrível de vivenciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre um eu e seu verdadeiro lar. Sua tristeza essencial jamais pode ser superada [...]. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre.[106]

Apesar dos sofrimentos impostos pelo exílio, essa condição pode permitir ao intelectual desenvolver uma consciência crítica e um enfrentamento que foi definido por Adorno como uma diagnose de si e dos outros, ou seja, uma necessidade de enfrentamento desse "outro", encarando a ameaça que o exilado se converteu para ele próprio. Aliás, esse enfrentamento seria a única forma de sobreviver diante da "ameaça da morte por inanição ou pela loucura".[107] Porém, estar de fora do conforto de sua casa se constitui em uma forma nova de ver as coisas; além de ser um imperativo moral, entender a realidade a partir de uma perspectiva deslocada, seria um privilégio epistemológico que só o exílio possibilita.

Nesse sentido, os sujeitos que vivem "entre-mundos", como é o caso dos exilados políticos, tendem a desenvolver uma maneira muito particular de enxergar as coisas, são capazes de manter uma maior objetividade em suas análises, ao relativizar a si e os outros a partir de uma consciência de mundo mais racional. Para Simmel (1983), essa objetividade pode ser definida como liberdade, na medida em que os indivíduos que se encontram nessa condição não estão presos a "nenhum compromisso que poderia prejudicar sua percepção, entendimento e avaliação do que é dado", além disso, acrescentou o sociólogo que "ele é mais livre, prática e teoricamente; examina as condições com menos preconceito; seus critérios para isso são mais gerais e mais objetivamente ideais; não está amarrado à sua ação pelo hábito, pela piedade ou por precedente".[108] Aos poucos, a forma habitual de ver as coisas vai sendo substituída por um olhar mais emancipado de qualquer obrigação.

---

[105] *id. ibid*. p. 22.
[106] SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios,* op. cit., p. 46.
[107] ADORNO, Theodor W. (s.d) *Minima Moralia,* op. cit., p. 22.
[108] SIMMEL, George. O Estrangeiro. In: MORAES FILHO, Evaristo. (Org.). *Sociologia,* op. cit., p. 185.

Este é o caso, por exemplo, do intelectual periférico de Ricardo Piglia, que por se encontrar deslocado em razão do exílio, tem condições de transitar entre duas realidades: a "periferia" e a "metrópole". Para o escritor argentino: *"hay cierta ventaja, a veces, en no estar en el centro. Mirar las cosas de un lugar levemente marginal. [...] Este mirar al sesgo nos daría una percepción, quizá, diferente, específica"*.[109] Dito isso, pretendemos averiguar se o distanciamento vivenciado por Octavio Brandão, a partir da experiência de seu exílio, contribuiu para a redefinição de suas análises da conjuntura sócio-política brasileira?

Sustentamos a hipótese de que, apesar dos obstáculos intrínsecos a essa condição que se encontrava, Brandão conseguiu se dedicar aos estudos, à produção intelectual e à atividade política. Conforme observou Pedro Cavalcanti e Jovelino Ramos, organizadores do livro *Memórias do exílio*, coletânea edificada a partir de depoimentos fornecidos por acadêmicos, artistas, políticos, intelectuais e lideranças operárias (um número expressivo da vida pública nacional), forçados a deixar o país devido às contingências políticas, causando sofrimentos em razão dos seus posicionamentos, ainda assim, esses "maus brasileiros" insistem em manter-se engajados politicamente no país de destino. Aliás, para aqueles pesquisadores mencionados anteriormente: "[...] isto parece ser típico da situação do exílio, um dos traços que o distingue da emigração de fundo econômico (os exilados insistem em ser agentes políticos, apesar de viverem como estrangeiros)".[110] Em linhas gerais, a insistência em querer se envolver ativamente nas discussões políticas talvez possa ser interpretada como forma de encontrar forças para encarar a situação angustiante em que se encontrava, ou ainda, uma maneira de se sentirem úteis, capazes de contribuir com o país do asilo – outra situação repetidamente narrada pelos exilados políticos, o problema no tocante às angústias e frustrações por viverem suas vidas de maneira "transitória", ou seja, sem fincar raízes no novo país, e sem a possibilidade de atuar na sua área de formação.

Nesse caso, o exílio como é entendido como "uma fase transitória, uma 'vida entre parênteses', situada como que fora da 'vida real' que o desterrado manteve em sua pátria".[111] Muitos exilados, inclusive, encontravam-se nessa condição incômoda por um

---

[109] PIGLIA, Ricardo. Uma propuesta para el nuevo milênio. Margens/márgenes. *Caderno de cultura*/ nº2 /out. 2001. Belo Horizonte/Mar del Plata/Buenos Aires, p. 01.
[110] CAVALCANTI, Pedro Celso Uchôa; RAMOS, Jovelino (Orgs.). *Memórias do exílio: Brasil (1964-19??). De muitos caminhos.* Vol.1, São Paulo: Editora e Livraria Livramento. São Paulo, 1978, p. 10.
[111] RONIGER, Luis. Reflexões sobre o exílio como tema de investigação: avanços teóricos e desafios. In: QUADRAT, Samantha Viz. *Caminhos cruzados: história e memória dos exílios latino-americanos no século XX.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p. 44.

longo período, sem perspectiva de retomar seus antigos ofícios. Para esses casos, o tempo havia se tornado o adversário a ser superado. Aliás, o novo conceito de tempo imposto ao intelectual exilado se constitui uma experiência angustiante, pois se transforma em um fator gerador de tensão entre o homem e o espaço. A pesquisadora Miriam Lilian Volpe define essa condição como "tempos simultâneos":

> [...] pois o exilado seria despojado não só de sua terra mas também dos acontecimentos de seu tempo que transcorre em seu país enquanto ele está fora. Também, é frequente que, durante o exílio, se viva em dois tempos simultâneos, no presente da terra que acolhe e no passado que se deixou para trás, sendo que este último pode tiranizar o presente pela nostalgia do que se perdeu.[112]

O exilado é aquele que foi impedido de participar da vida política e cultural de seu país, que foi retirado do convívio de seus familiares. Trata-se, portanto, de uma condição traumática, ao qual os sujeitos submetidos a essa dolorosa condição se lançam num abismo intransponível, que muitas vezes acaba por limitar sua capacidade criativa/ produtiva.[113] Além disso, conforme observa Helenice Rodrigues da Silva, os exilados políticos encararam essa situação da deportação como uma "ferida narcísea", interpretada pelos sujeitos como uma derrota individual e coletiva. Nos casos mais traumáticos, provocados por uma experiência violenta e repressora, os exilados, em um primeiro instante, são tomados por uma sensação de heroísmo, e o seu estado mental assemelha-se à esquizofrenia, uma vez que diferentemente do corpo que se encontra no país de destino, a cabeça permanece atrelada à sua terra de origem, podendo ocasionar crise de identidade.[114] No caso de Brandão, que tinha a intenção de mudar a face do país, a realidade dos mais pobres e idealizava a revolução brasileira, com o exílio isso foi impossibilitado. Nossa hipótese é a de que os efeitos desse distanciamento geográfico, linguístico e cultural se enraizaram em seu pensamento, provocando uma sensação de perda, angústia e revolta, conforme veremos mais à frente.

No contexto posterior ao golpe de Getúlio Vargas ocorrido em 1930, a repressão praticada pela polícia política às lideranças do movimento operário não conhecia limites, militantes eram deportados sob a acusação fantasiosa de que se tratavam de estrangeiros

---

[112] VOLPE, Miriam L. *Geografias de exílio,* op. cit., p. 82.
[113] CORTÁZAR, Julio. América Latina: exílio e literatura. In: *Obra Crítica 3.* Organização de Saul Sosnowski. Tradução de Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 149.
[114] RODRIGUES DA SILVA, Helenice & KOHLER, Heliane. *Travessias e cruzamentos culturais: a mobilidade em questão,* op. cit., p. 32.

indesejáveis, responsáveis por provocar atividades subversivas. Em conformidade com Paulo Sérgio Pinheiro: "Sob o disfarce da expulsão de estrangeiros residentes, alguns operários militantes, brasileiros, serão exilados à força e enviados à Europa – entre eles estava Octávio Brandão. Em junho de 1931, foi tirado de uma prisão no Rio e deportado, com a mulher Laura e três crianças, para Bremen, na Alemanha".[115]

À guisa de encerramento, o objetivo pretendido desse nosso capítulo foi pensar possibilidades de análise teórico-metodológicas, a fim de nos permitir acompanhar alguns aspectos significativos da história da trajetória de vida e as memórias políticos do intelectual Octávio Brandão. Para esse propósito, lançaremos mão de suas memórias autobiográficas, correspondências ativas e passivas, caderno de anotações pessoais, poemas, artigos inéditos e aqueles publicados na imprensa operária e em revistas especializadas no debate intelectual, relatórios de polícia e depoimentos. O intuito é a partir da análise de toda essa documentação elucidar alguns aspectos centrais de sua trajetória de vida e engajamento político nos debates intelectuais de sua época, com a intenção de compreender os motivos do silenciamento de sua memória, assim como o isolamento político a que foi submetido pelos dirigentes pecebistas e pela direção da Internacional Comunista na União Soviética durante o período do seu exílio. Essa foi umas das razões que despertou nosso interesse pela história e pela personagem de Octávio Brandão. Afinal, suas memórias podem nos trazer elementos esclarecedores das relações de poder nos bastidores do PCB, bem como as disputas de narrativas em questão pela legitimação memorial e política. Enfim, seguramente Brandão tinha motivos para escrever suas memórias autobiográficas, aliás vários motivos. Desse modo, as categorias de análise da história autobiográfica e história intelectual certamente nos permitirá entender questões essenciais do passado de luta das esquerdas brasileiras, que ainda permanecem encobertos por uma história oficial.

Enfim, para os sujeitos que se encontram fora do lugar na condição de exilado, o distanciamento espacial e cultural pode resultar em algumas vantagens, ao possibilitar o desenvolvimento de uma consciência de mundo menos conformista. Se, por um lado, o exílio é frequentemente narrado como sendo uma experiência solitária e nostálgica, um corte doloroso que separa o sujeito do seu meio social, por outro lado, também não deixa de ser verdade que as oportunidades que se abrem a partir dele são enormes, podendo se configurar em um privilégio epistemológico, ao fornecer as condições ideais para um

---

[115] PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão: a revolução mundial e o Brasil (1922-1935),* op. cit., p. 260.

pensamento crítico, a renovação cultural e a própria reconstrução identitária do sujeito.

3 UMA VIDA EM DOIS TEMPOS: AS MEMÓRIAS DO EXÍLIO

> E logo adiante da fronteira entre "nós" e os "outros" está o perigoso território do não pertencer, para o qual, em tempos primitivos, as pessoas eram banidas e onde, na era moderna, imensos agregados de humanidade permanecem como refugiados e pessoas deslocadas.
> (SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio)

> A separação do país de origem significa mais do que uma falta de contato com a terra e as casas, é também um grupo de sentimentos e crenças [...] uma condição mental, mais do que material [...] a questão que estou levantando é a de se as estruturas internas do exílio não seriam fundamentais, sendo a locação geográfica de importância secundária.
> (ILIE, Paul. Literature and inner exile)

O sentimento de não pertencimento descrito por Said e a condição mental do exilado por Ilie ilustram a temática que será abordada neste capítulo. O sofrimento e angústia intrínsecos à condição de desterrado foram vivenciado por Octavio Brandão na União Soviética, no começo dos anos 30. Tal deslocamento pode ter oportunizado ao intelectual conhecer novas percepções políticas ao entrar em contato com outro contexto sociocultural, uma experiência singular no centro da ideologia comunista.

Além disso, poderíamos supor que, nessas condições, o intelectual repensasse alguns aspectos do seu passado como dirigente pecebista, assim como idealizador da revolução brasileira. Enfim, procuramos apreender as diferentes percepções registradas em suas memórias acerca da vida na União Soviética, bem como sua condição de exilado político, apresentado na próxima seção. Para que possamos depurar a construção da narrativa realizada pelo autobiografado, apoiamo-nos nas abordagens da categoria da memória, em particular, as orientações sugeridas por Leonor Arfuch e Michael Pollak, e, para nos ajudar a entender as implicações provocados pelo exílio político no percurso de vida do personagem, dialogaremos com as reflexões sugeridas por Edward Said e Theodor Adorno.

3.1 Viver na União Soviética e as memórias do exílio

Em 18 de junho de 1931, após amargar 56 dias preso em uma cela apertada, sem

acesso à luz do sol e ventilação, na Casa de Detenção[116], Brandão e outras lideranças operárias foram escoltados por policiais até o cais localizado na Praça Mauá, região central do Rio de Janeiro.[117] De lá, foram conduzidos até o navio alemão *Weser,* que iria transportá-los até a Europa. Estavam sendo deportados; era o início de um longo exílio afastado do Brasil. Em suas memórias afetivas, lamentou esse episódio tomado pelo sentimento de angústia:

> Triste com a deportação, profundamente amargurado, doente em consequência das prisões e perseguições, eu levava o coração cheio de saudades e nostalgias – de Alagoas, do Brasil, do amor materno, dos amigos e camaradas. Baixei a fronte, sob o peso de tantas dores e amarguras, injustiças e incompreensões. Depois, levantei a cabeça altivamente, em sinal de revolta, num desafio à adversidade e ao regime social dominante. Ao meu lado, diante da paisagem maravilhosa, no convés do navio, Laura lançou os olhos, despediu-se dos lugares queridos. Via a terra natal pela última e derradeira vez na vida. Suas lágrimas foram rolando.[118]

Brandão, Laura e as três filhas pequenas desembarcaram inicialmente em Lisboa. De lá, seguiram viagem em direção à Bremen, na Alemanha. Em suas memórias, recorda que os 23 dias de viagem ocorreram em condições difíceis, pois encontrava-se com a saúde fragilizada em razão do período que permaneceu preso.[119] Para piorar, durante a

---

[116] Nos relatórios de polícia, consta que Brandão foi preso por atividade subversiva, e por haver difundido publicamente as ideias comunistas. Segue abaixo o informe do relatório policial: "[...] foi também aqui recolhido, apresentado com o officio dessa Delegacia n.º 6 s/data, assignado pelo Tte. Egon Prestes Pinto, pelo 4º Delegado Auxiliar, o ex-intendente Octávio Brandão, que por se haver tornado inconveniente neste estabelecimento, pretendendo subverter a ordem por meio de discursos em que eram realçadas ás ideas communistas, foi transferido para a Casa de Detenção". Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. *Ofício emitido pela 14ª Delegacia da Casa de Correção.* Rio de Janeiro, 30.10.1930.

[117] No Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, consta em seu prontuário um recorte de jornal em língua espanhola informando a deportação da família de Brandão pelo governo de Vargas. É interessante notar na reportagem que Brandão foi apresentado como um intelectual conhecido em toda América Latina. Reproduzimos, a seguir, a matéria: *"A última hora recibimos la noticia del embarque sigiloso de Octavio Brandão y su família, realizado por el gobierno de Getúlio Vargas em el Cap. Arcona com destino a Europa. Brandão, dirigente abnegado del movimento revolucionario brasileño, ex-concejal comunista de Rio de Janeiro uno de los fundadores e de la CGTB., intelectual de injundia bien conocido en América Latina, después de sufir los mais abyectos véjames de la ditadura a quien canta loas Mauricio de Lacerda; enfermo de gravedad y sin recursos, es brutalmente expatriado por los verdugos del proletariado brasileño, agentes cínicos del imperialismo! Luchemos contra la ditadura brasileña y por los centenares de obreiros luchadores que gimen en las cárceles de Getúlio Vargas y en la Isla Fernando de Noronha!"* Arquivo Público do estado do Rio de Janeiro. Setor: Prontuário OB, pasta: DESPS, folha: 2077, caixa 12.

[118] BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas.* Vol. 1., op. cit., p. 406.

[119] Durante esse período, a saúde de Brandão ficou debilitada em razão de uma bronquite que contraiu. Laura protestou incansavelmente para que o marido recebesse atendimento médico e fosse tratado em um hospital. Os protestos surtiram efeito, Brandão foi transferido para o Hospital da Polícia Militar onde recebeu atendimento que salvou sua vida. A companheira que sempre apoiou o marido, mesmo nos momentos mais difíceis, ainda conseguiu enviar secretamente um bilhete para ele. No papel, é possível perceber o desabafo de alguém que já não suportava tantos sofrimentos. É possível identificar também uma demonstração de amor incondicional pelo marido. Assim falava Laura: "O P.C. é uma perene fonte de

viagem contraiu gripe, resultando em uma pneumonia. Rememora, igualmente, a experiência angustiante que viveu nos primeiros dias do exílio, em Bremen, assim como o suporte que recebeu de sua esposa para lidar com o sentimento de desolação que tomou conta de si naquele momento:

> Os cinco exilados brasileiros cortaram o Oceano Atlântico. Estiveram em Lisboa. Sulcaram o Mar do Norte, através de tremenda tempestade. Saltaram em Bremenhafen. Seguiram de trem até Bremen. Desceram nesta cidade à noite de 9 de julho de 1931. Segui pelas ruas, muito triste. Doente, fui arrastando-me, amparado por Laura.[120]

No caso dessas memórias afetivas abalizadas por uma forte carga de sofrimento, evidentemente que devemos levar em conta a subjetividade em torno dessa experiência traumática, transformada em lembrança e, posteriormente, registrada no papel. Uma vez que jamais acessaremos a dor do outro, conhecemos apenas aquilo que está sendo narrado.[121] No entanto, podemos arriscar afirmar que a tristeza da partida na condição de deportado foi mais impactante que a moléstia em si, o sofrimento de haver sido despojado dos acontecimentos de seu tempo, deixando para trás amigos, familiares e sua terra natal, sem nenhuma certeza de que voltaria a vê-los novamente, provocou uma amargura difícil de suportar, sentimento que o acompanhou durante toda sua existência, podendo ser identificado em suas memórias.[122] De tal modo, o exílio impôs ao intelectual uma sensação angustiante, passando a viver em dois "tempos simultâneos", o presente na acolhida e a lembrança do passado que deixou para trás.[123]

---

sofrimentos. O teu amor era bálsamo, o meu encanto, a minha força, a minha luz, minha glória. Tú, só tu me compreendias! No teu amor é que eu bebia forças para suportar essa longa amargura que tem sido minha vida". Manuscrito de Laura, datado de 10 de janeiro de 1931. *Fundo Octávio Brandão* – Arquivo Edgard Leuenrouth/UNICAMP.

[120] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 59.

[121] CANDAU, JOEL. *Antropologia da Memória,* op. cit., p. 87.

[122] Aqueles sujeitos que experimentam essa sensação angustiante guardam uma amargura por haver sido retirado de sua cultura, sofrem uma tristeza difícil de suportar. SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios,* op. cit., p. 46. Nessas condições penosas, o intelectual exilado encontrava-se em um abismo quase intransponível, difícil de controlar.

[123] VOLPE, Miriam L. *Geografias de exílio,* op. cit., p. 82.

Figura 1: Família Brandão a bordo do navio Weser sendo deportados para a Europa em junho de 1931. Coleção Particular pertencente à Dionysa Brandão Rocha.

Figura 2: Octavio Brandão e as três filhas: Sattva, Dionysa e Vólia a bordo do Weser, 27 de junho de 1931. *(Fundo Octavio Brandão, Arquivo Edgard LEUENROTH/UNICAMP, Campinas, SP.).*

Em Bremen, permaneceram por pouco tempo. Hospedaram-se na casa do cônsul brasileiro Josias Leão[124], passaram o dia e a noite descansando, somente no dia seguinte seguiram viagem para o destino pretendido, a cidade de Berlim, onde foram acolhidos, inicialmente, pelos membros do Socorro Vermelho. De lá, foram encaminhados para a casa de uma família de operários, que abriram as portas para receber os exilados. O acolhimento recebido ajudou a tranquilizar um pouco Brandão e Laura, de tal modo que já no dia seguinte fizeram um passeio guiado pelos anfitriões, caminharam pelas ruas da cidade e visitaram os túmulos de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht. Muito embora, é provável que não conhecessem os autores, pelo menos não localizamos em seus escritos qualquer referência ao pensamento dos teóricos e dirigentes da Socialdemocracia alemã. Em relação ao turismo nada convencional para conhecer os túmulos, segundo Bernardes (2007), pode estar relacionado às circunstâncias trágicas da morte de Rosa, ocorrido recentemente, no ano de 1919. Certamente provocou um impacto nos operários alemães, motivo pelo qual sugeriram que conhecessem o cemitério.[125]

Brandão parecia estar confortável na Alemanha, fez até planos de permanecer por um tempo no país[126], porquanto, pretendia aprofundar seus estudos de alemão e conhecer Weimar, a cidade do escritor Goethe. Esse foi um raro momento de sossego enquanto estiveram em Berlim, pois, dois dias após o desembarque, foi intimado a se apresentar à polícia para receber uma notificação, obrigando-o a deixar imediatamente o país, caso contrário, se desrespeitasse a ordem, corria o risco de amargar seis meses de cárcere e serem deportados para o Brasil.[127] Diante dessa situação imprevista, Brandão realizou uma solicitação de asilo à União Soviética e, no mesmo dia, recebeu permissão para

---

[124] BIANCHI, Álvaro. Octávio Brandão e o confisco da memória: nota à margem da história do comunismo brasileiro. In: *Revista Crítica Marxista,* n.º34, Campinas: Fundação Editora da Unesp, 2012, p. 11. O fato de haver aceitado se hospedar na residência de Josias Leão, um ex-integrante do PCB, expulso sob a acusação de traição, custaria muito caro para Brandão, em particular, para suas pretensões políticas na União Soviética, conforme demonstraremos mais adiante, na sequência da pesquisa.

[125] BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política.* Campinas: UNICAMP/CMU, 2007, p. 136.

[126] É preciso diferenciar as categorias de "exílio político" e "exílio voluntário", pois se referem a percepções distintas acerca da experiência de deslocamento. Enquanto o segundo caso pode ocasionar uma sensação libertadora para os indivíduos, abrindo novas frentes e possibilidades no estrangeiro a partir do intercâmbio de ideias por sua inserção no campo cultural. Encontravam-se nessa situação, por exemplo, os estudantes brasileiros, que durante a intensificação das perseguições políticas ocorridas no contexto da ditadura civil-militar, muitos deixaram o país voluntariamente e puderam dar continuidade a seus estudos e, até mesmo, seguir carreiras acadêmicas no estrangeiro. O primeiro caso, por sua vez, é entendido como algo temporário por parte daqueles que se encontram nessa condição, uma vez que a ideia do retorno ao seu país de origem está sempre no horizonte, suas vidas encontram entre parênteses, apenas esperando que as coisas se ajustem o mais rápido possível para voltar para casa, por mais interessante que possa ser a experiência e o acolhimento no país escolhido para viver o exílio. RODRIGUES DA SILVA, Helenice & KOHLER, Heliane. *Travessias e cruzamentos culturais: a mobilidade em questão,* op. cit., p. 32.

[127] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 59.

embarcar, um alívio para todos.[128]

A saída para Moscou foi às pressas, mal tiveram tempo para se despedir dos amigos e fazer as malas com as roupas de inverno recebidas do Socorro Vermelho, já que em breve chegaria o inverno. A respeito desse momento turbulento de sua vida, recordou tempos depois:

> Nessa hora atormentada, apelei para os trabalhadores da União Soviética. No mesmo dia, recebi o visto. Tomei o trem com Laura e as três crianças. Atravessamos toda a Prússia Oriental, Lituânia e a Letônia, sempre sobre a vigilância da polícia [...] Atravessamos a fronteira soviética, ao som de "A Internacional". Chegamos a Moscou a 15 de julho de 1931, às 13h.40 da tarde.[129]

Quando as recordações são evocadas pelos indivíduos, em particular, nos casos de indivíduos com idade já avançada, existe uma tendência natural da própria memória em acentuar aquelas lembranças mais agradáveis e, também uma disposição mental para suavizar, ou até mesmo apagar aquelas recordações desagradáveis. Nesse caso, pode-se considerar o esquecimento como um componente inseparável da própria memória, procedimento essencial para o seu funcionamento satisfatório.[130] Susan Suleiman utiliza o conceito de "memórias significativas" ao se referir a essa ação seletiva da memória, que aviva algumas impressões do passado ao passo que elimina outras, ou as deixa em suspenso.[131] Arrisco dizer, que no caso de Brandão, a experiência de uma segunda deportação consecutiva tenha provocado reações adversas na época do ocorrido, porém, a confirmação de uma vida melhor na URSS deve ter se cristalizado em sua memória de tal maneira que, quando essas reminiscências foram evocadas e, por conseguinte, registradas no papel, suas lembranças mais angustiantes referentes à segunda deportação já haviam sido suavizadas.

Assim que desembarcaram em Moscou, foram novamente recebidos pelo Socorro

---

[128] Para as historiadoras russas Liudmila Okuneva e Olga Okuneva, que escreveram recentemente um artigo sobre a vida da família Brandão na União Soviética, o fato de terem sido expulsos da Alemanha evitou um desfecho trágico para sua família, pois certamente teriam sido mortos após a chegada dos nazistas no poder
[128] OKUNEVA, Olga.; OKUNEVA, Liudmila. Do Brasil para a URSS e de volta: a trajetória de vida de Laura e Otavio Brandão. *Revista Eletrônica científica e educacional, História*. V.10. Edição 11 (85). Moscou, 2019, p. 07, (tradução realizada por meios eletrônicos).
[129] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2).* Rio de Janeiro, 1970, p. 59.
[130] MICHEL, Johann. Podemos falar de uma política do esquecimento? In: *Revista Memória em rede,* op. cit., p. 16.
[131] SULEIMAN, Susan. Amnésia e anistia: reflexões sobre o esquecimento e o perdão. In: SULEIMAN, Susan. *Crises de Memória e a Segunda Guerra Mundial.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

Vermelho Internacional (em russo a sigla utilizada é MOPR) e, na sequência, direcionados para a Casa dos Emigrados Políticos, residência onde viveriam por dois meses. Diante da situação imposta pela deportação e a impossibilidade de retornar para casa, viver na União Soviética, no centro do socialismo global, era uma experiência única, o sonho de muitos camaradas comunistas. Seguramente Brandão e Laura encontravam-se carregados de expectativas em relação ao futuro no país. Laura foi quem relatou as primeiras impressões sobre a vida na URSS, assim como o estado de espírito de Brandão naqueles dias. Segundo o seu relato, vivia um momento raro de calmaria em meio a tantos tormentos vividos nas prisões do Brasil. A carta endereçada à sua mãe foi escrita pouco mais de dois meses após a chegada em Moscou. Assim registrou Laura:

> [...] nós aqui estamos muito bem. O Octávio diz que nunca teve tanta paz de espírito. A Rússia nova é uma terra de trabalho; a palavra que mais se ouve aqui é *robotnik,* que quer dizer operário. Nós mulheres aqui ocupamos todos os lugares, com maior naturalidade e a maior capacidade, desde um cargo político de responsabilidade até a um lugar de varredora de rua ou condutora e motorneira de bonde [...] e tudo numa alegria sã de quem sabe ser independente! As mulheres ocupam todos os lugares, e nem se diga que isso altera ou sacrifica o instinto maternal. Nunca vi tanto recém-nascido e nem tanta criança por nascer, como aqui em moscou. A Rússia nova é uma grande terra, que cada dia melhora mais. Gente sem preconceito, gente sem requintes, sem decadência – gente do trabalho![132]

As primeiras impressões acerca do cotidiano soviético foram animadoras para Laura, estava fascinada com as condições de vida do proletariado, em particular, com a atmosfera de independência vivenciada pelas mulheres operárias, sem os preconceitos de gênero e de classe, sendo possível observá-las em vários estratos da sociedade. Seguramente, Laura estava comparando com a realidade brasileira, na qual a noção de cidadania ainda era incipiente, sobretudo para o gênero feminino. Aliás, essa realidade ela conhecia muito bem. Brandão, por sua vez, em suas memórias recordou que estava naquele momento determinado a aprofundar nos estudos marxistas e, igualmente, pensar na construção da revolução brasileira. A esse respeito, relatou:

> Tracei o plano: Aprofundar o materialismo dialético e o materialismo histórico de Marx, Engels e Lênin. Continuar a luta pela libertação nacional e social do Brasil e da América Latina.

[132] Na primeira carta enviada à mãe de Laura, encontra-se informações sobre a viagem para o exílio, datada de 17 de setembro de 1931, depositado no *Fundo Octávio Brandão*/ Arquivo Edgard Leuenrouth, pasta 118.

> Popularizar as conquistas da união Soviética. Batalhar pela paz mundial, contra a reação, a guerra e o imperialismo. Dar alegrias à esposa e educar as filhas.[133]

O entusiasmo tomou conta de si, abrindo novas possibilidades para o intelectual exilado. Aliás, se tomarmos como referência os últimos anos no Brasil, estava por baixo, ainda sofrendo com os efeitos das críticas direcionadas à sua pessoa enquanto esteve à frente do PCB, na condição de dirigente político, sendo responsabilizado pelos supostos equívocos interpretativos referentes à tese da revolução brasileira, e acusado de teórico-pequeno burguês. Por vezes, sentia-se incompreendido por seus camaradas.

A longa militância de Brandão pelo PCB foi, desde o início, marcada por tensões, motivo pelo qual foi frequentemente constrangido a realizar autocríticas e a se retratar em razão de seu posicionamento político. Aliás, em diversos momentos quase foi expulso do partido, acusado de desvios interpretativos, seguidor de uma linha política equivocada e por não apoiar a tese da revolução soviética imediata.

O primeiro momento de conflito ocorreu em abril de 1930, durante a conferência internacional dos partidos comunistas em Buenos Aires, na Argentina. Na ocasião, foi autorizado a falar na cerimônia em nome da direção do partido, apresentando um balanço das ações políticas voltadas para a construção da revolução comunista no Brasil.

A estratégia defendida por Brandão havia sido anteriormente debatida e aceita pelos pecebistas na ocasião do "III Congresso do PCB", em 1928. O então dirigente havia formulado a teoria revolucionária "por etapas" e proposto um "pacto democrático nacional-popular" como forma de contrapor o projeto de modernização empreendido pela burguesia e apoiado pelos militares. Porém, essa tática foi duramente criticada em Buenos Aires pelos dirigentes da IC, que procuravam consolidar sua influência política-ideológica nos PCs da América Latina. Brandão, um dos principais articulares políticos do PCB foi responsabilizado pelos supostos desvios interpretativos, sendo constrangido a se retratar publicamente por meio de uma autocrítica reconhecendo os erros cometidos.[134]

Após as duras repreensões dos dirigentes da IC que participavam da cerimônia e, categoricamente, reprovaram a estratégia política defendida por Brandão e pelos demais dirigentes pecebistas, Brandão sentiu-se, desde então, isolado e traído por seus próprios

---

[133] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 60.
[134] BRANDÃO, Octavio. "O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa". *Autocrítica.* n.º6, 12-15-1928. O referido artigo também pode ser localizado, na íntegra, no anexo no livro de Michel Zaidan Filho, *PCB (1929-1928): na busca das origens de um marxismo nacional,* op. cit., pp.121-133.

camaradas que, segundo relatou, nada fizeram para ajudá-lo a defender-se das acusações. Tempos depois, em tom de desabafo, relembrou desse fatídico episódio, responsável por marcar sua trajetória ao comprometer suas pretensões políticas dentro do partido: "Foi um 'prêmio' por tantos combates, batalhas e vitórias. Em nome da absurda Revolução Soviética imediata para o Brasil da época, fui duramente combatido".[135] Registrou que ouviu dezesseis discursos de ataques, a maioria deles, eram ofensas pessoais. Aliás, pareceu-lhe que o intuito dessa rajada de críticas e acusações seria para desqualificar sua vida, obra e luta.[136] Dentre os julgamentos mais graves mencionados[137] pelo autor: foi culpado pelos supostos desvios ideológicos graves ao sugerir uma aliança com os tenentes; por conta de sua interpretação equivocada da conjuntura histórica nacional esboçada em sua obra *Agrarismo e industrialismo* e, igualmente, em razão de sua adesão à tese da revolução democrático pequeno-burguesa.[138] Para Pedro Roberto Ferreira:

> Restava a Brandão e seus companheiros de partido a defesa de uma burguesia industrial progressista, todavia, esta somente existiria na revolução de 1924 quando projetada nos tenentes. A revolução democrática, defendida no 2º Congresso dos Comunistas, enfrenta um sério problema justamente em relação ao seu ator principal. Não podendo contar com aquele que lhe seria natural, toma-o emprestado de um segmento comprometido com a manutenção da ordem político-social. Esse empréstimo, à revelia da burguesia industrial, contraria o sentido de uma revolução democrático-popular, porque inverte o espaço da articulação das forças sociais.[139]

Ao ser entrevistado pelo jornalista Renato Lessa se, posteriormente, a IC havia feito justiça, desabafou, outra vez, em tom de revolta: "Nunca! Morreu e nunca fez justiça".[140] O sentimento de desapontamento foi igualmente estendido aos camaradas mais próximos, como é o caso do secretário-geral do PCB e amigo pessoal Astrojildo

---

[135] BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas.* Vol. 1., op. cit., p. 378.
[136] *id. ibid.* p. 378.
[137] Abraham Guralski, dirigente da Seção da Internacional Comunista da América Latina (SSA-IC) as duras críticas que quase resultaram na expulsão de Brandão do partido. De acordo com o testemunho de Heitor Ferreira Lima: "Ao que me lembro, por cartas por mim recebidas de Astrojildo, os problemas e as críticas foram às mesmas de Moscou, sendo, porém, Octávio Brandão responsabilizado pelos desvios. No entanto, os escritos de Brandão não representavam sua opinião pessoal e única, e, sim, constituíam o pensamento oficial da direção do PCB. A paternidade individual que lhe foi atribuída magoou profundamente Brandão, deixando-o abaladíssimo, chegando-se mesmo a temer por um possível desatino seu, dada a virulência das críticas "à moda Guralski, naturalmente". LIMA, Heitor Ferreira. *Caminhos percorridos: memórias de* militância. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 106.
[138] DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e comunistas no Brasil,* op. cit., p. 366.
[139] FERREIRA, Pedro Roberto. *O conceito de revolução da esquerda brasileira: 1920-1946,* op. cit., p. 93.
[140] REGO, Octávio Brandão. *Octávio Brandão (depoimento 1977)*, Rio de Janeiro: CPDOC, 1993. dat. p. 49.

Pereira[141] que, segundo relatou, teria deixado toda responsabilidade recair sobre suas costas, mesmo sabendo dos riscos que corria de ser expulso do partido, conforme se observa no desabafo a seguir: "[...] encolheu-se covardemente. Mas uma coisa triste! Eu digo: 'Como, depois de tantos anos de luta? Ele era meu amigo número um e capitula assim?' Então, eu estava sozinho e ia ser expulso como traidor. E acabou-se, nunca me fariam justiça e nunca me permitiriam fazer nada de nada. Fiquei cinco anos e meio no ostracismo".[142] Não obstante, cabe registrar que Astrojildo também sofreu com as severas críticas na conferência de Buenos Aires, contudo, aceitou fazer uma autocrítica acerca dos supostos erros cometidos procurando não polemizar, acatando prontamente a orientação política defendida pela IC, como se pode observar no seu comentário ao Pleno Ampliado do SSA-IC:

> A delegação brasileira manifesta-se completamente de acordo com a linha política deste Plenum relativa à proletarização de nossos partidos e sua direção. Sobretudo para o PCB, que deve realizar uma reviravolta radical em toda sua política e seus métodos de trabalho conforme a linha da Resolução da IC. [...] Praticamente esta proletarização deverá efetuar-se: por uma autocrítica severa dos erros e debilidades do partido decorrente de uma linha política falsa, libertando-o definitivamente da ideologia pequeno-burguesa que o tem dominado até aqui [...] e por uma consequente modificação na composição do CC, a ser renovado em próxima Conferência do partido, segundo um critério que assegure absoluta preponderância de proletários ligados diretamente Às grandes empresas e provados pelos últimos combates de classe [...].[143]

Até meados de 1930, havia um ambiente de liberdade interpretativa para os PCs definirem suas táticas de lutas, contudo essa política de tolerância foi sendo radicalmente

---

[141] Essa crítica ao amigo será retomada em seu artigo "Combates da Classe Operária", de 1963. Ao comentar o livro *Formação do PCB* de Astrojildo, questionou as supostas omissões e silenciamentos do ex-dirigente em relação aos acontecimentos políticos que marcaram a trajetória do partido entre os anos de 1929 e 1930. Divergiu quanto ao recorte temporal estabelecido pelo autor e, principalmente, por não ter sido sincero com seus interlocutores sobre a linha política adotada pelo PCB até 1930, que resultou em graves consequências para a direção pecebista, em particular, para o próprio Brandão, que quase foi expulso do partido. Portanto, se pergunta, o que teria levado Astrojildo a se silenciar diante de fatos tão significativos? A esse respeito, registrou: "O ano de 1920 foi importante. Mas não marcou linha divisória de espécie alguma. A ascensão do PC continuou até meados de 1929. Sua linha política não mudou, no fundamental. Sua direção, também. Por que, então, o livro termina em 1928? Portanto, o limite traçado pelo autor não tem conteúdo. É artificial. Quando muito, é meramente cronológico!" BRANDÃO, Octavio. "Combates da Classe operária". Rio de Janeiro, 1963. Disponível em: https://marxists.architexturez.net/portugues/brandao/ano/mes/combates.pdf Acesso em 16/10/2023.

[142] REGO, Octávio Brandão. *Octávio Brandão (depoimento 1977),* op. cit., p. 49.

[143] "Resposta de Astrojildo Pereira às críticas sofridas do Pleno Ampliado do SSA-IC de maio de 1930". Citado. In. DEL ROIO, Marcos. *A Classe operária na revolução burguesa: a política de alianças do PCB (1928-1935)*, op. cit., p.143.

alterada com o avanço do processo de bolchevização na IC, que passou a impor uma rígida disciplina aos partidos comunistas em toda parte. Esse processo se iniciou em 1928, na URSS, durante o VI Congresso dos Comunistas. Em conformidade com Paulo Sérgio Pinheiro:

> A estratégia e as táticas recomendadas aos comunistas brasileiros estão longe de ser específicas e devem ser situadas no padrão mais largo da evolução da IC. As características das novas táticas, definidas especialmente a partir de 1928, foram as mesmas em toda parte. [...] As acusações de que Astrojildo Pereira será alvo em Moscou, e Octávio Brandão em Buenos Aires, foram a repetição ritual das mesmas acusações brandidas contra dirigentes comunistas de países europeus. Entre 1928 e 1934, todos os partidos comunistas mudaram, em grande parte, suas características. Mesmo com as exclusões ocorridas por ocasião de cisões e com a rígida disciplina que era marca registrada do comunismo, os partidos comunistas do período anterior tinham conhecido alguma liberdade intelectual. Considerava-se normal haver um certo número de opiniões divergentes, algumas mais para a direita, outras para a esquerda".[144]

As implicações desse episódio foram trágicas para as pretensões políticas de Brandão. Logo após seu retorno de Buenos Aires, foi intimado a participar, às pressas, de uma reunião interna na sede do partido a fim de deliberar a acerca da situação da direção pecebista, que foi inteiramente dissolvida, atendendo a uma resolução da IC. De acordo com Marcos Del Roio: "A mudança na orientação política do PCB imposta pela IC pôs em crise o grupo dirigente do partido e isolou o movimento operário autônomo no processo de desagregação da dominação oligárquica e de início da revolução burguesa, facilitando a repressão estatal".[145] O ressentimento em relação aos dirigentes do PCB e da IC perduraram por toda sua existência, se enraizando em suas memórias conforme foi envelhecendo, como se pode notar na avaliação a seguir:

> Aderi ao PCB em condições penosas, nacionais e internacionais. Suportei 4 longos anos de estado de sítio, sempre lutando. Travei combates e batalhas vitoriosos. Membro da Comissão Central Executiva durante 7 anos. Depois de tudo isto, fui demitido da CCE, *em 5 minutos*, sem nenhuma cerimônia, em 1930, ao voltar de Buenos Aires, numa reunião em Niterói. De um lado, perseguido pela polícia. Do outro lado, hostilizado dentro do

---

[144] PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão: a revolução mundial e o Brasil (1922-1935),* op. cit., p. 197.

[145] DEL ROIO, Marcos. A formação de um quadro dirigente do PCB. In: PINHEIRO, Paulo Sérgio; DEL ROIO, Marcos. *Combates na história: A trajetória de Heitor Ferreira Lima.* Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: FAPESP, 1990, p. 137-159.

PCB.[146]

A autocrítica realizada pelo autor o livrou de ser banido do partido, por outro lado, implicou na aceitação da linha política defendida pela IC e o PCB, partidária da tese da "revolução soviética imediata no Brasil", estratégia que tanto discordava.

A mudança de ares parece ter renovado seu ânimo, pois já projetava os próximos passos, aproveitando a oportunidade que o exílio havia lhe proporcionado, fazendo planos para trabalhar como escritor, jornalista e tradutor, como forma de suportar sua condição. As energias pareciam estar direcionadas para a continuidade das atividades intelectuais, uma vez que pretendia ser útil no processo de consolidação do socialismo soviético, além de retomar seus estudos acerca da conjuntura política do Brasil.

Em sua construção narrativa, ao que parece, sentia-se motivado a continuar na luta em favor da construção do socialismo, e, por meio da autorreflexão realizada, dar ares de que havia se convencido de que não adiantaria se entregar aos lamentos impostos pelo exílio, parece haver se conscientizado que o melhor mesmo a fazer seria encarar a realidade de frente, e desempenhar o papel que lhe compete enquanto intelectual exilado, ou seja, exercer a função de crítico/resistente. Embora estejamos convencidos de que não chegou a desenvolver de modo pleno aquela consciência crítica tal como foi defendido por Said e Adorno, refiro-me à noção de intelectual *outsider*, ou seja, aquele que, por se encontrar de fora, à margem, e por não se enquadrar as normas e regras de nenhum Estado, configura-se como uma expressão do pensamento crítico na sociedade moderna[147], tendo condições de ver as coisas a partir de outro ângulo, possibilitando ao sujeito entrar em contato com a realidade histórica de seu país de origem de uma forma mais objetiva, ao permitir "[...] ver as coisas não apenas como elas são, mas como se tornaram o que são".[148]

Não nos resta dúvida de que o nosso sujeito de investigação exercia a função de "intelectual orgânico revolucionário", ou seja, expressava o compromisso do "intelectual militante" para transformar radicalmente a sociedade em favor das classes potencialmente revolucionárias.[149]

Convém observar que, para quem está chegando a um novo país, sobretudo na condição de exilado, impõe-se uma série de desafios a serem superados. Além do

---

[146] BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas.* Vol. 1, op. cit., p. 381.
[147] ADORNO, Theodor W. Adorno. *Minima Moralia: reflexões a partir da vida danificada.* 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 1993, p. 26-27.
[148] SAID, Edward. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993,* op. cit., p. 67-68.
[149] GRAMSCI, A. *Quaderni del cárcere.* Torino: Einaudi Editori, 1977, p. 478.

problema de o mercado de trabalho local ser competitivo, os exilados (tendo de recorrer a outras ocupações diferentes de sua formação profissional/acadêmica), frequentemente, tem de lidar com outro obstáculo complicado: o desconhecimento do novo idioma que, em geral, dificulta sua integração às comunidades intelectuais.[150] No caso de Brandão, havia um agravante, chegou à URSS sem qualquer documento que o vinculasse ao PCB. Como era de se imaginar, passou a ser visto com suspeita pelos camaradas do Socorro Vermelho.[151] Além disso, é preciso registrar que incialmente não foram reconhecidos como deportados políticos, sendo necessária a ajuda de Tina Modotti, responsável pelos latino-americanos na Casa de Emigrados de Moscou, para resolver esse imbróglio.[152] Modotti solicitou aos dirigentes pecebistas o envio de algum documento que comprovasse o vínculo de Brandão com o partido, sendo prontamente atendida por Heitor Ferreira Lima.[153] Segue o conteúdo:

> Caros Camaradas,
> O presente credencia o camarada Octávio Brandão, membro do Comitê Central do P.C. Brasileiro, que daqui partiu com sua família, expulso pelo governo de Getúlio Vargas de seu país.
> Saudações comunistas
> Barreto, pelo B.P. do C.C. Rio de Janeiro, 3 junho de 1931.[154]

---

[150] Brandão era formado em cultura política de esquerda e, no seu exílio, continuou militando ao lado dos intelectuais comunistas. Portanto, não houve uma mudança de perspectiva significativa em sua trajetória política-ideológica. As relações de sociabilidade estabelecidas, pelo que deu para acompanhar até o presente momento, era mais significativa com as comunidades de intelectuais formadas por estrangeiros, certamente por compartilhar experiências em comuns, além da identificação, é claro, de serem reconhecidos pela população local como estrangeiros. Nas recordações de Brandão, é possível ter uma ideia acerca das relações estabelecidas com alguns intelectuais estrangeiros: "Conheci personalidades de significação internacional. Quais? Jorge Dimítrov, o herói que travou a batalha no tribunal de Leipzig e derrotou o nazismo. Thaelmann, chefe do proletariado alemão. Dolores Ibarruri, a Passionária, heroína do povo espanhol. Katayama, japonês". BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 60. Brandão parecia não haver encontrado maiores dificuldades com o novo idioma, já nos primeiros meses arriscava realizar alguns discursos em russo, e a publicar artigos em jornais locais, favorecendo sua inserção nesses circuitos intelectuais.

[151] BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política,* op. cit., p. 138.

[152] CANALLE, Cristiane Barckhausen. *No rastro de Tina Modotti.* São Paulo: Alfa-Ômega, 1989, p. 180-181.

[153] Heitor Ferreira Lima foi alfaiate, líder sindical, escritor, historiador e membro do PCB, fez parte da geração de Brandão, Astrogildo e Pedrosa. Aliás, esteve presente em diversas fases da história do partido entre as décadas de 1920-1940. Em 1927, mudou-se para a União Soviética, a fim de aprofundar seus estudos acerca da teoria marxista pela Escola Leninista Internacional de Moscou". DEL ROIO, Marcos. A formação de um quadro dirigente do PCB. In: PINHEIRO, Paulo Sérgio; DEL ROIO, Marcos. *Combates na história: A trajetória de Heitor Ferreira Lima.* Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: FAPESP, 1990, p. 46. "O jovem bolchevique" retornou ao Brasil no começo de 1930, em um contexto bastante conturbado de nossa história. Fez o caminho inverso de Brandão, ademais, as semelhanças entre os dois intelectuais não param por aí. Apesar da abrangência de suas pesquisas, são considerados intérpretes renegados. Segundo John Dulles, Heitor Ferreira Lima usava o pseudônimo de Barreto. Motivo de constar essa assinatura no documento enviado à Tina Modotti para esclarecer a situação de Brandão. Cf.: John W. Foster Dulles. *Anarquistas e comunistas no Brasil,* op. cit., p. 402.

[154] Ainda, no referido documento, Modotti escreve: "Declaro que a presente é uma cópia integral do original que se encontra nos arquivos de MOPR. Departamento de Emigração Política. Tina Modotti (Referência

Uma vez esclarecida a situação, passaram a ser tratados com cordialidade pelos camaradas, e puderam, enfim, dizer que haviam chegado.[155] No entanto, a hospedagem na Casa de Emigrados durou pouco tempo; logo passaram a viver em um quarto no Hotel Lux, onde ocupavam o apartamento de número 103. O ambiente, apesar de ser pequeno, era relativamente confortável, pois possuía fogão a gás e duas janelas que permitiam uma boa circulação do ar no ambiente, porém, o problema era o banheiro, que ficava do lado de fora do quarto, tendo que compartilhar com outros moradores do mesmo andar, algo desconfortável, sobretudo, para Laura e as crianças pequenas. Foi somente em 1937 que ocuparam outro apartamento um pouco maior, nesse mesmo hotel.[156]

Nas recordações afetivas registradas em *A vida de um escritor*, fica evidente o sentimento de reconhecimento aos soviéticos por terem concedido asilo à sua família e, igualmente, por haver recebido um abrigo para viver. No referido texto, o autor narrou de forma nostálgica esse momento: "[os] trabalhadores da União Soviética fraternalmente abriram as portas à família de exilados brasileiros. Deram-lhes o pão, o teto e a possibilidade de continuar a luta pela libertação nacional e social do Brasil e da Humanidade".[157] Porém, apesar dessa experiência da recepção na URSS haver adquirido um aspecto positivo, com o passar do tempo essas recordações foram se transformando, e sendo ajustadas de acordo com sua condição no momento. Em sua reconstrução autobiográfica, por exemplo, o autor narra o cenário que encontrou pela frente no novo país de uma forma muito diferente daquela descrição feita no artigo "A vida de um escritor", como se observa no fragmento a seguir:

> Ao chegarmos, enviaram-nos à Casa do Emigrado Político, em Vorontzóvo Pólie. Aí, as condições de vida eram más. Depois, fomos morar no Hotel Lux, à rua Tverscáia. Mas o quarto era pobre e frio. O Socorro Vermelho Internacional, o MOPR, recusou reconhecer-me como emigrado político. Não quis ver que eu não podia voltar ao meu país. Só reconheceu depois da intervenção direta da própria Internacional Comunista.[158]

---

pelos Países da América Latina na C.E. do S.R.I.)". Documento datilografado e datado com carimbo de 3 de julho de 1931. Dispomos de uma cópia cedida por Dionysa Brandão. O original encontra-se no Arquivo da Internacional Comunista em Moscou – atual Centro da Rússia de Conservação e estudo de documentos da História Contemporânea – dossiê Octávio Brandão.

[155] BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política,* op. cit., p. 138.

[156] OKUNEVA, Olga.; OKUNEVA, Liudmila. Do Brasil para a URSS e de volta: a trajetória de vida de Laura e Otavio Brandão. *Revista Eletrônica científica e educacional, História*, op. cit., p.09, (tradução realizada com auxílio eletrônico).

[157] BRANDÃO, Octavio. "A vida de um escritor". S.l.,12.12.1970, 31p. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 114-b, [dat.].

[158] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 65.

Na construção narrativa realizada pelo autor, observa-se o esforço em equiparar as experiências de sua vida ao relato escrito, uma forma de aceitação positiva do "fabulismo da vida", com o seu caráter aberto e inacabado do processo vivencial.[159] Nota-se, nesses casos, o estabelecimento da dimensão simbólico-narrativa realizada pelo autor, como uma necessidade de subjetivação/identificação com a imagem que se pretende identificar no momento em que a recordação foi evocada. Dessa forma, no nosso modo de entender, a diferença de sentimento registrada nos dois relatos realizados por Brandão em momentos distintos de sua vida, certamente está conexa às "disputas pela memória política" do momento entre o autor e o PCB.[160] Enquanto no primeiro relato procurou exaltar o valor da aventura e experiência na URSS, enfatizando o horizonte de expectativas que abriu para si, por exemplo, a possibilidade de continuar sua luta em prol da construção do socialismo no Brasil (ainda que distante espacialmente de sua terra), no segundo, a recordação mais intensa parece ser aquela da indiferença em relação à forma como foram recepcionados no novo país: uma experiência angustiante e constrangedora para alguém que acabou de ser deportado por motivos políticos e, ainda por cima, ter de provar os motivos de sua partida e, igualmente, o seu histórico como militante comunista, para não ser confundido como traidor. Assim, sem qualquer menção honrosa e/ou reconhecimento, sua família teria de recomeçar a vida em um novo país em condições penosas.

Essas recordações narradas em suas memórias são análogas àquelas registradas por outros integrantes de sua família, que também enfatizaram aspectos, como as dificuldades enfrentadas para viver no novo país, assim como a indiferença com que os dirigentes comunistas trataram Brandão.

---

[159] ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea,* op. cit., p. 71.

[160] Para refletir acerca das "disputas pela memória política" entre Brandão e o PCB, algo recorrente em toda sua existência como militante comunista, são sugestivas as reflexões apontadas por Michael Pollak, que se utiliza do conceito de "enquadramento da memória" para entender os mecanismos intrínsecos ao processo de "rearrumação das memórias", responsável pelo estabelecimento de uma interpretação que se pretende hegemônica do passado. A esse respeito, observou Pollak: "O trabalho de enquadramento de memória se alimenta do material oferecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro". POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos,* op. cit., p. 08. No caso dos partidos políticos, esse trabalho de reinterpretação do passado, realizado pelo enquadramento da memória, configura-se como uma atividade potencialmente arriscada, por colocar em discussão antigas desavenças políticas do passado, que podem comprometer a identidade do grupo e do indivíduo no presente. Conforme adverte Pollak, é nesse momento extremamente custoso em termos políticos em que ocorre o reforço da identidade da organização, e também quando ocorrem as cisões. Destarte, sempre existirá um preço a ser pago pelo risco da rearrumação da memória. No caso dessas memórias de Brandão, observam-se as tensões políticas responsáveis por dificultar o seu enquadramento em relação às novas diretrizes definidas pelos dirigentes pecebistas, resultando no seu ostracismo político.

Em uma entrevista concedida à José Roberto Guedes de Oliveira no ano 2000, Valná Brandão Tchudínova evoca em suas memórias o ressentimento ao recordar o tratamento recebido por seu pai durante o período do exílio. Valná inicia a carta com a frase provocadora "Eu causo!", possivelmente indicando o manifesto "*J'Accuse*", publicado no jornal *L'Aurore* pelo escritor Emile Zóla, para expressar sua revolta em relação à condenação arbitrária sofrida por Alfred Dreyfus, acusado de traição à pátria. No caso de Valná, a expressão encontra-se igualmente carregada de significado, ao externalizar sua indignação em relação aos responsáveis por provocar sofrimentos ao seu pai, apesar dos anos de entrega ao partido que escolheu seguir. Foram diversas experiências dolorosas e perdas acumuladas ao longo de sua trajetória como militante comunista: as sucessivas perseguições policiais, prisões, torturas e exílio. Porém, ao que parece, a maior revolta de Valná foi em relação ao silenciamento imposto pelos camaradas pecebistas à memória de Brandão, assim como a diferença de tratamento em relação a outros dirigentes pecebistas, que gozavam de maior prestígio, como é o caso de Luiz Carlos Prestes. Vale aqui reproduzir, a título de exemplo, um pequeno trecho de seu depoimento:

> [...] A família Prestes EMIGROU do Brasil para a União Soviética em 1931, quando Luís Carlos ainda nem era membro do PCB. Em Moscou, esta família formada por seis membros (dona Leocádia e os seus cinco filhos adultos) foi instalada numa casa recém-construída (eram, na época, raríssimas na capital soviética, por causa da crise econômica no país causada pela 'coletivização' no campo), num apartamento de sala, vários cômodos, com cozinha, banheiro e outras dependências. A família Brandão fora EXPULSA do Brasil em 1931 por razões exclusivamente políticas, já tendo Octávio nove anos de militância no PCB e a eleição para intendente municipal em 1928 (o primeiro parlamentar comunista na História do Brasil). Pois bem, a família Brandão, como ia dizendo, também se compunha de seis membros, quatro dos quais eram crianças pequenas e eu, recém-nascida em 1932. Entretanto, toda esta tropa foi instalada num QUARTO do velho hotel 'Lux'. Era tão ordinário o tal quarto, que a primeira coisa de que me lembro na vida é um buraco no teto e a água pingando de cima numa bacia. Assim começara a DISCRIMINAÇÃO que duraria durante toda a vida de Octávio.[161]

O sentimento de injustiça parece haver se enraizado nas recordações de Valná e, externalizado por meio da narrativa, como um esforço de rememoração para fazer justiça,

[161] TCHUDÍNOVA, Valná Brandão. Recordando o meu pai (segunda parte). In: OLIVEIRA, José Roberto Guedes de (org.). *Cartas de Octávio Brandão: memória.* Florianópolis, Ed. da UFSC, 2005. p.45.

rompendo com o silêncio e restituindo o lugar por direito que o seu pai deveria ocupar na memória do PCB, e em sua luta pela construção do socialismo a serviço da IC. Nesse caso, o que está em disputa são as representações desse passado, condicionados pelas "políticas da memória". Desse modo, estamos inclinados a pensar como Reyes Mate, para quem "contra o esquecimento ergue-se a voz da testemunha. Ela sabe o que os demais esqueceram".[162] Nesse caso, podemos conjecturar que a tarefa da memória seria uma forma de intervenção da dimensão oculta dessa realidade, e o ato de recordar, o reconhecimento de que o presente foi construído sobre as injustiças do passado. Portanto, restituir o lugar de memória de Brandão, seria para Valná uma forma de fazer justiça: algo que a IC não fez e o PCB não realizou até hoje.

De volta a Moscou, estavam empenhados em tocar a vida, procurando se adaptar à nova realidade o mais rápido possível, uma vez que não havia expectativas de retornarem para o Brasil naquele momento.[163] O primeiro passo foi matricular as filhas pequenas na escola infantil, no intuito de iniciar o processo de alfabetização no novo idioma, além da essencial socialização com outras crianças. Laura, por sua vez, apesar das expectativas iniciais em relação às condições de trabalho das mulheres soviéticas, passou a se sentir desconfortável em razão das dificuldades encontradas para se inserir no mundo do trabalho, ocupando-se integralmente das atividades domésticas, o que certamente provocou seu espírito criativo de poetisa.[164] A situação de Brandão não era muito diferente daquela vivenciada por Laura. Nos primeiros meses, trabalhou de forma voluntária em atividades braçais, carregando lenha e terra para a construção do metrô.[165]

---

[162] MATE, Reyes. Autoridade da testemunha. In: MATE, Reyes. *Memórias de Auschwitz.* São Leopoldo: Nova Harmonia, 2005, p. 177.

[163] A mãe de Laura acreditava que a situação do Brasil pudesse melhorar e, por conseguinte, viabilizar o seu retorno. Entretanto, Laura parecia não ter as mesmas expectativas. Em uma carta enviada de Moscou datada do dia 03 de junho de 1932, comentava: "[...] já está desiludida da tal "Aliança Liberal"? Já compreendeu que isso irá assim de mal a pior até que o proletariado tome conta de tudo quanto é dele e da grande massa camponesa e reparta tudo pelos trabalhadores em geral, tudo que lhes foi roubado pelos fascistas nacionais e estrangeiros? Ah! O dia que assim for no Brasil, que felicidade". Carta manuscrita de Laura a Jacintinha – Moscou, 03 de junho de 1932. *Fundo Octávio brandão,* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta n.118.

[164] Laura passou por um período sem qualquer motivação para escrever poemas, sua capacidade criativa parece haver sido prejudicada em razão da situação em que se encontrava naquele momento, vendo as mulheres ocupando espaço no mercado de trabalho, e ela restrita às atividades domésticas. Além disso, conforme observa Bernardes, Laura "[...] tinha que aprender a conviver com o 'desconforto', compartilhar banheiro e cozinha coletivos, o que, para os hábitos de higiene a que estava acostumada, não deveria ser nada fácil. Os banheiros localizados no corredor, além de coletivos, eram mistos, o que contribuía para que fossem menos limpos ainda, sem falar da inexistência de papel higiênico" BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política,* op. cit., p. 142.

[165] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p.61.

Figura 3: Laura e as quatro filhas pequenas. Sátva a esquerda, Vólia em cima, Dionysa a direita, Valná em baixo a direita. Moscou 1935. Coleção particular de Dionysa Brandão Rocha.

O cenário foi descrito como sendo de muitas dificuldades e sacrifícios, os empregos, em geral, eram precários, existiam poucas oportunidades disponíveis no mundo do trabalho, especialmente para estrangeiros. Havia ainda outras questões desconfortáveis relatadas, como é o caso do frio intenso, assim como o cotidiano marcado por escassez de alimentos básicos. Assim registrou essas lembranças: "O frio, demasiado para os estrangeiros. A alimentação, insuficiente. As filas, enormes. Por toda parte, o racionamento. Faltavam a manteiga para o pão, o sabão para a higiene e a lã para o inverno".[166] O testemunho de Brandão é revelador das condições penosas que sua família teve de enfrentar, inseridos em um contexto que faltava o básico para a sobrevivência, como era comum para a maioria dos trabalhadores nacionais.

É essencial registrar que se encontrava na URSS em um contexto de profundas transformações. Há pouco havia iniciado a execução do I Plano Quinquenal (1928-1932), política implementada por Josef Stálin, cujo objetivo era modernizar a infraestrutura pesada do país, enfatizando os segmentos industriais, como o da construção civil, usinas hidrelétricas e metalúrgicas, além da efetivação da política de coletivização dos campos,

[166] *id. ibid.* p. 65.

voltada para assegurar o fornecimento de alimentos aos centros urbanos.[167]

Dessa forma, as diretrizes desse modelo de planejamento econômico não poderiam, em hipótese alguma, ser contrariadas. As metas verticais estabelecidas pelo Estado deveriam ser alcançadas a todo custo. Por esse motivo, alguns setores considerados estratégicos da economia receberam uma quota maior de investimentos, como se observa, por exemplo, nos setores das: "[...] indústrias de construção mecânica, armamentos, siderurgia, transportes, estradas de ferro e canais, energia elétrica, carvão e petróleo, os chamados *dinossauros comedores de ferro e aço*. A eles seriam destinados 78% dos investimentos totais".[168] Com isso, o setor industrial passou por um processo impressionante de expansão, resultado distinto daquele alcançado pelo setor agrícola, que encontrou dificuldades para decolar. Em parte, a razão disso, foi a forte resistência dos camponeses para cumprir as cotas sobre-humanas estabelecidas, além do enfrentamento de condições climáticas adversas e, principalmente, a sobrecarga dos camponeses ocasionada pela política de coletivização. Segundo Alec Nove (1973), a referida política, iniciada em agosto de 1929, partiu de um consenso da cúpula do PCUS, de que, para aumentar a capacidade de produção de grãos e cereais, seria necessário recorrer à coletivização, isso quer dizer, à criação de uma nova estratégia por parte do Estado para garantir a entrega da produção pelos camponeses por valores mais baixos. Desse modo:

> Aldeas enteras recibían la notificación de sus cupos de entrega y eran incitadas a colocar la carga máxima sobre los kulaks u otros indivíduos prósperos. Pero todos estaban condenados indefinidamente a entregar sus excedentes de cereal al Estado a precios bajos. [...] ya en la segunda mitad de 1929, sin ninguna declaración ni decreto específico al efecto. Es dicer, en determinadas zonas productoras de grano los kulaks fueron deliberadamente sobrecarregados en sus entregas de cereales, y después expropriados por desobediência.[169]

Essa mudança de perspectiva em relação ao setor econômico agrícola realizada por Stálin, colocou um ponto final na *Novaya ekonomicheskaya politika* (NEP), estratégia desenvolvida por Lênin no início da década de 20, que consistia na suspensão da

---

[167] Alec Nove discute sobre a dificuldade dos historiadores para investigar a política da URSS no início da década de 1930. Para o historiador, a fronteira que separa a propaganda e os acontecimentos reais é enorme, e encontra-se fortemente influenciada pela publicidade realizada pelo Partido Comunista da União Soviética (PCUS). Se é verdade por um lado que em 1956 houve a liberação de documentos inéditos, por outro lado, essa liberação foi abalizada por critérios seletivos.
[168] REIS FILHO, Daniel Aarão. *As Revoluções Russas e o Socialismo Soviético.* São Paulo: Editoria Unesp, 2003, p. 91-92.
[169] NOVE, Alec. *Historia económica de la Unión Soviética.* Madrid: Alianza Editorial, 1973, p. 168.

obrigatoriedade de os camponeses entregarem parte da produção de cereais e grãos ao Estado por valores baixos.[170] Com os novos decretos de fevereiro/julho de 1930, a situação dos camponeses se agravou consideravelmente, principalmente para os *Kulaks*[171], prisões e deportações se tornaram frequentes para os indivíduos que não cooperassem.[172] Para Nove (1973), que analisou documentos inéditos do arquivo do Comité do Partido de Smolensk, fazia parte dos planos de Stálin eliminar todos os *Kulaks*, aliás, utilizou-se, com frequência, desse dispositivo para expulsar do país pessoas que eram qualificadas como tal sem que fossem. Esse esforço pôde ser interpretado pelos membros da alta cúpula do partido como a última frente de combate interno contra o liberalismo e a classe exploradora. Ao mesmo tempo, o histórico de revoltas camponesas registrados nesse contexto (em razão das prisões/deportações) mostra que essa política fazia parte de um projeto para forçar os camponeses privados médios a ingressar no sistema de coletivização[173]; aqueles que se recusassem, seriam reprimidos ou conduzidos para a Sibéria. As implicações imediatas desse modelo de planejamento inflexível

---

[170] Apesar das diferentes estratégias, havia um consenso entre os dirigentes comunistas em relação ao papel desempenhado pelo setor agrícola, considerado essencial para o crescimento da economia do país, uma vez que a maioria da população se encontrava no campo. Além disso, havia a compreensão da necessidade de assegurar o abastecimento dos centros urbanos, que se encontrava em expansão. Entretanto, ao compararmos a produção do setor agrícola na época da NEP ao desempenho alcançado pelo I Plano Quinquenal, verifica-se o desastre estrondoso que foi essa última estratégia: "Em 1928, último ano em que, mal ou bem, as orientações da NEP prevaleceram, a colheita de cereais alcançou 73,3 milhões de toneladas. Nos dez anos seguintes, exceção feita a 1937, quando as condições atmosféricas eram excepcionais, a agricultura soviética não ultrapassaria esse patamar, permanecendo, ao contrário, e frequentemente, abaixo dele. Em relação ao gado, as perdas foram ainda maiores. No curso do I Plano Quinquenal, os rebanhos diminuíram em mais de 50%, destruídos pelos camponeses revoltados. Em 1940, os índices ainda eram inferiores em 17% ao último ano da NEP (1928)". REIS FILHO, Daniel Aarão. *As Revoluções Russas e o Socialismo Soviético,* op. cit., p. 88.

[171] A estrutura fundiária da URSS estava organizada a partir de três segmentos, os *Kulaks* (tradução do russo: "punhos fechados", termo pejorativo utilizado para se referir aos proprietários mais prósperos, aqueles que possuíam mais de oito acres de terras. Os pequenos e médios camponeses eram conhecidos como *Mujiks*, e ainda havia as fazendas cooperativas, com forte presença do Estado (responsável por se apropriar de parte do excedente). A partir do estabelecimento do modelo de coletivização das terras, foram formadas novas cooperativas camponesas, conhecidas como *kolkhozes,* e as propriedades estatais *sovkhozes,* cujo objetivo era destruir os grandes proprietários de terras. BECKER, Nestor J. R. A agricultura soviética. In: *Revista Brasileira de Economia.* v.18, n.4. Rio de Janeiro: FGV, 1964, p. 135. A estratégia visava à liberação da força de trabalho para os centros urbanos e aumentar o controle/apropriação dos excedentes das cooperativas e terras estatais, para viabilizar a industrialização pesada. Esse modelo ficaria conhecido como a "acumulação socialista".

[172] De acordo com Jean Elleinstein, foram estabelecidas leis pesadas *antikulak* de modo que "todos os que não submeterem-se as decisões tomadas verão elevar-se para cinco vezes mais a imposição inicial e terão os seus bens vendidos em praça pública". ELLEINSTEIN, Jean. *A história da URSS: o socialismo num só país (1922-1937).* Paris: Publicações Europa-América, 1973, p. 138.

[173] Uma importante consequência da coletivização forçada pelo Estado foi o crescimento vertiginoso das migrações internas em direção às cidades, tomando proporções astronômicas. Aliás, fazia parte do processo esse deslocamento humano para suprir as necessidades do setor industrial. Porém, com o passar do tempo, foi necessário ajustar essa situação, para não prejudicar os interesses do Estado. Por esse motivo, retomaram a antiga política dos "passaportes internos", característico da época dos czares. REIS FILHO, Daniel Aarão. *As Revoluções Russas e o Socialismo Soviético.* São Paulo: Editoria Unesp, 2003, p. 90.

resultaram na sobrecarga do trabalhar camponês que, desesperados, estocavam alimentos ou sacrificavam suas criações como forma de resistir aos altos encargos que se encontravam submetidos.[174]

Apesar das turbulências enfrentadas pelo setor agrícola, o segmento da indústria conseguiu impor um ritmo acelerado de crescimento, uma taxa média anual de 15%[175], fazendo com que a renda nacional no período atingisse algo em torno de 86,5%.[176] De tal modo, mesmo diante de alguns tropeços, as metas do Plano Quinquenal foram alcançadas.

Diante de tais circunstâncias, devemos inquirir: qual foi a percepção de Brandão a respeito dessas transformações? Em suas lembranças, externaliza o sentimento de ter vivenciado de perto a experiência da construção do socialismo, sentindo-se parte importante desse processo histórico, como se observa no seu relato a seguir:

> A União Soviética, em 1931, com o primeiro plano de 5 anos, marchava em ascensão, dirigida pelo Partido Comunista. Construía os fundamentos do socialismo. Criava grandes fábricas e usinas – elétricas e metalúrgicas. Desenvolvia a coletivização da agricultura. Impulsionava a revolução cultural. Executava tarefas gigantescas. Vivi diretamente, na realidade viva, a experiência e a epopeia da revolução. Tomei parte na construção do socialismo no terreno cultural. Pesquisei o passado. Senti o presente. Trabalhei pelo futuro. Acompanhei o florescimento da nova civilização. Sentia-me comovido diante do heroísmo e do caráter de aço dos trabalhadores soviéticos, em face de sua pachorra, tenacidade e endurance – a resistência ao infinito. Tinha certeza da vitória do socialismo. Confiava nas forças da classe operária e do Partido Comunista.[177]

---

[174] Reproduzimos a seguir um fragmento localizado por Nove, e que nos permite ter uma ideia das condições de vida dos camponeses soviéticos no contexto acima descrito. Assim testemunhou o escritor Mikhail Shólojov: "El ganado se sacrificaba todas las noches em Gremyachy Log. Apenas se había hecho el crespúculo comenzaben a oírse los cortos y sordos balidos de las ovejas, los chillidos agónicos de los cerdos, o los mugidos de las terneras. Tanto quienes habían ingressado en los Koljoses como los agricultores indviduales mataban, así como el ganado para cria. El ganado vacuno de Gremyachy quedó reducido a la mitad em dos noches. Los perros comezaron a esparcir las entrañas por el Pueblo; los sótanos y graneros estaban atiborrados de carne. La cooperativa vendió en dos días uns 200 puds de sal que habían estado almacenados año y médio. 'Mata, que ya no va a ser nuestro [...]' 'Mata, que de todas formas se lo llevarán para convertilo em carne...' 'Mata, que tú no obtendrás carne en el koljos...', repetían más. Jóvenes y viejos padecían del estómago. A la hora de la cena, las masas gemían bajo el peso de la carne cocida o asada, todos tenían las bocas grasientas, todos hipaban, como si estuvieran em um velatorio, guiñando dos ojos cual lechuzas, como si estuvieran enlouquecidos de tanto comer". SHÓLOJOV, Mikhail. *apud.* NOVE, Alec. *Historia económica de la Unión Soviética,* op. cit., p. 181. Por fim, Nove adverte sobre as dificuldades enfrentadas pelos historiadores para investigar a política URSS no início da década de 1930. Para Nove, a fronteira que separa a propaganda e os acontecimentos reais é enorme, e encontra-se fortemente influenciada pela publicidade realizada pelo Partido Comunista da União Soviética.

[175] Cf.: NETTO, José Paulo. *O que é stalinismo.* São Paulo: Editora Unesp, 2003.

[176] CF.: REIS FILHO, Daniel Aarão. *As Revoluções Russas e o Socialismo Soviético,* op. cit., p. 91-97.

[177] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 60.

Na construção narrativa acima, chama-nos a atenção a exaustividade da descrição do real realizada pelo autobiografado. Entretanto, é preciso considerar que o alcance dessa descrição não passa de fragmentos do real em pedaços, resquícios do passado que foram moldados por sua própria memória, no intuito de atribuir sentido aos acontecimentos que marcaram o seu percurso de vida, como intelectual comunista. Observa-se, nesse caso, "o verdadeiro trabalho de "organização da memória" atuando para reforçar o sentimento de pertencimento ao grupo ao qual fez parte, sentindo-se como parte importante desse processo histórico.[178] Nessa perspectiva, podemos pensar que essas lembranças fortes do passado contribuíram para a construção de uma identidade sólida do sujeito no presente. Em consonância com Pollak, a memória é parte "do sentimento de continuidade e de

---

[178] Durante o exílio, procurou demonstrar sua admiração pela condução da política industrializante levada a cabo pelo líder soviético. Dentre os escritos mais ilustrativos, citamos, a título de exemplo, alguns trechos de *Sinfonia Staliniana*, escrito em 1936. O texto datilografado possui catorze páginas e várias correções a lápis realizadas pelo próprio autor. No início do texto, informou que escreveu essas linhas em Moscou, sobre o rio, em uma barca em movimento entre a ponte de Borodinó a e estação de Kúntzevo. Para enaltecer a grandeza dos líderes socialistas, afirmou que o poeta dos dias atuais canta algo superior a tudo que já existiu na terra, "[...] Canta o Maior e o Melhor, porque exalta dois homens, dois que forma um só. Lênin é Stálin. E Stálin é Lênin. Stálin é Lênin vivo!" Estava encantado com a expansão industrial, com a construção de novas fábricas e usinas metalúrgicas em todo país: "Nos altos-fornos da usina metalúrgica, dançam no ar milhões de grãos minúsculos de ferro, brilhantes, de um prateado escuro. Milhos de faíscas, numa feeria maravilhosa, iluminam os operários. Diante de meus olhos, a realidade parece uma fantasmagoria. A realidade é mais bela que o sonho..." cantou também o esforço dos camponeses *kolkozianos* da região da Ucrânia, na Crimeia, para atender às demandas da produção de trigo: "Diante do Mar Negro, todo azul, entre os vinhedos de Gurzúf, o camponês kolkoziano para um momento o trabalho, volta-se na direção do Kremlin e medita: – a luta continua, mas a vida tornou-se melhor... Eu era um seixo rolando do Mar Negro. Pedra a rolar sem fim, ao léu das ondas. Não tinha perspectiva, nem finalidade. Eu era um seixo grosseiro. Foste tu, Lênin-Stálin, que descobriste e fizeste saltar do seixo grosseiro a faísca imortal que, durante milênios, como um tesouro, a pedra guardou dentro de si. Esta faísca, avivada pelo teu esforço de cada dia, foi multiplicada por milhões de camponeses em milhões de centelhas, transformou-se na chama fecunda e colossal da coletivização – do socialismo que ilumina o mundo!" No canto dedicado aos pescadores do Mar Negro, salientou que hoje esses trabalhadores vivem melhor que antes e, ao lançarem suas redes ao mar cantam uníssono: "– Outrora, o trabalho não era recompensado. Mas, hoje, para recompensar o trabalho honesto, Stálin nos dá a paz, a alegria e a fartura, dentro do socialismo. Viva Stálin!" É interessante registrar que nas passagens do texto onde se lê o nome de Stálin, foi alterado a lápis para "Revolução". Na passagem seguinte, por exemplo, no canto dedicado à gratidão dos "trabalhadores pioneiros" a versão original do texto foi alterada de: "– Obrigado, camarada Stálin, pela nossa vida feliz!" para: "– Obrigado, ó Revolução socialista, pela nossa vida feliz!". Em outra passagem do texto, repetiu a correção: "Nas profundezas do coração, o poeta guarda o tesouro mais querido. O poeta é rico, incomparavelmente rico. Este tesouro é tua imagem, Lênin-Stálin", foi alterado para: "Este tesouro é a imagem da Revolução!" No final, concluiu: "O coro de milhões de vozes torna-se cada vez mais potente e eleva-se ao infinito, num grito único e triunfal: - Viva o imortal Stálin!". Após a correção a parte final da frase ficou: "– Viva a imortal Revolução Socialista mundial!". BRANDÃO, Octavio. "Sinfonia Staliniana". Moscou, 18.06.1936. *Fundo Octavio Brandão (Reserva técnica II)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, OB 1236 PM 193, Pasta 82, 14p. [dat.]. Em *A vida de um escritor*, texto autobiográfico escrito aos setenta e quatro anos de idade, realizou uma autocrítica pelo fato de não ter conseguido enxergar no passado os desvios ideológicos praticados por Stálin. A esse respeito, registrou: "Em Moscou, vi os lados positivos de Stálin, mas não soube ver seus lados negativos, que violaram a doutrina de Marx, Engels e Lênin". BRANDÃO, Octavio. "A vida de um escritor". S.l., 12.12.1970, 31p. *Fundo Octavio Brandão (Inventário).* AEL/IFCH. Pasta 114-b, [dat.].

coerência do sujeito em sua reconstrução que realiza de si"[179]. Enfim, é válido registrar que Brandão havia recém-chegado a URSS, portanto, sem qualquer possibilidade de interferência nos acontecimentos em curso. Percebe-se, na vibração com os acertos do *cursus vitae*, a equiparação pelo autobiografado entre a vida e o relato, atestado pela voz que testemunha, a força de identificação imaginária agindo para a construção de uma identificação heroica, aquela (auto)representação que Leonor Arfuch definiu como sendo o "fabulismo da vida".[180]

Em relação ao tempo livre, comentou que aproveitou para conhecer Moscou e os arredores, a fim de conhecer os museus, teatros, bairros operários, parques, avenidas, lugares históricos, assim como os espaços ligados à memória dos escritores Tólstoi, Gógol, Herzen, Púshkin, entre outros. Todavia, o lugar mais visitado, e que certamente exerceu maior entusiasmo, foi o museu onde se encontra o mausoléu de Lênin, que continuava sendo sua principal referência política. Lênin seria o ponto de confluência que entrecruzava a teoria e a ação revolucionária em sua melhor forma, a associação perfeita e acabada inspirada no mestre maior, Karl Marx. A subjetividade é externalizada ao defender que o líder bolchevique e os camaradas russos souberam, como poucos no ocidente, interpretar a complexa teoria de Marx[181], elevando-o seu pensamento "a um novo grau qualitativo".[182] Apesar das expectativas iniciais em relação ao cargo ocupado no *Comintern* de agosto de 1931 a setembro de 1933, recomeçar a vida em Moscou não foi tarefa fácil para a família de Brandão, como apresentaremos na próxima seção.

3.2 A tese da revolução imediata soviética e o levante comunista no Brasil de 1935

Além do sentimento de saudade que os atormentavam, encontraram desafios de ordem político-ideológica para lidar. No caso particular de Brandão, ainda enfrentaria um constrangimento moral perante os dirigentes do *Comintern*, por não haver seguido à risca o protocolo confidencial indispensável para todos os militantes que se dirigiam à URSS, conhecido como *Anketa*. Era exigido também uma redação de próprio punho, uma espécie de autobiografia, ao qual o indivíduo deveria fornecer referências seguras e apresentar

---

[179] POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: *Estudo Históricos,* op. cit., p. 205.
[180] ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea,* op. cit., 71.
[181] É digno de nota que a vertente do marxismo-leninismo, difundido pela Internacional Comunista, exercia um poder de identificação enorme entre a intelectualidade de esquerda da América Latina nas décadas subsequentes à Revolução de Outubro de 1917 CARONE, Edgard. *O marxismo no Brasil: das origens a 1964.* Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986, p. 62.
[182] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 60.

nomes de pessoas que poderiam ser consultadas para autenticar as informações fornecidas. Tudo isso, além de se tratar de um controle ideológico, contra possíveis "traidores", correspondia também a uma exigência do Estado. O texto deveria apresentar aspectos referentes à vida social, relacionamento com pessoas de outras classes sociais, assim como distintos detalhes mais subterrâneos, por exemplo, prisões e punições no país de origem.[183] Por alguma razão, Brandão deixou de mencionar no seu relatório que havia se hospedado na casa do Cônsul brasileiro Josias Leão, em sua breve passagem por Bremen.

O fato de haver se relacionado com um renegado pecebista e, ainda por cima, ter se silenciado na *Anketa*, resultou em repreensão, foi submetido a um constrangimento moral diante de alguns líderes pecebistas que acompanhavam a reunião, organizada pelos dirigentes da Internacional Comunista, obrigando-o a realizar uma autocrítica. Para além da repreensão, a questão que nos parece mais pertinente aqui é inquirir como Brandão, com toda sua experiência, pôde cometer um descuido dessa envergadura? Reproduzimos abaixo a carta enviada pelo Birô do Comitê Político do PCB à IC, exigindo retratação de Brandão. A carta foi enviada em 1932 e assinada apenas com o nome Bernardo, que acreditamos ser o pseudônimo utilizado pelo dirigente Fernando Lacerda:

> Aos camaradas da Seção Latina-Americana do Komintern:
> Tendo o P.C. do Brasil recebido informações seguras de que o camarada Oct. Bra., quando se dirigia para Rússia, teve ligações com um dos nossos piores inimigos, um traidor do proletariado, causador da morte, espancamento, deportações, maltratos na polícia de nossos melhores militantes, um dos provocadores causadores da desorganização do Partido, tentando mesmo transformá-lo em um Partido da pequena-burguesia, ligando aos golpistas e outros elementos vendidos declaradamente aos imperialistas como Miguel Costa e outros elementos [...]. É a esse tipo que o camarada Oct. Br. procura para minorar suas dificuldades particulares, quando podia muito bem tê-lo feito a membros do P.C. alemão na região de Bremen, onde se encontrava tal indivíduo. O mais interessante de tudo isso é que o nosso camarada nem sequer nos comunicou o ocorrido, quando, ele Oct., muito bem sabia quem era esse elemento, isto é, Josias Leão, no Consulado Brasileiro, em Bremen, e a resolução do P.C. do Brasil, que expulsou Josias Leão de suas fileiras como traidor do proletariado. O B.P. do C.C. do P.C. do Brasil, considerando que essa atitude assumida pelo camarada OB é muito grave e, ao mesmo tempo, inadmissível num camarada de responsabilidade e militante antigo, censura-o

[183] WAACK, Willian. *Camaradas: nos arquivos de Moscou - a história secreta da revolução brasileira de 1935.* São Paulo: Cia das Letras, 1993, p. 70.

> severamente. Além disso, propõe que a Seção Latina Americana o censure energicamente na presença dos camaradas brasileiros que se encontram na URSS para que fatos semelhantes não sejam repetidos.
>
> Esperamos breve resposta.
> Pelo B.P. do C.C. do P.C.B
> Bernardo.[184]

Podemos resumir essa análise esboçando a hipótese de que Brandão já soubesse a respeito das críticas realizadas pelo PCB a Josias, no entanto, dadas as circunstâncias em que se encontrava, sem recursos financeiros, a saúde comprometida, as crianças pequenas e a esposa desamparadas, em um país onde não conhecia ninguém, o auxílio fornecido por Josias parecia ser a única opção possível. Entendemos que não deve ter sido uma decisão fácil de ser tomada e, seguramente, o experiente intelectual, já calejado em razão de outras críticas sofridas por suas atitudes polêmicas, já poderia prever alguma censura no futuro. Apesar da (auto)crítica que foi obrigado a realizar diante das autoridades da Comissão de Controle da IC, ainda assim, acabou sendo afastado do cargo que ocupava nos escritórios da IC entre os anos de 1931-1933.[185]

Em suas memórias afetivas, lamenta o ocorrido, reconhece que foi um erro ter aceitado o convite, entretanto, não esconde o sentimento de revolta e injustiça que o atormentava ao recordar aquela passagem difícil de sua vida, pois sentia-se censurado pelos dirigentes comunistas, atribuindo essa censura, em grande medida, as divergências que apresentava em relação à linha política soviética, defensora da estratégia da revolução imediata para os países da América Latina e o Brasil.

Nessa parte de sua autobiografia, encontra-se uma anotação manuscrita, uma (auto)correção, na qual o autor parece pretender externalizar sua revolta em relação à humilhação sofrida. Assim, expressou sua revolta: "Eu era considerado o teórico de uma linha política errônea. Do Brasil, tinham historietas contra mim".[186] Como sugere seu testemunho, sentia-se isolado pelos próprios camaradas, pessoas de quem esperava obter

---

[184] BERNARDO [Fernando Lacerda]. "Aos camaradas da Seção Latino-Americana da Internacional". *Fundo Octavio Brandão II* (reserva técnica). Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp. Pacote 17, pasta 39. [dat.]. De acordo com Brandão, "Bernardo" era o pseudônimo de Fernando de Lacerda. O original, segundo Brandão, encontra-se no Arquivo da IC, em Moscou, no dossiê n.º 2, Octavio Brandão. Cf.: BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 69.

[185] Conforme as informações presentes no dicionário biográfico da Internacional Comunista na América Latina (1919-1943), organizado pelos pesquisadores Víctor Jeifets e Lazar Jeifets, nessa época Brandão ocupou o cargo de assessor do Secretariado Latino-Americano para o Brasil. Cf.: JEIFETS, Víctor; JEIFETS, Lazar. *América Latina en la Internacional Comunista 1919-1943: Diccionario Biográfico.* Nueva edición [en línea]. Santiago: Ariadna Ediciones, 2015 (generado el 30 marzo 2018). Disponible en Internet: <http://books.openedition.org/ariadnaediciones/943>. ISBN: 9782821895829.

[186] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 68.

incentivo. Reporta que encontrou um ambiente de trabalho hostil na IC, pois todos os esforços realizados pareciam ser inúteis para convencer os dirigentes de que estavam equivocados quanto à tese soviética da revolução imediata para a América Latina, como se observa na passagem a seguir:

> Sofri profundamente em 1931-1933. Econômica e financeiramente, o salário não dava para 6 pessoas. Passava necessidades. Politicamente, continuei relegado ao mesmo ostracismo, trágico e injusto. Fui vencido, mas não convencido da linha da revolução soviética imediata para o Brasil e a América Latina. Meus esforços, inúteis. Os artigos não eram publicados. Os estudos e escritos, enviados aos arquivos. Moralmente, tinha de suportar ofensas e humilhações. Laura com as quatro crianças sofreu as consequências dolorosas. Mas suportou tudo (estoica) heroicamente.[187]

Brandão afirmou que ocorreu uma punição após haver publicado o artigo "Carta de um deportado", no dia 21 de julho de 1931, o que desagradou os pecebistas. Tivemos acesso ao texto original, escrito em forma de manifesto e endereçado aos operários e camponeses brasileiros. Nele, procurou realizar um balanço dos embates que enfrentou como intendente no Conselho Municipal contra os representantes conservadores e liberais e, sobretudo, o seu esforço para viabilizar a candidatura de um representante da classe operária. Porém, o que se sucedeu após o golpe de Vargas foi uma onda de repressão ainda mais intensa, praticada pela polícia política, obrigando-o a deixar o seu país contra sua vontade. Além disso, afirma que sua deportação é resultado da ação imperialista inglesa, que controlava todas as decisões tomadas pelo governo brasileiro. Reproduzimos abaixo um fragmento do referido artigo:

> Só hoje me é possível dirigir uma explicação ao povo brasileiro em geral e aos operários e camponeses em particular. Durante a última campanha presidencial, combati, sob a bandeira do Partido Comunista do Brasil, as candidaturas conservadora e liberal, em prol do candidato da classe proletária independente. Daí o aumento das perseguições, atingindo a supressão dos discursos, projetos e apartes, no Conselho Municipal, e cá fora, as tentativas de agressão e assassinato. Fechado o Conselho, tive de viver foragido, a fim de poder lutar pela causa. Emboscada policial em Madureira. Prisão. Liberdade. Vida subterrânea. Partida para o estrangeiro. Batida policial fracassada, em casa. Volta do estrangeiro. Prisão a bordo, com grande aparato policial. Liberdade. Vida semi-legal e luta subterrânea. Mais três batidas

[187] *id. ibid.* p. 68.

> policiais fracassadas. Golpe fascista de 3 de outubro. Prisão. Vinte e sete horas em liberdade. Ameaça de fuzilamento e prisão, por ter falado, num comício, contra a falsa revolução dos liberais. Liberdade. Vida semi-legal. Luta subterrânea. Prisão. E, finalmente, da prisão diretamente para o exílio. [...] a polícia política resolveu, por conta própria, que eu não mais poderia ficar no Brasil, apesar de ser brasileiro, descendente de 4 gerações de brasileiros natos. Foi, portanto, com a maior surpresa que, num dos cubículos da Polícia Federal, recebi a comunicação do 4º delegado de que teria de embarcar para a Europa com a família. Respondi que não queria siar do Brasil. Então, fui cientificado de que embarcaria de qualquer forma. [...] Saltei doente em Bremen. Em Berlim, devido à intervenção da polícia brasileira, continuaram as perseguições e não foram maiores porque abandonamos imediatamente o território alemão, atravessando a Lituânia e a Letônia. A União Soviética era o único país que nos abriu as portas. E, aqui, os operários e camponeses nos deram o pão, um teto e a liberdade [...]. É tão grave a situação brasileira perante o despertar dos operários e camponeses, que o governo armado até os dentes, teme um simples militante, sua companheira e três crianças. [...] Reafirmamos a mais completa fidelidade aos ideais de emancipação dos operários e camponeses, ao Partido Comunista do Brasil e à Internacional Comunista. [...] que os operários e camponeses, os jovens e as mulheres trabalhadoras, cerrem fileiras em torno do Partido Comunista do Brasil – o único partido que denunciou, de antemão, com toda firmeza, o caráter reacionário da Aliança Liberal, dos golpes de outubro e do governo atual, o único partido que lutou, luta e lutará pelas reivindicações imediatas das massas laboriosas, pela confiscação das terras e das empresas imperialistas. Inabalavelmente, pelo ideal comunista.[188]

Desconhecemos os motivos para Brandão afirmar em suas memórias que foi repreendido pela publicação do seu artigo, pois, sua análise não nos pareceu polêmica, muito pelo contrário, no final, ainda procurou ressaltar sua devoção ao PCB e à IC.

Apesar dos percalços políticos e financeiros atravessado nesses primeiros anos, além do frio intenso, o racionamento de comida, a carência de produtos de higiene e as filas intermináveis por toda parte, teve algumas alegrias em meio à condição de exilado, estabelecido em um país com uma cultura diferente. No início de 1932, nasceu a quarta filha do casal, Valná. O nome escolhido era uma forma de prestar homenagem aos poetas revolucionários russos – Valná, em russo, significa "onda". A escolha do nome pelo casal simboliza o sentimento partilhado pelos comunistas naquele contexto, confiantes quanto à perspectiva revolucionária mundial que se espalharia.[189]

---

[188] BRANDÃO, Octavio. "Carta de um deportado". Moscou, 21.07.1931. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, OB 1526 Ma 3, Pasta 112, 2p.

[189] AMARAL, Roberto Mansilla. *Uma memória silenciada. Idéias, lutas e desilusões na vida do*

Após seu afastamento da IC, foi transferido para o Instituto de Economia Mundial e Política Internacional (IEMPI), passando a ocupar o cargo de colaborador científico sob a direção do economista Evgueny Varga[190], entre os anos de 1933 e 1934. Por essa mesma instituição, obteve certo reconhecimento pelos serviços prestados até então. [191] Em abril de 1934, por exemplo, recebeu o título de *udárnic*, trabalhador de choque da vanguarda cultural, assim como pelos serviços voluntários realizados nos programas dos "sábados comunistas", carregando terra para a construção do metrô de Moscou, e lenha para o aquecimento das residências nos meses de inverno.[192] Por conta disso, havia a expectativa de que poderia ser convidado para participar da III Conferência dos Partidos Comunistas da América do Sul e do Caribe, como representante político do PCB.[193] Seria a grande oportunidade para o intelectual evidenciar sua competência e habilidade política diante dos delegados dos partidos comunistas de toda América Latina. Entretanto, para sua infelicidade, participou apenas na condição de membro observador, sendo, portanto, impedido de se manifestar nas reuniões. Aliás, permaneceu de fora das reuniões mais importantes, especialmente daquelas que discutiam as estratégias para viabilizar o levante comunista a ser deflagrado no Brasil. Seguramente, pesou contra sua pessoa, a resistência dos dirigentes pecebistas a respeito de suas posições polêmicas acerca da tese soviética, partidária da revolução imediata. Em suas memórias, revela sua angústia em relação aos

---

revolucionário Octávio Brandão (1917-1980). Dissertação de mestrado, ICHF/ Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. p. 194.

[190] Ao invés de Enio Varga, conforme traduzido por Brandão em sua autobiografia, o correto seria Evgueny Varga (Eugéne no Ocidente). O economista marxista nasceu em Budapeste, na Hungria, no ano de 1879 e faleceu em Moscou, em 1964. Emigrou para a URSS em 1920, onde se tornou um importante intelectual e colaborador da III Internacional. Entre os anos de 1927 e 1947 assumiu a direção do Instituto de Economia e Política Mundial, vinculado à Academia de Ciência da URSS. DIMITROV, Georgi. *Diario: Gli anni di Mosca (1934-1945).* Torino: Einaudi, 2002, p. 929.

[191] Segundo o dicionário biográfico da IC na América Latina, Brandão participou de importantes reuniões e conferências nessa época: "Participó bajo el seudónimo de 'Caboglu' en la discusión sobre el 'Prestismo' en el Instituto de Economía Mundial y Política Internacional (IEMPI, 1934). Asistió a la III Conferencia de los PPCC de América del Sur y del Caribe (Moscú, 10.1934) y fue miembro de la comisión que se encargó de preparar el material sobre América del Sur y el Caribe para el VII congreso de la Comintern". JEIFETS, Víctor; JEIFETS, Lazar. *América Latina en la Internacional Comunista 1919-1943: Diccionario Biográfico*, op. cit., p. 109.

[192] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 70.

[193] Em julho de 1934, na ocasião da I Conferência Nacional do PCB, foram escolhidos os nomes dos delegados brasileiros que seriam enviados a Moscou a fim de participar da III Conferência dos Partidos Comunistas da América do Sul e Caribe. Segue a relação completa dos integrantes pecebistas: Antônio Maciel Bonfim (Miranda ou Queiroz), Lauro Reginaldo da Rocha (Bangu), José Caetano Machado (Alencar, Almeida ou Bruno), Elias Reinaldo da Silva (André ou Souza), Valdunino Barbosa Loureiro (Marques ou Divinho), além de outros dois camaradas que já se encontravam em Moscou, Luiz Carlos Prestes (há pouco aceito no PCB) e Octavio Brandão. PRESTES, Anita Leocádia. *Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro.* São Paulo: Boitempo, 2015, p. 150. A preparação para o levante comunista no Brasil de novembro de 1935 foi pensada em Moscou, em 1934. Na ocasião, foram realizadas reuniões com alguns poucos representantes do PCB, a fim de discutir os detalhes do movimento com a cúpula do *Comintern.* DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e comunistas no Brasil,* op. cit., p. 13.

representantes do PCB que participaram da Conferência:

> Reuniu-se, em Moscou, em 1934 uma conferência de delegados dos Partidos Comunistas da América do Sul. Manuílski falou. Deu um quadro irreal da situação no Brasil. Confundiu o próprio desejo com a realidade. Baseando-se nessa intervenção de Manuílski, a conferência decidiu realizar imediatamente a revolução no Brasil. A delegação do PCB não podia ser pior. O dirigente da delegação e secretário do partido era Antônio Maciel Bomfim, o Miranda, Adalberto Fernandes, autêntico aventureiro. Denunciou logo seu companheiro, o delegado Elias Reinaldo, como "espião", o que era uma falsidade. Desgraçou, assim, a vida deste camarada, durante anos.[194]

Com base nos seus testemunhos, é possível interpretar que o ambiente político dos chamados "encontros de Moscou" foi marcado por uma atmosfera de ressentimentos e hostilidades. Em suas lembranças afetivas, registra que um dos membros da comitiva, Antônio Maciel Bonfim, o "Miranda" ou "Queiroz", havia lhe apalavrado que logo retornaria ao Brasil, porém "Nada fez. Depois dos levantes armados de 1935, foi preso. Entregou o PCB à polícia". Relatou também o desentendimento que teve com outro delegado pecebista, Caetano Machado, o "Alencar", "Almeida" ou "Bruno" que, segundo informou, conservava ressentimentos de tempos passados: "Nunca me perdoou tê-lo combatido. Voltou ao Brasil depois da conferência. Tomou partido na 'revolução' de Pernambuco, em novembro de 1935. Depois da derrota, preso, entregou os comunistas à polícia".[195] Recordou ainda que o delegado Lauro Reinaldo da Rocha, o "Bangu", também havia lhe assegurado que logo poderia retornar ao Brasil, não obstante, o ameaçou de morte, jurando que "se traísse, seria fuzilado".[196] Brandão acusa seus adversários políticos como delatores.

Em conformidade com Anita Leocádia Prestes (2015), que teve acesso às Atas taquigráficas da III Conferência dos Partidos Comunistas da América do Sul e do Caribe, em Moscou (1934), o secretário-geral do PCB, Antônio Maciel Bonfim, o "Queiroz" ou "Miranda", foi o responsável por insistir na estratégia de um levante armado no Brasil, apresentando de forma otimista os embates sociais ocorridos no campo, bem como o movimento do cangaço como expressões guerrilheiras que lutavam sob a liderança do PCB. Ainda em conformidade com Anita Prestes, o secretário do PCB teria afirmado que

---

[194] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 71.
[195] *id. ibid.* p. 71.
[196] *id. ibid.* p. 72.

a força do partido era "colossal" entre os setores do proletariado urbano, e que praticamente todas as greves no Rio de Janeiro eram dirigidas pelo partido; também havia supervalorizado o número de membros do partido, assim como os novos filiados que seguiriam o partido após o início do levante. Porém, o mais surpreendente para os dirigentes da IC que participavam da conferência foi a declaração do secretário acerca de um suposto apoio majoritário que o partido teria recebido das forças armadas e das tropas, um apoio que passava de setenta por cento. Enfim, para a historiadora "Queiroz" ou "Miranda" apresentou em seus informes uma interpretação "fantasiosa" e "triunfalista" da conjuntura brasileira, distorcendo a realidade de uma forma espantosa, porém, isso não impediu que o dirigente soviético, Dimitri Manuílski, que não entendia nada de América Latina e Brasil, ficasse impressionado com a narrativa do secretário.[197] Para Brandão, que havia participado de alguns desses "encontros de Moscou", se posicionado contrário ao levante armado no Brasil, era sintomático o despreparo dos delegados pecebistas enviados à URSS. Em suas memórias, registrou que tanto na conferência do Brasil quanto nos "encontros de Moscou", havia ficado claro para ele que nenhum dos dirigentes que se encontravam presentes entendia objetivamente a realidade brasileira, ainda assim, "garantiam a vitória da insurreição".[198]

Entre julho-agosto de 1935, na ocasião do "VII Congresso da IC", realizaram-se novas reuniões a fim de deliberar a respeito dos detalhes do levante armado a ser realizado Brasil.[199] Na ocasião, um outro candidato a representante do PCB em Moscou, Fernando Lacerda, recém-chegado ao país para um tratamento de saúde, também insistiu na tese da revolução a curto prazo no Brasil, teria afirmado que o país estava pronto para iniciar a ação revolucionária, e aonde Luís Carlos Prestes fosse, o povo o seguiria, e que "[...] um

---

[197] PRESTES, Anita Leocádia. Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 151.

[198] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 72.

[199] Na ocasião do VII Congresso Mundial da Internacional Comunista, o debate central girou em torno dos problemas enfrentados pelos países coloniais/semicoloniais e, particularmente, a questão do enfrentamento da dominação imperialista, a partir do estabelecimento de uma frente ampla nacional-popular. No caso dos comunistas brasileiros, aproveitaram-se dessa abertura na linha política da IC para preparar seu programa de ação política, com ênfase na insurreição popular a curto prazo, assim como na luta contra o imperialismo. Seguindo esse direcionamento da IC, o programa político defendido pela ANL incentivou a formação de alianças populares, com isso, passou a ter a adesão de alguns setores importantes da sociedade, tais como: os jovens militares, empobrecidos em razão da crise que afetava as forças armadas, resultando na redução dos salários e, igualmente, as camadas médias da população, temerosas em relação ao projeto da Lei de Segurança Nacional (promulgado em maio de 1935) e, sobretudo, a identificação desses segmentos da população com a bandeira do movimento: a defesa das liberdades populares, a luta contra o imperialismo e o fascismo, além da promessa do progresso material e cultural experimentado pela URSS. DEL ROIO, Marcos. O impacto da revolução Russa e da Internacional Comunista no Brasil. In: MORAES, João Quartim; AARÃO REIS, Daniel. (Orgs.) *História do marxismo no Brasil: o impacto das revoluções.* Vol.1. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 110.

milhão de brasileiros apoiaria Prestes numa revolução vitoriosa".[200] A delegação pecebista em Moscou parecia estar convicta quanto à vitória da revolução. De acordo com os testemunhos de Brandão, Lacerda[201] ainda teria afirmado na mesma reunião, que os trabalhadores brasileiros teriam o encarregado de dizer ao líder soviético que "estão prontos para a revolução".[202]

Em julho de 1935, após a ANL ser considerada ilegal pelas autoridades brasileiras, Brandão foi convocado a comparecer à sede da IC para prestar esclarecimento acerca de suas posições polêmicas, contrárias ao movimento no Brasil.[203] Em suas memórias, lembrou que na ocasião procurou provar, em sua defesa, as fragilidades do movimento organizado pelos dirigentes do PCB/ANL. A esse respeito, recordou:

> A ANL foi fechada em julho de 1935. Depois do fechamento, mandaram me chamar-me. Então, falei na Internacional Comunista, num dia 3 horas e, no dia seguinte, 2 horas. Mostrei a situação real. Provei que o PCB e a ANL só tinham uma vanguarda, e não a classe operária. Só dispunham de pequenos

---

[200] DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e comunistas no Brasil,* op. cit., p. 84.

[201] Brandão participou da III Conferência do PPCC Comunistas da América do Sul e do Caribe em outubro de 1934 e, como um dos membros da comissão, foi designado para preparar o material sobre a América do Sul e o Caribe e apresenta-lo na ocasião do VII Congresso da Internacional Comunista. Conforme as descrições contidas no dicionário da IC na América Latina: "Participó en la elaboración del 'plan especial' del Despacho de América del Sur y del Caribe para el año 1934. Criticó a F. Lacerda por la afirmación de que un millón de brasileños estaban dispuestos a apoyar la revolución de L. C. Prestes. Fue criticado por el grupo de Miranda (A. Bonfim) que logró expulsarle del CE del CC del PCB (1934)". JEIFETS, Víctor; JEIFETS, Lazar. *América Latina en la Internacional Comunista 1919-1943: Diccionario Biográfico*, op. cit., p. 109.

[202] Citado In: BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 72.

[203] Em julho de 1935, Luís Carlos Prestes, tornou público o seu "Manifesto Popular", conclamando as massas operárias e camponesas, artesãos, pequenos comerciantes e industriais, soldados, marinheiros, oficiais das forças armadas, as associações e partidos políticos de várias tendências, enfim, os setores democráticos da sociedade brasileira, em geral, para o estabelecimento de uma frente única nacional a fim de combater a ameaça crescente do fascismo, a ação imperialista praticada pelas potências estrangeiras no país, a herança feudal manifestada pelo sistema de latifúndio, assim como o governo autoritário de Getúlio Vargas. A ANL é descrita pelo Cavaleiro da Esperança como única frente de combate possível para a implantação de um governo verdadeiramente democrático-revolucionário. Em seu programa, para inflar o movimento, Prestes retoma o espírito combativo do povo brasileiro, grupos que se encontravam oprimidos pelos poderosos latifundiários e setores comandados pelas forças imperialistas. Em síntese, defende, em seu programa revolucionário o início imediato do movimento: "Marchamos, assim, rapidamente à implantação de um governo popular revolucionário em todo Brasil, um governo do povo contra o imperialismo e o feudalismo e que demonstrará na prática às grandes massas trabalhadoras do país o que são a democracia e a liberdade. [...] A distribuição das terras dos grandes latifundiários aumentará a atividade do comércio interno e abrirá o caminho a uma mais rápida industrialização do país, independentemente de qualquer controle imperialista. O governo popular vai abrir, para a juventude brasileira, as perspectivas de uma nova vida, garantindo-lhe trabalho, saúde e instrução". PRESTES, **in** LÖWY, MICHAEL. *O Marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais.* São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999, p. 135. Na ocasião, Brandão havia se manifestado favorável a chegada ao poder por vias pacíficas, portanto, se opondo a estratégia defendida por Prestes, idealizador de uma insurreição armada no Brasil. Aliás, realizou diversas críticas ao "Manifesto Popular" do líder do PCB, definindo-o como sendo demasiadamente esquerdista.

> grupos de camponeses dispersos, e não das grandes massas camponesas. Só tinham uma vanguarda da pequena-burguesia urbana, e não as imensas multidões populares. Ora, não se pode triunfar quando se dispõe apenas de uma vanguarda. Nessa mesma reunião de 5 horas, demonstrei que não havia nenhuma vitória garantida. Assinalei que a ANL só dispunha de uma parcela do exército – os elementos progressistas, e não de todo o exército, como afirmavam. Acentuei que, nas forças armadas, existiam três elementos, e não apenas dois: os progressistas, em minoria, os reacionários, que detinham os altos postos, e a grande massa dos vacilantes. Estes, com uma política firme e consequente da ANL, podiam e deviam ser conquistados. Do contrário, seriam arrastados pelos reacionários e se perderia a batalha. Tomando em consideração que a questão agrária era menosprezada, falei longamente sobre as relações de produção nos tipos principais dos estabelecimentos rurais do Brasil, desde a Amazônia até o Rio Grande do Sul e Mato Grosso, sobre a situação de seus trabalhadores, as reivindicações imediatas e as palavras de ordem para mobilizá-los. Concluí no fim: -- Resta a realizar um trabalho enorme de educação e organização, agitação e propaganda no seio das imensas massas populares do Brasil.[204]

Para o intelectual, o movimento era puramente vanguardista, uma vez que não se preocupou em construir vínculos mais efetivos com a classe operária e, tampouco, com as massas camponesas; além disso, diferentemente do que se imaginava, só contavam com uma parcela muito restrita de apoiadores dentro do exército, algo que havia sido superestimado por seus organizadores. Faltava-lhes ainda uma compreensão mais objetiva do cenário nacional, levando-se em consideração aspectos como: a questão agrária, as relações de produção praticadas nas zonas rurais do vasto território, assim como as reivindicações mais essenciais dos trabalhadores. Enfim, concluiu: "Resta a realizar um trabalho enorme de educação e organização, agitação e propaganda no seio das imensas massas populares do Brasil".[205] Lacerda, que na ocasião acompanhava sua exposição, o acusou de "velhaco oportunista" (um tratamento por demasiado vulgar para quem pretendia conduzir uma revolução social). Ainda teria formalizado por escrito à seção de quadros da IC, a acusação de que Brandão teve ligações com os trotskistas.[206] Por esse motivo, Brandão culpa Lacerda de haver tramado intrigas contra sua pessoa, e por ter impedido de assumir qualquer tarefa política nos acontecimentos que iriam se suceder, além disso, é preciso considerar a gravidade dessas acusações, dada as circunstâncias da época, contexto que Josef Stálin intensificava sua política de expurgos,

---

[204] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 73.
[205] *id. ibid.* p. 73.
[206] *id. ibid.* p. 73.

eliminando supostos traidores do regime, em particular, os trotskistas. Desde então, Brandão viveria na miséria, com um salário que não era suficiente para sustentar uma família com seis integrantes e, igualmente, temeroso em relação aos expurgos, as ameaças de fuzilamento e das deportações para a Sibéria.[207] Na época, Laura teria se revoltado com a situação, protestando com indignação: "Em Moscou, quem mais conhece o Brasil, és tu. E afastam-te. O que estão fazendo, é desonesto. E acabarão mal. Só lamento é que o Brasil tenha de pagar".[208]

Na época, trabalhava como revisor e tradutor de uma revista. A atividade consistia em revisar cada um dos artigos diversas vezes, um serviço descrito pelo autobiografado como sendo fatigante, além de não lhe proporcionar qualquer reconhecimento intelectual. O dinheiro era pouco para sustentar a família. Em suas memórias, manifesta sua angústia em relação à situação em que se encontrava naquele momento difícil de sua vida: "deixaram-me em Moscou, cheio de amargura e melancolia. Mas também com a independência moral e ideológica".[209]

É possível acessar, por meio de sua escrita, o sentimento de tristeza e revolta por ter sido colocado à margem dos acontecimentos de seu tempo, impedido de participar das decisões que diziam respeito ao destino do seu país, como se observa no desabafo abaixo:

> [...] a situação era trágica. Perigosos levantar divergências. Perigosos nadar contra a correnteza. Então, como várias vezes na vida, joguei tudo no prato da balança. Tentei evitar a insurreição armada imediata, salvar o povo brasileiro, sua classe operária e o PCB, de uma terrível catástrofe. Arrebentei-me. Nada consegui. Fiquei sozinho, como em Buenos Aires em 1930. Paguei com o ostracismo ainda maior. Fui afastado de todo trabalho político, como um homem que não compreende o seu país.[210]

Convém aqui um esclarecimento oportuno, mesmo após quatro décadas desde o ocorrido: o intelectual ainda se sentia angustiado, ao que tudo indica, experimentava uma sensação perturbadora semelhante ao que Said (1993) definiu como exílio metafísico ou interior, que é quando o indivíduo vive fora do lugar, sempre em desassossego e irrequieto com os outros, pois não consegue se enquadrar a nova situação. Ele experimenta uma sensação dolorosa por não conseguir mais voltar a condição anterior que, talvez, o faria

---

[207] DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e comunistas no Brasil,* op. cit., p. 84.
[208] Citado. In. BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 72.
[209] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2,* op. cit., p. 72.
[210] *id. ibid.* 74.

sentir-se mais estável, para esse caso, segundo Said (1993): "[...] infelizmente, nunca podemos chegar por completo à nova casa, nos sentir em harmonia com ela ou com a nova situação".[211] Aliás, quando Brandão anotou esse desabafo na sua autobiografia, a condição política não era muito diferente de décadas atrás, porquanto, permanecia em tensão com o PCB, encontrando-se em um profundo isolamento político. Essa sensação angustiante descrita a qual nos referimos pode ser observada em seu depoimento a seguir, quando comparou sua condição de exilado na URSS ao isolamento vivido no contexto político brasileiro do golpe de abril de 1964. E as amarguras não pararam por aí:

> Um dos piores pesares é compreender que o caos e a derrocada se aproximam e sentir-se completamente só, como em 1935 em Moscou, e em 1964 no Rio de Janeiro. Não deixei levar pelo ambiente de ilusões e idealizações. Guardei a própria personalidade, de fiel partidário de Marx, Engels e Lênin.[212]

Em concordância com as historiadoras russas Liudmila e Olga Okuneva, Brandão enfrentou muita resistência dos dirigentes da IC, até então era tratado sempre com suspeita por seus superiores, como se observa no fragmento a seguir:

> O trabalho do Octavio no Comintern foi um trabalho difícil e difícil para ele. [...] Ele criticou a burocracia do Comintern pela revolução socialista imediata no Brasil, que se basearia no padrão da Revolução de Outubro. Ele foi oposto por todos os então superiores Cominternos: Manuílski, Guralsky, Sinani e Stepanov. Ele foi demitido da liderança sob o pretexto de sua "linha política errada" Sua análise das edições brasileiras foi desconsiderada, seus artigos não foram publicados e seu trabalho foi "arquivado" por falta de uso. Ele era constantemente criticado por "entender mal o papel da classe trabalhadora" e "exaltar o papel da pequena burguesia no processo revolucionário.[213]

Em outubro de 1935, um mês antes de eclodir a insurreição preparada pela Aliança Nacional Libertadora (ANL), pela primeira vez Brandão reconheceu a possibilidade de a revolução proletária acontecer no Brasil, todavia, seguia reticente quanto à estratégia da insurreição armada, defendida pelos dirigentes pecebistas. Argumentava que, para a revolução lograr sucesso, deveria ser realizado um trabalho de conscientização da classe operária, através da difusão de literatura revolucionária. Aliás, se colocava à disposição

---

[211] SAID, Edward. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993,* op. cit., p. 60-61.
[212] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 74.
[213] OKUNEVA, Olga.; OKUNEVA, Liudmila. Do Brasil para a URSS e de volta: a trajetória de vida de Laura e Otavio Brandão. *Revista Eletrônica científica e educacional, História,* op. cit., p.11, (tradução realizada por meios eletrônicos).

para contribuir com o que fosse preciso para a preparação da revolução no Brasil. Em uma carta escrita em francês, encaminhada aos dirigentes da Internacional, é possível verificar a mudança de posição em relação ao levante prestes a ocorrer no Brasil, assim como o seu interesse em contribuir com o movimento:

> Caros camaradas!
> Desejo servir ao desenvolvimento da revolução no Brasil onde me considero forte: quanto ao homem de combate conhecido campo artístico e literário e na obra de agitação-propaganda [...]. Nas condições atuais, o esforço e a tensão são grandes, o resultado é insuficiente, o trabalho não me ajuda politicamente (é uma espécie de círculo vicioso), o trabalho me isola (tenho que trabalhar em casa no Hotel (Lux e não na sede da IC). Eu me canso rapidamente, fico sobrecarregado. [...].
> Saudações comunistas.
> Octavio Brandão
> Hotel Lux, quarto 113.[214]

Assim que obtiveram as primeiras informações acerca da insurreição armada no Brasil, há pouco iniciado na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, Brandão foi convocado pelo dirigente da Seção latino-americana da Internacional Comunista, Dimitri Manuílski, a comparecer imediatamente na sede da instituição. Certamente sua presença pôde ser interpretada como uma forma de o dirigente da IC cercar-se de intelectuais que pudessem de alguma forma ajudá-lo a entender melhor os desdobramentos do movimento ainda em curso no Brasil. Em meio a esse ambiente de tensão, marcado por expectativas e incertezas em relação à continuidade do movimento, Brandão procurou mostrar-se solidário aos camaradas pecebistas, colocando-se, mais uma vez, à disposição do partido.[215] Comenta que enviou ao Rio de Janeiro alguns artigos ["Quadros da Vida Soviética"], porém foram todos recusados pelo jornal "A Manhã" da ANL. A "Classe Operária", órgão de propaganda política do PCB, teria publicado o artigo em agosto de 1935 em apoio a ANL. Brandão afirma que o artigo foi escrito em junho de 1935, "quando a situação era de ascensão e a ANL legal. Só foi publicado em agosto, quando a situação já era outra e a ANL ilegal. E puseram a data de julho. Porque tudo isto 'Mistérios'".[216] Brandão deixa subentendido em seu desabafo que não se tratava de um equívoco, e sim

---

[214] BRANDÃO, Octavio. "Chers camarades". Moscou, outubro de 1935. *Fundo Octavio Brandão 2(reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 14, pasta 30, p. 2. [dat.]. (tradução nossa).
[215] AMARAL, Roberto Mansilla. *Uma memória silenciada. Idéias, lutas e desilusões na vida do revolucionário Octávio Brandão (1917-1980).* Dissertação de mestrado, ICHF/ Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. p. 199.
[216] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 73.

uma ação intencionada a difamá-lo.

Logo após as últimas notícias recebidas, que já apontavam para o fracasso dos levantes armados há pouco ocorrido no Recife e no Rio de Janeiro, o intelectual mudou novamente o tom do diálogo que teve com Manuílski, acusando-o de ser superficial no entendimento da realidade história dos países da América Latina, assim como em relação à tese soviética da revolução imediata, conduzida com o apoio tão-somente dos operários. Em suas memórias, registrou o diálogo franco que teve com o seu superior na ocasião do encontro:

> Manuílski: "– Tem acompanhado os acontecimentos do Brasil?"
> Brandão: "–Tanto quanto possível."
> Manuílski: "– Sabe que a revolução foi derrotada?"
> Brandão: "– Era de prever."
> Manuílski: "– Como diz isto?"
> Brandão: "– Levei, aqui, o ano inteiro a mostrar que não havia condições para uma insurreição vitoriosa."
> Manuílski: "– Mas, no Nordeste, começa uma nova Coluna Prestes".
> Brandão: "– Não é possível. A Aliança Nacional Libertadora nada fez entre os trabalhadores rurais. E sem o apoio desses trabalhadores não pode existir nenhum movimento de guerrilhas".[217]

Poderia dizer que o intelectual parecia ser, naquele momento, uma das pessoas mais apropriadas em Moscou para analisar com maior objetividade a situação. O próprio Manuílski, que não era afeiçoado as suas posições políticas, de maneira surpreendente, o encarregou de realizar, no calor do momento, um balanço dos resultados da malsucedida insurreição armada de novembro de 1935, movimento há pouco finalizado no Brasil. O diálogo sincero e direto que teve com Manuílski, bem como os resultados de sua análise apresentada em uma reunião na sede da Internacional em dezembro de 1935, parece haver contribuído para melhorar sua reputação, pois lhe proporcionou uma nova oportunidade de retornar suas funções pela instituição. Conforme observou John Foster Dulles, "depois de novembro de 1935, o *Comintern* passou a respeitar Brandão, pedindo-lhe, e a Laura, que falassem nos programas de rádio dirigidos a Brasil, Portugal e África portuguesa".[218]

A questão havia sido deliberada por uma comissão de quadro pessoas reunidas para analisar o seu possível retorno. Os dirigentes da IC pretendiam apurar se o intelectual

---

[217] Citado In: BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 75.
[218] DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e comunistas no Brasil,* op. cit., p. 85.

tinha condições políticas de retomar os trabalhos pela instituição.[219] Não obstante, Lacerda, seu principal crítico, participou da reunião, pois ainda encontrava-se na condição de representante do PCB. Outra vez procurou colocar sua reputação em dúvida, utilizando como pretexto o caso incômodo de sua passagem pela Alemanha e, igualmente, suas posições opostas ao levante organizado pela ANL/PCB. Na ocasião, teve a oportunidade de se defender das acusações, registrou que rebateu tudo "com documentos, decidida e categoricamente". Ao que tudo indica, sua defesa insistiu na tese da prematura insurreição armada no Brasil, defendida, sobretudo, pelo próprio Lacerda, responsabilizando-o por sua presunção e por haver induzido os dirigentes da IC ao equívoco, ao fornecer garantias ilusórias quanto à vitória do movimento. O fato é que, pouco tempo depois, Brandão voltou a cair em desgraça, passando a viver os anos seguintes de sua vida temendo ser repreendido pelos agentes do Comissariado do Povo Para os Assuntos Interiores. Segundo Brandão, Lacerda alegava que estava louco, e que havia contraído sífilis no cérebro.[220] Foi internado em um hospício:

> Veio a catástrofe. Os expurgos de Stálin alastravam-se. Fernando Lacerda ficou em pânico. Na hora mais necessária, a da derrota, deixou de ir ao trabalho. Pensou que as autoridades do Comissariado do Povo para os Assuntos Interiores, NKVD, iam prendê-lo e chama-lo à responsabilidade, como um dos culpados da derrota do movimento nacional-libertador no Brasil. Disse que estava para morrer. Insistiu que tinha sífilis no cérebro. Alegou que estava louco. Então, os médicos enviaram-no a um hospício"[221]

Apesar das desavenças políticas, em outubro de 1936, Lacerda enviou uma carta para Brandão, noticiando sobre o seu estado de saúde, os desafios enfrentados para se

---

[219] AMARAL, Roberto Mansilla. *Uma memória silenciada. Idéias, lutas e desilusões na vida do revolucionário Octávio Brandão (1917-1980),* op. cit., pp. 199. 200.

[220] Esta é uma questão polêmica, e que suscita debates. Segundo informa o jornalista William Waack, desde os tempos que Lacerda se encontrava no Brasil, reclamava frequentemente aos camaradas do partido que passava por problemas de saúde, motivo pelo qual o deixava incapacitado para o trabalho. Além disso, vivia dizendo para todos que sofria de vertigens, e que sua morte se aproximava. O jornalista afirma que Lacerda havia se consultado com dois médicos próximos aos dirigentes pecebistas e, após ter sido examinado, foi diagnosticado com arterioesclerose cerebral de origem sifilítica. Na ocasião, o instrutor de Moscou, Jan Jolles, sob a orientação de Guralski, sugeriu que Lacerda fosse para a URSS, a fim de realizar o tratamento de saúde, e ele aceitou a prontamente oferta, partindo para Moscou em 1934, onde permaneceu até o final da Segunda Guerra Mundial. Entretanto, para William Waack, o exame havia sido falsificado, tratava-se, na verdade, de um pretexto para afastá-lo do cargo de secretário do partido, e abrir caminho para a nova geração de dirigentes pecebistas, simpáticos à linha política defendida por Luís Carlos Prestes. Diga-se de passagem, muito criticada por Lacerda. WAACK, Willian. *Camaradas: nos arquivos de Moscou - a história secreta da revolução brasileira de 1935,* op. cit., pp. 64-65.

[221] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 76.

adaptar à URSS, assim como o isolamento político que se encontrava naquele momento. Entretanto, o mais interessante foi ter constatado o ponto de vista de Lacerda alterado em relação ao levante no Brasil, agora, entendido como prematuro pelo dirigente pecebista. Segue o conteúdo da carta enviada por Lacerda:

> Meu caro Octavio!
> Ainda não me sinto nada melhor, apesar da lindeza do lugar e dos esforços dos camaradas médicos. [...] Por mal dos pecados, surge-me um esquema que me põe tonto. Enfim, esperemos. Porém, o que mais me aflige é o isolamento político. Não compreendo senão poucas palavras do russo. [...] Sobre o Brasil, penso ainda muito. Não sei se vou me conter em esperar os 2 anos de minha pouco provável cura que os médicos mesmo não sabem garantir. [...] Eles lá mostram trabalho. Tudo diz que a insurreição, apesar de golpista e cheia de erros, produziu [...] uma simpatia popular por nós. Eles dão consignas justas. Falta só aplicá-las, sem os descuidos conspirativos que ainda praticam. Em vez de circulares dizendo tudo que vamos fazer, devemos lançar manifestos [...] e fazer um plano de paz nacional, sobretudo de luta contra a carestia e seus causadores, pela defesa da Constituição. Isso sem falar em comitês, como trabalhar neles etc. [...] E depois que nos bairros aparecerem comitês, é que começaremos a agir, então sim, o P.C. [...] com linguagem [...] deverá apoiar e participar dessas ações. Não te parece justo? O difícil é fazer chegar isso lá a nossa gente. Estou aqui pensando se, em vez de eu me ficar por aqui a esperar ou a loucura ou a morte, sem remédio, não seria melhor propor minha ida lá de qualquer jeito para obtermos uma ligação segura. [...] De acordo? Então, enquanto aqui estou me saneando, podia ver isso? Como vão os teus? Bem? Meu endereço dei ao Bertoni ou Eloisa. Abraços a Laura e as meninas.
> Um aperto de mão fraternal do companheiro e amigo.[222]

Como podemos observar até aqui, divergências políticas que adquiriam um caráter acusatório e, por vezes, levadas para o lado pessoal, parece que era algo frequente entre os militantes pecebistas que se encontravam em Moscou e, ao que tudo indica, no caso das reiteradas acusações realizadas por Lacerda em relação a Brandão não foi diferente, podendo ser interpretado como parte de uma estratégia da guerra particular dos militantes atacar o próprio companheiro de luta como forma de obter apreço diante dos dirigentes do *Comintern*.[223]

Em relação ao seu aguardado retorno ao *Comintern,* ocorreu apenas em janeiro de

---

[222] Carta de Fernando Lacerda a Octavio Brandão. Outubro de 1936. 2p. *Fundo Octavio Brandão II* (reserva técnica). Arquivo Edgard Leuenroth/ IFCH/Unicamp, pacote 17, pasta 39. [manus].
[223] WAACK, Willian. *Camaradas: nos arquivos de Moscou - a história secreta da revolução brasileira de 1935,* op. cit., p. 75.

1936. Na ocasião, foi recebido para uma conversa com o novo secretário-geral da IC, Georgi Dimítrov.[224] Na referida conversa, Dimítrov se mostrou um dirigente agradável e solidário,[225] teria, inclusive, aconselhado Brandão a continuar os estudos sobre Lênin (alertando-o para realizar as leituras sempre no original) e, igualmente, esquecer a tese soviética da revolução imediata.[226] Ao final, o dirigente ainda teria dito que a decisão favorável ao seu retorno para a IC partiu de "um ato de justiça política e moral".[227]

Conforme verificamos, a situação do intelectual exilado mudou bastante após o levante de 1935. A título de exemplo, logo após o fracasso da insurreição brasileira, os dirigentes pecebistas, "Bangu" (Lauro Reginaldo da Rocha) e "Martins" (Honório de Freitas Guimarães), solicitaram a outro dirigente, o "Abóbora" (Eduardo Ribeiro Xavier), que partisse para Moscou, no intuito de entregar a Brandão um relatório detalhado da situação no Brasil, além de pedir-lhe conselhos quanto à estratégia que deveriam seguir a partir de então.[228] Finalmente, em sua construção narrativa, é possível interpretar a sensação de alívio, assim como o horizonte de expectativas que se abriu em relação ao seu futuro no país. A esse respeito, recordou tempos depois com ânimo: "[...] terminou o longo, injusto e doloroso ostracismo político de 5½ anos. Meu trabalho passou a ser aproveitado. O índio-caboclo do Nordeste do Brasil voltou à IC de cabeça erguida, como um verdadeiro revolucionário".[229] Foi uma reviravolta importante em sua vida, como veremos na próxima seção. Entretanto, também não deixa de ser verdade que essa nova oportunidade trazia mais responsabilidade para o intelectual: seria preciso mostrar serviço diante do novo dirigente da Internacional.

---

[224] O novo dirigente da IC, Georgi Dimitrov, era considerado pelos militantes comunistas da URSS como sendo um habilidoso dirigente político e, sobretudo, uma figura com o passado heroico, por haver desafiado um dos personagens mais importantes do nazismo alemão, Hermann Göring. No começo dos anos trinta, o militante búlgaro havia sido designado pela Internacional para ocupar o cargo de assessor para os Assuntos da Europa Central, em Berlim, função que lhe conferiu notoriedade em razão de suas críticas ao fascismo e ao nazismo. Todavia, o episódio que lhe rendeu maior reconhecimento ocorreu no dia 27 de fevereiro de 1933, na ocasião do incêndio ao *Reischtag*. Na época, o Partido Nazista havia acusado o Partido Comunista Alemão e, sobretudo, Dimitrov, de terem planejado o incêndio. No tribunal encenado pelos nazistas, o dirigente comunista foi acusado pessoalmente por Göring, contra quem realizou sua defesa ridicularizando o seu principal acusador por falta de evidências. *id. ibid.* p. 356. Enfim, a defesa memorável realizada por Dimitrov possibilitou que deixasse à prisão nazista e retornasse à URSS, onde seria aclamado como herói antifascista. Portanto, há de se considerar o fascínio exercido por esse personagem no pensamento de Brandão e dos comunistas soviéticos.

[225] Esse traço de sua personalidade pode ser atestado por outros indivíduos que conviveram com o dirigente comunista. Em entrevista concedida ao jornalista brasileiro William Waack, a secretária de Dimitrov em Berlim, Mishka Slavutska, definiu sua personalidade como sendo a de "um homem agradável e espirituoso, ninguém imaginaria que se tratava de um dirigente comunista". *id. ibid.* p. 356.

[226] BRANDÃO, Octávio. *Entrevista à revista APARTE*, 1979.

[227] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 77.

[228] DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e comunistas no Brasil,* op. cit., p. 36.

[229] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 77.

3.3 O engajamento político pelo *Comintern* e outras atividades intelectuais

Assim que retornou para a IC, Brandão passou a exercer trabalhos políticos que exigiam responsabilidade e confiança. Sob a direção de Dimítrov, o intelectual engajou-se em uma campanha de abrangência internacional, destinada a reorganizar o movimento comunista no Brasil, profundamente arrasado em razão da onda de repressão policial que se sucedeu ao levante da ANL/PCB, de 1935, assim como batalhar pela libertação dos presos políticos.[230] Em suas memórias, narrou que sua atuação intelectual nesse embate ocorreu a partir da publicação de vários artigos que denunciavam a situação enfrentada pelos comunistas brasileiros. Aliás, parafraseando John Foster Dulles (1985), coube a Brandão, cuja "estrela estava em alta em Moscou", redigir o apelo inicial da campanha organizada pelo *Comintern*. Os artigos seriam difundidos pela imprensa internacional, como é o caso do jornal *L'Humanité*, de Paris, e das revistas *Rundschau*, da Basiléia, na Suíça, e *La Correspondence Internacionale*, de Paris.

No início de 1936, o Órgão oficial do PC francês, o jornal *L'Humanité*, publicou o apelo de Brandão denunciando a repressão policial aos comunistas no Brasil, intitulado *Un Appel Pathétique à Romain Rolland*. O texto escrito no formato de manifesto foi dirigido ao proeminente artista, escritor, professor e ativista político francês, Romain Rolland, com o propósito de sensibilizar a opinião pública internacional para os graves problemas enfrentados pela população brasileira, que padecia com o aumento exponencial da miséria, do desemprego, da censura aos jornais e, sobretudo, com o ambiente hostil ocasionado pela forte repressão policial perpetrada pela ditadura de Getúlio Vargas, sustentada pelas forças reacionárias imperialistas e fascistas. Assim expressou sua indignação:

> Durante 5 anos, o povo brasileiro vive sob o jugo desta ditadura de agentes do imperialismo, uma ditadura que lhe trouxe apenas um regime de fome, miséria, opressão, expulsou o povo obrigando-o a pagar os juros da dívida externa, condenou milhares de trabalhadores ao desemprego, arruinou os artesãos e o campesinato, aumentou os impostos sobre os pequenos comerciantes e industriais, pagou com grande atraso os magros salários dos pequenos funcionários públicos que se tornaram as vitórias dos usurários, deportou oficiais e expulsou do exército um grande número de soldados nacionais-revolucionários, assinou tratados ilegais com os imperialistas para destruir a indústria nacional, ajudou os líderes vendidos ao imperialismo

[230] *id. ibid.* p. 77.

> para enganar as massas burguesas a organizar a ação fascista-integrista, confiscou impressores de jornais que denunciavam os preparativos para a guerra, fechou jornais populares, sindicatos, organizações intelectuais estudantes metralhados que lutavam contra os impostos e pelas liberdades democráticas, mataram o estudante Tobias e o médico Mario Couto, metralharam manifestações antiguerra, matando dezenas e ferindo centenas dos filhos do povo. O governo Vargas é um governo de vilões, inimigos da humanidade, da liberdade da paz e da cultura".[231]

Em seguida, colaborou com a *Internacional Press Correspondence*[232], escrevendo um novo artigo. Outra vez, acusou o governo de Getúlio Vargas de traidor do povo brasileiro, e conclamou as massas operárias, o proletariado internacional, assim como os democratas e as pessoas honestas, a exigir imediatamente a libertação de Luiz Carlos Prestes, exaltando o seu passado de luta e, igualmente, alertando para os riscos de morte que o "Cavaleiro da Esperança" corria na prisão.[233] Na mesma época, escreveu outro artigo para *L'Humanité,* novamente procurou denunciar a situação dos camaradas revolucionários no Brasil, que estariam em situação deplorável, sofrendo todo tipo de abuso nas prisões de Vargas, ameaçados de trabalhos forçados e sob constante ameaça de serem fuzilados. Segue um trecho do seu manifesto:

> Atualmente, milhares de combatentes nacionais-revolucionários estão a sofrer nas masmorras de Vargas, ameaçados com décadas de trabalhos forçados, ameaçados de serem abatidos a tiro ou mortos escondidos pelos mercenários de uma clique de marionetes imperialistas como Vargas, de ferozes militaristas como João Gomes, empresários como Armando Salles e Numa de Oliveira, por um grupo de feudalistas, usurários, ladrões e contrabandistas de gado do Rio Grande do Sul, exploradores e opressores dos camponeses! Estes carrascos devem ser saqueados, os heróis do povo brasileiro devem ser defendidos![234]

---

[231] BRANDÃO, Octavio. Um appel pathétique à Romain Rolland. *L'Humanité*. 20 de janvier de 1936. p.03. (tradução nossa).

[232] A *Internacional Press Correspondence* funcionava como um espaço de divulgação da IC, onde publicava frequentemente artigos em vários idiomas, numa frequência de três vezes por semana, funcionando entre os anos de 1921-1938. De acordo com o site *Marxists.org*, as publicações ocorreram em Berlim (1921-1923), Viena (1924-1929), novamente em Berlim (1930-1932) e em Londres (1934-1938). Desde junho de 2018 a Biblioteca Digital do Arquivo Riazanov vem digitalizando os documentos disponíveis no *Holt Labor Library* de São Francisco e *Tim Davenport*, a *Library of Congress* e *Communist Party of Great Britain.* O Projeto conseguiu digitalizar até o momento os documentos produzidos até o ano de 1934. Cf.: Disponível em: https://www.marxists.org/history/international/comintern/inprecor/index.htm. Acesso em 24/05/2022.

[233] DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e comunistas no Brasil,* op. cit., p. 50.

[234] "A l'heure actuelle des milliers de combattantsnationaux-revolutionnaires souffrent das les cachots de Vargas, menacés de dizains d'annés de travax forces, menacés d'être fusillés ou tués em cachete par les mercenaires d'une clique de marionnettes de I'impérialisme comme *Vargas* de militaristes feroces como João Gomes, d'affairistes comme *Armando Salles* et *Numa de Oliveira*, par une clique de féodaux, usuriers, voleurs et contrebandiers de bétail de Rio Grande do Sul, exploiteurs et opresseurs des paysans! Il faut clouer au pilori ces bourreaux, il faut défendre les héros du peuple brésilien!". BRANDÃO, Octavio. *La*

O manifesto procurou sensibilizar a opinião pública francesa, insuflando o espírito combativo de seu povo, bem como a coragem dos seus intelectuais engajados do passado, responsáveis por conduzir os movimentos revolucionários. Para Brandão, a luta do povo brasileiro seria pela libertação nacional e contra as forças retrógradas do imperialismo, do fascismo e do feudalismo.

Outra frente de embate político que encontrou para tornar público suas posições críticas ao autoritarismo varguista foi a partir dos programas radiofônicos transmitidos pela Rádio Moscou, onde ocupava o cargo de redator e tradutor desde julho de 1935, trabalho realizado em parceria com sua esposa, Laura. Por inciativa de ambos, foi fundada na capital soviética uma redação brasileira, com a programação realizada totalmente em língua portuguesa, com transmissões para o Brasil, os países da América Latina, Portugal, Espanha e as colônias portuguesas na África.[235] Há de se reconhecer o trabalho pioneiro realizado por Brandão e Laura, esforço que lhes possibilitou a abertura de novas frentes de ação política. Para Brandão, por exemplo, foi a oportunidade para difundir seus artigos, muitos dos quais denunciavam a forte repressão política no Brasil, bem como a divulgação de propaganda soviética. Aliás, segundo nos informou em sua autobiografia, a rádio teve um papel essencial ao possibilitar a divulgação de seus escritos em vários idiomas, e por haver permitido que suas posições políticas adquirissem repercussão mundial.[236] Já para Laura, por sua vez, o trabalho na Rádio de Moscou significou a oportunidade ímpar de retomar à vida pública, afastada desde que chegou ao país. Até aquele momento, havia se dedicado exclusivamente aos cuidados maternos e às funções domésticas: fazia tempo que não se voltava à poesia e à literatura brasileira. Na rádio, a locutora-poetisa pôde retomar suas paixões antigas, que passaram a ser debatidas em sua programação. Aliás, é preciso registrar que desde a época que se casou com Brandão, e que passou a se dedicar à militância política e à maternidade, não se voltava mais à poesia e à literatura com o mesmo ímpeto e energia de antes. Qual a razão disso? Para Maria Elena Bernardes, é decisão difícil compreender: "Pode ter sido uma opção por acreditar que, naquele momento, a militância política significava uma arma mais eficaz e revolucionária do que escrever poemas. Um artista tem, como qualquer outra pessoa, o direito de escolher uma ou outra arma, temporária ou definitivamente como instrumento

---

terreur em Amerique du sud: A I'aide des combattants menacés de mort au Brésil! In: *L'Humanité*, 3 de mars de 1936. (tradução nossa).

[235] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 78.

[236] *id. ibid.* p. 78.

revolucionário. Também pode não ter sido uma escolha e, sim, uma condição imposta pela vida".[237] Enfim, para Laura, a promessa do socialismo para as mulheres parece haver se concretizado, ou seja, a possibilidade de conciliar trabalho e maternidade.

Pelo que conseguimos apurar, a programação da Rádio de Moscou era bastante diversificada, e incluía desde palestras, conferências e discursos políticos realizados por Brandão junto aos trabalhadores soviéticos, no tempo de suas viagens pelo interior do país[238] - explanando acerca das condições de vida dos operários e camponeses brasileiros, até alguns apontamentos acerca da história, literatura e das riquezas naturais existentes no Brasil e na América Latina. A esse respeito, registrou em suas memórias:

> Em Moscou, realizei trabalhos de popularização das riquezas morais e tesouros espirituais do Brasil, de glorificação do povo, da história, literatura e natureza do torrão natal. Pronunciei conferências em espanhol, francês e russo, sobre a nossa Pátria, seu processo de desenvolvimento econômico e político, seus operários e camponeses, seus índios e negros.[239]

Ao mesmo tempo, os redatores/locutores passaram a se ocupar dos assuntos que refletiam a conjuntura política internacional do momento, caracterizada pela ascensão dos regimes autoritários no continente europeu. Para esse propósito, dividiram-se em duas frentes de combate: a defesa da República espanhola, assim como o enfrentamento do nazismo, na Alemanha.[240] Além, é claro, de difundir "a propaganda soviética e glorificar

---

[237] BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política,* op. cit., p. 143.

[238] É interessante frisar que essas viagens citadas por Brandão foram realizadas entre os anos de 1931 a 1932, portanto, em um contexto que os camponeses se encontravam em condições penosas em razão dos efeitos da política de coletivização das terras e, como consequência, a sobrecarga de trabalho. Entretanto, apesar disso, inexiste qualquer referência a essas condições nas impressões realizadas por Brandão em sua autobiografia. Parece que o entusiasmo pelo socialismo soviético o impediu de realizar questionamentos. Aliás, recorda que, na época dessas viagens, realizou seu primeiro discurso em russo para aproximadamente quinhentos camponeses da aldeia de Ivánoscoie. O conteúdo apresentado teria interessado as autoridades locais, motivo pelo qual o jornal "Bandeira do Colróz", da cidade de Rilsk (cidade vizinha de Ivánoscoie), chegou a publicar o seu discurso como forma de estimular os camponeses a intensificar o ritmo de produção, a fim de colaborar com os trabalhadores do país. BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 79. Nesse mesmo contexto, Brandão escreveu o poema "Esta Locomotiva em Marcha", exaltando os trabalhadores e a grandeza da terra negra, na região central da URSS. É interessante registar que essa sua impressão acerca da situação dos camponeses soviéticos permaneceu enraizada em seu pensamento, motivo pelo qual, alguns anos depois, na ocasião de sua viagem à Crimeia, voltaria a enaltecer a fraternidade e solidariedade dos trabalhadores e, igualmente, o responsável por promover "as belezas da vida do socialismo, da natureza, da arte e da ciência: o camarada Stálin". BRANDÃO, Octavio. "Uma casa de repouso na Criméia. 31.05.1936. *Fundo Octavio Brandão II* (reserva técnica). Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 18, pasta 41.

[239] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 79.

[240] Nas reminiscências de Brandão, é possível perceber a influência exercida por Dimitrov (entusiasta do leninismo revolucionário) em seu pensamento político, particularmente, as posições do dirigente comunista em relação ao enfrentamento do fascismo em escala global, a partir da união de todos os "honestos e democráticos". As diretrizes expressas pela IC haviam enunciado a interpretação de que "o fascismo no

a URSS"[241], que era, inclusive, o propósito central do programa.

Nesse caso, é possível atestar, através dos comentários realizados por um ouvinte brasileiro que acompanhava com frequência as transmissões da Rádio de Moscou, as informações registradas por Brandão acerca dos temas abordados em sua programação. A matéria foi publicada no "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro, no dia 21 de fevereiro de 1939. A partir do conteúdo apresentado, é possível observar a preocupação das autoridades com a difusão de propaganda comunista no Brasil. Segue o conteúdo:

> Um rádio ouvinte acostumado às ondas curtas escreveu-me algumas linhas a propósito do que se publicou a respeito de uma transmissão de Moscou. Explicava-me ele que, durante quase três anos, ouviu, às quintas-feiras, às 19 horas, na onda de 25 metros, a irradiação feita pela emissora soviética em língua portuguesa e voz feminina. Essas irradiações consistiam em louvores ao regime soviético e ataques à Alemanha, à Itália e ao Japão. Os louvores cingiam-se a enumerar os benefícios que o camarada Stálin proporcionava ao povo russo e a leitura de artigos do jornal oficial Pravda... Há poucos meses, a locutora brasileira entrou a fazer uso do poema de Castro Alves, *Os Escravos,* para sua propaganda do comunismo entre os ouvintes de cá. E, de uma feita, chegou a afirmar que se preparava uma edição de cinco milhões de exemplares daquele poema para serem distribuídos nos sertões do Brasil... Foi a essa altura que a imprensa chamou a atenção do governo para essa irradiação, que passou a ser perturbada pelo nosso Departamento de Correios e Telégrafos. Daí os ruídos que o amigo ouviu no seu Philco, ao ouvir a estação de Moscou, pois que sobre a onda desta batem as nossas emissoras oficiais para perturbarem sua nitidez, que antes era perfeita, mas não conseguiu inutiliza-la de todo porque se trata de um transmissor de 500 kilowatts possante e bem modulado [...] Eu apreciava muito a locutora brasileira pela convicção que revelava nos seus louvores ao governo camarada e achava-lhe graça nas pretensões de obter adeptos de credo vermelho nestas bandas. Em seguida, ouvia com prazer trechos de músicas e cantos russos, realmente interessantes. Mas agora desisti dessa hora radiofônica. – M.[242]

---

poder é a ditadura terrorista e descarada dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas e mais imperialistas do capital financeiro". DEL ROIO, José Luiz. *O que todo cidadão precisa saber sobre fascismo.* São Paulo: Global, 1987, p. 26. É importante sublinhar que essa interpretação dos *modus operandi* da implantação das ditaduras fascistas é resultado da leitura dos escritos políticos de Lênin, sobre a formação dos monopólios. A referida tese parte do entendimento de que o poder exercido pelo capital financeiro, em um determinando momento da produção, funde-se com os interesses dos setores bancários e industriais, a fim de garantir o monopólio capitalista, definido como imperialismo. LENIN, Vladimir Ilitch. *O imperialismo: fase superior do capitalismo.* São Paulo: Centauro, 2008, p. 90. Desse modo, é possível observar a convergência de ideias entre os escritos políticos de Brandão e as diretrizes enunciadas pela IC, sobretudo no que tange ao enfrentamento da ameaça do fascismo no cenário internacional.

[241] BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política,* op. cit., p. 145.

[242] *Jornal do Comércio.* Rio de Janeiro, 21.02.1939, seção rádio. p.05.

As transmissões do programa da Rádio de Moscou foram interrompidas no início da Segunda Guerra Mundial. Em conformidade com Maria Elena Bernardes, o programa fez sua última transmissão evocando *O Canto do Albatroz* de Máximo Gorki, exatamente no mesmo instante em que as tropas nazistas invadiam o território polonês. Para Laura, as consequências imediatas da guerra foram árduas para Brandão, pois representou sua demissão do cargo.[243] As coisas só começaram realmente a mudar para Brandão no início de 1937, logo após a IC o convocar para comparecer à sua sede, pois tinha uma tarefa importante para realizar: integraria a campanha internacional pela libertação de Luís Carlos Prestes e Olga Benário Prestes.[244] Na época, o caso adquiriu uma enorme repercussão, mobilizando vários personagens da vida pública, que passaram a apelar junto ao governo brasileiro pela desistência da deportação de Olga para a Alemanha nazista, tendo em vista sua ascendência judaica. Porém, esses apelos não surtiram qualquer efeito na decisão tomada por Vargas, que preferiu entregá-la aos carrascos nazistas, mesmo sabendo que estava grávida de um cidadão brasileiro.

A IC ordenou que Brandão fosse imediatamente para Paris no intuito de coordenar a campanha, auxiliando o Socorro Vermelho Internacional, na luta pela libertação de Anita Leocádia Prestes. Dessa forma, em abril de 1937, tomou um trem em Moscou e partiu em direção à capital francesa, onde permaneceria por um período de quatro meses e meio. Em suas recordações, narra que procurou ser o mais discreto possível na viagem para não despertar a atenção das autoridades locais. Procurou não levar livros, papéis ou anotações que pudessem comprometer o serviço, portando apenas o seu passaporte. Na construção da narrativa realizada pelo autobiografado, é notório o entusiasmo em relação ao papel desempenhado no referido encargo, como se observa no testemunho a seguir:

> Tomei parte na primeira linha da luta internacional vitoriosa para arrancar a criança Anita Prestes à prisão da polícia hitleriana – a Gestapo, em Berlim. Neste sentido, ao lado do Socorro Vermelho Internacional e de dona Leocádia Prestes, combati em várias

---

[243] BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política,* op. cit., p. 152.

[244] Conforme consta no dicionário biográfico da Internacional Comunista na América Latina, "hizo un viaje a Francia y organizó la campaña por la liberación de Anita Prestes, nacida en un campo de concentración de Alemania e hija de O. Benario. Se ocupó de los trabajos del Comité pro Prestes, mantuvo contactos con M. Cachin y con la madre de Prestes y se encontró con 'Martins' (1937, (Honorio de Freitas Guimarães). Estaba previsto enviarle a América Latina para ayudar a los consejeros de la Comintem (1939) pero, al final, pasó los años de guerra en Moscú y en Kujbyshev". JEIFETS, Víctor; JEIFETS, Lazar. *América Latina en la Internacional Comunista 1919-1943: Diccionario Biográfico.* Nueva edición [en línea]. Santiago: Ariadna Ediciones, 2015 (generado el 30 marzo 2018). Disponible en Internet: <http://books.openedition.org/ariadnaediciones/943>. ISBN: 9782821895829.

> direções. Procurei reanimar a campanha.[245]

Existe, decisivamente, uma intenção por parte do autobiografado em se autorrepresentar como uma expressão heroica e decisiva nos acontecimentos que se sucederam. Aliás, é o próprio Brandão que admite, em seus escritos memoriais, que "aspirava uma sinfonia heroica na vida"[246], havendo, portanto, idealizado alcançar o reconhecimento em Paris, em razão de sua atividade intelectual.

Em Paris, viveu clandestinamente sob o nome suposto de "monsieur Miranda"[247], hospedou-se em hotéis modestos, localizados nos bairros de Montmarte e Quartier Latin, respectivamente. Em suas recordações, narra que procurou ser cuidadoso para não despertar a atenção das autoridades locais. Quando dispunha de algum tempo livre nas tardes, procurava caminhar pelas ruas da cidade, percorrendo os espaços por onde transitaram notáveis intelectuais, revolucionários, escritores e poetas. Aproveitou também para visitar os túmulos de Laura e do revolucionário Paul Lafargue, filha e genro de Karl Marx. Certamente, para Brandão, um aficionado por política, literatura, arte e poesia, deve ter sido uma experiência singular, viver por um tempo no centro cultural mais importante da Europa. Como era fluente no idioma local, isso contribuiu para sua inserção nas comunidades intelectuais, possibilitando que entrasse em contato com outras personalidades públicas e, igualmente, tivesse condições de publicar seus artigos. Deste modo, pode-se conjecturar que essa oportunidade só foi possível por causa do seu exílio.

Em suas memórias, narra que, logo após haver desembarcado em Paris, procurou imediatamente prestar suporte a dona Leocádia Prestes, mãe de Luís Carlos Prestes, que se encontrava:

> [...] exasperada e desesperada. Ela não via nenhuma saída. Levaram-na, a princípio, à Espanha Republicana, em vez de fazerem a campanha no Brasil, Inglaterra, Estados Unidos e América Latina. Depois, abandonaram-na. E a campanha caiu em ponto morto.[248]

Segundo informa o autobiografado, a estratégia adotada pelo Socorro Vermelho Internacional, sob a direção do italiano Bonnet, cometeu alguns equívocos, comprometendo os objetivos da campanha. Além do mais, dificultou a relação com dona

---

[245] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 92.
[246] *id. ibid.* p. 92.
[247] TCHUDÍNOVA, Valná Brandão. Recordando o meu pai (primeira parte). In: OLIVEIRA, José Roberto Guedes de (org.). *Cartas de Octávio Brandão: memória,* p. 31.
[248] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 92.

Leocádia, que se encontrava revoltada com os resultados da campanha dirigida por Bonnet, recusando-se a recebê-lo. Estava aflita com a possibilidade do filho ser morto a qualquer momento no quartel da polícia especial, no Rio de Janeiro, assim como sua nora e neta, que se encontravam incomunicáveis em uma prisão da Gestapo, em Berlim. Seria preciso correr contra o tempo para retomar a confiança da mãe de Prestes, condição para que pudessem vislumbrar alguma possibilidade de êxito em sua tarefa.

Brandão expôs que após uma longa conversa que teve com dona Leocádia Prestes, escutando pacientemente sua exposição dolorosa, ouviu também dela algumas palavras promissoras, que o deixou confiante: "era uma primeira esperança".[249] Esse encontro teria resultado na reconciliação entre Bonnet e dona Leocádia. Era o que necessitava ser feito para retomar o fôlego da campanha. Os passos seguintes foram no sentido de se municiar quanto ao caso, procurando se cercar de todas as informações possíveis para entender melhor a situação, e assim construir uma nova estratégia de ação.

Segundo registrou em suas memórias, havia apresentado a situação de Anita Leocádia Prestes na Gestapo, em uma reunião na sede do Socorro Vermelho Internacional. Sua proposta foi investir contra o problema em duas frentes simultâneas: a primeira, consistia na realização de uma ampla mobilização internacional, cujo objetivo seria pressionar a Gestapo a entregar a criança à avó. A segunda proposta sugerida pelo intelectual foi ainda mais audaciosa, a estratégia visava atrair personalidades inglesas e belgas para a causa, estimulando-os a enviar mensagens e representantes a Berlim, no intuito forçar a *Gestapo* a entregar a criança aos cuidados da avó.

Brandão recorda que a estratégia foi arquitetada considerando os desígnios estratégicos de Adolf Hitler naquela época, pois se imaginava que "a *Gestapo* não receberia delegações francesas, nem espanholas. Mas não poderia recusar delegações inglesas e belgas. É que a 'estratégia' de Hitler, seus planos de guerras e agressões, tinham em vista 'neutralizar' a Inglaterra, enganar e adormecer os belgas até a hora da invasão".[250] O plano idealizado pelo intelectual interessou os dirigentes do Socorro Vermelho Internacional de Paris, que o executaram prontamente.

Sob essa nova orientação, dona Leocádia, auxiliada por sua filha Lígia, passou a exercer nova atividade, realizando viagens a Berlim, a fim de reivindicar diretamente a *Gestapo* a liberação da neta.[251] Além disso, como parte da atividade de panfletagem, foi

---

[249] *id. ibid.* p. 92.
[250] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 94.
[251] Outra frente de atuação fundamental para a libertação de Anita Leocádia Prestes ocorreu no campo

afixado um grande cartaz nas ruas de Paris para sensibilizar a população local a apoiar a causa. Brandão, por sua vez, relata que se engajou na atividade intelectual, a partir da publicação de vários manifestos que foram difundidos por jornais e revistas de toda Europa, contribuindo para despertar o interesse da opinião pública internacional. Reproduzimos a seguir, na íntegra, o artigo de Brandão intitulado *II faut sauver Prestes, sa femme et son enfant: Une enfant de six mois dans les grifes de la Gestapo* ("O Prestes deve ser salvo, assim como sua esposa e sua filha: Uma criança de seis meses nas garras da Gestapo"), publicado no jornal *L'Humanité* destinado a campanha:

> Berlin Prinz Albreel. Istrasse 8. Prisão da Gestapo.
> Uma pequena mão chega através dos portões, pedindo a solidariedade de todos aqueles que têm sentimentos humanos. Há seis meses, desde o seu nascimento, uma criança está nas garras da Gestapo. Ela é uma doce menina, com grandes olhos azuis e um sorriso infinitamente doce...Que "crime terrível" é que ela cometeu? A voz: ela é a filha de Olga Prestes e Luiz Carlos Prestes, o herói nacional do Brasil. É tudo o que há! O governo Vargas, sob a pressão dos imperialistas, fascistas e militaristas feudais, deportou Olga para a Alemanha e Anita Prestes foi presa nas masmorras da Gestapo e permanece lá até agora! Olga veste o uniforme da prisão como se fosse uma condenada. Ela está subnutrida. Ela sente-se fraca e não pode dar à criança o que ela precisa. Annita só sai ao ar livre durante meia hora por dia. Olga não cometeu qualquer crime. Ela deixou a Alemanha muito antes de o atual governo chegar ao poder. Este governo não intentou qualquer ação legal contra ela. Então porque é que a mantém na prisão durante oito meses sem qualquer julgamento? Prestes ama profundamente a sua mulher e a sua filha. Porque é que o governo brasileiro os separou? É um crime amar a sua família? Nós, os filhos do povo brasileiro, pedimos a todos os homens de sentimentos elevados que exijam a libertação da pequena Annita Prestes e da sua mãe e a possibilidade de Olga se juntar à sua sogra.
> Liberdade para Annita Prestes e a sua mãe![252]

---

jurídico, onde foi travado uma dificílima batalha nos tribunais da Alemanha nazista, dirigida pelo advogado brasileiro Sobral Pinto e pelo afamado jurista francês, François Drujon. O principal esforço realizado pelos advogados foi no sentido de atestar a cidadania brasileira de Anita, diante dos agentes da *Gestapo*. Porém, não foi tarefa fácil, pois o governo brasileiro não estava disposto a ajudar no caso, dificultando o envio dos documentos solicitados, que atestavam a paternidade de Luís Carlos Prestes em relação a criança. Apesar dos percalços, os advogados conseguiram provar, a tempo, a nacionalidade de Anita diante dos agentes da *Gestapo*. Entretanto, o parecer definitivo demorou três meses para sair, e nele constava que "a tia e a avó tinham prazo até o fim do mês para buscar Anita Leocádia, pois o leite da mãe chegara ao fim. Caso contrário, a garota seria entregue a um berçário nazista. As demais proibições, entretanto, continuavam de pé: só seria libertada a criança, a mãe sequer poderia ser visitada". MORAIS, Fernando. *Olga: a vida de Olga Benário Prestes, judia comunista entregue a Hitler por Getúlio Vargas.* São Paulo: Editora Alfa-Omega: 1985, p. 243.

[252] *"Berlin Prinz Albreel.Istrasse 8. Prison de la Gestapo. Une petite main traverse les grilles en demandanl la solidarité de tous ceux qui ont des sentiments humains... Il y a six mois, dès sa naissance, une enfant se trouve dans les grifes de la Gestapo. C'este une fillette gentille, de grands yeux bleus et de sourire infiniment*

A sensibilização da opinião pública internacional através do engajamento de intelectuais, jornalistas, políticos, escritores e artistas foi crucial para pressionar a Alemanha nazista a entregar a criança. A esse respeito, registrou em suas memórias que "tantos esforços de tantas organizações, personalidades e publicações, foram coroados de um triunfo magnífico. Em Berlim, a *Gestapo* teve de entregar Anita Prestes à avó. Vitória excepcional!".[253] É importante destacar que o autobiografado recordou essa passagem de sua vida com enorme entusiasmo, sentindo-se parte essencial nessa vitória. Aliás, para enfatizar o feito memorável, afirmou em sua narrativa que a *Gestapo,* ao longo de toda sua existência, só havia libertado apenas dois prisioneiros: o camarada Georgi Dimitrov e Anita Prestes. Sem dúvida, foi uma vitória expressiva para todos aqueles que estiveram envolvidos na campanha, sobretudo para Brandão, que ainda se empenhava para ser reconhecido e, igualmente, ocupar o seu espaço no cenário político soviético, algo desafiador para um intelectual estrangeiro, ainda mais se tratando de um personagem com o passado marcado por tensões com a cúpula de dirigentes da IC. Enfim, após ser informado sobre o desfecho favorável do caso Anita, o autor relata que se sentiu motivado a persistir no plano de intensificar a campanha pela liberação de Olga e Prestes. Não obstante, apesar do seu envolvimento no caso, segundo informou, inexiste nos relatórios oficiais da IC qualquer menção ao serviço prestado. Houve, de fato, um silenciamento de sua memória por parte da IC.[254] Portanto, seria impossível encontrarmos qualquer indício

---

doux... Quel "cirme affreux" a-t-elle commis? Le voice: ele est la fille de Olga Prestes et Luiz Carlos Prestes, le héros national du Brésil. C'est tout! Le gouvernement Vargas, sous la pression des imperialistas, des fascistas et des militaristes féodaux, a deporte Olga em Allemagne et Anita Prestes naquil dans les cachots de la Gestapo et y reste jusqu'à présent! Olga porte l'uniforme de la prision comme si ele était une condamnée. Elle est sous-alimentée. Se sent affaiblie et ne peut pas donner à l'enfant ce qu'i faut. Annita n'est à l'air frais que pendant une demiheure par jour. Olga n'a commis aucun crime. Elle est parlie de l'Allemagne longtemps avant l'avènement du gouvernement actuel. Ce gouvernement ne lui a intenté aucune poursuit judiciaire. Alors, pourquoi la retient-il dans la prision depuis 8 mois, sans aucun procès? Prestes aime profondément as femme et as fillette. Pourquoi donc le gouvernement du Brésil les a séparés? Serait-ce um crime d'aimer as famille? Nous, fils du peuple brésilien, demandons à tous les hommes de sentiments élevés de revendiquer la libération de la petite Annita Prestes et de as mère et la possibilite pour Olga de rejoinare sa belle-mère. Liberté pour Annita Prestes et as mère!" BRANDÃO, Octavio. *Il faut sauver Prestes, sa femme et son enfant: Une enfant de six mois dans les grifes de la Gestapo*. *L'Humanité*, 13 de peut de 1937 p.3/8. (tradução nossa).

[253] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 94.

[254] O escritor Fernando Morais, que pesquisou o caso Olga, analisando os arquivos secretos e entrevistando várias testemunhas envolvidas, também não fez qualquer referência em seu livro ao auxílio prestado por Brandão na campanha pela libertação de Olga e Anita. Cf.: MORAIS, Fernando. *Olga: a vida de Olga Benário Prestes, judia comunista entregue a Hitler por Getúlio Vargas,* op. cit., A filha de Brandão, Valná Tchudínova, ironiza o escritor pela bibliografia que se apoiou para realizar sua pesquisa, conforme se observa no fragmento a seguir: "Colheu depoimentos de 13 pessoas (inclusive do próprio Prestes), pesquisou um sem fim de fontes, inclusive jornais, revistas e periódicos; apresenta neste livro uma vasta bibliografia de três páginas. Suponho que as suas fontes de consulta tenham sido, principalmente, comunistas (PCB, Alemanha Oriental, etc.). Ao descrever pormenorizadamente a história de como se conseguiu a soltura de Anita Prestes, Fernando Morais não cita, sequer, o nome de Octavio Brandão".

de seu envolvimento a partir dos documentos oficiais, sendo necessário recorrer a outras fontes, a fim de suprir essas lacunas. E, nesse caso, alguns indícios que atestam seu envolvimento encontram-se no Acervo nº2 do Fundo Octavio Brandão, dentro de envelopes intitulados "Lígia" (irmã de Prestes), trazidos de Moscou por uma das filhas de Brandão, Valná Tchudínova.

De modo geral, as cartas trocadas entre Brandão e Lígia narram, com uma riqueza de detalhes, os bastidores da campanha, abalizada pelo sentimento de temor, angústia e frustração com os resultados alcançados até o presente momento, além de fazer referência aos colaboradores mais destacados da campanha.[255] Sem embargo, o que mais nos interessou nas cartas foi haver atestado a confiança que a irmã de Prestes depositava no trabalho de Brandão na condução da campanha. Reproduzimos, a seguir, a primeira carta enviada por Lígia à Brandão:

> Querido amigo
> Desejo de todo coração que você tenha terminado bem as suas férias e que tenha tido o prazer de encontrar todos os seus em perfeita saúde. Escrevo-lhe hoje pela primeira vez, cumprindo o prometido. Deixei de fazê-lo há mais tempo por diversos motivos, mas principalmente porque as atribulações da nossa vida, ao ausentar-se o cab., aumentaram consideravelmente. Continua tudo como dantes. A carta do gordo e do magro até hoje não foi ainda discutida e nenhuma providência tomada. Mas o Belo, em entrevista que teve com o gordo, já procurou rebater muitos pontos importantes da carta, principalmente no que diz respeito à Mme. Disse ele que era preciso esperar a volta do Bom, para se poder tomar uma resolução... A Mme já voltou, mas (a intriga continua a florescer por aqui) parece que foi imediatamente informada da existência da carta do gordo e do magro, pois está furiosíssima conosco. Não nos procurou, mas encontrou meios de nos mostrar as unhas. Enquanto isso, e devido a isso, nada se faz pelas nossas duas queridas. A nossa única esperança está na ação do caboclo e na sua atividade junto aos queridos tios. [...] Enfim, aguardamos como ansiedade notícias do caboclo". [...].[256]

Pouco tempo depois, recebeu outra carta de Lígia, dessa vez noticiando sobre a

---

TCHUDÍNOVA **in:** OLIVEIRA, Guedes de. (org.). *Cartas de Octávio Brandão:* memória., op. cit., p. 47.

[255] Os personagens citados na carta foram identificados com pseudônimos para não os comprometer. Brandão, por exemplo, era chamado de "caboclo", dona Leocádia, "Mme", e os dirigentes do partido, Paulo de Lacerda e Abelardo Nogueira, seria "gordo" e "magro" AMARAL, Roberto Mansilla. *Uma memória silenciada. Idéias, lutas e desilusões na vida do revolucionário Octávio Brandão (1917-1980),* op. cit., p. 207.

[256] Carta não assinada enviada "ao querido amigo". S.l.d., 01.09.1937. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 16, pasta 33. [dat.].

situação de Prestes, que há pouco havia sido conduzido com os outros presos políticos para o julgamento de apelação no Supremo Tribunal Militar. Segundo Lígia, o advogado militar que representava o caso havia relatado que, ao chegar ao tribunal, Prestes foi brutalmente agredido pela polícia especial, deixando-o seriamente lesionado. Porém, Lígia parece desconfiar dessa informação, questiona, inclusive, se o depoimento havia realmente ocorrido, uma vez que até o momento, nada havia sido mencionado pelo advogado Sobral Pinto. Segue o conteúdo da carta:

> Caro amigo
> Recebemos suas cartas n.º 3 e 4. A primeira chegou com mais de uma semana de viagem! Continuamos em notícias diretas do nosso menino [...]. Recebemos ontem uma carta do advogado militar, datada do 10 corrente, onde ele nos comunica que dia 9 iniciou-se o julgamento, no STM, da apelação dos 35 cabeças, havendo o Pedro comparecido, assim como os outros. Ao chegar ao tribunal, Pedro foi vítima de uma brutal agressão por parte da polícia especial, saindo seriamente contundido. Mesmo assim, não tendo obtido adiamento da audiência, Pedro aproveitou os 15 minutos concedidos à defesa para fazer algumas observações sobre o processo. Diz ainda o advogado que, no dia seguinte ao acontecimento, fora visitá-lo, encontrando-o já devidamente medicado e inteiramente calmo. [...] Diz-nos o advogado que o julgamento devia ser conhecido no dia 13 ou 15 de corrente (ignoramos ainda se o foi) e que o menino não tinha a menor ilusão quanto ao veredito do STM, esperando na melhor das hipóteses uma pequena diminuição da pena. O que nos causou especial estranheza foi o fato de o ser o adv. Militar que nos escreveu avisando o ocorrido, e não o S.P. [...].[257]

Na parte final da carta, Lígia segue informando acerca dos derradeiros detalhes do caso Anita, além de mencionar o pedido pessoal feito por Prestes, por intermédio de seu advogado, Sobral Pinto, que enviasse recortes de jornais e pequenas citações a respeito das perseguições enfrentadas pelos comunistas brasileiros no início da década de 1930. Conclui a carta dizendo que Prestes havia pontuado que talvez Brandão poderia ajudá-lo a conseguir esses materiais. Desse modo, pode-se atestar, a partir da sequência de cartas trocadas, o nível de envolvimento do intelectual no caso. À vista disso, ainda não havia finalizado o mês, quando respondeu à Lígia e à dona Leocádia, procurando tranquilizá-las e, igualmente, certificar se Prestes havia recebido os materiais solicitados:

> Caras Amigas

[257] Carta de Lígia Prestes a Octavio Brandão. Paris, 17.09.1937. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 16, pasta 33. [manus.].

> Como sempre, entro cheio no assunto. Continuamos a insistir junto ao Belo em favor da moça e da inocente. Podem ficar certas de que a casa tem feito e fará tudo o quanto for possível! Estamos procurando materiais para preparar o resumo pedido por Pedrinho, por intermédio do adv. amigo. Há, porém, uma dúvida nossa: ele esclareceu por que deixou de escrever as amigas? A carta do amigo a esse respeito foi respondida? Pedrinho confirmou por carta que recebeu os papeis enviados pelas amigas ao adv. amigo? Seria conveniente que, agora, o próprio Pedrinho confirmasse diretamente por carta: 1) que ele recebe esses papeis; 2) que ele efetivamente mande pedir o resumo atual. É conveniente que, como anteriormente, os recortes de jornais datilografados pelas amiguinhas sejam enviados para as meninas. Muito interessante a carta da vovó. Sim, ela é da mesma têmpera do neto e da filha!
> Abraços afetuosos, do cab.[258]

Na carta seguinte, Lígia procurou se desculpar por haver atendido parcialmente as solicitações realizadas por Brandão, enviando-lhe apenas alguns recortes de jornais sem muita importância. Aliás, afirmava que fazia parte da estratégia enviar esses materiais a fim de averiguar se seriam extraviados no percurso. A despeito, caso corresse tudo bem, prometeu que enviaria materiais mais expressivos da próxima vez.

Os apelos feitos por Brandão para que enviasse recortes jornalísticos era para que tivesse condições de acompanhar de perto as repercussões do caso na impressa internacional, podendo, assim, planejar melhor os próximos passos da campanha, a partir da publicação de manifestos. No que se segue, reproduzimos a resposta que recebeu:

> Caro Amigo. Mando-lhe estes recortes a título de experiência: vamos a ver se chegam ao salvamento [...] não se irrite com o fato de eu lhe mandar recortes sem grande importância. Escolhi precisamente os recortes menos interessantes, pois ainda não tenho certeza de que não se extraviarão. Se tudo correr bem, começarei então a mandar-lhe, dessa maneira, os recortes interessantes. Já sabes da implantação da ditadura fascista na nossa terra? Que tal?
> Abraço para todos de Li. [259]

---

[258] Carta de Cab. as "Caras Amigas". S.l., 25.09.1937. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 16 [dat.].

[259] Cumpre registar que nos arquivos pessoais de Brandão, encontram-se alguns pequenos resumos de jornais enviados por Lígia que repercutiam o caso Anita, assim como a situação de Prestes no Brasil.

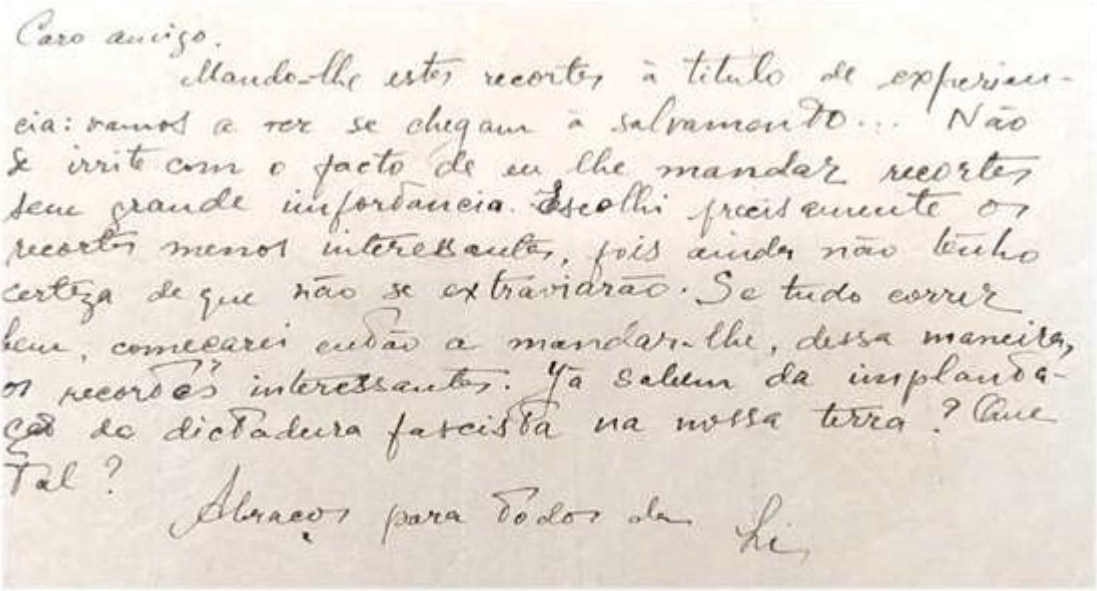

Caro amigo.
Mando-lhe estes recortes à título de experiencia: vamos a ver se chegam à salvamento... Não se irrite com o facto de eu lhe mandar recortes sem grande importancia. Escolhi precisamente os recortes menos interessantes, pois ainda não tenho certeza de que não se extraviarão. Se tudo correr bem, começarei então a mandar-lhe, dessa maneira, os recortes interessantes. Já soube da implantação da dictadura facista na nossa terra? Que tal?
Abraços para todos da Li

Figura 4: Carta de Lígia ao amigo. S.l.d. Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica). Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 16, pasta 33. [manus.].

O mais interessante é a parte final da carta, quando Lígia indaga se Brandão já sabia dos últimos acontecimentos no Brasil: a instalação da ditadura militar por Getúlio Vargas. Ainda no mês de setembro do mesmo ano, Brandão enviou uma nova carta à Lígia e dona Leocádia, aconselhando-as a retornar para o Brasil, pois pensava que em casa talvez tivessem melhores condições para aparelhar a campanha pela libertação de Anita, Olga e Prestes. Nesse caso, é apropriado esclarecer que a referida carta foi enviada antes do Golpe de Estado de 1937. Segue abaixo as recomendações indicadas pelo intelectual:

> Caras Amigas
> Recebi a carta n.º 4, de setembro. Obrigado. [...] Penso ser conveniente continuar a enviar os dois artigos do Cab. sobre a moça e a inocente (enviá-los à pátria). Por enquanto, não é preciso fazer segunda edição do apelo à união. Dizem as amigas: "E nós continuamos convencidas de que o principal trabalho deveria ser feito lá em baixo". Justíssimo! Mas, para isso, seria conveniente que as amigas partissem para a pátria. As coisas por lá estão mudando... Lá, as amigas poderiam trabalhar em prol dos 3. Nós dois daqui pensamos assim. Na casa do belo, pensa-se do mesmo modo. Tenho mostrado sempre às meninas todos os resumos que as amigas têm enviado. É conveniente que, como anteriormente, os recortes de jornais e os resumos datilografados pela amiguinha (e escritos por ela) sejam enviados para as meninas. Não é justo dizer: "A nossa única esperança ainda continua a ser você e os seus artigos". A obra é de todos! Tem recebido o jornal integral? Precisamos dele aqui [...] Ontem, durante quase 3 horas, falamos com os amigos do Belo. Contamos um por um todos os fatos: o isolamento da amiga, os

> métodos, a viagem ao país da moça, a situação do co., o que diz o presidente, o que o secretário não faz, tudo quanto mme. Fez contra ou deixou de fazer a favor, a história da outra mme. C., o relatório idílico, a moção que ninguém viu, a viagem do homem do jornal que quase nada viu, a responsabilidade do homem bom e, no fim, a saída. Explicamos tudo com todos os detalhes! Um passo importante! Os amigos do belo deram-nos razão em uma série de coisas.
> Abraços afetuosos.
> C.[260]

Nesse contexto, marcado por intensa atividade política, o intelectual recorda que escreveu diversas cartas e artigos em forma de manifestos, endereçadas aos intelectuais brasileiros e estrangeiros que pudessem contribuir, de alguma forma, com a campanha em prol da libertação de Prestes e dos demais presos políticos no Brasil.

É interessante registar que esse aspecto da publicação de seus artigos políticos, veiculados a determinadas jornais e revistas, cuja temática se relacionava às críticas ao avanço do fascismo e do imperialismo, é narrado, repetidas vezes pelo autobiografado, apresentando-se no texto como uma narrativa circular, em que as mesmas lembranças se convergem para o mesmo ponto, lugar esse que procurava sempre se abrigar. Essas lembranças parecem haver se cristalizado em suas memórias, talvez como forma de valorar sua atuação enquanto intelectual ativo/útil. Aliás, situação bastante distinta daquela que experimentava quando essas reminiscências foram evocadas e registradas, encontrando-se submetido a um profundo isolamento intelectual. Portanto, a nosso ver, nada mais natural para a memória que se refugiar em um tempo ao qual fizera realmente a diferença, e que ainda poderia se considerar importante. Enfim, outro aspecto digno de nota é o fato de, em alguns momentos em sua construção narrativa, o autor se utilizar do pronome na terceira pessoa ao se referir a si mesmo.

O plano defendido pelo intelectual, aprovado pela direção do Socorro Vermelho de Paris, consistia em lutar por algumas reivindicações simples, no entanto, diante das circunstâncias complexas em que se encontravam Prestes e os pecebistas, qualquer recuo das autoridades já representaria uma enorme conquista para o movimento, sobretudo, para os familiares, que já estavam praticamente perdendo as esperanças de conseguir a complacência das autoridades, em razão da situação sombria que se projetava no horizonte político brasileiro. Desse modo, segundo registrou em suas memórias, o plano seguiu a seguinte orientação:

---

[260] Carta de Caboclo Às "Caras Amigas". 28.09.1937. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 16, pasta 33. [dat.].

> Exigir as liberdades elementares imediatas para os presos políticos, e não a liberdade em geral. Tomar consideração o processo instaurado em 1935. [...] Transferir Prestes para uma prisão comum, visto que o quartel da Polícia Especial não oferecia nenhuma segurança de vida. Conquistar o direito elementar, para Prestes, de escrever à mãe e à companheira, e receber respostas.[261]

Além disso, era parte da estratégia estimular a formação de uma aliança nacional-democrática de resistência ao avanço do nazifascismo e o imperialismo alemão no Brasil.[262] Aliás, essa questão ao qual nos referimos pode ser facilmente atestada na "Carta aos meus compatriotas", enviada a vários escritores. Na referida carta, Brandão exaltou a bravura do povo brasileiro, que mesmo diante dos sofrimentos e dos reveses, sempre lutou por justiça social e liberdade. O intelectual invocou a memória dos mártires Tiradentes e Castro Alves, apresentados como exemplos democráticos. Aliás, defendeu que no Brasil e na América Latina em geral, jamais houve regimes realmente democráticos, pelo contrário, esses regimes sempre foram meras caricaturas autoritárias disfarçadas para encobrir os interesses dos grandes proprietários de terras, patrocinados pelos monopólios estrangeiros.

Em sua análise, a ausência de democracia é atribuída à falta de independência econômica, responsável por subordinar os interesses nacionais em nome dos monopólios estrangeiros. Em sua crítica, acusou o imperialismo alemão de apoderar-se das riquezas minerais existentes no Brasil, e os dirigentes da Ação Integralista (AIB) por cooperar com os proprietários rurais e com as ditaduras reacionárias apoiadas pelos monopólios estrangeiros.[263] Finalmente, realiza um apelo ao povo brasileiro, sobretudo, os segmentos nacionais-democráticos da sociedade, a fim de realizar uma tarefa histórica: a instauração

---

[261] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 94.
[262] *id. ibid.* p. 92.
[263] Em seu artigo *"L'araignée hitlérienne au Brésil"* ("A aranha hitleriana no Brasil"), publicado em junho de 1937 no jornal *La Correspondance internationale*, procurou relacionar a ascensão do fascismo no Brasil aos interesses imperialistas da Alemanha na região em que, cada vez mais, apoderava-se das riquezas naturais e minerais da nação. Além disso, afirma que o ditador alemão contava com uma rede de importantes colaboradores formada por organizações infiltradas que agiam de forma sorrateira a fim de assegurar os interesses imperialistas dos nazistas no país, sobretudo na região Sul, onde gozava de amplo apoio popular entre os descendentes alemães. Nas análises realizadas por Brandão, setores estratégicos para a nação, como a economia, encontravam-se controlados pelas agências capitalistas alemãs. Por sua vez, essas instituições financiavam organizações de orientação fascista no país, tais como: partidos políticos, jornais, associações que se diziam apolíticas (clubes, escolas e empresas), responsáveis por mobilizar a população a apoiar as resoluções de Hitler. Enfim, o mais interessante é quando o autor afirma, sem qualquer evidência, que o Brasil estava dominado por espiões e agentes infiltrados, muitos dos quais pertenciam a uma organização contrarrevolucionária trotskista, sob a comando de León Trotsky, agente da Gestapo. BRANDÃO, Octavio. L'araignée hitlérienne au Brésil. In *La Correspondance internationale*, Nº27, 26 de juin de 1937.

de um regime realmente democrático. Entretanto, para tornar isso possível:

> [...] exige como preliminar: 1) a liberação de Luís Carlos Prestes, herói nacional, e de todos os presos políticos; a anistia total; 2) a anulação do estado de guerra, das leis reacionárias, dos tribunais de exceção; 3) as mais amplas liberdades democráticas. [...] Para haver paz são preliminarmente necessárias a libertação de Prestes e de todos os seus companheiros, uma anistia total e as liberdades democráticas. [...] Paz democrática: nem complôs militares, nem golpes de Estado, nem guerra civil, nem intervenções nos Estados, nem condenações sem julgamento singular, nem julgamentos sem o direito da mais ampla defesa. Contra o fascismo hitleriano e seus agentes, os chefes integralistas! Pela unidade nacional, contra a partilha da nossa Pátria pelos monopólios estrangeiros! Pela libertação nacional![264]

Como se observa no manifesto acima, a ênfase do intelectual é na libertação de Prestes e dos outros camaradas pecebistas que permaneciam presos nos porões do Estado Novo. Como forma de sensibilizar os setores progressistas da sociedade, o intelectual procurou enfatizar, em seu discurso, os anseios nacionais-democráticos que, em geral, eram as principais demandas dos setores sociais que combatiam o autoritarismo de Vargas. Por esse motivo, conclama a aliança entre esses setores a se organizar no sentido de pressionar o governo, assim como impulsionar o embate épico pela construção de um regime político verdadeiramente democrático e popular. Ao final, solicita ao amigo que divulgue o mais rápido possível a carta-manifesto. Ademais, é interessante registar que o apelo realizado por Brandão, a partir da circulação dos seus escritos políticos no Brasil, parece ter despertado a atenção das autoridades, que passaram a acusá-lo de ser o sucessor de Prestes na URSS. A matéria acusatória foi publicada no jornal *O Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, no dia 11 de agosto de 1937.

O texto faz referência a um dos artigos de Brandão, publicado pelo jornal *"La Correspondence Internacionale"*, cuja narrativa dizia respeito às críticas do autor ao autoritarismo varguista, além de haver enfatizado a necessidade de fortalecimento das forças nacionais-democráticas no país. Enfim, o jornal ainda alegava que se tratava de uma estratégia concebida por Brandão e pelos agentes secretos do *Comintern*, para fundar uma frente de resistência popular no Brasil com o intuito de provocar o "solapamento do regime e a destruição das instituições".[265]

---

[264] Carta aos meus camaradas (Para Permínio Ásfora). Moscou, 19.05.1937. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, OB 255, Ca 3, pasta 7. 3p. [dat.].
[265] Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 11.08.1937. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Prontuário

MAIS UMA irradiação de Moscou

Lido um artigo de Octavio Brandão sobre o Brasil

A nova tactica dos communistas

O EX-INTENDENTE OCTAVIO BRANDÃO, ACTUALMENTE EM MOSCOW, ANNUNCIA A FUNDAÇÃO NO BRASIL DO "FRONT" POPULAR PELA DEMOCRACIA

Figura 5: Ambos os fragmentos de jornais datam de 1937, e expressam a preocupação das autoridades brasileiras com a atuação de Octavio Brandão em Moscou. Disponível: APERJ. Setor: Prontuário Octavio Brandão, Pasta: DESPS/2077.

Enquanto esteve a serviço em Paris, Brandão também encontrou ocasião para o lazer. Em suas lembranças afetivas, recordou que aos domingos costumava utilizar o tempo livre para se aprofundar nos estudos da realidade brasileira, bem como visitar os espaços histórico-culturais da cidade. Narra, em suas memórias, que costumava frequentar museus, praças, cemitérios, residências e outros espaços que remetiam à memória de importantes artistas, escritores, pensadores e poetas que admirava. A despeito, em razão da saudade que sentia de casa, quase tudo a sua volta fazia recordar a terra natal. Aliás, essa é uma das sensações mais angustiantes descritas pelos exilados, pois se encontram impedidos de retornarem para casa quando assim desejarem, motivo pelo qual, cada vez que essa lembrança era evocada, a ferida aberta pela experiência do exílio voltava a causar sofrimento. Ao que parece, com Brandão não foi diferente, conforme narrou em suas memórias: "Em Paris, no belo Jardim do Luxemburgo, sob os castanheiros em flor ou junto à fonte de Medicis, li Heine, Hölderlin, Byron e Balzac. A brisa brincava entre as flores. As folhas caíam nas águas. Os pássaros trinavam. A fonte murmurava. E o poeta revolucionário sonhava com o país distante".[266] É intrigante pensar

OB, pasta: DESPS, folha: 2077, caixa 12.

[266] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 95.

que, de algum modo, a expectativa de mudar a realidade do país de origem se configura como uma obsessão para o intelectual exilado[267] que, frequentemente, procura manter-se resistente em tempo integral, a fim de não sucumbir diante da ameaça que o próprio sujeito tornou para si. Assim, pode-se dizer que não existe descanso para os sujeitos que se encontram nessa situação, segundo recordou Brandão: "Andando à tarde pelo cais do rio Sena, meditava sobre o presente e o futuro do Brasil, e como libertar a Pátria longínqua".[268] No caso de Brandão, se a inquietude foi motivo de angústia, não se pode negar que essa sua disposição para transformar a realidade do seu país certamente foi o que permitiu resistir às mazelas do exílio.

Após intensos quatro meses e meio respirando os ares da capital francesa, tomou o trem e retornou a Moscou a pedido da IC. De lá, continuou se comunicando com Lígia e dona Leocádia, cooperando com a campanha. Não é difícil concluir que, desde o início do seu exílio, sua passagem por Paris pode ser considerada um dos pontos altos de sua atividade intelectual, pois sentia-se útil em razão da confiança que lhe fora assentada, ao ser escalado para prestar auxílio ao Socorro Vermelho Internacional de Paris na luta pela libertação dos presos políticos no Brasil e na Alemanha, além, é claro, do seu esforço para difundir os Ideais socialistas. Em suas memórias, relata, com otimismo, sua partida para Moscou, ao afirmar que estava empenhado em organizar uma frente democrática nacional capaz de libertar o Brasil, e enfrentar a ameaça do imperialismo.[269]

---

267 Para o psicanalista uruguaio Marcelo Viña, que também enfrentou os desafios impostos pelo exílio, os sujeitos que se encontram diante dessa situação traumática, experimentam uma sensação angustiante de espera que, gradualmente, vai sendo direcionada para um sentimento que se manifesta como uma vontade para superar os desafios impostos pelo próprio exílio. Para o psicanalista, leitor de Sigmund Freud: "O homem se constrói a partir de suas ilusões e de seus projetos, e uma das dimensões da existência é o fato de remodelar permanentemente este jogo de ilusões e de projetos, que se dá entre o ser e as pessoas de sua convivência. O exílio faz abortar este movimento e o destrói para retomá-lo na estranheza do não-familiar. Daí sua dimensão de traumatismo. Ele se apresenta como um tempo de inércia e contemplação, que emerge após a tormenta, o naufrágio e a catástrofe: propõe o desafio do que podemos construir a partir da perda, da desilusão, do desencorajamento, da derrota VIÑA, Marcelo; VIÑAR, Maren. *Exílio e tortura.* São Paulo: Escuta, 1992, p. 106. Como leitor de Freud, o autor parte da concepção de experiência traumática para depois refletir acerca da ideia de superação, ou seja, a experiência inicial frequentemente é interpretada pelos sujeitos exilados como uma derrota pessoal, uma espécie de luto, em razão do seu afastamento dos familiares, dos amigos, da carreira profissional, do conforto do lar etc. No segundo momento, opera uma importante mudança nessas sensibilidades, que é quando o sujeito toma consciência que pode apreender coisas novas com o exílio. Assim, essa sensação ressignifica a percepção dos sujeitos em relação ao "estranhamento" com a nova condição que se encontra. FREUD, Sigmund. O estranho. In: *Freud. Obras completas.* Edição Standard Brasileira, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1986, p. 237-269, de modo que essa experiência passa a ser encarada como um recomeço, possibilitando que os sujeitos possam se empenhar em novos projetos, sejam eles pessoais, profissionais ou políticos.

268 BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 95.

269 BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas.* Vol.1., op. cit., p. 96.

Figura 6: Kachaim e esposa sentados. Octavio Brandão em pé, segundo a esquerda entre camaradas soviéticos. Coleção particular de Dionysa Brandão Rocha.

De volta à URSS, retomou as atividades na Rádio de Moscou em parceria com Laura, onde passaram a exaltar os avanços obtidos na economia da URSS e, igualmente, a denunciar o aumento da violência sofrida pelas organizações democráticas na Espanha, que agonizavam em razão da ascensão dos franquistas ao poder.[270] Porém, o mais interessante das transmissões realizadas pelo intelectual foi em relação às suas críticas ao golpe de Estado no Brasil, ocorrido em novembro de 1937. Reportou, em sua transmissão, que o golpe escancarava a aliança entre Vargas e os fascistas, uma trama arquitetada pela Ação Integralista Brasileira e apoiada pelos fascistas alemães.[271]

Os últimos acontecimentos não eram animadores para a família Brandão, pois, se ainda havia alguma esperança mínima de retornar ao Brasil, a situação ficou praticamente impossível após o novo golpe de Estado. Para agravar sua situação, houve uma denúncia

---

[270] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 100.

[271] Em sua análise, afirma que o golpe de Estado no Brasil é resultado da aliança entre Vargas e os fascistas, conforme se observa na denúncia a seguir: "Segundo o comunicado da agência *United Press* do Rio de Janeiro, o presidente do Brasil, Getúlio Vargas, publicou uma nova Constituição que estabelece um regime de ditadura fascista declarada. Foram dissolvidos todos os órgãos legislativos – a Câmara dos Deputados, o Senado e as Câmaras Municipais. Foi preso ainda o líder da oposição Armando Sales, ex-governador do Estado de São Paulo. No começo de outubro, o estado de guerra foi restabelecido no Brasil. Milhares de antifascistas foram metidos nos campos de concentração construídos recentemente. O presidente Vargas estabeleceu a colaboração estreita com a organização fascista Ação Integralista, organização apoiada pelos fascistas alemães". BRANDÃO, Octavio. "O Golpe de Estado no Brasil". 12.10.1937. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/ Unicamp, pacote 17, pasta 38.

silenciosa nos bastidores do *Comintern* realizada pelo representante do PCB em Moscou, Fernando Lacerda, para difamá-lo. A intriga se devia à estratégia idealizada por Brandão de enviar a IC um pedido para que o ajudasse a interpelar junto ao governo soviético, para que fosse conferido cidadania soviética a Olga Benário Prestes, a fim de reivindicar sua extradição negociando diretamente com o governo alemão, algo análogo ao que ocorreu com Georgi Dimitrov na ocasião de sua libertação, em 1934. Porém, em razão do ambiente de ressentimos que caracterizava a IC, Brandão fora sabotado por conta dessa estratégia, interpretada pelo dirigente pecebista como uma provocação desnecessária que poderia resultar no agravamento da situação entre a URSS e a Alemanha nazista.[272] Em suas memórias, Brandão expõe sua indignação com a situação, afirma que só veio a saber da falta de lealdade do camarada dezessete anos depois do ocorrido, quando fora interrogado pelo PCB. Porém, sua maior tristeza foi por não haver conseguido ir adiante em seu plano, para tentar livrar Olga da execução.

A situação de Brandão se agravou consideravelmente após o seu retorno de Paris e, para piorar, o ambiente político da URSS não era encorajador, pois, nesse contexto, os militantes sofriam os efeitos dos expurgos stalinistas. Brandão recorda esse episódio com muita amargura, sobretudo, em razão dos companheiros que foram presos, condenados e fuzilados por desacordo político: "Cada militante sentia-se ameaçado. À noite, chegavam ao Hotel Lux os homens do Comissariado do Povo para os Assuntos Interiores, o NKVD, e levavam mais um, em nossa vizinhança imediata. Era preciso ter nervos de aço para resistir a tanta pressão".[273] A repressão entre os anos de 1935-1938 não tinha limites; as prisões, deportações e execuções sumárias dos membros históricos do partido assombravam os militantes. Os acusados eram constrangidos pelo NKVD, Comissariado do Povo para Assuntos Interiores, a confessar supostos atos de conspiração, espionagem e, sobretudo, colaboração com governos estrangeiros.[274] No caso de Brandão, havia motivos legítimos para se preocupar, pois, desde o início do exílio, viveu momentos de conflito com os representantes pecebistas e os dirigentes da IC. Para sua infelicidade, alguns desses ressentimentos do passado foram retomados em um contexto conturbado, de modo que sua segurança estava seriamente em risco.

Ao analisarmos as referências críticas em suas memórias em relação aos expurgos stalinistas, pensamos que houve uma demora por parte do autor para perceber o que de

---

[272] BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas.* Vol. 1., op. cit., p. 97.
[273] *id. ibid.* p. 97.
[274] SEGRILLO, Angelo. *Os Russos.* São Paulo: Contexto, 2012, p. 202.

fato se passava na política soviética e, por conseguinte, a realização desses questionamentos. Por outro lado, também entendemos que não deve ter sido tarefa fácil para o intelectual realizar essas autocríticas, sobretudo para um personagem que viveu uma história tão forte com o PCB, e esteve inserido no centro desse espaço político-ideológico por tantos anos.

Em suas memórias, narra que no auge dos expurgos, desembarcou em Moscou o novo candidato a líder do PCB no *Comintern*, Honório de Freitas Guimarães, "Martins". A possibilidade de alteração na hierarquia de comando do partido teria desagrado Fernando Lacerda[275] que, segundo assegura Brandão, era "muito agarrado aos postos" e, por esse motivo, preparou um artifício para prejudicar Honório, denunciando-o à Seção de Quadros da *Comintern*, departamento chefiado pela temida dirigente Sttela Dimitrova Blagoev[276], conhecida por seus métodos de confissão pouco convencionais utilizados para ameaçar os depoentes. Diante dessa situação, de acordo com Brandão, Honório teria ficado apavorado ao ser convocado para depor na IC, e, para sua surpresa, em uma das reuniões ocorridas na IC, o dirigente pecebista o teria acusado de forma inesperada, a fim de desviar a atenção das acusações que enfrentava. A esse respeito, recordou:

> Na União Soviética, em 1937, a situação era muito grave. Os expurgos em massa atingiram o ponto culminante. O terror a *[A]*s prisões multiplicaram-se. Generais e marechais do exército foram condenados em segredo e fuzilados. [...] Cada militante sentia-se ameaçado. Nessa hora, Fernando Lacerda e Honório de Freitas Guimarães, o Martins, trataram de aproveitar os expurgos para liquidar-me de fato. Foi o "prêmio" pela luta vitoriosa que travei *[Paris]*. Honório apareceu-me em Paris. Depois de minha partida [...], cometeu leviandades. Chegou em Moscou para substituir Fernando Lacerda, "representante" do PCB. Fernando era muito agarrado aos postos. Não queria nenhum substituto. Tratou de aproveitar as leviandades de Honório. Denunciou-as a Blagóieva, na secção de quadros. Esta obrigou o leviano a fazer confissões. Honório ficou apavorado. Foi atiçado por Fernando. Fez com este um bloco sem princípios, contra mim. Um dia,

---

[275] DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e comunistas no Brasil,* op. cit., p. 85.

[276] Traduzido por Brandão como Stela Blagóieva, ou Sttela Dimitrova Blagoev, nasceu na Bulgária no ano de 1887 e faleceu em Moscou em 1954. A dirigente era filha de Dimitar Blagoev, um importante líder revolucionário do Partido Social Democrata Búlgaro (BSDP) e fundador do Partido Comunista búlgaro (BCP). Professora de formação e ativista política, se evolveu em uma revolta comunista em seu país em 1923 o que resultou na sua prisão até o ano de 1926. Após a sua libertação em 1926, imigrou para a URSS, onde assumiu diversos cargos importantes na máquina pública, como o de diretora da Seção de seção de quadros dos países de língua latina no *Comintern,* cargo que ocupou desde a década de 1930 até a sua dissolução em 1943, presidente do Comitê Pan-Eslavo em Moscou (1946-1949), além da função de embaixadora de seu país na URSS (1949-1954). Enfim, sua rápida ascensão na burocracia soviética se deve a sua destacada lealdade à Stálin. Cf.: BELL, John D. *The Bulgarian Communist Party from Blagoev to Zhivkov*. Stanford, CA: Hoover Institution Press, 1986.

> numa reunião na IC, Honório estourou violentamente comigo. Verdadeira manobra de diversão. Acusou-me de ter tramado, em Paris, "um complô" contra a Internacional Comunista e contra Manuílski. Quais eram "os conspiradores"? Ele e eu [...]. Nessa reunião, fui pegado de surpresa pela trama, perfídia e provocação. Mas rebati imediatamente. Refutei a "acusação".[277]

A situação de Brandão era grave, pois estava sendo acusado de conspiração contra Manuílski e o *Comintern*[278], enquanto esteve a seu serviço em Paris.[279] Profundamente abatido, afirma que tudo não passou de um complô preparado por Honório e Lacerda a fim de prejudicá-lo.

Em sua defesa, relata que foi incisivo ao refutar todas as acusações, utilizou-se dos artigos que publicou na revista *"La Correspondece Internacionale",* de Paris para provar sua lealdade e, após concluir sua defesa, Honório teria ficado irritado, e partido para a agressão física. Teve de ser contido pelos camaradas que acompanhavam a reunião.[280]

Dulles informa que Brandão publicou treze artigos na *International Press Correspondence,* em 1937. Nesses artigos, defendeu a URSS e atacou o trotskismo contrarrevolucionário, em particular, o *Partido Obrero de Unificación Marxista* (POUM), da Espanha, de orientação política antistalinista. Enfim, o inquérito aberto para apurar o caso durou oito meses, e a tática de se apoiar nos artigos da IPC para se defender, possivelmente foi o que salvou sua vida.[281]

Para Brandão, após sua refutação, parecia tudo resolvido, porém, Blagoev estava determinada a encontrar alguma falha que pudesse incriminá-lo e, por esse motivo, ordenou que fosse aberto um inquérito para investigar a acusação, obrigando-o a realizar a "autocrítica".[282] Assim, relatou em suas memórias:

---

[277] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 97-98.
[278] DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e comunistas no Brasil,* op. cit., p. 85.
[279] A filha de Brandão, Valná Tchudínova, registra suas impressões acerca dos expurgos stalinistas na URSS ocorrido no ano de 1937, assim como os motivos que teriam salvado a vida de seu pai. A esse respeito, comentou: "Foi terrível o ano em que houve o fuzilamento de praticamente toda a velha guarda bolchevique dos tempos de Lênin e dos comunistas estrangeiros honestos de todas as nacionalidades residentes na Rússia, o pavoroso ano – dizia eu – em que a campanha sanguinária de terror desencadeada por Stálin atingiu o seu ponto culminante. Meu pai só escapou, porque nesta hora trágica... não estava em Moscou, nem na Rússia. Fora enviado a Paris, em missão da IC, para salvar a vida de Anita Prestes nascida em uma masmorra de Berlim. OB passou em Paris seis meses e isto o salvou da sangria desatada nesta altura na URSS 'planejadamente', quero dizer, Stálin mandou fuzilar um número X (colossal!) de vítimas para criar, no país, um ambiente de terror". TCHUDÍNOVA. In: OLIVEIRA, Guedes de. (org.). *Cartas de Octávio Brandão:* memória*,* op. cit., p. 46-47.
[280] BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas.* Vol. 1*.,* op. cit., 1978, p. 98.
[281] DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e comunistas no Brasil,* op. cit., p. 86.
[282] Em casa, Laura e as filhas sofriam em razão das sucessivas humilhações e autocríticas que Brandão era forçado a realizar e, igualmente, havia sempre o temor de que algo pior pudesse acontecer a qualquer

> [...] tive de escrever a "autocrítica" de um "complô" imaginário... É claro que eu não podia confessar as mentiras inventadas por Honório em pânico. Assim, Blagóieva foi mais além. Passou a violar minha correspondência. Leu, antes de mim, várias cartas que me foram enviadas. Só depois é que mandou entrega-las.[283]

Além disso, teria ainda sido compelido a fornecer uma lista com os nomes de pessoas que costumava se comunicar, seguramente, a fim de averiguar a veracidade das informações prestadas. Enfim, entregou à dirigente uma lista de jornais comunistas da América Latina, a fim de informar com quem se correspondia. Ao chegar em casa, teria se deparado com Laura aflita e, na ocasião, teria dito em tom de ironia a esposa: "Vou rir dessa velha bruxa expurgadeira!".[284]

Para o polêmico jornalista brasileiro William Waack, que acessou os arquivos do *Comintern*, as acusações realizadas por "Honório" para incriminar Brandão teriam sido motivadas por conta da possibilidade de Brandão ser um potencial candidato a assumir a direção do partido e, igualmente, pelo fato de o ex-dirigente pecebista ter se posicionado contrariamente à insurreição armada no Brasil, em 1935.[285] Waack afirma que, em abril de 1938, Brandão teria sido chamado para uma conversa com Manuílski e, após esse encontro, teria permanecido por um dia inteiro concentrado em seu quarto, no hotel Lux, a fim de preparar sua "autocrítica" em relação aos eventos de 1935. O documento foi escrito em formato de carta endereçada a Manuílski. Segue o trecho do documento produzido por Brandão, e reproduzido pelo jornalista em seu livro:

> Venho pedir suas críticas e sua ajuda para compreender a dimensão dos meus erros, e para corrigi-los. Cometi muitos

---

momento. Em um depoimento gravado, Dionysa Brandão recorda o medo que sentiu em uma noite de 1937, no quarto onde viviam no hotel Lux. Narra que ouviram passos no corredor e, logo em seguida, alguns camaradas foram levados para nunca mais voltar. Depoimento gravado por Maria Elena Bernardes com Dionysa Brandão, cedido ao AEL, 18.06.1992. ROCHA. *apud.* BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política,* op. cit., p. 186.

[283] BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas.* Vol. 1., op. cit., p. 98.

[284] *id. ibid.* p. 99.

[285] Para Luis Roniger, "os exilados somam potencialidade por meio das redes transnacionais, cuja presença permite a cristalização de coalizões políticas portadoras de nova voz na esfera internacional e com maior poder de pressão tanto sobre os Estados expulsores quanto sobre os Estados anfitriões" RONIGER, Luis. Exílio massivo, inclusão e exclusão política no século XX. In: *Dados - Revista de Ciências Sociais*, v.53, n.1, 2010, p. 105. Por outro lado, conforme demonstramos, frequentemente, esses intelectuais estrangeiros entram em conflito com seus pares por não compartilharem das mesmas estratégias políticas ou ainda por uma disputa de poder e privilégios. Para pensar o conflito no exílio, valemo-nos das sugestões indicadas no livro *O Poder Simbólico* de Bourdieu, em particular, das reflexões acerca dos interesses antagônicos manifestados nos discursos políticos dos indivíduos e grupos em sua luta pela hegemonia da representação do mundo social BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, p. 202. *Sem entrar em pormenores*, foi com esse olhar atento ao conflito, que analisamos a inserção do nosso sujeito de investigação nos circuitos intelectuais que ele transitou durante o seu exílio.

> enganos, mas no fundo do meu ser sou são: amo a Internacional Comunista. Não compreendi o caráter da revolução no Brasil, não entendi a questão camponesa nem a agrária, subestimei o papel de camponeses, negros, mulatos e índios. Exagerei as contradições entre burguesia e o feudalismo. Fui influenciado por um grosseiro regionalismo anticomunista. Lutei muito pouco para ajudar os movimentos revolucionários pequeno-burgueses em geral e a Coluna Prestes em particular. Lutei insuficientemente para ajudar a consolidação de células comunistas nos sindicatos, nas federações, e penso que isto é a herança do anarquismo, sobretudo no terreno do trabalho de organização. Falo apenas dos meus erros principais. Em 1930, encontrei-me com Guralski. Em vez de refletir sobre o que ele dizia, eu, com ingenuidade e o primitivismo de um caboclo (mestiço de índio) do Nordeste do Brasil, acreditei que Guralski era um camarada capaz e que estava na linha justa. Conclusão: os comunistas sul-americanos não conseguiram resistir a Guralski. A culpa é dos comunistas sul-americanos. Considero justa a moção de censura da Comissão de Controle da IC sobre minha fraqueza, quando passei duas noites na casa de Josias Leão em Bremen. A 3ª Conferência dos PCS da América Latina adotou em 1934 a palavra de ordem da luta imediata pelos sovietes no Brasil. E, na época, o camarada Manuílski perguntou a Ghioldi se estava satisfeito com o trabalho de Guralski. Percebo meu erro, pois já há bastante tempo o camarada Manuílski punha concretamente a questão de Guralski diante dos camaradas sul-americanos. Participei dessa conferência dos PCS e nesse momento estava de acordo com a palavra de ordem dos sovietes no Brasil. Os camaradas brasileiros deram informações exageradas. Eles disseram que já haviam conquistado a hegemonia, 70% do Exército etc. Esta é a razão pela qual a 3ª Conferência não traçou uma linha justa para o Brasil. A responsabilidade está conosco, comunistas brasileiros".[286]

Em sua defesa, é forçado a admitir os supostos erros cometidos no passado, enquanto ainda fazia parte da direção do PCB. Reconhecia suas falhas e a "justa" censura que sofreu em razão dos equívocos interpretativos em relação à revolução brasileira, sua falta de atenção ao se hospedar na casa de um adversário do partido, assim como suas divergências em relação à linha política defendida pelos dirigentes da IC. Além disso, o militante procura reforçar sua convicção à IC. Do mesmo modo, não deixou de registar suas posições críticas defendidas na ocasião da "III Conferência da IC", o fato de os comunistas brasileiros terem exagerado em relação à interpretação das condições para deflagrar a insurreição no Brasil. A responsabilidade, segundo afirma Brandão, seria inteiramente dos pecebistas e, não dos dirigentes da IC, que foram induzidos ao equívoco.

---

[286] Citado In: WAACK, Willian. *Camaradas: nos arquivos de Moscou - a história secreta da revolução brasileira de 1935,* op. cit., p. 338.

Por vezes, sua análise ressente de base sólida para serem aceitos. O jornalista entende, por exemplo, que na "autocrítica", em vários momentos, Brandão compromete o dirigente pecebista Luiz Carlos Prestes. Aliás, afirma, sem apresentar evidências, que Prestes o detestava e só o tolerava, pelo fato de uma de suas irmãs, Lúcia Prestes, haver se casado com ele, motivo que o teria livrado de uma sentença trágica na URSS, como o fuzilamento.[287]

Até onde conseguimos apurar em nossa pesquisa, as acusações contra Brandão e, igualmente, o inquérito aberto por Blagóieva não foi adiante[288], contudo, as marcas deixadas por esse episódio traumático se mostraram definitivas em suas memórias, bem como em sua trajetória política. Aliás, talvez, isso ajuda-nos a entender o silêncio imposto pela IC em relação ao trabalho que realizou pela instituição, em Paris.

---

[287] WAACK, Willian. *Camaradas: nos arquivos de Moscou - a história secreta da revolução brasileira de 1935,* op. cit., p. 338.

[288] Para Roberto Mansilla do Amaral, Brandão teria conseguido escapar de algo pior em razão do apoio que recebeu dos camaradas do *Comintern*, em particular, o chinês, Van Min, a espanhola, Dolores Ibarruri e o Búlgaro, Georgi Dimitrov, presidente do Comintern. AMARAL, Roberto Mansilla. *Uma memória silenciada. Idéias, lutas e desilusões na vida do revolucionário Octávio Brandão (1917-1980),* op. cit., p. 215.

4 O ISOLAMENTO INTELECTUAL: LITERATURA, POESIA E EXÍLIO

> Não existe pátria para quem desespera e, quanto a mim, sei que o mar me precede e me segue, e minha loucura está sempre pronta. Aqueles que se amam e são separados podem viver sua dor, mas isso não é desespero: eles sabem que o amor existe. Eis porque sofro, de olhos secos, este exílio. Espero ainda. Um dia chega, enfim [...]
> (CAMUS, Albert. Do mar bem perto)

> No final de tantos combates, vitorias e reveses, reafirmo categoricamente: a causa pela qual me bati é ideologicamente justa e moralmente nobre. Muitas vitórias foram conquistadas. Continuam as batalhas pela libertação nacional e social do Brasil e da Humanidade. Temos a certeza de que a História marcha avante. Confiamos nas leis do desenvolvimento social. E guardamos a esperança que anima e exalta o coração.
> (BRANDÃO, Octavio. A Vida de um escritor)

Neste terceiro capítulo da tese, procuramos analisar a personalidade intelectual de Octavio Brandão, assim como as representações elaboradas pelo personagem que dizem respeito à realidade sociocultural brasileira a partir de seu distanciamento espacial. Nosso interesse pelos escritos memoriais, poéticos e literários do autor reside no fato de esses fragmentos discursivos estarem influenciados pela experiência do exílio. Assim, por meio da análise desses textos, pretendemos acessar as subjetividades do autor, em particular, os momentos decisivos de sua trajetória no Brasil e no estrangeiro, quando sentia-se fora do lugar, cada vez mais isolado politicamente pelos camaradas de partido, experienciando uma sensação incômoda análoga ao que Edward Said definiu como um "exílio interior". De tal modo, as sugestões teóricas pensadas por Said serão consideradas como forma de permitir a análise dos temas que enfatizam a esfera do sensível, tais como: a saudade da terra natal, as representações das paisagens naturais brasileiras, a libertação do homem, as recordações traumáticas, as relações afetuosas, a revolução socialista etc. Em síntese, sugerimos que esse esforço do autobiografado para escrever suas memórias pode ser interpretado como um ato de resistência à ameaça que aflige todos os exilados políticos: o sentimento de injustiça e o medo do esquecimento.

4.1 A sensibilidade e a personalidade intelectual

Em termos conceituais, o sentimento encontra-se atrelado ao domínio do privado,

espaço íntimo em que se manifestam as sensações, emoções, subjetividades e valores, já a "sensibilidade" é sempre uma expressão coletiva que está sempre soterrada de mundo. Embora sejam instâncias distintas, não são excludentes; dialogicamente estão em diálogo o tempo todo. Desse modo, pode-se dizer a sensibilidade extrapola a esfera do privado, e se define como um conjunto de sentimentos e sensações capazes de significar o modo como experienciamos nossas emoções.[289] Dito isso, como acessar as sensibilidades do nosso sujeito de investigação?

A escrita deste capítulo se propõe analisar essa questão, tomando como referência o estudo das subjetividades de Brandão, a fim de investigar a maneira de como procurou expressar os seus sentimentos íntimos, a construção de sua personalidade intelectual, assim como a preservação dos arquivos pessoais. Além disso, pretendemos entender a maneira como o autor interpretou e ressignificou o mundo à sua volta, motivado por seus sentimentos íntimos como, por exemplo, a sensação de melancolia, tristeza e nostalgia potencializados pela condição do exílio e da marginalização política. Enfim, pensamos que o estudo de caso, a partir da dimensão do sensível, pode vir a ser um instrumento privilegiado para que possamos acessar a visão de mundo, assim como as suas atualizações em função de suas experiências políticas, externalizadas pela linguagem nas narrativas do nosso sujeito, de outros personagens e documentos. Para isso, partiremos das seguintes questões: Qual o perfil intelectual de Brandão? Como suas subjetividades foram representadas em suas memórias? Quais influências teve em sua formação intelectual?

Nosso personagem tinha o corpo magro, a voz moderada, a fisionomia fechada, o nariz aquilino e o andar ligeiro[290]. Essa concisa descrição física e comportamental foi realizada pela polícia política, após a decretação de sua prisão por haver presidido uma conferência operária na sede da Companhia Manufatora Fluminense, em Niterói, no Rio de Janeiro, no ano de 1929. Na ocasião, contava 33 anos de idade, ou seja, pouco antes de sua deportação. Apesar dessa descrição realizada pelos agentes da polícia não ser algo

---

[289] Para Eliene Fleck, o conceito de sensibilidade se refere ao "conjunto de nossos sentimentos e sensações e ao modo como os experimentamos. Ela é a base, a via de acesso do nosso corpo ao mundo externo, o modo como se estabelecem nossas relações com as coisas, justamente por ser um modo como experimentamos nosso corpo e os demais corpos. É o modo como olhamos para as coisas, como ouvimos, mas também como as pensamos". FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Cartografia da sensibilidade: a arte de viver no campo do outro (Brasil, séculos XVI e XVII). In: FLECK, Eliane Cristina Deckmann; ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes. *História e sensibilidade.* Brasília: Paralelo 15, 2006, p. 218.

[290] "Prontuário Octavio Brandão". In: ROCHA, Dionysa Brandão (org.). *Poesia Laura e Otavio,* op. cit., p.46.

revelador, ela nos oferece alguns indícios para pensar sua personalidade.

Iniciamos nossa análise com a descrição realizada pelo trovador popular alagoano Sinfrônio Vilela, que apresentou, através de uma poesia, alguns traços da personalidade de Brandão, com quem conviveu na infância por um período na escola Silva Jardim, em Viçosa (1905-1907). A despeito dos rumos díspares que suas vidas tomaram desde aquela época, permaneceu admirando sua tenacidade em relação aos estudos, assim como o fato de haver percorrido o mundo e, atualmente, seu nome ser conhecido em toda nação. A poesia foi escrita em 1960, recebeu o título cerimonioso: *Ao viajador Octavio Brandão*:

Adeus Octavio Brandão,
Me diga por onde andou,
Será que lembra do colega
Que na Viçosa deixou?
E o professor Tibúrcio
Que tanto lhe admirou?
Faz quarenta e poucos anos
Que você saiu de Viçosa,
Um rapaz inteligente
De uma família extremosa,
Um grande intelectual
De alma sã, caridosa.
Quando eu, e você estudava,
Você era Decurião,
Apesar de ser bem moço
Possuía vocação
Para que seu nome, um dia,
Corresse toda Nação.
Assim o seu nome cresceu
Lá pelo mundo além,
E o meu ficou parado
Como quem teve e não tem;
Nem subiu e nem desceu,
Ficou nesse vai e vem [...].[291]

Os familiares e amigos mais próximos costumam lembrar como traço marcante de sua personalidade a seriedade prematura, a rígida disciplina para os estudos e a firmeza para defender suas convicções. O escritor alagoano Jorge Lima forneceu-nos uma ideia do temperamento do amigo na fase da adolescência, quando ambos estudavam na mesma instituição de ensino. Jorge Lima registrou em *Minhas Memórias: tempo de magia e contemplação* o comportamento rebelde, questionador e idealista do amigo, assim como sua inquietação com os problemas humanos. Segue abaixo algumas dessas impressões:

---

[291] VILELA, Sinfrônio. Ao viajador Octavio Brandão. In: ROCHA, Dionysa Brandão (org.). *Poesia Laura e Otavio,* op. cit., p.13.

> Descobri Octavio Brandão no mesmo colégio, nascido três anos depois de mim, em 1896. No seu temperamento já naquela idade rebelado não havia comodismos; e a sua coragenta quase juventude me atraiu logo. Possuía uma puerilidade espantosa, profetizando auroras, e era secretamente digno. E esse digno revoltado com quem mantenho até hoje uma amizade perfeita, 1912 já era ateu diante do meu espanto cristão... o que escrevia podia ser delirante e exaltado, mas era uma juventude grave já preocupada com os problemas humanos, coletivos...Octavio o militante comunista de hoje é forte e tenaz como o inferno. E bom... Eu já sabia Otavio anticristão, Otavio contra as minhas crenças, porém via no seu ser uma sinceridade, via também coragem, paixão, via confiança em melhoras.[292]

Esse seu perfil rebelde e eloquente parecem ser os traços mais peculiares de sua personalidade, comportamento que manteve ao longo de toda sua existência. A despeito disso, também foi descrito como sendo um sujeito generoso, de fala calma e mansa que contagiava todos a sua volta[293], conforme relatou Rita Palmares, em um artigo publicado no jornal *Gazeta de Alagoas*:

> Este coração largo e generoso que se abriga no peito de Octávio Brandão, esta simpatia contagiante que se espelha através do seu sorriso aberto e bondoso, o seu olhar sereno e meigo, por onde se vê a pureza dos seus atos e intenções, o seu falar calmo e manso, contrastam com a rigidez do seu caráter, com a firmeza de suas convicções, com a inabalável vontade de vencer na concretização do seu ideal por um Brasil redimido, por uma humanidade menos sofredora. Rita Palmares.[294]

Sua educação foi desde a infância tratada como prioridade na família, e parte dessa disciplina para os estudos se deve ao suporte financeiro exercido por seu tio, o Dr. Alfredo Brandão, sujeito erudito e estudioso das ciências naturais[295], que influenciou diretamente

---

[292] LIMA, Jorge. "Minhas memórias". In: OLIVEIRA, Guedes de. (org.). *Cartas de Octávio Brandão:* memória*,* op. cit., p. 19.

[293] Esse traço de sua personalidade também pude observar no temperamento de sua filha, Dionysa. Apesar da idade e das limitações impostas pelos problemas de saúde, ainda preserva uma firmeza em suas posições. Aliás, sua fala também é calma e mansa, e o seu olhar penetrante nos envolve na narrativa relatada.

[294] PALMARES, Rita. *Gazeta de Alagoas*. 29.05.1960. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 8.

[295] O interesse pelas ciências naturais e minerais resultou na publicação do livro *Canais e Lagoas*. Refiro-me à pesquisa pioneira realizada pelo jovem escritor alagoano sobre a existência de petróleo no subsolo do nordeste brasileiro, já nas primeiras décadas do século anterior. A análise técnica da geografia nordestina foi descrita por meio de uma linguagem poética e, por vezes, romântica das paisagens da região e do homem brasileiro, indicando a influência exercida pelos escritores Euclides da Cunha e Castro Alves em sua formação intelectual. Aos 23 anos de idade havia adquirido uma razoável notoriedade, após ter ministrado cursos e proferido palestras em espaços importantes do cenário nacional. Com isso, o jovem sonhador já projetava o futuro, pretendia ganhar a vida como escritor; dependeria exclusivamente da escrita para sobreviver. Cf.: BRANDÃO, Octávio. *Canais e lagoas:* a poesia da terra brasileira, as riquezas naturais de

sua formação profissional ao incentivá-lo a cursar Farmácia.[296] Entretanto, apesar do incentivo recebido, relatou que o tio era um homem austero e rígido, e sentia-se solitário e triste em razão da falta de afeto no ambiente familiar. Além disso, o sentimento da perda de sua mãe causava-lhe profunda tristeza, conforme registrou em suas memórias: "O órfão, tão sensível, suscetível, levou uma adolescência triste, a rolar pelas casas dos parentes, sem carinho, sem ternura. Sentia amargamente a falta do amor materno".[297]

Em suas lembranças afetuosas, é recorrente as alusões à angústia provocada pela perda precoce de sua mãe, morta em decorrência de uma infecção puerperal, quando somava apenas quatro anos de idade. Essa lembrança trágica foi periodicamente reavivada na memória do autor, em particular, nos momentos mais difíceis de sua vida, quando se sentia injustiçado. Essa foi sua primeira tristeza na vida, sentimento que não se desfez ao longo de toda sua existência, conforme registrou em suas memórias: "entrei na vida pela porta da orfandade e da amargura. Conservei na memória a visão trágica e terrível. E guardei no coração, a vida inteira, a imagem sempre viva e dolorosa, a imagem sublime de Mamãe – morta!".[298]

O hábito de ler e escrever são frequentemente mencionados como sendo duas de suas paixões, atividades que só foram interrompidas nos últimos anos de vida, quando a diabete limitou sua capacidade de visão. Segundo relatou Dionysa, era comum encontrá-lo sempre na companhia de um livro, fosse em casa, no condomínio ou nas pracinhas, era "seu companheiro infalível, alimentava-o e sustentava o cérebro e o organismo". Porém, com o agravamento de seu estado de saúde, "lentamente deixaram de ser ouvidos os tic-tac da velha máquina datilográfica".[299]

As leituras realizadas na fase de sua juventude serviram de orientação política para sua formação intelectual. A descoberta do materialismo filosófico do cientista-naturalista alemão, Christian Ludwig Büchner (1824-1899), por exemplo, exerceu fascínio em seu pensamento, servindo-lhe como referencial para repensar certos comportamentos da realidade político-social brasileira, em particular, sua ruptura com o ambiente cristão no qual estava inserido. Em suas memórias, registrou esse deslocamento: "*Rompi* com o passado morto, com o misticismo católico, feudal e reacionário da Idade Média europeia – fruto exótico, estranho ao Brasil, *mercadoria* trazida da Europa pelos exploradores e

---

Alagoas e aspectos sociais do Nordeste. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1919.
[296] BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas.* Vol. 1., op. cit., p. 63.
[297] *id. ibid.* p. p. 63.
[298] *id. ibid.* p. 45.
[299] ROCHA, Dionysa Brandão (org.). *Poesia Laura e Otavio,* op. cit., p. 68.

opressores portugueses, escravistas e colonialistas".[300]

Em *O Caminho,* também registrou o impacto provocado pela filosofia de Büchner em sua formação intelectual. O personagem fictício inventado pelo autor para atribuir sentido à narrativa foi Dionísio Gravatá (projeção idealizada do autor, na qual se confundem na escrita os elementos literários e autobiográficos), o qual procurou evidenciar as leituras realizadas até encontrar o naturalismo filosófico do filósofo alemão, instrumental capaz de afastá-lo do ambiente religioso e das atitudes conformistas. A esse respeito, registrou:

> Dionísio apaixonou-se pelo materialismo. Através da história universal, nas épocas e nos países mais diversos, ele procurou as raízes, os rebentos e os embriões do materialismo. Procurou-os: na Antiguidade grega, em Heráclito, Demócrito e Epicuro; na Antiguidade romana, em Lucrécio; na Renascença e nos séculos posteriores, em Bacon, Bruno e Spinoza; no século XVIII, em Diderot e d'Holbach; no século XIX, nas páginas de Darwin e dos outros naturalistas. O jovem tornou-se naturalista. Era a primeira brecha na muralha do passado. O primeiro passo libertador. A primeira subversão interior – reflexo dos cataclismos políticos e sociais, morais e intelectuais, que amadureciam.[301]

O materialismo filosófico e naturalista seria uma nova compreensão moral, uma doutrina de valoração da ciência, arte, literatura, humanidade e, sobretudo, uma nova ética de amor à humanidade e ao Brasil.[302] As ideias do filósofo alemão expressas no livro *Force et Matière: Édudes Populaires D´Histoire et De Philosophie Naturelle* circularam no Brasil em língua francesa desde o ano de 1869. Essas ideias tiveram um efeito encorajador em seu pensamento, de modo que passou a autorrepresentar-se como um escritor humanista disposto em promover a libertação do seu povo, combatendo os arcaísmos políticos e religiosos que caracterizavam o pensamento social brasileiro desde o período colonial.[303] Não obstante, o encontro que nos pareceu mais revelador para que possamos acessar as sensibilidades do autor foi com a literatura e a poesia. Aliás, foi por

---

[300] BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas.* Vol. 1., op. cit., p. 63.
[301] BRANDÃO, Octávio. *O Caminho,* op. cit., p. 148.
[302] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 70.
[303] Absorveu as ideias de autores naturalistas, biólogos, geógrafos, botânicos e antropólogos como Charles Darwin, Ernest Haeckel, Alexander von Humboldt, Carl Friedrich Phillipe von Martius, Friedrich Ratzel, Élisée Reclus, Jean Brunhes, entre outros, o que serviu de estímulo para relacionar as formas de existência da realidade histórica com as ciências naturais, interpretadas pelo autor como sendo semelhantes e "[...] articuladas em um longo ciclo evolutivo". PINHEIRO, Filipe Leite. Sobre o marxismo e a interpretação do Brasil de Octavio Brandão. In: *XXIII Congresso Brasileiro de História Econômica. 13ª Conferência Internacional de História de Empresas.* Niterói, (Anais) 2017, p. 08.

meio delas que procurou expressar suas emoções, muitas das quais, atravessadas por um sentimento de isolamento interior. A esse respeito, enfatizou Konder, sobre Brandão: "Quando as condições de luta pioram, ele se encastela em convicções inabaláveis e as endurece ainda mais. O único alívio que o seu ascetismo lhe permite é a elaboração de versos parnasianos, cheios de retórica humanista e de brados de revolta".[304]

O interesse pela literatura e poesia também foi em razão do estímulo despertado por Dr. Alfredo, que instruiu o sobrinho a cultivar o gosto pela leitura. As referências que teve para sua formação de escritor foram bastante ecléticas, como era recorrente nos países da América Latina no começo do século XX. Em se tratando de uma sociedade de poucas oportunidades, na qual a formação superior era um privilégio das elites, era comum para aqueles sujeitos que vinham das camadas mais subalternas e pretendiam prosseguir nos estudos e assegurar as oportunidades que apareciam pela frente. Por isso, ocorria, muitas vezes, de as profissões formais não serem as mesmas daquelas em que o sujeito era reconhecido, em áreas que, na maioria das vezes, não tinham qualquer proximidade com a formação de origem. Nosso personagem é um exemplo disso, apesar de sua formação em Farmácia, notabilizou-se mesmo foi em literatura, poesia e política.

Em *O Caminho* procurou expressar sua sensibilidade de escritor a partir do personagem central de sua narrativa, o idealista Dionísio Gravatá, o qual sintetizava muitos de seus sentimentos e emoções íntimas:

> Dionísio Gravatá é adolescente. Um belo adolescente. De olhos negros e ardentes como as noites sem luar do Brasil. Olhos líricos e sonhadores...Tem os nervos delicados como sensitiva, frementes como cordas de violino. Uma extrema sensibilidade. Ela é sua força e sua franqueza. Uma fonte de alegria e uma fonte de sofrimento. Nele, o prazer é mais vivo e a dor, mais intensa. O adolescente surpreende e apreende os tons e os matizes, as emoções e as sensações mais sutis, Natureza rica, cheia de sensibilidade e impressionabilidade. E, entretanto, tem uma grande mora, e uma indômita força de vontade. Alma lírica e heróica. Ama a coragem, a ousadia e o perigo, mesmo desnecessários.[305]

Do nosso ponto de vista, a literatura humanista de Euclides da Cunha, assim como a poesia libertadora de Castro Alves foram os escritos literários que mais impactaram seu espírito, recorrendo a eles repetidas vezes, sobretudo durante os momentos mais difíceis

---

[304] KONDER, Leandro. *Intelectuais brasileiros e marxismo*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991, p. 21.
[305] BRANDÃO, Octávio. *O Caminho,* op. cit., p. 133.

de sua vida durante o seu exílio político. O efeito inebriante provocado pela descoberta desses autores foi registrado em sua autobiografia *Combates e batalhas*:

> Estudei a vida, a obra e a luta de Tiradentes, Castro Alves e Euclides da Cunha. Admirei-os – para sempre. [...] mais ou menos em 1914, tirei da estante do tio Alfredo *Os Sertões de Euclides.* Devorei-o, rápida, febrilmente. Reli-o. Inebriei-me com seu conteúdo realista e romântico, com sua prosa agreste e selvagem. Impressão arrebatadora![306]

Esses escritores foram, volta e meia, reabilitados pelo autobiografado como forma de expressar seus sentimentos e emoções íntimas, muitas vezes também como forma de alimentar a esperança no futuro, já que o presente se apresentava como trágico. Pensamos que o entusiasmo manifestado por esses escritores não se tratava apenas de um compromisso com as ideias defendidas por eles. Sustentamos o argumento de que esse reconhecimento pode ser interpretado como um sentimento de identificação do autobiografado em relação às tragédias pessoais vividas por seus ídolos, que também se sentiram incompreendidos, injustiçados e traídos por defenderem suas ideias e por terem confrontado o sistema.

O encontro com esses escritores o instigou a escrever sobre a natureza e a cultura brasileira. A exemplo do que estamos falando, citamos o artigo que marcou sua estreia no campo literário, intitulado "Aspectos Pernambucanos nos fins do século XVI", publicado no Jornal do Recife, em 1914, e, em seguida, transcrito pela revista científica do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco.[307] No referido artigo, procurou destacar a conjuntura histórica, econômica e social brasileira, bem como a formação das paisagens naturais da região de Pernambuco. É notável, pois, em sua maneira de traduzir o mundo, como absorveu os elementos nacionalistas e, especialmente, o estilo e estrutura da escrita euclidiana. Escrevendo anos mais tarde a respeito, relatou:

> Nesse estudo, procurei descrever as paisagens naturais e as condições históricas, econômicas e sociais de Pernambuco na época. Prenúncio do rumo que o autor seguiria, marcou *o início* de sua atividade propriamente literária e científica. Foi o começo da primeira etapa do desenvolvimento dessa atividade que se prolongou até 1917 e se caracterizou por uma série de estudos de caráter nacional – sobre a História Nacional, a Geografia, a

---

[306] BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas.* Vol. 1., op. cit., p. 72.
[307] *id. ibid.* p. 75.

Literatura e a História do Brasil.[308]

Outro artigo responsável por projetá-lo na cena literária foi a crítica *Um evadido da realidade*, publicado no Jornal do Comércio em 1918, no qual advogou em defesa da literatura e da arte nacional. Esse seu perfil intelectual, envolvido por um sentimento nacionalista e romântico em relação a sua terra natal e ao seu povo, pode ser verificado no fragmento a seguir, quando procurou sensibilizar os homens letrados de sua terra para a valoração das riquezas naturais e humanas, desprezadas por seus próprios conterrâneos:

> Há tempos, anunciou-se aqui, em Maceió, uma exposição de pintura e, indo vê-la, *não encontrei um único quadro alagoano.* E isto no meio de 109 painéis! Tudo era cópia, arranjo, ampliação de baboseiras europeias. Que tristeza! Todas as almas que pintaram aqueles 109 painéis andavam afastadas da nossa natureza. Tinham olhos, mas não viam a beleza, o esplendor que cercava. E se viam, achavam que era mais cômodo copiar do que sair pelas matas, tabuleiros, lagoas, a pintar telas *realistas* e regionais. *Precisamos exaltar pela pena e pelo pincel a nossa Natureza estupenda,* e não sermos uns estranhos em nossa terra, uns filhos sem pátria, enlevados pelas cousas do estrangeiro. *Precisamos elevar um monumento literário e científico, e outro monumento pictural, à grandeza da Pátria.* [309]

Tendo se oposto ao que considerava falta de consciência dos artistas alagoanos pelos temas nacionais, sua sensibilidade de escritor estava também antenada para os problemas sociais, em particular, a situação dos camponeses, submetidos a um regime de exploração, vivendo em condições deploráveis, impedidos de adquirir um pedaço de terra para sua sobrevivência. No referido artigo endereçado ao jornalista Arnoldo Jambo, realizou uma crítica ao poeta Silva Barros, procurando denunciar a concentração de terras e a violência perpetrada pelos latifundiários. Porém, o que nos pareceu mais expressivo, em seu ponto de vista, foi sua crítica à suposta negligência dos homens letrados em relação à literatura nacional. Segundo expôs, era pouco condizente com a nossa realidade. Reproduzimos a seguir um fragmento de sua crítica:

> Tomo a liberdade de recomendar, entre os grandes filões, os assuntos regionais e sociais. Certo que daria um belo poema cantar na prosa ou no verso a vida do nosso trabalhador de

---

[308] *id. ibid.* p. 75.

[309] BRANDÃO, Octávio. Um evadido da realidade. In: BRANDÃO, Octávio. Por uma literatura social e nacional. Artigo enviado ao jornalista Arnoldo Jambo. [datilografado]. *Fundo Octávio Brandão (Inventário)*. AEL/IFCH. O.B. 1196. Pm 163, P 70. p.05.

> enxada. Certo que dariam admiráveis poemas: a narração dos sofrimentos do nosso povo; a vida infernal dos tiradores e das vendedoras de sururu; as febres malignas que atacam os tiradores de caranguejo; a luta dos trabalhadores humildes pela posse de um quinhão de terra; a agonia do lavrador quando, a sua roça em pela floração, vêm às cabras, os bois do vizinho poderoso que estraga, destrói ou toma para si o fruto de tanto amor e tanto labor, e ainda por cima expulsa o verdadeiro dono; a luta dos pescadores contra os rojões das lagoas; a luta dos praieiros contra as maretas no alto mar. Precisamos entrar numa fase genuinamente nacional.[310]

Essa posição é recorrente no meio intelectual, que aparece já nos anos vinte com Mario de Andrade e Oswaldo de Andrade, mas sobretudo a partir dos anos trinta e quarenta com Sergio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre entre outros tantos. Sobre seu perfil de escritor engajado em um projeto literário de viés social e nacionalista durante sua juventude, citamos alguns relatos publicados em jornais da época expondo sua sensibilidade. O tipógrafo anarquista e militante do movimento operário, Antônio Bernardo Canellas (1898-1936), publicou no Jornal *A Tribuna do Povo* o seguinte comentário sobre a sensibilidade intelectual do jovem escritor: "Os fins visados por Octávio Brandão estão fora de toda discussão, no tocante à sua natureza humanitária e ao seu alcance social".[311] Já o jornalista Pedro Mota Lima (1898-1966), no Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, narrou sua surpresa com o perfil humanista do escritor, preocupado com as questões sociais. A esse respeito, descreveu: "Octávio Brandão prega uma doutrina moldada nos mais alcandorados princípios de humanitarismo".[312] Outra descrição referente a sua sensibilidade de escritor foi fornecida pelas lentes do futuro companheiro no PCB, o camarada Astrojildo Pereira, que o apresentou da seguinte forma:

> Octávio Brandão é seguramente um dos cérebros mais cultos e potentes do Brasil intelectual de agora. [...] Esse estudo sobre "Um Evadido da Realidade" constitui, no gênero, uma das mais formosas e profundas páginas que já li na literatura brasileira. Mas Octávio Brandão, homem do seu tempo, não restringe as suas preocupações ao estetismo puro, ao literatismo puro, se

---

[310] BRANDÃO, Octávio. Um evadido da realidade. In: BRANDÃO, Octávio. Por uma literatura social e nacional. Artigo enviado ao jornalista Arnoldo Jambo. [datilografado]. *Fundo Octávio Brandão (Inventário)*. AEL/IFCH. O.B. 1196. Pm 163, P 70. p.03. Em *Combates e batalhas*, registrou sua indignação com a intelectualidade alagoana por conta de sua falta de conexão com a realidade alagoana e brasileira. Para o autobiografado esses intelectuais: "menosprezavam Alagoas e o Brasil. Abstraíam-se dos problemas sociais, nacionais e internacionais. Nada tinham de *realistas,* isto é, não partiam da realidade viva, concreta, palpitante, em perene movimento, desenvolvimento e transformação". BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas.* Vol. 1., op. cit., p. 84.

[311] CANELAS, Antônio. *Tribuna do Povo.* Recife. 01. 06. 1918.

[312] LIMA MOTA, Pedro. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro. 06. 06. 1918.

> assim pode dizer. As graves questões sociais do momento formam mesmo o motivo básico da sua atividade mental. E o seu grande e ingênuo amor pela terra que viu nascer e pelo povo de que descende, leva-o naturalmente a dar preferência aos problemas imediatos e circundantes – isso honra lhe seja, num largo e amplo sentido, sem estreitezas mofinas de regionalismo jacobino. [...] Octávio Brandão ergue o lábaro da campanha justiceira, da cruzada santa pela redenção da terra e pela redenção do homem. [...] Octávio Brandão possui uma compreensão realista dos grandes problemas da hora.[313]

Observem que os escritos do autor já haviam ultrapassado as fronteiras regionais, alcançado um público seleto de simpatizantes anarquistas em outros estados, que se renderam à sua sensibilidade literária, voltada para os problemas humanos. Evocando o espírito inovador da mocidade literária alagoana, convidou-a para uma reflexão cultural e social em favor do povo brasileiro:

> [...] deve saber que existem por aí milhões de nossos patrícios, nossos irmãos, que não têm um pedaço de terra. Pois que ela entre numa campanha bendita para conceder o pão, a terra, o lar a essas pobres almas. O momento é decisivo, é supremo. A nossa cruzada de ter apenas dois fins: A Redenção da Terra e a Redenção do Homem".[314]

De fato, a lista dos entusiastas que registraram suas impressões acerca dos escritos literários, poéticos e científicos de Brandão é extensa e atingiu um público distinto. Dentre aqueles que nos pareceu mais representativos, há destaque para o geógrafo da Universidade de Stanford, John Casper Branner (1850-1922); o historiador Francisco da Rocha Pombo (1857-1933); e o escritor Monteiro Lobato (1842-1948).

Citamos, a seguir, as impressões que nos pareceram mais ilustrativas de sua sensibilidade de escritor, registradas por Rocha Pombo. A primeira foi na ocasião de uma palestra que, por acaso, havia assistido. Assim relatou: "Sua conferência sobre os canais e as lagoas foi para mim como um incêndio. Sente-se que Octávio Brandão tem coisas imensas a dizer-nos e quer dizer tudo de uma vez e num momento. Tudo isso fala pelo esplendor e pela suntuosidade do seu espírito".[315] A segunda exposição foi ainda mais

---

[313] PEREIRA, Astrojildo. *Crônica Subversiva.* Rio de Janeiro. 03. 08. 1918.
[314] BRANDÃO, Octávio. "Um evadido da realidade". In: BRANDÃO, Octávio. Por uma literatura social e nacional. Artigo enviado ao jornalista Arnoldo Jambo. [datilografado]. *Fundo Octávio Brandão (Inventário)*. AEL/IFCH. O.B. 1196. Pm 163, P 70. p.04.
[315] POMBO, Francisco da Rocha. Comentários de Rocha Pombo, Monteiro Lobato, John C Brauner, Manoel Diegues Junior e outros sobre obras de O.B. S.l.d. *Fundo Octávio Brandão (Inventário)*. AEL/IFCH. Pasta 116.

reveladora, encontra-se registrada no livro *Notas de uma viagem*. Dessa vez, o historiador relatou suas impressões em termos sintomáticos, exaltando o espírito forte e a rara erudição do jovem escritor, reconhecido como uma preciosidade intelectual no campo científico e literário. Assim escreveu:

> Uma visita que me causou grata surpresa foi a do Sr. Octávio Brandão, um jovem de 21 annos e já espírito forte e de rara erudição, sobretudo em sciencias naturaes e em história. É um caso singular. Tem elle planeado uma obra, da qual já se pode ter idéia pela disposição logica do schema de que me offereceu uma copia. Espero ter ensejo mais opportuno de ocupar-me desde moço intelligencia lucidissima, e dispondo de recursos de expressão admiráveis na sua idade. Offereceu-me também o Sr. Octávio Brandão um livro sobre assumpto historico, e da lavra do dr. Alfredo Brandão. Mal tive tempo, durante a viagem de passar-lhe os olhos de relance; mas bastou isso para convencer-me de que estava em presença de um autor que não se sabe como não tem grande nome no nosso mundo intellectual. Havemos de ver em tempo o que é o livro a que alludimos.[316]

Ainda que seja importante ressaltar a forma como outros autores apresentaram sua sensibilidade, também se faz imperativo avaliarmos a maneira como o próprio autor falou de si em suas narrativas autobiográficas. E, nesse caso, como se trata de um relato evocado por uma pessoa idosa, conforme ponderou Ecléa Bosi, devemos considerar o fato desse indivíduo já possuir quadros de referência culturais bem acentuados, e por já haver atravessado um certo tipo de sociedade, com seus atributos definidos.[317] Destarte, esse sujeito idoso, ao reconstruir suas lembranças, ele o faz a partir de um cenário mais abalizado do que as pessoas mais jovens e adultas, uma vez que já não se encontram presos as tensões do presente.[318]

Diante de tais pressupostos, em sua principal autobiografia, *Combates e batalhas,* aos 82 anos de idade, Bandão se referiu a si mesmo, repetidamente, na terceira pessoa, e procurou apresentar esquemas coerentes de narração ao estabelecer os marcos transitórios em sua trajetória, a exemplo: "primeira etapa: a infância (1896-1908)", "segunda etapa: a adolescência (1908-1919)", "terceira etapa: a juventude (1919-1931)".

Do ponto de vista ideológico, narrou que seu desenvolvimento intelectual passou por três etapas distintas: a primeira delas foi descrita como a luta "pela libertação

---

[316] POMBO, Francisco da Rocha. *Notas de Viagem:* Norte do Brazil. Rio de Janeiro: Benjamin Aguila editor, 1918, p. 77-78.
[317] BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade. Lembranças de velhos.* São Paulo: Cia das Letras, 1994, p. 60.
[318] *id. ibid.* p. 60.

espiritual do povo brasileiro", a segunda, o engajamento como "militante da classe operária" e a terceira, a experiência como "combatente pelo socialismo científico de Marx, Engels e Lênin".[319]

Em seu processo de construção narrativa, observou-se a correlação entre os estilos temático e cronológico, evidenciando, assim, a intenção de estabelecer um ordenamento lógico[320] em sua trajetória, a partir da ideia de continuidade e duração. Citamos, a título de exemplo, um pequeno trecho de sua autobiografia no qual relatou uma dessas "etapas" transitórias de sua vida intelectual, após a apropriação que fez do pensamento de Büchner:

> Dei logo o primeiro passo libertador. Tornei-me partidário do *materialismo filosófico* – científico naturalista. Era o resultado de um lento processo que vinha desenvolvendo-se há tempos. Coloquei um primeiro marco na vida. Abri uma perspectiva. Comecei a forjar o próprio destino, em nome do materialismo filosófico.[321]

Com efeito, essa tentativa de extrair uma lógica para os acontecimentos vividos,

---

[319] Em *A vida de um escritor*, artigo escrito aos 74 anos de idade, nota-se a intenção do velho combatente comunista de registar suas lembranças, bem como o trabalho de "enquadramento da memória" para atribuir sentido a trajetória de sua vida: "Depois de tantas vidas numa só vida, aos 74 anos de idade, dos quais 58 de lutas, creio que tenho o direito de evocar as recordações, fazer um resumo dos combates travados e experiências vividas, em vista do presente e do futuro. Sou escritor brasileiro. Índio-caboclo do Nordeste. Patriota e humanista, democrata e revolucionário. Poeta realista, romântico e revolucionário. Partidário do socialismo científico de Marx, Engels e Lênin. Minha vida desenvolveu-se através de cinco etapas. 1ª etapa – A infância, em Viçosa de Alagoas, de 1896 a 1908. 2ªetapa – A adolescência, em Alagoas e Pernambuco, de 1908 a 1919. 3ª etapa – Na juventude, no Rio de Janeiro, 1919 a 1931. 4ª etapa – Na Europa, de 1931 a 1946. 5ª etapa – No Brasil, de 1946 a 1970. Do ponto de vista ideológico, o processo de desenvolvimento passou por três etapas: 1ª etapa – Pela Libertação Espiritual do povo brasileiro, a partir de 1912, na cidade do Recife, estado de Pernambuco. 2ª etapa – Militante da classe operária, desde 1917, na cidade de Maceió, estado de Alagoas. 3ª etapa – Combatente pelo socialismo científico de Marx, Engels e Lênin, desde 1922, no Rio de Janeiro". BRANDÃO, Octavio. A vida de um escritor. S.l.,12.12.1970, 31p. *Fundo Octavio Brandão (Inventário).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 114-b, [dat.]. p.01. Percebe-se a existência de certos marcos ou pontos invariáveis presentes em suas lembranças. Para Pollak, isso ocorre porque "o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. Em certo sentido, determinado número de elementos tornou-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora outros tantos acontecimentos e fatos possam se modificar em função dos interlocutores, ou em função do movimento da fala". POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos.* Rio de Janeiro, v. 5, nº. 10, p. 02.

[320] A performance realizada de si em sua narrativa envolve mecanismos de seleção, esquecimento e silêncio, ou seja, um verdadeiro trabalho de organização da memória, o que contribui para a ressignificação do sujeito no presente. Dito isso, o que fica registrado do cotidiano na memória é aquilo que apresenta maior significado para o sujeito. Para Beatriz Sarlo: "O testemunho [...] é composto daquilo que um sujeito se permite ou pode lembrar, daquilo que ele esquece, cala intencionalmente, modifica, inventa, transfere de um tom ou gênero a outro, daquilo que seus instrumentos culturais lhe permitem captar do passado, que suas ideias atuais lhe indicam que deve ser enfatizado em função de uma ação política ou moral no presente, daquilo que ele utiliza como dispositivo retórico para argumentar, atacar ou defender-se, daquilo que conhece por experiência e pelos meios de comunicação, e que se confunde, depois de um tempo, com sua experiência etc." SARLO, Beatriz. *Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva.* São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 58-59.

[321] BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas.* Vol. 1., op. cit., p. 68.

atribuindo a eles a ideia de princípio, razão de ser e fim, se aproxima daquilo que Bourdieu definiu acertadamente como sendo uma ilusão biográfica, ou seja, imaginar a vida como um todo orientado marcado por decisões e certezas.[322]

Em consonância com Halbwachs, a memória encontra-se inserida dentro de um quadro espacial. Dessa forma, ainda que possamos evocar certos acontecimentos e pessoas que estiveram próximas de nós, essa lembrança sempre estará circunscrita dentro do espaço. Assim, registrou o sociólogo: "concentremo-nos agora, fechemos os olhos, remontem o curso do tempo tão longe quanto nos seja possível, tanto quanto nosso pensamento possa fixar em cenas ou pessoas das quais conservamos, a lembrança. Jamais saímos do espaço".[323] O espaço, nesse caso, é compreendido em um sentido mais abrangente, devendo se referir à ideia de um espaço coletivo, social e classificado. Por isso, nas recordações de Brandão, procurou se apoiar nessas imagens espaciais, como no caso de sua atividade literária, na sua longa militância pelo movimento operário brasileiro, ou ainda na sua adesão aos ideais marxistas, a fim de conservar viva no presente sua identidade de intelectual comunista.

Outro aspecto interessante de sublinhar, em algumas passagens de sua narrativa, exalou um ar heroico e romântico. Isso fica evidente, por exemplo, nas lembranças de sua infância, quando relatou haver absorvido as "lições de bravura e de heroísmo" a partir da leitura do romance de cavalaria *História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França*.[324] Aliás, esse aspecto fica evidente em suas principais autobiografias, aparecendo frequentemente em sua narrativa como um esforço para ressaltar sua proeza espiritual, isso explica, entre outros aspectos, os porquês de as decisões anotadas em suas memórias terem sido quase sempre acertadas, carregadas de certezas e proezas.

Essa construção estética na narrativa autobiográfica elaborada pelo sujeito ao se referir a si mesmo no texto e aos acontecimentos vividos, ocorre como uma "auto-objetivação", no qual se opera a coincidência entre autor e herói, resultado do desejo de

---

[322] BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação.* Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996, p. 76.
[323] HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, p. 111.
[324] BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas.* Vol. 1., op. cit., p. 51. A obra citada por Brandão em suas memória é um romance épico da literatura francesa baseado nas antigas gestas medievais. Em consonância com Regina Célia: "[…] Por suas cenas de valentia e personagens exemplars, a narrativa serviu de exemplo principalmente no Nordeste do Brasil, cujos habitantes apreciavam um tipo de pensamento medieval. Os grandes latifundiários, de cana de açúcar e de cacao mantinham tradições e costumes antigos herdados de seus afins europeus, o que facilitava que aquela história fosse tão apreciada pelos seus ouvintes em sua folgas". SILVA, Regina Célia de Lima e. *História do imperador Carlos Magno e dos doze pares de França na Encantaria do Tambor de Mina maranhense: do livro à voz do terreiro da Turquia.* Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015. p. 21.

equivaler "a pessoa de que se fala e a pessoa que fala".[325] Dito isso, é interessante compreender como o autobiografado percebe-se no texto, ao ocupar a mesma prateleira na escala de valores que o herói representado em sua narrativa. No caso específico de nosso sujeito de investigação, pode-se dizer que esse efeito estético presente em sua narrativa agiu no sentido de criar uma identificação íntima entre narrador e herói sem que se perceba. Nesse caso, em consonância com Bakhtin, deve-se notar que: "Há duas consciências, sem haver duas posições de valores; há duas pessoas e, em vez de eu e o outro, há dois outros".[326]

Foi por conta dessas representações que Leandro Konder o descreveu como sendo uma das figuras mais bizarras da cultura nacional.[327] Sua personalidade, para o filósofo, seria sintomática de uma mania amplamente difundida em vários países do mundo após o impacto provocado pela Revolução de Outubro de 1917, que foi a mania de imitar a vigorosa personalidade do líder revolucionário russo, Lênin. Entretanto, no caso de Brandão, afirmou com ironia que se tratava de um "Lênin que não deu certo".[328] A despeito dessa ironia, também reconheceu no autobiografado sua "autossuficiência de um autodidata", assim como diversos traços de "autenticidade" no seu modo de pensar, destacando o significado de suas memórias para a compreensão da história do movimento operário brasileiro da Primeira República.[329]

Ao relembrar dos rigorosos princípios morais e educacionais apreendidos na sua infância, relatou que a severidade do pai teve um lado positivo: "Fui criado num ambiente de *pureza moral*, de respeito as moças e às senhoras. Livrei-me das más companhias. Não convivi com meninos deformados e viciados".[330] Percebe-se que o traço moralista de sua personalidade também pode ser observado na maneira como se relacionou com algumas práticas culturais da população do Rio de Janeiro, mostrando-se resistente em aceitar aquilo que julgava ser exageros e sensualidade grosseira. A esse respeito, anotou em sua autobiografia: "era uma cidade de grande beleza e democratismo. Infelizmente, perdia-se nas piadas e futilidades, no carnaval e futebol, no jogo e no álcool, na macumba e espiritismo, nos excessos sexuais e dramas passionais. Daí, sofrimentos espantosos para

---

[325] BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal.* São Paulo: Martins Fontes, 1985, p. 165.
[326] *id. ibid.* p. 178.
[327] KONDER, Leandro. "Octavio Brandão: o Lenin que não deu certo". *Folha de São Paulo,* Caderno Folhetim. São Paulo, 23.06.1985, p.6.
[328] KONDER, Leandro. *Intelectuais brasileiros e marxismo*, op. cit., p. 19.
[329] *id. ibid.* p. 19.
[330] BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas.* Vol. 1., op. cit., p. 48.

o jovem escritor e cientista".[331]

Enfim, o tom, por si só, moralista de sua fala, é revelador da dificuldade do velho combatente comunista para entender certas mudanças culturais, isso, mesmo após anos de convívio naquela cidade. Segundo Konder, outro traço que o acompanhou por toda sua existência foi a seriedade com que lidava com os assuntos comuns da vida, e a sua total falta de senso de humor: "ele se leva terrivelmente a sério, o tempo inteiro. A magnitude dos seus objetivos não lhe deixa espaço para a ligeireza inconsequente de um sorriso despreocupado".[332]

Essa impressão registrada por Konder acerca do senso de humor de Brandão não nos pareceu consensual. O ex-dirigente pecebista, Leôncio Basbaum, por exemplo, ao comparar a personalidade de Brandão com a de Prestes, recordou certas semelhanças. Segundo informou Basbaum, tinham "a mesma palidez, a magreza, a mesma delicadeza no falar, os olhos fundos, que pareciam guardar um indefinido ardor místicos, e um certo tom professoral no modo de dizer as coisas, como se fossem definitivas".[333] Por outro lado, em relação ao senso de humor, teve uma impressão distinta daquela registrada por Konder, conforme o relato seguir: "Brandão era um puritano que ficava vermelho só de ouvir palavrões e para quem até a palavra *prostituta* era obscena. Prestes não era tanto assim. Mas Octavio por vezes gostava de rir e dava mesmo boas gargalhadas e gostava de ouvir uma piada desde que não fosse pornográfica. Prestes não ria de modo algum.[334]

4.2 O perfil colecionador e memorialista

Por que arquivar a própria vida? Como acontece a arrumação desses documentos? Quais as intenções por trás dessa atividade memorialista? Philippe Artières (1998) nos faz pensar sobre as intenções que levam os sujeitos a arquivar sua própria vida, bem como as práticas utilizadas para arrumar o que foi selecionado. É notório observar que essa preocupação em arquivar a própria vida nunca é desinteressada, existe, pois, uma intenção de seleção e ordenação que procura atribuir um sentido à vida, possibilitando que a identidade do sujeito seja reconhecida. Desse modo, para o historiador francês: "Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor a imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo

---

[331] *id. ibid.* p. 150.
[332] KONDER, Leandro. *Intelectuais brasileiros e marxismo,* op. cit., p. 21.
[333] BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos.* São Paulo: Alfa-Ômega, 1976, p. 66.
[334] *id. ibid.* p. 66.

e de resistência".[335]

No caso do nosso personagem, havia motivos para registrar regularmente suas ações e, igualmente, para a prática de arquivamento de seus escritos. A começar, em razão do ambiente de tensão que enfrentava internamente com a direção pecebista, frequentemente forçado a retratar-se por suas posições políticas divergentes e, em decorrência disso, o sentimento de injustiça que sempre o atormentava. É preciso lembrar que, ao longo de sua turbulenta trajetória política pelo PCB, passou por diversas situações constrangedoras até ser estabelecido em definitivo o seu isolamento político. Desse modo, anotar e arquivar suas memórias seria para o autor um ato de resistência, uma forma de manter a salvo sua identidade de intelectual comunista, evitando assim a ameaça do esquecimento, como também uma maneira de preservação dos escritos e da memória de esquerda, invariavelmente destruídos pelos agentes hegemônicos e repressivas.

Neste caso, estamos refletindo a partir do conceito de "conflitos de memória" tal como foi definido por Pollak, para pensar esse procedimento ativo e voluntário presente nas ações daqueles grupos que intencionam imprimir uma memória hegemônica do passado. Do nosso ponto de vista, esse procedimento foi utilizado pelos dirigentes pecebistas como forma de silenciar os conflitos políticos internos envolvendo seus antigos membros, a fim de não comprometer a unidade do grupo. Brandão era, sem dúvida, uma das vozes que divergia das decisões tomadas pela cúpula do partido e pagou caro por isso; primeiro, com o isolamento político e, posteriormente, com o silenciamento de sua memória. Enfim, pensar a partir do referencial dos "conflitos de memória", possibilita-nos entender a desconstrução de certos signos e símbolos oficiais da memória dominante, permitindo, assim, a reabilitação da memória de antigos membros do grupo[336], como é o caso dos arquivos de Brandão.

A preocupação em arquivar a própria vida e apresentar seu ponto de vista acerca dos acontecimentos que marcaram sua trajetória política e intelectual, resultou na escrita de três autobiografias, produzidas em momentos distintos de sua vida. A primeira delas foi *O Caminho,* publicada pela primeira vez em 1950, quando Brandão tinha 54 anos, e ainda era muito ativo política e intelectualmente. O livro foi pensado e escrito em 1941, em meio ao entusiasmo do autor em relação a construção do socialismo na URSS, e também durante os anos mais trágicos do seu exílio quando, na companhia de sua esposa

---

[335] ARTIÈRES, Phillipe. Arquivar a Própria Vida. *Estudos históricos:* arquivos Pessoais. Rio de Janeiro, v.11, n.2, 1998, p.11.
[336] POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, op. cit., p. 03.

e de suas filhas pequenas, Dionysa, Sátva, Vólia e Valná, o país era invadido pelo exército nazista, no contexto da Segunda Guerra Mundial. Além disso, é importante registrar que na ocasião da publicação do livro, o intelectual ainda buscava uma aproximação com o PCB, evitou assim polemizar acerca de sua posição em relação ao partido. Sua segunda autobiografia foi *A Luta Libertadora,* de 1970 (trata-se do segundo volume de *Combates e batalhas*, livro ainda inédito). Na narrativa em questão, o autor aos 74 anos, amargando décadas de um profundo isolamento político, procurou relatar suas lembranças da época do exílio, assim como o cenário de dificuldades que encontrou pela frente quando retornou ao Brasil. Já a terceira foi publicada somente em 1978, quando somava 82 anos, pouco antes de sua morte, ocorrida em 1980. Trata-se do primeiro volume de *Combates e batalhas*, que circunscreve uma temporalidade ampla, partindo das recordações da infância e se estendendo até sua deportação para a Europa. Em seu relato, nota-se a riqueza de detalhes acerca de suas experiências pessoais como militante do movimento operário brasileiro durante as primeiras décadas do século XX. Na época em que escreveu essas memórias, realizou um profundo desabafo em uma entrevista concedida à "Revista Isto É". Na ocasião, já não conservava qualquer expectativa de ser reconhecido pelo PCB.[337] Assim relatou seu sentimento de angústia e revolta: "É trágico dizer que os companheiros foram gradualmente me abandonando. O ostracismo a que me condenaram obedecia às ordens de cima. A verdade é que, por minha fidelidade ao partido e à causa operária, acabei sozinho".[338]

Brandão foi um escritor compulsivo, que rascunhava em pequenos pedaços de papéis, seja anotações de leitura ou *insights* que tinha para ajudá-lo na escrita de artigos, livros, preparação de entrevistas, palestras ou conferências que pretendia realizar. Elaine Marques Zanatta, primeira coordenadora do projeto de organização dos documentos de Brandão no Acervo Edgard Leuenroth, realizou o seguinte comentário acerca dos desafios impostos por seu acervo: "[...] Intelectual extremamente produtivo juntava a cada reflexão recortes de jornais, resenhas, textos e pequenos escritos, na sua maioria em papeizinhos como quem carrega as ideias no bolso do paletó".[339] O fato é que o volume e a diversidade temática desses escritos são realmente impressionantes, conforme constatei quando tive a oportunidade de conhecer as dependências internas do acervo, onde se encontram seus

---

[337] Consonância com Pollak, conforme as circunstâncias, "ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto. Sobretudo a lembrança de guerras ou de grandes convulsões internas remete sempre ao presente, deformando e reinterpretando o passado" *id. ibid.* p. 08.
[338] BRANDÃO, Octavio. *Entrevista.* In: *Revista Isto É*, 28.06.1978, p. 50.
[339] ZANATTA, Elaine Márquez et alii. *Inventário analítico do acervo Octávio Brandão,* op. cit., p. 09.

documentos. O intelectual tinha consciência da importância de registrar suas atividades, colecionar documentos e salvaguardar suas memórias da ameaça do esquecimento a que foi submetido. Dionysa relatou da seguinte maneira a atividade de memorialista do pai:

> Octavio Brandão guardava com zelo e carinho seu passado de poeta naturalista, libertário, anarquista e comunista [...]. Vivendo várias décadas na clandestinidade e 15 anos de exílio, tendo atravessado uma guerra (1941-1945), conseguiu manter inúmeras anotações, trabalhos inéditos, poesias, em resumo, as seis coleções, guardadas até em sacolas de compras e espalhadas em casa de amigos e vizinhos.[340]

Se compreendia a importância de preservar seus escritos e registrar suas memórias, também sabia dos riscos que essa atividade poderia lhe acarretar caso fosse descoberto pela polícia, ainda mais em se tratando de um personagem conhecido por seu histórico de luta pelo movimento operário e comunista, diversas vezes investigado e preso pelas autoridades policiais. Em uma pequena folha datilografada datada de 1942, narrou as sucessivas perdas de seus documentos, apesar dos esforços para preservá-los: "Em nossa vida, além de toda uma série de pequenos au/tos [sic] de fé, houve 3 grandes destruições de nossos materiaes".[341]

A primeira dessas destruições relatada pelo autor ocorreu entre os anos de 1923-1924, quando vivia de forma clandestina em razão de sua intensa militância política pelo movimento operário. Aliás, na época, era uma das lideranças mais procuradas pela polícia, ocupando posições de destaque na direção do PCB.[342] No inventário, relatou que havia enterrado suas coleções em uma maleta nos fundos de uma casa no subúrbio do Rio de Janeiro, a fim de salvá-la da polícia. Entretanto, o "cupim e a humidade destruíram a quase totalidade dos materiaes".[343]

A segunda perda significativa ocorreu em 1930, dessa vez, os responsáveis diretos pela destruição foram os agentes da polícia, que encontraram suas coleções e as de Laura, escondidas novamente em uma maleta em uma casa no bairro de Águas Ferreas, também no Rio de Janeiro. Na ocasião, foi devolvida aos autores apenas uma pequena parte desses

---

[340] ROCHA, Dionysa Brandão. Sobre Octavio Brandão: alguns fragmentos. In: OLIVEIRA, J. R. Guedes de (Org.). *Cartas de Octavio Brandão:* memória*,* op. cit., p. 54.
[341] BRANDÃO, Octavio. *Materiais destruídos, queimados, confiscados*. 25 nov. 1942, p.1. (Fundo Octavio Brandão, DP.2, P.1, Arquivo Edgard Leuenroth/Unicamp, Campinas, São Paulo).
[342] BIANCHI, Alvaro. Octavio Brandão e o confisco da memória. In: ACERVO EDGARD LEUENROTH. Catálogo do Fundo Octavio Brandão*,* op. cit., p. 10.
[343] BRANDÃO, Octavio. "Materiais destruídos, queimados, confiscados". 25 nov. 1942, p.1. *Fundo Octavio Brandão*, DP.2, P.1, Arquivo Edgard Leuenroth/Unicamp, Campinas, São Paulo, p. 01.

documentos. A maior parte deles permaneceu embargada pela polícia. Brandão suspeita que esses materiais não devolvidos foram destruídos pelo movimento popular de outubro de 1930. Argumentou que, "[...] a multidão invadiu a sede da polícia, devastou-a, lançou na rua e destruiu uma quantidade colossal de materiaes ahi encontrados. Entre estes materiaes estariam os de Laura e Octavio?".[344]

A terceira perda ocorreu em circunstâncias distintas, durante o seu exílio na URSS. Na época, Brandão trabalhava nos escritórios do *Comintern* e nos programas da rádio de Moscou, mantendo uma produção intelectual ativa, escrevendo, traduzindo e publicando artigos. Todavia, em 1941, a capital soviética foi atacada pelas tropas do exército nazista. Com isso, os escritórios onde trabalhava passaram a ser transferidos para outros endereços, até a ordem de evacuação total da cidade ser decretada e sua família transferida para Ufá, na região dos Urais. A esse respeito, narrou em seu inventário de 1942: "durante nossa ausência [os documentos que ficaram no apartamento] foram queimados"[345], assim, todo material que pudesse prejudicar a resistência foi destruído pelo Exército Vermelho, a fim de evitar que caíssem nas mãos dos invasores.[346] A perda foi muito sentida, mesmo após passados alguns anos desde o ocorrido, continuou a lembrar desse episódio com profunda tristeza, especialmente, por conta das cartas e escritos poéticos de Laura[347], como se observa no relato a seguir:

> Durante a ausência nos Urais, inúmeros materiais foram retirados do Hotel Lux e queimados em Moscou. Deste modo, na voragem da guerra, perdi as relíquias mais preciosas: as cartas e poesias de Laura. Perdi-a, pois, duas vezes. Perdi também os frutos de dez anos de trabalho tenso e intenso: obras inéditas, artigos, estudos, cadernos de apontamentos – queimados durante a evacuação dos urais ou incendiados pelas bombas dos aviões nazistas. Perdas terríveis, definitivas, irreparáveis.[348]

No inventário de 1942, narrou a perda de 49 documentos, porém, é provável que esse número seja maior, tendo em vista o hábito que adquiriu de espalhar seus documentos entre os "[...] companheiros de militância e entre suas filhas de maneira a preservá-lo da

---

[344] *id. ibid.* p. 01.
[345] *id. ibid.* p. 02.
[346] BIANCHI, Alvaro. Octavio Brandão e o confisco da memória. In: ACERVO EDGARD LEUENROTH. Catálogo do Fundo Octavio Brandão, op. cit., p. 14.
[347] É notável, pois, como em seu relato, equiparou o sentimento de perda dos escritos poéticos e as cartas de Laura a tristeza que sentiu por haver perdido sua esposa, morta nessa mesma época em decorrência de uma leucemia.
[348] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 124.

destruição feita pela polícia".[349] Em outra ocasião, no período posterior ao golpe empresarial-militar de abril de 1964, Brandão preocupou-se com a possibilidade de uma investida policial em sua casa. Para impedir uma nova apreensão de seus documentos, procurou escondê-los entregando aos cuidados do amigo Antonio de Medeiros Gualter. Esses documentos permaneceram escondidos no sótão da casa da família Gualter Kropf por décadas, até sua bisneta, Simone Kropf, entrega-los ao AEL, em 2004.[350] Portanto, não seria nenhum exagero conjecturar se outros materiais poderiam estar distribuídos entre amigos que ainda não se encontram alojados em algum sótão esquecido? Há ainda muito a descobrir sobre sua documentação.

Em *A luta libertadora*, de 1970, lembrou de outros documentos que não haviam sido reportados no inventário anterior. A esse respeito, registrou: "Ao partir para a Europa, em 1931, deixei com o pai de Laura 2 caixões, cheios de livros, jornais, etc. Ao voltar em 1946, procurei-os por toda parte. Nem a mais vaga notícia".[351] Do mesmo modo como ocorreu com sua vida, atravessada por períodos de incertezas e perdas irreparáveis, com suas memórias não foi muito diferente. Em concordância com o cientista político Alvaro Bianchi, "Desde o final dos anos 1920 Brandão enfrentava em sua luta pela memória não apenas a polícia como também seus companheiros de partido".[352]

4.3. Literatura, poesia e exílio em tempos de guerra

É notório observar que, mesmo após o seu distanciamento físico da terra natal, em razão do exílio, Brandão persistiu na busca de novos aportes teóricos para projetar a libertação dos homens, bem como a construção de uma sociedade menos desigual no Brasil. Em uma carta enviada à sua irmã Mariinha e à sogra, Jacintinha, relatou o quanto a experiência no estrangeiro foi decisiva para sua formação intelectual. Reproduzimos, a seguir, um trecho da referida carta:

> Há 14 anos, fui deportado do Brasil. Durante estes 14 anos, lutando pela Pátria e pela Humanidade, o caboclo do Nordeste rolou através de muitos países e capitais. [...] Durante esses 14 anos, convivi com muitos militantes, cientistas, homens eminentes. Aprendi nos livros e, sobretudo, na luta. Estudei

[349] OLIVEIRA, Neiva Goncalves. Introdução. In: ACERVO EDGARD LEUENROTH. *Catálogo do Fundo Octavio Brandão,* op. cit., p. 17.
[350] ACERVO EDGARD LEUENROTH. *Catálogo do Fundo Octavio Brandão,* op. cit., p. 07.
[351] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 128.
[352] BIANCHI, Alvaro. Octavio Brandão e o confisco da memória. In: ACERVO EDGARD LEUENROTH. *Catálogo do Fundo Octavio Brandão,* op. cit., p. 12.

> literatura, história e filosofia, ciências sociais e ciências naturais. Fiz propaganda do Brasil, da América Latina e da União Soviética. Tomei parte ativa nos acontecimentos. Defendendo o povo russo e o povo brasileiro contra o hitlerismo, desenvolvi uma vasta atividade intelectual. Traduzi, reelaborei e escrevi perto de 20 mil artigos, notas e comentários.[353]

Quanto a produção literária durante o exílio, procurou manter o enfoque nos temas conexos à conjuntura histórica brasileira, de modo a fazer, repetidas vezes, avaliações de viés político e social. Do nosso ponto de vista, duas conclusões podem ser feitas a partir da totalidade dos textos, de Brandão, analisados. A primeira diz respeito à expressiva produção literária e poética relacionada aos aspectos paisagísticos da natureza brasileira. A segunda, refere-se ao interesse manifestado por figuras históricas que se sentiram injustiças ou foram perseguidas e marginalizadas.[354]

O primeiro poema escrito no exílio foi "Este navio está navegando", concebido uma semana após sua deportação, quando ainda estava se deslocando no navio Weser para a Alemanha.[355] O escritor procurou exprimir sua revolta em relação ao ocorrido, uma experiência descrita como sendo em demasia dolorosa. Também sinalizou que, naquele momento difícil de sua vida, experimentou uma sensação rara, um momento de calmaria, após anos de sofrimentos motivados pelas sucessivas prisões. Ao final, reiterou sua confiança no ideal socialista e em relação ao futuro do Brasil. O poema assume uma conotação melancólica, oscilando entre o sentimento de aflição e esperança, sinalizando que todo sacrifício vale a pena, pois preferia o exílio a ter de renunciar o ideal e a luta em seu país natal. A legenda do poema traz a informação: "De pé, sobre o tombadilho do 'Weser', no meio do Oceano Atlântico, entre a Bahia e Tenerife, ao lado de Laura e das filhas, dolorosamente exiliado do Brasil, sob o ritmo bárbaro das ondas em 25 de junho

---

[353] BRANDÃO, Octavio. Carta de Octávio Brandão a Mariinha e Jacintinha. 10.03.1945. *Fundo Octávio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 7 (dat.).

[354] É interessante registrar como nosso sujeito de investigação, apesar do seu distanciamento físico da terra natal e, por consequência, ausente das referências bibliográficas e das fontes, ainda assim conseguiu manter uma profusão de estudos sobre a cultura brasileira, escrevendo tudo de memória sem consultar qualquer arquivo. Para Said, que estudou a obra-prima *Mimesis: a realidade representada na literatura ocidental* (1946), do crítico literário alemão Erich Auerbach (1892-1957), exilado em Istambul, na Turquia, no contexto da Segunda Guerra Mundial, isso é possível pelo fato de ser no exílio que o intelectual passa a construir uma percepção mais descentrada que o permite "transcender os limites nacionais ou provinciais" (passando a conhecer melhor as idiossincrasias de sua cultura, lembrando, inclusive, com precisão quase cirúrgica os lugares, as datas dos acontecimentos e autores com quem dialoga, situação diametralmente oposta do que ocorre quando o indivíduo se encontra no contexto imediato de sua cultura, da qual é praticamente impossível absorver todos os elementos que envolvem sua vida. SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 59.

[355] Em suas memórias enfatizou a partida, etapa que costuma ser descrita como um corte, um momento de passagem na vida dos exilados.

de 1931”. Transcrevemos, a seguir, na íntegra o poema:

Coração de fogo num tórax de ferro,
Transatlântico de aço e de pinho,
Combinação das minas do Brasil (Lorena)
Com as florestas infindáveis da Sibéria:
Mastodonte da época do avião,
Teu ronco de gigante pré-histórico
É o cântico imortal da civilização!
Este gigante é uma criança:
Baila e brinca sobre as ondas,
O marulho das vagas o embala
Com o rugido de uma leoa adormecida!
Invencível cidade lutadora:
Adeus, ardente Rio de Janeiro, adeus!
Bahia das águas verdes,
Bahia dos navios negreiros,
Bahia de Luiza Mahin e Castro Alves,
Onde a Escrava rebelde beija a fronte
Do poeta varonil da Abolição:
Em tuas chaminés, o novo mundo
Vai mais alto que as torres das igrejas
Do velho mundo em decomposição.
À noite, a lua cheia sobre as águas
– Lâmpada cristalina de um milhão de velas,
No oceano, de alumínio e de cobalto.
Lá, tão longe, os praieiros de Alagoas
Ateiam fogaréus por entre os coqueirais.
E, do Navio, cada fogueira é um planeta
E a terra e um novo céu cheio de estrelas.
A três graus, sobre o equador,
Acima da Santa Helena do corsário
E da Fernando de Noronha dos rebeldes,
Na altura do Mar das Índias revolucionárias
– Impulsionado pelas correntezas
Marítimas, históricas, sociais,
No rumo inverso de Colombo e de Cabral,
Vai o Navio-Furacão
Para uma Tenerife esplêndida, imortal!
Relincha o Leviatan-Corcel dos Mares,
Galopando através dos glaucos pampas líquidos,
No ímpeto de um milhão de cavalos-vapor.
É um pesado animal blindado de aço?
Ou o albatroz tão leve sobre as vagas?
No tombadilho, a perspectiva rola
Das ondas que vêm da América:
Ondas verdes do mar e ondas negras de escravos!
E as ondas modelando as praias,
E o Navio bailando sobre as ondas
Através dos mares e através dos séculos:
É o turbilhão triunfal do Socialismo!
Este Navio é um poema.
Diante da vastidão do mar,
Da imensidão do Tempo e do Espaço

– Simbolizando a nova Humanidade,
Cheio de dor e amor.
A heróica Mãe Proletária,
Que afrontou toda cólera e maldade,
Olha as crianças que brincam no convés:
É um pequeno rincão do cosmos infinito.
A amplidão da dor mede a imensidão do Mar.
Qual dos dois o maior? O Mar ou a Dor?
Este Navio é um poema.
Os imigrantes tornam ao país natal
Tristes, com os sonhos e ilusões perdidas,
Mas o ideal do Poeta vem das multidões.
Por isto, o sonho real das grandes massas,
Temperado na dor e nas batalhas,
Vive na alma do Poeta Exilado
E canta um cântico sem fim
– A Marcha Heróica e Triunfal
Das gigantescas massas populares!
Este Navio é um poema.
Liberto dos cubículos, das grades,
Livre do isolamento da prisão
Dos cães bestiais da reação do imperialismo,
Em liberdade, mas proscrito,
O Poeta, saturando-se das multidões,
Rola de tombadilho, sonda a Vida e o Universo,
Sorve serenamente o fel do Exílio!
Sim, o Ideal vale todo sacrifício
De uma vida errante pelo mundo.
Antes o exílio, a dor, a penúria e os tormentos
Que a renúncia à luta no país natal.
Este país, outrora, era degredo
Para os vencidos e os rebeldes,
E hoje os rebeldes são expulsos do Brasil...
Este Navio é um poema
Dos marinheiros – Poetas dos Ventos, das águas,
Dos maquinistas – Poetas do aço e do Vapor,
Dos foguistas – os épicos do Fogo e da Hulha!
Desde a fornalha até os píncaros dos mastros,
Este Navio é um grande poema.
E poema ainda maior – este Navio em Marcha,
Na exaltação do Movimento,
Dinâmica das hélices nas ondas,
Tumulto colossal dos Elementos,
Em rotação e translação,
Em marcha sobre a Terra em movimento,
Sobre as Águas em doidas catadupas,
Sob os Astros que giram nas órbitas,
Sob as Nuvens fugindo ao chicote dos Ventos!
Brasileiros, de pé! Todos em marcha,
Nas águas do Navio-Turbilhão,
Na rota do Navio da Libertação!
Transatlântico de aço, ferro e bronze,
Navio das amplas almas dos guerreiros
Da grande Luta Social.
Navio dos sabiás,

Poetas das multidões que marcham para as Índias,
Para as Índias remotas do Porvir![356]

A respeito das lembranças saudosas em relação ao Brasil, potencializada pela condição angustiante em que se encontrava, impedido de retornar para casa quando assim desejasse, identificamos um de seus hábitos que o ajudou a suportar a ferida aberta pelo exílio. No testemunho fornecido por sua filha Valná Brandão Tchudínova, temos a noção do sentimento de saudade que tomou conta do espírito de seu pai, por estar distante de sua terra natal, impossibilitado de participar dos acontecimentos de seu país. Na carta *recordando o meu pai*, Valná narrou um hábito reiterado de seu pai nos primeiros anos do exílio, em particular, nos meses mais quentes do verão, entre os anos de 1932 a 1941, costumava viajar até a região da Crimeia, no Cáucaso, para descansar em um sanatório da região. Havia se apaixonado pelas águas do mar Negro que, de alguma maneira, o ajudava a lembrar de sua terra natal, como se pode observar no seguinte comentário: "As suas águas vão desembocar no Mediterrâneo e, daí, no Atlântico, acabando por tocar as praias do meu Brasil".[357] Ainda enquanto sonhava com o retorno tão aguardado à sua terra, escreveu uma canção de despedida carregada de afetividade, dedicada ao mar Negro.[358] A canção foi intitulada, *Adeus imenso mar Negro*:

Adeus imenso mar Negro,
Mar azul do meu amor,
Canto bravio das ondas,
Canto vivo e embalador.
A saudade dilacera
Meu coração insaciável,
Ó nunca mais te verei,
Meu amor incomparável!
A brisa canta nas praias,
Nas magnólias – os rouxinóis.
Minh'alma – choupo sem vida
Morre sem ver arrebóis.
O mar ri, ri universo,
Em tudo vive a alegria.
Só o meu coração chora
E morre de nostalgia![359]

---

[356] BRANDÃO, Octavio; BRANDÃO, Laura. *Poesia*. (org.). Dionysa Brandão Rocha. Rio de Janeiro, D. Brandão Rocha, 2000. p. 269-273. Em *Combates e batalhas*, narrou sua angústia pelo fato de seu poema ainda não ter sido publicado, assim como o sentido trágico que essa lembrança traz para si: "Inédito até hoje, está cheio de dor e revolta, e é um lamento infinito". BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas.* Vol. 1., op. cit., p. 51, p. 406.

[357] TCHUDÍNOVA, Valná Brandão. *Apud.* BRANDÃO, Octavio. In: OLIVEIRA, José Roberto Guedes de (org.). *Cartas de Octávio Brandão: memória,* op. cit., p.35.

[358] A despedida definitiva do mar Negro somente aconteceu em 18 de setembro de 1946.

[359] A letra da referida canção foi escrita na cidade de Gágri, no Cáucaso, às margens do mar Negro, em

No artigo *Sinfonia lírica e heróica*, ainda inédito, escrito em 1936 após ter passado uma temporada se restabelecendo em uma casa de repouso na Crimeia, registrou seu encanto com a força do povo russo, que resistiu à guerra imperialista, e construiu o regime socialista. No tópico *O canto dos jovens pescadores do Mar Negro*, cheio de expectativas com as possibilidades abertas pela revolução socialista, registrou:

> O Mar Negro é multicor e furtacor. Ora gris, um grou. Ora azul pálido, leitoso, uma opala. Ora azul profundo e rutilante, as azas da araraúna do Brasil. Mar cambiante, irisado... diante de meus olhos, os jovens pescadores, bronzeados pelo sol da Criméia, lançam a rede sobre o Mar Negro. E o mar corresponde às esperanças dos pescadores. A rede enorme volta à praia, transbordante de peixes. Então, os jovens pescadores cantam em coro: -- outrora, o trabalho não era recompensado. Mas, para premiar o trabalho honesto, a Revolução nos deu a paz, a alegria e a fartura, dentro do socialismo. Viva a Revolução! E as ondas do Mar Negro, levantando-se frementes de entusiasmo, respondem, num eco formidável, ao canto dos pescadores: Viva a Revolução!" [360]

Não é complicado interpretar, a partir dos versos lidos, o sentimento de nostalgia que o atormentava sempre que recordava do Brasil. Ao que parece, é possível decifrar a contemplação das águas do mar Negro realizada pelo intelectual exilado como um desejo incontrolável de transportá-lo a outro lugar, entretanto, até aquele momento, sem qualquer possibilidade de acontecer. Por fim, os sentimentos de nostalgia e saudade certamente são os temas mais recorrentes na literatura dos exilados, portanto, escrever poesias e canções, talvez seja a arma mais usual encontrada para resistir a ameaça do esquecimento.

1933. TCHUDÍNOVA, Valná Brandão. Adeus imenso mar Negro. In: OLIVEIRA, José Roberto Guedes de (org.). *Cartas de Octávio Brandão: memória,* op. cit., p. 35.

[360] BRANDÃO, Octavio. "Sinfonia Lírica e heróica". Criméia, 18.07.1936, 16p. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, OB 1235, p. 04. [dat.].

Figura 7: Brandão na Crimeia junto aos trabalhadores de várias nacionalidades, 1936. Coleção particular de Dionysa Brandão Rocha.

Importa registrar que nosso autor já carregava consigo o sentimento de exilado antes mesmo do ato propriamente dito acontecer. Estamos nos referindo ao sentimento de angústia e desassossego que fazem parte da vida dos sujeitos que se encontram à margem em sua própria terra natal por não se adequarem à ideologia vigente e, por esse motivo, se esforçam para mudar esse quadro de isolamento. Para Said (1993), o intelectual que se encontra nessa condição sente um eterno desassossego e, como consequência, provoca em si e nos outros uma profunda inquietação. Porém, a maior de todas as sequelas é não mais sentir-se em casa, incapaz de retornar à condição anterior.[361]

É evidente que nosso sujeito de investigação também se enquadrava na categoria de "exilado político"[362] na acepção moderna da palavra, ou seja, aquele que foi forçado a se deslocar por motivos políticos. Não obstante, estamos convencidos de que já se sentia um exilado em relação ao mundo desde a época de sua juventude, e esse sentimento foi se cristalizando cada vez mais durante a sua velhice.[363] Essa constatação pode ser demonstrada nas reminiscências a seguir, quando reclamou das dificuldades encontradas

---

[361] SAID, Edward. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993,* op. cit., p. 60-61.
[362] Para Luís Roniger (2011), o exílio está sempre ligado a motivações de origem política e, por esse motivo, o indivíduo que se se encontra nessa condição está impedido de retornar para casa quando assim o desejar.
[363] Dois aspectos presentes em sua narrativa e que merece ser destacados: o isolamento comum que ocorre com os velhos quando esses deixam de fazer parte ativa da sociedade a qual fazia parte, assim como a perda de referência em relação ao PCB e a ideologia comunista, sobretudo após os anos de 1960, quando encontrou dificuldades para se reaproximar do Partido, o que contribuiu substancialmente para reforçar sua sensação de exclusão e marginalização.

em sua terra natal para publicar seus livros: "Voltei a Alagoas em 1960. [...] Fiz pelos jornais um apelo aos alagoanos para que auxiliassem a publicação de meus livros. Foi em vão! Em tal ambiente, só me restava partir. E exilei-me de Alagoas pela segunda vez na vida. Terei de viver sempre exilado?".[364]

Figura 8: Octavio Brandão vestido a "rubaska", roupa característica da cultura russa. Coleção particular de Dionysa Brandão Rocha.

O sentimento de isolamento interior e nostalgia em relação à terra natal ao qual aludimos no texto lido pode ser facilmente notado em vários escritos literários do autor; praticamente tudo no seu exílio o fazia lembrar do céu azul e das paisagens naturais do Brasil. Na nota explicativa escrita na cidade de Ufá, Bachkíria, em 1942, externalizou o sentimento de nostalgia e, também relatou os diferentes momentos da construção de sua primeira autobiografia, pensada, sentida e escrita durante o seu exílio:

> Em Moscou, no inverno de 1939-1940, a neve caía, cobrindo a cidade com um branco lençol. O frio e a temperatura açoitavam a capital e as imensas vastidões da Rússia. Em contraste, no mesmo Hotel Lux, à rua Gorki, no lar, iluminado pelas visões cheias do sol do Brasil, o autor, no meio de lutas, sacrificando os domingos, as horas de sono e de repouso, fundia a parte escrita

[364] BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas.* Vol. 1., op. cit., p. 145.

> em 1932 com o plano de 1934. Continuou este trabalho no verão seguinte e terminou-o a 16 de agosto de 1940. A obra adquirira um caráter fundamental e passou a intitular-se simplesmente: "O Caminho". Sob o sol de ouro e o céu azul da Criméia, numa paisagem magnífica, em Diulbér, à beira do Mar Negro, todo azul, num ambiente de alegria inebriante, o autor fez a 1ª revisão geral do livro. Terminou-a a 12 de junho de 1941. Dias depois, a 22 de julho, os exércitos do imperialismo alemão atacaram perfidamente a União Soviética. Então, começou a luta titânica de todo um povo.[365]

Na referida explicação, o autor também relatou a importância dos lugares por onde passou, assim como as bandeiras alçadas durante o contexto de resistência à expansão do fascismo, do imperialismo e da guerra, além da campanha internacional que participou durante seu exílio em prol da libertação dos presos políticos no Brasil. Enfim, todas as experiências narradas pelo autor foram basilares para a construção do livro, conforme se ressaltou no comentário a seguir:

> Esta obra foi sentida e pensada, vivida e elaborada na União Soviética, no meio de lutas, durante 10 anos tensos e intensos: na cidade sagrada de Moscou e nos arredores; nas caminhadas pelas praias do Mar Negro; nas encostas dos montes da Criméia; à sombra das montanhas do Cáucaso; e na região dos Urais, nas fronteiras da Ásia... É um livro forjado no meio de batalhas e campanhas internacionais – contra a guerra e o imperialismo, pela paz e pela libertação dos povos, contra o fascismo em geral e o nazismo em particular, contra a reação no Brasil, em prol de Luiz Carlos Prestes e dos presos políticos de 1935-1945, em defesa da Espanha republicana, da China popular, da Rússia socialista e de toda a humanidade.[366]

Com a invasão nazista ao território soviético, a situação da família Brandão se agravou consideravelmente.[367] A fome, a preocupação, o trabalho exaustivo na resistência que os obrigavam a cavar trincheiras, montar guarda nos telhados e sótãos das residências contra as bombas incendiárias, a construção de refúgios, a serrar troncos de pinheiro e

---

[365] BRANDÃO, Octávio. *O Caminho,* op. cit., p. 18-19.
[366] *id. ibid.* p. 16.
[367] Em uma carta enviada ao amigo Pedro Mota Lima, realizou um breve apanhado dos anos terríveis da guerra na URSS, sentindo-se parte dessa luta de resistência à ocupação nazista. Segue um trecho da referida carta escrita em Moscou logo após o término do conflito: "dia a dia, durante quase quatro anos, quatro anos terríveis, acompanhamos a grande luta do povo soviético as hordas selvagens do fascismo. Nessa luta, o povo soviético demonstrou uma firmeza, grandeza e heroísmo extraordinários. Ele salvou a cultura e a civilização mundiais. Sem o povo russo e o seu Exército Vermelho, a humanidade estaria perdida [...] embora modestamente, participamos desta grande batalha. Partilhamos das mesmas dores e sacrifícios. Toda esta luta foi vivida, pensada, sentida e sofrida por nós". BRANDÃO, Octavio. Carta de Octavio Brandão a Pedro Mota Lima. Moscou, 28.08.1945, 2p. *Fundo Octavio Brandão (reserva técnica)*. AEL/IFHC/Unicamp, pasta 30, pacote 14, envelope "Lúcia". [dat.].

carregá-los nos ombros no intuito de erguer barricadas e aquecer os lares.[368] Não obstante, o sofrimento maior parece ter sido mesmo a separação das filhas, as mais novas Dionysa, com 16, e Valná com quase nove anos, foram enviadas para um orfanato em Vetlúga, localizado a 100 km da cidade de Gorki.[369] Aliás, era a última vez que que Laura veria suas filhas menores.[370] As filhas maiores, Sátva e Vólia, foram enviadas para uma fazenda coletiva próximo a Moscou, onde trabalhavam pesado escavando a terra para construir valas antitanque. Em *A Luta Libertadora* (1970), recordou as dificuldades enfrentadas: "Bombas explosivas e incendiárias caíam sobre a cidade. A morte estava por toda parte. Para suportar a situação, era preciso ter uma base teórica, uma grande convicção e nervos de aço. Ao lado de Laura, afrontei serena e dolorosamente a guerra. A família dispersou-se".[371] Diante de tais circunstâncias, enfrentava certamente a fase mais tensa do exílio, pois encontravam-se totalmente incapazes de retornar para casa ao mesmo tempo em que experimentavam as incertezas quanto ao futuro de todos no exílio. Segundo o historiador e ex-presidente da Fundação Universidade Estadual de Alagoas, Geraldo de Majela Fidelis de Moura Marques:

> Octavio Brandão e *O Caminho* sobreviveram aos bombardeios terríveis das tropas nazistas em território soviético na Segunda Guerra Mundial. O autor acabara a primeira revisão geral do livro no dia 12 de junho de 1941. Poucos dias depois, em 22 de junho, a URSS é invadida; no dia seguinte, ou seja, em 23 de junho, segue sozinho pela estrada de Sebastópol até Ialta, com a única cópia do livro: *O Caminho é salvo.* Enquanto durou a Guerra, Octavio esteve na linha de apoio aos soldados soviéticos, escavando trincheiras e carregando toras de árvores para barrar os tanques nazistas que avançavam sobre Moscou. *O Caminho* é também um sobrevivente da Segunda Guerra Mundial.[372]

Em relação aos aspectos de seleção e organização do livro *O Caminho*, algumas escolhas feitas despertaram nossa atenção. A começar, sabe-se que a mensagem transmitida por uma obra é, frequentemente, endossada por sua estrutura e seus predicados literários. O livro foi dividido em trinta partes (ou ciclos, conforme definido pelo autor) principais, cada um deles identificado com suas experiências de luta no campo

---

[368] BRANDÃO, Octávio. *O Caminho,* op. cit., p. 18.
[369] BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política,* op. cit., p. 159.
[370] OKUNEVA, Olga.; OKUNEVA, Liudmila. Do Brasil para a URSS e de volta: a trajetória de vida de Laura e Otavio Brandão. *Revista Eletrônica científica e educacional, História,* op. cit., p. 48, (tradução realizada por meios eletrônicos).
[371] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 101.
[372] MARQUES, Geraldo Fidelis de Moura In: BRANDÃO, Octávio. *O Caminho,* op. cit., p. 15.

político-cultural e, igualmente, no interior do movimento operário brasileiro. Trata-se de um ensaio literário-histórico, um relato que traduz a visão de mundo de um intelectual humanista que se inspirava nas paisagens naturais, bem como na capacidade de resistência do povo brasileiro.[373] – dedicado a ele e à sua primeira esposa, Laura. Reproduzimos, a seguir, a explicação acerca da motivação para escrever a referida obra:

> foi inspirado pelo Povo Brasileiro – pelos escravos, índios e negros, pelos operários, camponeses e intelectuais progressistas do Brasil. Inspirado por Laura – expressão magnífica da beleza, da nobreza e da grandeza da Mulher Brasileira.[374]

É importante notar o contexto que essas memórias foram evocadas, pois se trata de uma fase da vida do autor na qual ainda se sentia útil, pronto para colaborar com a atividade político-ideológica na URSS e, quem sabe, no futuro, após retornar do exílio, voltar a fazer parte do quadro de dirigentes do PCB. A nosso ver, isso explica, por exemplo, o caráter pouco polêmico que a narrativa assumiu.

Escrito em terceira pessoa, repleto de aforismos, metáforas e uma linguagem lírica e épica, o eu poético faz referência aos acontecimentos familiares, regionais e da história nacional, além das atividades intelectuais realizadas na sua terra natal, circunscrevendo uma temporalidade que vai de 1896 a 1919. Nossa hipótese é a de que as reflexões realizadas nesse texto de fundo histórico-literário foram influenciadas pela experiência do exílio. Citamos abaixo um trecho extraído do 5º tópico, do 21º ciclo do livro, nomeado pelo autor como *O revoltado solitário*:

> Dionísio tornou-se um intelectual rebelde, um Revoltado Solitário. O isolamento suscitou o individualismo. Mas seu individualismo não era o do burguês, que subordinava os interesses coletivos e seus interesses pessoais e de classe – classe condenada à morte. Não era o individualismo do egocentrista, que só vê o seu EU e pensa que o universo gira em torno de sua insignificante pessoinha. O individualismo de Dionísio era uma forma de protesto contra as ofensas, humilhações e preterições. Protesto do indivíduo, do rebelde isolado, contra a covardia de uma sociedade armada até os dentes, que lança mão de todos os meios para aniquilar a personalidade humana: emprega a pressão econômica, o desemprego, o constrangimento social, moral e intelectual. O sofrimento acarretou uma visão pessimista. Mas o

[373] Para além das reminiscências atreladas ao sentimento de saudade das paisagens naturais da terra natal, que é uma constante no livro e nos discursos dos exilados políticos, o banimento também suscitou no autor outras reflexões, como a identificação do autor-personagem com alguns sujeitos históricos, em geral, indivíduos que foram perseguidos em razão de suas ideias.
[374] BRANDÃO, Octávio. *O Caminho,* op. cit., p. 15.

> pessimismo de Dionísio não era, na realidade, uma negação da sociedade dominante e da vida sob esta sociedade. Seu pessimismo – uma crosta de gelo sobre a superfície de um rio de águas vivas. Dionísio, um organismo em ascensão. Apesar de tudo, era, no fundo, otimista, de um otimismo ingênuo, mas sábio apesar de toda dureza da sua vida, faltava-lhe a visão realista da Vida, o duro realismo da Luta social.[375]

Percebe-se no discurso que a revolta do intelectual comunista que vivenciou uma experiência coletivista como o projeto de construção de uma nação na URSS, estava longe de se efetivar no Brasil, sentindo-se, portanto, incompreendido e isolado politicamente. O protesto manifestado em sua escrita permite-nos acessar, por exemplo, alguns traços de sua subjetividade de escritor, externalizando as experiências do exílio, sentimento que permaneceu enraizado em seu pensamento mesmo após alguns anos desde o ocorrido:

> "O Caminho" é uma exaltação do Povo Brasileiro, o painel social de uma zona do Nordeste e uma tentativa de aplicação do Realismo na arte e na literatura. Tem como ponto de partida a Realidade – sentida e sofrida, pensada e vivida. Aspira a orientar-se pelos ensinamentos dos imortais pensadores avançados e progressistas da nossa época: Lênin e Stálin. [...] Foi sentida, pensada e vivida, no meio de lutas, numa série de lugares: no Nordeste do Brasil; no Rio de Janeiro e arredores; por sobre as vagas do Oceano Atlântico, na viagem do Rio de Janeiro ao porto de Bremen, na Alemanha, em 1931; por entre as ruas do Quartier Latin, à sombra das árvores do jardim do Luxemburgo e nos passeios pelos cais desertos do rio Sena, em Paris, em 1937. [376]

Um aspecto interessante em sua narrativa é como procurou equiparar o sofrimento causado por sua partida de Alagoas para o Rio de Janeiro como sendo o seu primeiro exílio. Relatou que, desde sua prisão na Cadeia de Maceió, em 1919, em razão de seu engajamento nos embates sociais travados pelo movimento operário, passou a sentir-se ameaçado pelas autoridades policiais, forçando-o a exilar-se de sua terra natal. Para o autor, o *Caminho*: "É a obra de um homem duas vezes exilado: banido do Nordeste natal desde 1919 e desterrado do Brasil desde 1931. Em tais condições, o esforço para escrever um livro semelhante exige uma tensão de todas as energias.[377] No 11º tópico do 30º ciclo, intitulado: *O exílio*, evocou novamente essas lembranças carregadas de sofrimento, motivado pelo seu distanciamento físico de Alagoas:

---

[375] *id. ibid.* p. 217.
[376] *id. ibid.* p. 15.
[377] *id. ibid.* p. 19.

> Em Maceió, sem trabalho, boicotado, ameaçado de morte, cercado por um ambiente de pavor, perguntou a si mesmo: - Que fazer? Só encontrou uma resposta: - Partir! Evadir-se! Um dia compreendeu que era preciso partir e viver, ou ficar e morrer. Meio termo não existia. Dilema implacável! Por conseguinte, era necessário evadir-se, exilar-se. Quando o compreendeu, foi ao interior, a fim de despedir-se do ninho natal. Os olhos cheios de lágrimas, na impressão de que, talvez, nunca mais voltasse, olhou, pela última vez, os lugares queridos. Um dia, atravessou o rio Paraíba e penetrou ao longe. De volta, ao passar pelas Pedras de Fogo, parou diante de um bloco de pedra. Então se lembrou de uma lenda contada pela avó Pastorinha: - Quando o índio partia para longe, levava sempre um pedaço da terra natal, que o acompanhava por toda parte. E, assim, o índio afirmava que seria eternamente fiel ao torrão dos antepassados e tomava o compromisso de, um dia, voltar ao seio da terra materna... O jovem ficou emocionado, arrancou uma lasca de pedra e guardou-a junto ao coração![378]

Para o autor, esse episódio o marcou fortemente, de modo a se cristalizar em suas memórias como um ponto fixo em sua narrativa, referindo-se a ele repetidamente. Aliás, certamente esse sentimento saudoso em relação a sua terra natal foi potencializada pela condição angustiante em que se encontrava quando lembranças foram evocadas, uma vez que se encontrava impedido de retornar para casa e, por conseguinte, incapaz de participar dos acontecimentos de seu país. Conforme escreveu o autor: "Por um paradoxo da história, esta obra, tão cheia da terra e do homem do Brasil, é escrita longe do solo da pátria e terminada muito longe, nas fronteiras da Ásia [...]".[379]

4.4 Tempos difíceis: as memórias da guerra e a trajetória de uma família de exilados

Laura pareceu também ter encontrado força na poesia para suportar o cenário de morte, separação, a destruição causada pela guerra e pelo exílio. Para a escritora, a poesia se configurou enquanto uma expressão de resistência, uma maneira de suportar a terrível realidade da guerra. Aliás, compreendia perfeitamente a necessidade de resistir com todas as armas possíveis para defender o socialismo e a URSS contra a real ameaça da ocupação nazista, visto que a sobrevivência de um era a condição para a conservação do outro.[380] Dessa forma, depois de um longo período, voltou a escrever poesias, porém, dessa vez, sua escrita assumiu um tom engajado, como se nota na poesia *Guerra Total,* que

---

[378] *id. ibid.* p. 319-320.
[379] *id. ibid.* p. 19.
[380] BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política,* op. cit., p. 157.

reproduzimos a seguir:

> Quando na rua encontro cada inválido
> Esquálido
> Vítima da bestial
> Guerra Total,
> Salta do meu aflito coração
> Um grito:
> - Maldição,
> Hitlerianos,
> Desumanos!
> Nesta selvagem
> Voragem
> Neste tremendo
> Matadouro,
> Sorvedouro
> Vão perecendo
> Dia a dia
> Nesta orgia
> De sangue e dor, milhões de existências humanas,
> Sangradas pelas feras hitlerianas.[381]

Após a intensificação dos bombardeios realizados pela força aérea alemã em julho de 1941, houve uma grande mobilização por parte da população para defender Moscou. Brandão relatou que, na ocasião, Laura trabalhou duro ao seu lado ajudando a montar guarda durante as noites, apagando as bombas incendiárias lanças pelos aviões, carregou nos ombros sacos de areia para reforçar a defesa da cidade, enfim: "nesta luta, Laura deu tudo. Sacrificou tudo, até o esgotamento total!".[382] Além de ter que encontrar forças para suportar a destruição provocada pela guerra, tinha de lidar com a aflição provocada pelo distanciamento de suas filhas e a saudade que sentia da terra natal. Foi nessas condições que escreveu o poema *Brasil*:

> Esta é a ditosa Pátria amada
> Transbordante, beijada pelo sol,
> Imortalizada
> Pelos seus gênios, mártires e heróis.
> [...]
> Terra das minas e ouro e diamante,
> Faiscante,
> Tão rico de pepitas, de filões,
> Terra dos formidáveis corações
> De Clara Camarão e Anita Garibaldi!
> Lá no meu imortal Brasil

---

[381] BRANDÃO, Laura. "A Guerra Total". Moscou, jul.1941. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/ Unicamp, OB G.01 s.06 ss.02 LBp.55, P.119.
[382] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 104.

> Meu povo luta contra o imperialismo,
> O fascismo
> Hitleriano
> Desumano
> – Pela unidade nacional,
> Continental![383]

A situação do povo soviético e dos exilados políticos em Moscou foi se agravando cada vez mais, e esse estado de espírito afetou fortemente Laura. A essa altura da guerra, sua maior dor como exilada era a sensação angustiante de que possivelmente não voltaria a ver seus pais e amigos que se encontravam no Brasil.[384] Além disso, sua saúde também foi se deteriorando rapidamente em razão de um tumor maligno, resultando em internações frequentes. Não obstante, mesmo quando as coisas pioravam e a força interior parecia dissipar-se, orientava as filhas a manter o foco no estudo, disciplina e organização, através de cartas que enviava regularmente.

No final de agosto e início setembro, porém, Laura foi internada novamente no hospital onde permaneceu por 24 dias realizando as seções de radioterapia, o que resultou em uma melhora de seu quadro clínico.[385] Na ocasião, escreveu uma carta para Dionysa no intuito de tranquilizá-la. Segue o conteúdo:

> Dionysinha, minha doce filhinha! A mamãe não está passando mal, e tu? E a Valnazinha? Tens tido notícias dela? [...] Muito obrigada pela tua lembrança do dia do meu aniversário. Dionysinha; adivinhaste o pensamento da mamãe indo visitar Valnazina! Sempre que tiveres ocasião [aos domingos, por exemplo,] deve ser o teu passeio preferido. É preciso dizer a ela que mesmo quando não tiver pó de dentes não deixe de lavar os dentes com água pura e escovinha; é preciso ver se ela continua a tirar todas as notas ótimas – se continua a ter ótimo em disciplina. Ela ainda é muito pequena, ainda não tem o caráter formado, e tu Dionysinha que estás aí mais perto dela, precisas sempre que puderes olhar por ela. [...] Adeus boa filha, muitos beijinhos da mamãe e, quando estiveres com Valná, reparte com ela os beijinhos da mamãe".[386]

---

[383] BRANDÃO, Laura. "Brasil". Moscou, jul.1941. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, OB G.01 s.06 ss.02 LBp.55, P.119.
[384] BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política,* op. cit., p. 160.
[385] Estava mais envelhecida em razão da doença e das privações causadas pela guerra, porém, parecia haver respondido bem ao tratamento, sentia-se, inclusive, mais disposta e confiante em relação à vitória dos brasileiros em sua luta pelo restabelecimento da democracia, assim como a resistência soviética, que havia suportado bem os últimos ataques aéreos ocorridos em julho de 1941. BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política,* op. cit., p. 163.
[386] BRANDÃO, Laura. *Carta a Dionysinha.* Moscou, 07.09.1941. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, OB G.01 s.06 ss.02 LBp.57, P.119. 1p.

Na ocasião da celebração de seu quinquagésimo aniversário, ocorrido em agosto de 1941, demonstrou serenidade ao externalizar sua coragem para encarar de frente a morte, assim como seu amor incondicional à vida, à sua mãe e às filhas, escrevendo *E a vida continua,* um de seus poemas mais emocionantes, e que reproduzimos abaixo:

> Minha mãezinha, que me deste a vida,
> Em meio a tantas dores,
> Num mundo já tão cheio de dores...
> Seio materno envolve, atrai, convida...
> E a vida que me deste no seu seio
> Fatalmente há de ser – eu sinto, eu creio –,
> Em breve, para sempre interrompida.
> Não tenho medo de morrer, mas tenho
> Um grande amor à vida, um grande empenho
> No processo de humanas maravilhas!
> Elevação da vida e morte calma...
> Não te maldigo, não, mãe da minha alma
> – Que eu também dei a vida a quatro filhas.[387]

Nessa época, Brandão trabalhava na Rádio de Moscou a serviço da IC, traduzindo para o português textos de discursos, relatórios e ordens do dia de Stálin, além de defender a Rússia e combater a propaganda nazista.[388] Porém, em outubro de 1941, a situação dos soviéticos na guerra ficou delicada, pois os nazistas avançavam espantosamente rápido em direção ao interior do território, o que resultou na ordem do Exército Vermelho para que todos os membros da IC evacuassem imediatamente a cidade, permanecendo apenas alguns poucos integrantes da direção central. Brandão não queria deixar Moscou, tentou permanecer, mas foi no final forçado a respeitar a decisão superior.

A cidade de Moscou agora estava no alvo dos ataques do exército nazista após a derrota dos soviéticos na Ucrânia e em Leningrado. Para a família Brandão, a tristeza foi ainda maior ao ter que abandonar Moscou, pois o estado de saúde de Laura havia piorado, realizando a viagem bastante debilitada fisicamente. Foi nessas condições que os exilados brasileiros, agora também refugiados de guerra, atravessaram a imponente Praça Vermelha, para pegar o trem na estação ferroviária *Kazan,* no dia 15 de outubro de 1941.[389] Era a despedida de Laura da cidade que acolheu sua família, que lhes deu um teto para educar suas filhas no momento que mais precisaram, entretanto, agora se viam obrigados a abandoná-la. Em *A luta libertadora*, emocionado, lembrou as condições dessa

---

[387] BRANDÃO, Laura. "E a vida continua". Moscou, 31.08.1941. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, OB G.01 s.06 ss.02 LBp.57, P.119. 1p.
[388] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 102.
[389] BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política,* op. cit., p. 163.

viagem realizada em um trem de carga para um destino incerto:

> Parti, sem saber para onde, muito triste, com Laura gravemente enferma, num desconforto atroz, num vagão de carga. Cinco dias de viagem penosa. Durante o percurso, os quadros dolorosos da evacuação. Milhares de pessoas sem lar e se destino, fugindo às hordas de Hitler.[390]

Após cinco dias difíceis de viagem, desembarcaram na cidade de Ufá, na capital da República da Bashquíria, região dos Montes Urais, localizada há 1.600 km de Moscou. A aflição de Brandão persistia, pois a saúde de Laura havia se agravado, sendo imediatamente internada em um hospital que ficava praticamente fora da cidade, onde as visitas eram restritas a uma vez por semana. Dessa forma, tratou logo de escrever uma carta para tranquilizá-la, uma vez que compreendia perfeitamente as implicações que o isolamento e, igualmente, a falta de notícias de suas filhas, "espalhadas pelo mundo"[391], poderia provocar no seu estado de saúde. Reproduzimos, a seguir, a referida carta:

> Ufá, 27 de outubro de 1941.
> Minha Laulizinha!
> Como passaste a noite? Tomaste um banho morno? Mudaste de roupa branca? Como te sentes? Que precisas? Vão um pouco de açúcar e dois bolos que comprei ontem. Teu espírito é sempre muito forte. É uma das causas da minha admiração por ti. Não há razão alguma para perderes a esperança. Tenhamos esperança que voltarás ao Brasil, à terra natal, a tua cidade. Meu grande e único amor! Precisas viver. Deves viver! Ainda tens muito que fazer no mundo pela causa, pelo teu povo que te ama, que nunca te esquecerá, pelas tuas filhinhas! Tenhamos coragem e não percamos a esperança! A vida sempre foi cruel para contigo. Agora, ela dever ser boa para ti. Ninguém merece mais que tu. Laulizinha do coração, um abraço apertado! Coragem! Marchemos para frente!
> P.S.: Tomas cacau? Aproveita os momentos de repouso para

---

[390] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 102.

[391] Reproduzimos a seguir uma carta enviada por Dionysa datada de 24.01.1942 a Brandão descrevendo sua situação no acampamento onde residia com Valná: "Querido papezinho, bom dia! Como você está passando? Eu e a Valná estamos bem, as vezes fico triste quando me lembro da mamãe. Como ela está passando? Escreve para mim tudo! Aqui agora a vida está muito boa. A comida é muito boa: dão manteiga (30gr), leite, açúcar até balas. Aqui agora para as crianças que precisão de capa vão fazer. Para mim já estão fazendo um vestido de inverno. Aqui de uns dias vão dar valencas. A verdade, que agora não precisa tanto, mas é bom. Para Valná também vão fazer vestido de verão e inverno. No mês de abril nos de Zarrarino vamos viver no 'Lesnoi curort'. Eu estou muito contente, porque eu e a Valná vamos viver perto. Papae, você escreve que eu escrevo pouco, mas eu escrevo muito. Eu penso que muitas minhas cartas vocês não recebem. Até logo querido, papaizinho. Muitos beijinhos para a mamãe. Dionysa". ROCHA, Dionysa. "Querido papaizinho" Zarrarino, 24.01.1942. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, OB 0114, P.113. 1p. Brandão optou por não informar as filhas Dionysa e Valná a situação de saúde de Laura, aliás, a carta de Dionysa foi enviado pouco dias antes do falecimento de sua mãe. Elas ficaram ser saber da notícia até o final da guerra.

> copiar tuas poesias. Quero ter, comigo, uma cópia delas. Guardá-las-ei com todo cuidado. Minha epopeia o Caminho será dedicada a ti como poetisa, pedagoga e precursora do movimento revolucionário das mulheres trabalhadoras. Não te posso pagar de outra forma tanto amor e tanto sacrifício e tanta gentileza de tua parte. Teu fiel![392]

A carta de Brandão nos transmitiu a sensação de despedida, talvez já prevendo que as coisas poderiam piorar tendo em vista a gravidade da situação. Laura, já no dia seguinte, respondeu ao marido, agradecendo o envio da carta e de todas outras que recebeu na vida, lembrando do amor que um sentia pelo outro, e de como estava confortável no hospital; além disso, demonstrou também apreensão em relação à falta de notícias de suas filhas e, em um tom de despedida, agradeceu pela vida que sonharam juntos e pela família que construíram. Segue abaixo a última carta enviada por Laura:

> Ufá, 28.10.1941
> Saúde!
> E as filhinhas? Ainda não chegaram? Muito obrigado pela tua carta de hoje, por todas as cartas que me escreveste nesta vida, muito obrigada! Quando estiveres muito compungindo a meu respeito, pensa nos meus defeitos... Aqui, naturalmente, há menos recursos que em Moscou, mas é muito melhor que aí, nem compara. Tomei banho, depois vim para um quarto em que estão mais quatro doentes. Dormi mais ou menos, sem tomar remédio. A cama é boa, cheirando a roupa limpa! Já te disseram aqui o que eu preciso? Adeus, meu maridinho, muito obrigada pelo que me mandaste, tudo que me mandaste eu precisava, adivinhaste. Faltam duas cosias: os meus chinelinhos pretos e, se for possível, um pouquinho de manteiga. Preciso também dos meus óculos. Adeus, muito obrigada pelos tesouros de saber que abriste aos meus olhos (e a tantos olhos lá na Pátria e aqui também), muito obrigada pelas 4 filhas que me deste e muitíssimo obrigada pelo poema que me ofereceste, pela tua epopeia "O Caminho". Adeus, meu amor, venceremos. Depois te escreverei com mais vagar. Quanto ao meu "espírito forte", eu sinto que ele se conserva muito mais forte que o meu corpo! Adeus, meu Amor, não te esqueças de ti e das filhinhas – por amor à causa! A causa precisa de vós. Adeus, Lauli.[393]

A situação atual de Brandão era penosa, certamente os piores momentos de sua existência no exílio, pois além de ter de suportar toda aflição provocada pelo estado crítico de saúde de sua esposa, enfrentou outras dificuldades para sobreviver, dormiu no chão do

---

[392] Carta de Octavio Brandão a Laura. 27.10.1941. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 1, pasta 36. [dat.].
[393] Carta de Laura Brandão a Octavio. 28.10.1941. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 1, pasta 36. [dat.].

alojamento e passou fome. Narrou também ter sentido "dores morais", motivado por sua discordância com a decisão tomada por alguns integrantes da IC, que quase resultou na sua demissão.[394]

O caso em questão adveio quando o camarada húngaro Mátyás Rakoshi[395] passou a recrutar integrantes da IC a fim de enviá-los para trabalhar na agricultura em uma aldeia. Em suas memórias, Brandão contou que protestou contra a decisão, argumentando que jamais havia trabalhado na agricultura, que não suportaria o rigoroso inverno dos Urais e, sobretudo, de forma alguma poderia abandonar Laura, que se encontrava seriamente enferma. Pouco tempo depois, a temida dirigente Blagóieva ainda teria oferecido uma quantia de dinheiro, algo em torno de 600 rublos, para que entregasse seu documento da IC. Como resistiu novamente a acatar a ordem, foi desligado do cargo.[396] Inconformado, protestou junto a Dolores Ibarruri[397], que levou o caso para as instâncias superiores, resultando na revogação da decisão. Entretanto, não havia motivos para celebrar, pois no dia 28 de janeiro de 1942 veio a notícia que tanto temia receber: o falecimento de Laura em decorrência da leucemia.[398]

---

[394] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 103.

[395] Rakoshi conforme citado por Brandão ou Mátyás Rákosi (1892-1971), foi um líder político e secretário-geral do Partido Comunista da Hungria entre os anos de 1945 e 1948. Durante o seu exílio na URSS, entre os anos de 1940 e 1945, trabalhou como agente do *Comintern*; sua rápida ascensão política para os cargos de confiança se deve à sua lealdade incondicional à Stálin. Posteriormente, retornou ao seu país, onde foi eleito Secretário Geral do Partido do Povo Húngaro de 1948 a 1956 (resultado da fusão entre o Partido Social-Democrata e o Partido Comunista). Porém, em 1953, após à morte de Stálin, ficou cada vez mais isolado politicamente, sendo forçado a renunciar em julho de 1956. Retornou à URSS no mesmo ano, onde viveu até sua morte ocorrida na cidade de Gorky, em 1971. Seu nome costuma ser lembrado na Hungria como sinônimo de opressão e abusos de poder, responsável pela perseguição e morte de centenas de lideranças políticas e trabalhadores, submetidos as políticas de coletivização. Cf.: APOR, Balázs. *The Invisible Shining: The Cult of Mátyás Rákosi in Stalinist Hungary, 1945-1956.* Budapest: Central European University Press, 2017, pp 388.

[396] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 103.

[397] Isidora Dolores Ibárruri Gómez, nasceu na região do País Basco, Espanha, no ano de 1895 e faleceu em Madrid em 1989. *La Pasionaria,* como era conhecida em seu círculo político, foi uma militante comunista que ocupou importantes cargos no Partido Comunista Espanhol (PCE). Atuante desde o ano de 1923 (com participação no I Congresso do PCE), em 1930 foi eleita para o Comitê Central do Partido e em 1935 para o Comitê Executivo da III Internacional, em Moscou. No ano seguinte, com a vitória da "Frente Popular" em seu país, foi eleita deputada para as Cortes das Astúrias (Parlamento). Porém foi durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) que se notabilizou no cenário político com seus discursos inflamados antifascistas. Com a derrota das forças democráticas em seu país, experimentou quatro longas décadas de exílio, a maior parte na URSS. Aliás, foi nesse período que viveu o apogeu de sua trajetória política, quando assumiu o cargo de secretária-geral do PCE entre os anos de 1942 e 1960. O seu retorno à Espanha ocorreu somente no ano de 1975, após a morte do ditador Francisco Franco e, dois anos depois, venceu novamente as eleições para deputada das Astúrias. Enfim, até hoje os discursos da *Pasionaria* são proferidos em todo mundo como hino de resistência ao fascismo. Cf.: AMORÓS, Mario. *No pasarán! Biografía de Dolores Ibárruri, Pasionaria*. Madrid: Akal, 2021.

[398] Localizamos no AEL uma cópia do parecer clínico escrito pelo médio que atendeu Laura no Hospital Central da Saúde de Ufá, datado de 20 de novembro de 1941, traduzida para o português por Valná Brandão. Reproduzimos a seguir o conteúdo apresentado: "A paciente Laura Brandão não necessita de tratamento terapêutico. Durante os meses de agosto e setembro deste ano, ela foi submetida a sessões de radioterapia

Em suas memórias, lamentou profundamente o sofrimento de sua esposa que não resistiu à doença, assim como às carências causadas pela guerra. E o mais revoltante, ela que sempre sonhou voltar para o Brasil, morreu distante de sua terra natal, dos amigos e familiares, em um ambiente hostil, onde a temperatura beirava os 40º negativos, além do cenário de destruição da guerra. Assim registrou sua recordação deste fatídico dia:

> Nascida sob o céu fulgurante do Brasil, à margem da magnífica baía de Guanabara, Laura – em consequência da luta pela defesa de Moscou – o coração dilacerado pela mais profunda nostalgia, faleceu no exílio, muito longe da Pátria, no inverno cruel, por entre tempestades de neve, no ambiente da guerra mais terrível de toda a História Universal![399]

Em uma folha manuscrita que localizamos por acaso em meio a sua numerosa documentação no AEL, deparamo-nos com um pequeno texto no qual relatou a cerimônia de sepultamento de Laura no cemitério municipal de Ivanovsky, em Ufá.[400] Segue abaixo o comovente relato realizado por Brandão:

> Fomos buscar o corpo de Laura no hospital, na velha Ufá. Era um grupo de amigos, o companheiro, as duas filhas mais velhas [...]. Carregamo-la nos braços para o caixão e colocamo-lo sobre a neve. O sol iluminou o caixão. [...] Sobre o caixão três grandes coroas. Uma em nome da família e dos amigos, a outra em nome do partido e a terceira em nome do Socorro Vermelho. [...] Formou-se o cortejo. Eram os três membros da família, dois amigos brasileiros, alguns camaradas espanhóis, dois russos, alemães. À frente do cortejo a grande Pasionaria.[401]

Em sua lápide, abaixo do obelisco, coberto por ramos de pinheiro foi escrito o seu

---

por motivo de um tumor nas glândulas mamarias agravado por amplas metástases. Para saber como ela deve ser tratada de agora em diante é preciso que ela seja observada por um cirurgião e um oncólogo. "Relatório informando estado clínico de Laura". *Fundo Octavio Brandão (reserva técnica II).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp. Conforme observou Bernardes, é difícil saber ao certo o motivo que levaram os médicos a não realizarem o procedimento cirúrgico em Laura, especula-se que talvez possa ter sido pela falta de condições técnicas em razão da guerra, ou ainda o seu estado de saúde ser irreversível BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política,* op. cit., p. 175.

[399] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 104.

[400] Posteriormente, os restos mortais de Laura foram transferidos pelas filhas Sáttva e Vólia para o Cemitério Novodevichy, em Moscou. Segundo informou Olga e Liudmila Okuneva, o referido cemitério é "[...] onde figuras políticas e públicas proeminentes, pessoas da ciência, cultura e arte estão enterradas – representantes não só do nosso Estado, mas também de outros países. No Brasil este cemitério é chamado de 'Cemitério dos heróis'". OKUNEVA, Olga.; OKUNEVA, Liudmila. Do Brasil para a URSS e de volta: a trajetória de vida de Laura e Otavio Brandão. *Revista Eletrônica científica e educacional, História,* op. cit., p.16, (tradução realizada por meios eletrônicos).

[401] "Manuscrito informando a cerimônia de sepultamento de Laura realizada no cemitério de Ufá". *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 28. [manus].

nome, e em russo ler-se-á: "educadora, poetisa e revolucionária". As historiadoras russas Olga e Liudmila Okuneva, narraram um caso comovente que ocorreu no túmulo de Laura dez meses após o seu sepultamento. No dia 1 de dezembro de 1942, na mesma neve fria, várias mulheres russas de origem humilde se dirigiram ao túmulo e, uma delas, a operária Valentina Gavrilina, recitou seus próprios poemas como forma de homenagear a poetisa brasileira. Citamos, a seguir, o poema *No túmulo de Laura Brandão*:

A neve recém caída
Cobria o teu túmulo. Janeiro velava o teu sonho
E as nuvens vagavam no céu.
Do teu brasil tão longe
Trouxeste para nós
A chama e a pureza de tua alma
Onde as estrelas brilham mais
Onde o azul do céu é mais profundo.
Embora o céu e a neve da Rússia sejam frios
Guardamos nos corações ardorosos
A tua imagem ardente e altiva.[402]

Não se sabe ao certo se essas mulheres conheciam Laura, não obstante, conforme lembraram as historiadoras, após as ordens de evacuações, muitos estrangeiros haviam chegado à provincial cidade de Ufá, o que torna plausível a hipótese de que talvez soubessem mesmo quem era a poetisa brasileira sepultada em solo russo. Ademais, pelas menções intimistas que a poesia nos fornece, como na passagem onde se lê: "Guardamos nos corações ardorosos a tua imagem ardente e altiva", é plausível que a conhecessem.[403]

Em suas memórias, Brandão registrou que viveu uma fase de profunda tristeza. Na época, escreveu uma poesia melancólica em que externalizou o sentimento da perda:

Recebi o batismo dos rebeldes na
cachoeira do meu rio natal.
Era meio dia o sol fulgurava no alto
e nu como bárbaro antigo
recebi o choque das águas marulhantes.
O rugido grandioso da cachoeira
Sangrou-me Rebelde para toda vida.
Tenho sede, tenho sede, Sede de ti,
Luz, sede de ti, Sol de ti,
Amor Universal.[404]

---

[402] GAVRILINA, Valentina citada. In: ROCHA, Dionysa Brandão (org.). *Poesia Laura e Otavio,* op. cit., p. 44.
[403] Em *A luta libertadora*, Brandão comentou que a morte de Laura foi noticiada em alguns jornais, como *La Hora* de Buenos Aires e o *Diário Popular* de Montevidéu.
[404] ROCHA, Dionysa Brandão (org.). *Poesia Laura e Otavio,* op. cit., p. 45.

Depois da morte de Laura, Brandão encontrou muita dificuldade para permanecer em Ufá. Em suas memórias, narrou que escreveu um telegrama para George Dimitrov, requerendo sua transferência para Moscou, sendo prontamente atendido pelo dirigente da IC. Foram dez meses e meio que passou nos Urais, até o seu retorno à capital soviética, onde retornou às atividades na Rádio de Moscou, com as emissões voltadas para o Brasil e Portugal:

> Era redator, tradutor e locutor. O trabalho durava das 12 da noite às 5 da manhã. Eu dormia pouco. [...] O momento era penoso. Alimentava-me uma vez por dia. Comia o pão preto, para resistir. Não tinha se quer caixa de fósforo. Nem açúcar. Só tinha borra de café, que fervia e refervia, até ficar intragável.[405]

De volta à capital soviética, desenvolveu uma intensa rotina de estudo e trabalho em razão do significado da guerra para os socialistas. Em uma nota que escreveu em espanhol para os ouvintes do Brasil, Espanha, países de língua portuguesa da África e da América Latina, reforçou o horário habitual da programação:

> *diariamente, de elas 4.45 a las 4.59 de la mañana, hora de Moscu, Radio Moscu transmite por campo de ondas de 28 y 31 metros, su boletin de informaciones en la lengua portuguesa-brasileña. Queridos oyentes, escuchad este boletin a las 4.45 de la mançana, hora de Mouscu. OB, 1942".*[406]

Na mesma pasta, encontramos um registro em um pequeno recorte datilografado, listando as matérias a serem abordadas em uma de suas programações realizada em 1944, mostrando, assim, a preocupação do intelectual em organizar sua fala. Citamos, a título de exemplo, o referido conteúdo:

> <u>Informações soviéticas</u>
> 1. Comunicado do BSI
> 2. Materiais sobre a frente de batalha
> 3. Materiais sobre a retaguarda
>
> <u>Informação internacional</u>
> 4. Repercussão internacional da luta do povo e do exército soviéticos
> 5. Telegramas da TASS sobre os outros países: Inglaterra, EEUU, América Latina, a luta dos povos contra o hitlerismo,

---

[405] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 105.
[406] BRANDÃO, Octavio. "Emision en la lengua portuguesa-brasileña". 26.09.1942. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 1, pasta 36, envelope "Guerra Patriótica – URSS: frente de batalha". [dat.].

> etc.
> Tema do dia
> 6. Um artigo especial sobre um assunto palpitante. Este artigo deve fechar a emissão.[407]

A partir da documentação analisada por nós, identificamos que o engajamento do intelectual na IC nessa época foi voltado para a propaganda contra o nazismo. A situação do Brasil também foi analisada pelo autor, que já havia escrito anteriormente outros artigos procurando demonstrar a conivência com o nazismo entre os setores empresariais na região Sul do Brasil, conforme seu artigo *L'araignée hitlérienne au Brésil,* de 1937. Novamente procurou relacionar a forte presença da imigração alemã na região à intenção de exploração dos recursos naturais e minerais pelas companhias alemãs alinhadas com os interesses estratégicos de Hitler, como no caso da *Norddeutscher Lloyd*, de Bremen, que segundo afirmou em sua emissão, já debatia a região como local alemão. Desse modo, o sul do Brasil foi tratado pelo intelectual como uma região "[...] muito rica em madeira e carvão, além de ter uma importância estratégica no sul do continente, onde os fascistas germânicos possuíam um plano para instaurar a chamada 'Nova Alemanha', edição hitleriana da 'Alemanha Antártica' do Kaiser".[408] Relatou ainda que sua função de locutor consistia em manter viva a confiança na capacidade de resistência dos soviéticos para defender o território de Stalingrado, como se nota no relato a seguir:

> Pelo Rádio de Moscou, defendi a batalha de Stalingrado. Exaltei sua epopeia. Na fase mais árdua e encaniçada, os próprios aliados ingleses e norte-americanos "profetizavam" a queda de Stalingrado. Em contraste, cada madrugada, em Moscou eu terminava a emissão, bradando, com convicção inquebrantável, para o Brasil e para o mundo – Stalingrado não caiu! Stalingrado não cairá! Stalingrado triunfará.[409]

Na transmissão especial que foi ao ar no dia 07 de dezembro de 1942, dedicou o programa à resistência do Exército Vermelho e, igualmente, à população de Stalingrado, que suportaram as pesadas investidas do exército nazista. Nas palavras do locutor, os habitantes de Stalingrado seriam "um símbolo, uma bandeira de combate, um exemplo

---

[407] BRANDÃO, Octavio. "Informações soviéticas". 1944. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 1, pasta 36, envelope "Guerra Patriótica – URSS: frente de batalha". [dat.].
[408] BRANDÃO, Octavio. "Os fascistas alemães buscam apoderar-se de territórios estratégicos na América do Sul". *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 13, pasta 26.
[409] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 105.

vivo, um modelo a ser seguido por todos os povos do mundo". Na cidade das fábricas e usinas, formaram-se "homens duros como pedra e retemperados como aço", que resistiram aos intensos bombardeios dos aviões nazistas, que disparavam "diariamente, de 10 a 12 horas", abrindo crateras profundas na terra "embebida de sangue". Apesar disso, afirmava aos seus ouvintes que a cidade dos "heróis da resistência" não resignou diante dos agressores fascistas, pois se tratava de uma "cidade invencível".[410]

A exaltação de sua liderança maior, o camarada Josef Stálin, à frente da resistência soviética, também teve uma enorme importância na programação da Rádio de Moscou. Na comunicação que realizou no dia 7 de dezembro de 1943, a partir da tradução de um artigo publicado na revista *Vida Soviética*, noticiou que a juventude de várias nações se comprometeram a ampliar os esforços para auxiliar ao "genial líder dos povos", tendo enviado recursos póprios para ajudar na construção de tanques e aviões, a fim de reforçar a capacidade de atuação do Exército Vermelho. A esse respeito, realçou aos seus ouvintes:

> A juventude promete ao seu chefe, o camarada Stálin, trabalhar ainda mais a fim de acelerar a hora da derrota definitiva das hordas fascistas. Aumentou a torrente de recursos que os moços e as moças retiram de suas economias para a construção de tanques e aviões para o Exérctio Vermelho".[411]

Em *A luta libertadora*, registrou que sempre ao encerrar seu programa exaltava "com convicção inquebrantável, para o Brasil e para o mundo – Stalingrado não caiu! Não cairá! Stalingrado triunfará!"[412]

A rotina era cansativa; no turno da tarde, trabalhava entre 13h e 18h no Instituto de Economia e, nas madrugadas, entre as 00h e 05h, no programa na Rádio de Moscou. Perdia muito tempo com o deslocamento até o local de trabalho em razão da lotação dos bondes e das longas caminhadas para chegar até o local onde residia. Essa dificuldade foi registrada em uma carta que escreveu para as irmãs de Prestes, que havia possivelmente solicitado a Brandão indicação aos seus superiores para trabalhar na Rádio de Moscou. Na referida carta, falou com franqueza acerca de sua rotina:

> Caras camaradas

---

[410] Caboclo do nordeste (pseud.) "A epopeia de Stalingrado". Moscou, 17.12.1942, 2p. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFC/Unicamp, pacote 1, pasta 36. [dat.].
[411] "A juventude e suas economias para a construção de tanques e aviões para o Exército Vermelho". Vida soviética. Moscou, 27.01.1943. Tradução de Octavio Brandão. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 2, pasta 37, envelope "maio de 1943". [dat.].
[412] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 105.

> Tenho encontrado toda uma série de dificuldades... Não consegui falar com o chefe. [...] Fiz uma proposta ao Rádio para dar trabalho a E. e, desta forma, fazê-la vir para aqui. Não consegui obter resposta favorável. Infelizmente, não depende de mim obter trabalho para você aqui, e fazê-las vir para cá. Falo-lhes com a franqueza de sempre [...] Aqui é difícil mesmo para quem tem saúde [...]. Como sabem, vim para aqui devido não só a razões de trabalho como também devido a razões políticas do nosso instituto e a chamado mesmo. [...] Depois de 20 dias aqui, foi tomada uma decisão: eu começaria a trabalhar sozinho, sem esperar pelas duas auxiliares. E, assim, trabalho há 27 dias: trabalho da 1 às 6 da tarde no instituto e das 12 da noite às 5 da manhã na outra casa. Perco 3 horas nos bondes e 2 horas com as caminhadas (a pé). As 11 ½ da noite, vou pelas ruas, nas mais completa escuridão, sem ver sequer o solo em que piso, e muitas vezes sob chuva, frio e o vento [...]. Um abraço afetuoso do camarada e compatriota. O Caboclo.[413]

O interessante é que pouco tempo depois do envio dessa carta, Brandão se casaria precisamente com com uma das destinatárias, Lúcia Pestes. O casamento foi formalizado em março de 1943 e, a partir dessa relação, teve outras duas filhas: Iracema e Glória, nascidas na URSS, porém registradas no Brasil.[414] Ademais, com a iminente vitória soviética em Stalingrado, e os ventos favoráveis soprando no horizonte, estava cada dia mais esperançoso quanto à possibilidade de seu retorno para casa.[415]

Com a confirmação da vitória dos Aliados na guerra em maio de 1945, o cenário em Moscou mudou muito. Em suas memórias relatou que "[...] A paz voltou aos lares. A vida melhorou".[416] Havia também uma enorme expectativa de que as coisas pudessem mudar do outro lado do Atlântico, que a ditadura no Brasil chegasse ao fim. Na carta enviada a Pedro Mota Lima, em agosto de 1945, reforçou sua pretensão de voltar para casa, pois entendia que poderia ser mais útil trabalhando na preparação da revolução socialista, colocando em prática toda experiência que adquiriu durante o exílio:

> Em casa o ambiente é brasileiro. Eu e as filhas desejamos voltar ao Brasil, a fim de colocar a serviço do povo e da Pátria a experiênca e os conhecimentos adquiridos aqui. Assim, peço aos amigos que nos auxiliem a receber um passaporte para o Brasil.

---

[413] "Carta a Eloísa, Lúcia e Clotilde". S.l., 20.10.1942, 1p. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 14, pasta 30. [dat.].

[414] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 106.

[415] Apesar da atmosfera de otimismo em razão do seu casamento com Lúcia e dos últimos resultados obtidos pelos soviéticos na guerra, Brandão relatou que recebeu nessa época uma notícia que o deixou comovido: a decisão de encerramento das atividades da IC em maio de 1943. A esse respeito, recordou tempos depois: "Senti um golpe doloroso. Com ela, encerrou-se uma época de minha vida. Quantas lutas, esforços e entusiasmos, a IC despertou! Mas ficaram os Partidos Comunistas". BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 105.

[416] *id. ibid.* p. 106.

> Todos sabem que, há um quarto de século, sou verdadeiro amigo do povo russo. Mas meu posto de luta é aí, na terra e na Pátria![417]

Pelo tom confiante de sua carta, parecia-lhe que o fim do exílio se aproximava. Durante os 15 anos que viveu na União Soviética, realizou dez tentativas para retornar ao Brasil; nove falharam, porém "a décima vingou". A promessa do retorno o encheu de esperança, era chegada a hora de recomeçar a vida, recuperar seu espaço no PCB, colocar em prática tudo que apreendeu durante os anos de exílio a serviço da revolução comunista no Brasil.[418] Enfim, apesar de sua eterna gratidão à União Soviética por ter-lhe fornecido asilo quando mais necessitou, seu desejo foi sempre o de retorar para casa, pois sentia falta de escrever em sua língua nativa[419] e não conseguiu se habituar ao frio intenso. Além disso, como intelectual brasileiro, deveria estar em seu país, ao lado do seu povo. A esse respeito, registrou em *A luta libertadora*: "[...] Era e sou escritor patriota brasileiro. Tinha de cumprir o dever – voltar. Era e sou escritor brasileiro. No entanto, via-me obrigado a escrever em outras línguas estrangeiras. Não me adaptava ao frio da Rússia. Ficava doente cada inverno. Tais as razões".[420]

Como forma de encerramento do presente capítulo, cumpriu-nos refletir, a partir dos escritos literários e poéticos de Octavio Brandão, suas subjetividades impactadas pela experiência do exílio, em particular, o sentimento de nostalgia em relação à terra natal, bem como as múltiplas associações realizadas em seus escritos, buscando estabelecer uma aproximação entre a realidade histórica soviética e a brasileira. Além disso, procuramos ainda entender o esforço do autor para registrar suas memórias, preservar e organizar seu acervo, ação que interpretamos como uma atitude de se defender diante das incontáveis críticas e injustiças suportadas ao longo de sua existência, um desejo irrefreável de romper com o penoso silêncio imposto à sua memória.

---

[417] BRANDÃO, Octavio. "Carta a Pedro Mota Lima. Moscou, 09.12.1945, 2p. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 30, pacote 14, envelope "Lúcia". [dat.].

[418] O dirigente da IC, George Dimitrov, registrou em seu diário no dia 23 de janeiro de 1943 a solicitação feita por Brandão para retornar ao Brasil. Pelas palavras de Dimitrov, tudo indica que o seu retorno estava sendo preparado para acontecer em breve, como se pode observar no relato a seguir: "Ho ricevuto il compagno brasiliano Brandão e sua figlia. Li faciamo ritornare entrambi in Brasile. Ho chiarito nei particolari il lavoro che dovranno svolgere quando arriveranno nel próprio paese". DIMITROV, Georgi. *Diario: Gli anni di Mosca (1934-1945),* op. cit., p. 567.

[419] Lembrei-me aqui no desabafo de Brandão a revolta do crítico literário e poeta espanhol Rafael Alberti (1902-1999), exilado na Argentina após a instalação da ditadura franquista. Assim como Brandão, Alberti também manifestou a mesma indignação com o fato de não poder se expressar em sua língua nativa, sentindo-se um estrangeiro: "Minha língua natal, de que me serve em terras estranhas? [...] língua minha, para quê pedir em terras estranhas?" ALBERTI, Rafael. *Poesías completas*. Buenos Aires, 1961.

[420] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2).* Rio de Janeiro, 1970, p. 106.

No próximo capítulo, avaliaremos um dos aspectos mais significativos para os intelectuais que passaram pela experiência do exílio, o momento mais esperado: o retorno para casa. Entretanto, a questão que se coloca, é: existe, de fato, casa para aqueles indivíduos que sofreram com o exílio?

Figura 9: Medalha de Bravura entregue a Octavio Brandão pela sua contribuição na luta contra o nazismo. Moscou, 31.12.1945. Coleção particular de Dionysa Brandão Rocha.

5 DO ISOLAMENTO POLÍTICO AO EXÍLIO INTERIOR

Feliz quem fez, como Ulisses, uma longa viagem,
ou como aquele que conquistou o velocino,
e depois voltou, cheio de experiência e razão,
a viver entre os parentes o resto da sua vida!
Quando verei de novo, ai de mim, do meu vilarejo,
A fumaça da chaminé, e em que estação,
Verei a cerca de minha pobre casa,
Que é para mim uma província, e muito ainda?
Mais me agrada a morada que construíram meus avós,
Que dos palácios romanos a fronte audaciosa,
Mais que mármore duro me agrada a ardósia fina:
Mais o meu Loire gaulês, que o Tibre latino,
Mais o meu pequeno Liré, que o monte Palatino
E mais que o ar marinho a doçura angevia.
(Joachim du Bellay)

É chegada a hora de retornar para casa, ocasião tão esperada, hora da libertação![421] Como na epígrafe acima, texto de Joachim du Bellay, não há alegria maior que rever a fumaça de sua chaminé, viver entre os parentes, poder estar na morada construída por seus avós; em síntese, sentir-se em casa novamente. Não obstante, como o personagem de Homero (2005), Ulisses, para retornar à sua casa, a rochosa Ítaca, teve de enfrentar um cenário atroz, de luta contra deuses, harpias, sereias e feitiços. A determinação do herói grego para recuperar o tempo perdido e afastar a ameaça do esquecimento prevaleceu no final do poema épico. Entretanto, cabe indagar: encontrou Ulisses a mesma Ítaca que havia deixado para trás? O próprio Ulisses, quando do seu retorno, após conhecer outros lugares, pessoas, outra cultura, voltou o mesmo de antes? Existirá realmente casa para aquele que em seu itinerário atravessou a experiência amarga do exílio?

Neste quarto e último capítulo, pretendemos refletir acerca dos efeitos provocados pelo exílio nas subjetividades e no pensamento político de Octávio Brandão, assim como o seu retorno ao cenário político brasileiro. Seguramente, a investigação dessa fase de sua vida se constitui em uma oportunidade ímpar para que possamos compreender o ambiente

---

[421] Todo exilado pensa obstinadamente no seu regresso, e sua atenção estará voltada para a sua terra natal. Na literatura grega antiga, por exemplo, essa noção assumiu uma conotação muito particular nos poemas épicos, havia, inclusive, um termo utilizado para se referir a esse ato de heroísmo, que era o *nóstos*, expressão utilizada para se referir ao herói nostálgico que não perdia de vista a ideia do retorno à sua terra. Para Marco de Lucchesi: "Ulisses é um ser nostálgico da Casa, de sua fiel Penélope, de sua rochosa Ítaca. [...] O *nóstos* não se inclui apenas no proêmio da Odisséia: é o tema fundador. Tanto assim que, embora Calipso lhe prometa a imortalidade (isothéos), a Ulisses importa o regresso à Casa, ainda que venha a naufragar nas ondas pela vontade de um deus. Ao desejar a Nausíca bom marido, casa e concórdia, Ulisses fala com certa melancolia, exatamente ele, que amarga um longo e doloroso exílio". LUCCHESI, Marco de. *A paixão do infinito*. Niterói: Clube de Literatura Cromos, 1994, p. 34-35.

de tensão política no interior do principal partido de esquerda brasileiro no período anterior ao golpe civil-militar de 1964. Para pensarmos a questão específica do isolamento do intelectual no período posterior ao exílio, refletiremos a partir das sugestões realizadas por Edward Said e Paul Ilie. Estamos nos referindo aos sentimentos de angústia e desassossego que fazem parte da vida dos sujeitos que se encontram marginalizados em sua própria terra, indivíduos que não se adequam às ideologias e aos sistemas políticos vigentes e, por esse motivo, esforçam-se para mudar essa realidade, experimentando uma sensação dolorosa de rejeição e isolamento, entendida por nós como "exílio interior".

Finalmente, ainda nos restará apurar em suas memórias, depoimentos à imprensa e em seus escritos políticos, como aparece a autocrítica em relação ao seu passado como dirigente comunista, bem como a concepção da revolução brasileira. Para isso, estaremos utilizando como aporte teórico a noção de "geração" tal como foi teorizado por Jean François Sirinelli, para pensar as mudanças ocorridas na direção do PCB no período da redemocratização até o golpe civil-militar de 1964. Pretendemos, com isso, refletir acerca das novas diretrizes políticas adotadas pela geração seguinte de dirigentes pecebistas e, o mais importante para esta pesquisa: pensar como o intelectual Octavio Brandão se posicionou diante dessas mudanças.

5.1 Anos tensos e intensos: os primeiros conflitos com a direção do PCB

O retorno ao Brasil ocorrido no dia 1º de novembro de 1946 foi marcado por novas expectativas em relação ao futuro. Em suas memórias, relatou que encontrou um ambiente acolhedor e festivo entre os segmentos proletários e populares: "Os operários e as operárias da Gávea receberam-me com uma festa carinhosa no Saneamento. Fraternizei com eles. Falei sobre o papel do imperialismo norte-americano, a miséria e a opressão no Brasil, a guerra hitleriana e a construção do socialismo na União Soviética".

Ao consultar seu arquivo pessoal no AEL, deparamo-nos com inúmeras cartas e telegramas afetuosos enviados por amigos, admiradores, militantes operários e lideranças populares de várias regiões do país, saudando-o por seu retorno, como podemos verificar em carta enviada pelo metalúrgico Geraldo de Santa Maria:

> Saúdo-te herói do trabalho. Saúdo-te pelo regresso à Pátria após 15 anos de ausência em que os teus ferozes inimigos daquela época fizeram-te tudo para eliminá-lo física e moralmente. Mas o teu caráter e tua vontade de trabalhar pelo bem do povo jamais pode ser destruído. E por isso, herói do trabalho, a sua presença vai causar muitíssimas dores de cabeça a esses líderes da

> imprensa oficial que não faltarão espaço para caluniá-lo e atacá-lo por todos os meios.[422]

Houve ainda aqueles que se dispuseram a ajudá-lo financeiramente, enviando fundos a fim de contribuir com um provável translado dos restos mortais de sua primeira esposa, a poetisa Laura Brandão, cuja morte era lamentada.[423] Não obstante, dentre as correspondências lidas por nós, reproduzimos a seguir a que mais chamou nossa atenção, por se tratar de um admirador improvável – um pastor evangélico, conhecido como Heitor Marinho. Segue o conteúdo da carta:

> [...] Desde que li, pela *Imprensa Popular* o seu regresso, fiquei muitíssimo empolgado de posteriormente marcarmos uma entrevista na qual gostaria de ouvir-te falar sobre a vida nos países estrangeiros, principalmente na Rússia, onde passaste mais tempo e conhecestes de perto o regime socialista que almejamos para a grandeza de nosso Brasil.[424]

A solidariedade recebida nos meses subsequentes ao seu retorno certamente o fez sentir-se motivado a continuar sua militância pelo movimento operário. Pretendia, pois, colocar em prática toda experiência que adquiriu durante os 15 anos em que passou no estrangeiro a serviço dos trabalhadores brasileiros e do PCB. Contudo, não demorou a entrar em conflito com os dirigentes do partido, Luiz Carlos Prestes, Astrogildo Pereira e Diógenes Arruda Câmara.

Uma das primeiras frustrações ocorreu após sua insistência para que a direção do partido publicasse a biografia *A imagem de Laura Brandão*, escrita por ele em 1942, como forma de prestar uma homenagem à memória da poetisa, porém o parecer redigido por seu antigo companheiro Astrojildo Pereira, deixou-o profundamente desapontado. O velho dirigente foi firme em sua decisão contrária à publicação do livro e questionou o apelo de Brandão ao afirmar que faltava "serenidade" ao velho amigo, pois "há no seu amor à companheira desaparecida muito da religião"; acrescentou, ainda, que algumas passagens do livro eram "horríveis", "infantis" e "absurdas" e, de maneira geral, constatava-se que "o público a ignora". Portanto, o melhor a ser feito, conforme advertiu

---

[422] Carta de Geraldo Santa Maria a Octavio Brandão. Rio de Janeiro (DF), 02.11.1946. *Fundo Octavio Brandão (Inventário).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 22, 3p.
[423] Carta de José Villela dos Santos pelo Comitê Municipal de Pouso Alegre do PCB a Octavio Brandão. Pouso Alegre (MG). 11.11.1946. *Fundo Octavio Brandão (Inventário).* AEL/IFCH/Unicamp, pasta 23, 1p.
[424] Carta de Heitor Marinho, pastor protestante a Octavio Brandão. Nilópolis, RJ, 05.11.1946. *Fundo Octavio Brandão (Inventário).* AEL/IFCH/Unicamp, pasta 22, 1p.

na conclusão do parecer, seria "não perturbar-lhe o repouso". [425]

Em agosto de 1945, pouco antes da queda de Getúlio Vargas, o PCB havia ressurgido no cenário político, aproveitando-se do ambiente de liberdade que se criou no contexto da redemocratização do país. Passou a reorganizar seu quadro de dirigentes e estabelecer as novas estratégias de ação política. Formou-se, então, uma nova Comissão Executiva e um Comitê Nacional sob a liderança de seu Secretário-geral Luiz Carlos Prestes. A nova direção adotou uma linha política que priorizava os operários ao invés dos intelectuais para integrar o núcleo do partido.[426]

Segundo observou Leandro Konder (1988), desde a década de 1930 havia no PCB uma "onda 'obreirista' certamente ajudou a preparar terreno, na cabeça dos militantes do PCB, para a ampla aceitação de uma teoria desprovida de sofisticação, tosca e pragmática, como era aquela que passaria a lhes chegar, sistematicamente, da União Soviética, na forma da vulgata 'marxista-leninista'".[427] Diante dessa nova realidade, antigas lideranças intelectuais, como seria o caso de Brandão, enfrentaram uma forte resistência, levando-o a sentir-se isolado politicamente em relação à política obreirista adotada pelo partido.

Em 1946, no ano do seu retorno, seu nome foi indicado para concorrer às próximas eleições municipais pelo Distrito Federal a ser realizada no dia 03 de janeiro de 1947.[428] Entretanto, o apoio recebido dentro do próprio partido não foi unanime, pelo fato de a direção não acreditar na possibilidade de vitória naquela eleição, tendo em vista o longo período em que permaneceu exilado, as dificuldades financeiras para investir na sua candidatura e o curto período de campanha que tinha pela frente[429]. Contrariando as projeções pessimistas da direção pecebista, concorreu ao lado de nomes importantes do cenário político nacional, como João Amazonas, Agildo Barata, Apparício Torelly, direcionando sua campanha aos operários que residiam nos bairros da Gávea[430], Rocinha,

---

[425] *Fundo Octavio Brandão (Inventário).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 120. Citado In: BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política.* Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1995, p. 08-10.

[426] DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e comunistas no Brasil,* op. cit., p. 274.

[427] KONDER, Leandro. *A derrota da dialética:* a recepção das idéias de Marx e Engels no Brasil até o começo dos anos trinta. Rio de Janeiro: Campus, 1988, p. 175-176.

[428] O PCB experimentou um raro momento de legalidade, sendo possível aos seus representantes concorrer às eleições presidenciais de dezembro de 1945, assim como as eleições estaduais e municipais de janeiro de 1947, obtendo resultados surpreendentes em ambos os casos. PRIORI, Angelo Aparecido. Paixões políticas e militância partidária (PCB: 1947-1954). *Espaço Plural.* Marechal Cândido Rondon. Online, v. 16, 2015, p. 90.

[429] AMARAL, Roberto Mansilla. *Uma memória silenciada. Idéias, lutas e desilusões na vida do revolucionário Octávio Brandão (1917-1980),* op. cit., p. 242.

[430] Além de direcionar sua campanha aos operários mais velhos do bairro da Gávea (seu principal reduto eleitoral, onde viviam os mesmos operários que haviam votado na sua candidatura no passado quando foi

morro da Catacumba, Jardim Botânico e do Saneamento da Beira da Lagoa[431].

Figura 10: Octavio Brandão, Odila Schimidt, Apparício Torelly (Barão de Itararé) e o quarto membro da mesa ainda não identificado, em uma conferência. S.L., 22 de dezembro de 1946. (Fundo Octavio Brandão, Arquivo Edgard LEUENROTH/ UNICAMP, Campinas, SP).

Empolgado com o ambiente da redemocratização, percorreu as regiões periféricas e os bairros operários do Rio de Janeiro, fazendo comícios e reuniões com a população. Pretendia inicialmente se candidatar ao cargo de senador, contudo, concorreu ao cargo de vereador pela Chapa Popular.[432]

Na ocasião, o recém-formado "Comité Democrático Pré-candidatura de Octávio

---

eleito para o cargo de vereador pelo BOC), a estratégia para ampliar os votos consistia em se aproximar do público mais jovem, motivo pelo qual realizou encontros frequentes com os estudantes a fim de debater suas propostas. Definiu sua campanha como uma "batalha eleitoral", voltada para enviar os verdadeiros representantes do povo à Câmara e, igualmente, combater as forças reacionárias, fascistas e imperialistas que pretendiam ocupar esse espaço. Seu programa de ação foi estruturado a partir de três eixos: "a união nacional; paz, ordem e tranquilidade; a completa democratização do Brasil". BRANDÃO, Octavio. "Esquema da Conferência na Casa do Estudante". S.l., 27.12.1946. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, Pasta: 103, 1p. [dat.].

[431] BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti (Org.). *Octávio Brandão: centenário de um militante na memória do Rio de Janeiro,* op. cit., p. 50.

[432] AMARAL, Roberto Mansilla. *Uma memória silenciada. Idéias, lutas e desilusões na vida do revolucionário Octávio Brandão (1917-1980),* op. cit., p. 243.

Brandão na Gávea" apresentou um manifesto aberto organizado por operárias industriais, costureiras, lavadeiras, professoras, domésticas e simpatizantes, a fim de apoiar à sua candidatura ao cargo de vereador.[433] O manifesto trazia os seguintes dizeres:

> TUDO PELA VITÓRIA DE OCTÁVIO BRANDÃO VIVA A "CHAPA POPULAR"! POR UM SANEAMENTO DIGNO DE SEUS MORADORES! PARA QUE A GÁVEA POSSA ELEGER UM SUB-PREFEITO! PELA LUTA ORGANIZADA E CONSEQUENTE DE TODO POVO DA GÁVEA NA DEFESA DOS SEUS DIREITOS![434]

Em seu volante de campanha, conclamava o proletariado a lhe conceder mais uma vez um voto de confiança:

Nosso candidato é

OCTAVIO BRANDÃO

☆

PROLETÁRIOS

VOTA NO TEU VELHO COMPANHEIRO

OCTAVIO BRANDÃO

ELE JAMAIS NOS TRAIU![435]

Seguindo a meta estipulada pela direção pecebista de conquistar um milhão de votos para o partido na cidade do Rio de Janeiro[436], Brandão se empenhou na campanha eleitoral, participando ativamente de comícios pelos bairros operários. Em um extenso testemunho concedido à Maria Cecília Velasco e Cruz e Renato Lessa, em 1977, já idoso, aos 81 anos de idade, profundamente melancólico por conta de seu isolamento, recordou, com entusiasmo, o apoio recebido do proletariado no pleito eleitoral:

> Foi um escândalo, quando contra a vontade [deles], através da pressão das massas [...] perguntavam: 'por que Octavio não é candidato?' [...] Foi uma surpresa desagradável para a direção,

---

[433] É importante sublinhar que a candidatura de Brandão ganhou grandes proporções em razão da mobilização do eleitorado feminino, algo semelhante ao que ocorreu nas eleições de 1928, quando foi eleito para o cargo de intendente pelo BOC.

[434] Citado in: BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti (Org.). *Octávio Brandão: centenário de um militante na memória do Rio de Janeiro,* op. cit., p. 52.

[435] "Panfleto de propaganda da candidatura de Octavio Brandão a vereador do Município do Rio". S.l.d. *Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro.* Série: DOPS, setor: Prontuário OB, pasta: GB, folha: 2077.

[436] BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti (Org.). *Octávio Brandão: centenário de um militante na memória do Rio de Janeiro,* op. cit., p. 51.

> quando eu vim em terceiro lugar na chapa majoritária. Foi um escândalo! Porque achavam que só aquela gente antiga é que ia votar em mim.[437]

Em seu programa eleitoral direcionado à população da Gávea, defendeu propostas voltadas para o melhoramento do sistema de transporte público da região, sugerindo a criação de novas linhas de bondes e auto-ônibus em direção à Zona da Lagoa, Saneamento e Rocinha; facilitar o transporte dos gêneros alimentícios de primeira ordem a fim de reduzir os custos para os produtores e consumidores; a abertura de mercados populares com preços acessíveis à população de baixa renda; aumentar o provimento de água e a construção de espaços esportivos para os jovens. Para a classe trabalhadora, defendeu um programa amplo voltado para a melhoria das condições de vida do trabalhador: aumento salarial, o aproveitamento dos terrenos das fábricas e da prefeitura ociosos para viabilizar a construção de moradias populares, a criação de restaurantes populares, creches, jardim de infância e colônia de férias para os filhos das trabalhadoras, suporte aos menores que trabalhavam nas fábricas para que pudessem continuar seus estudos; para a classe média, comprometeu-se a defender uma política de redução dos impostos.[438] Aos 50 anos de idade, realizou perto de 53 comícios e reuniões[439], sentia-se motivado a retomar o trabalho pela construção do socialismo em sua pátria, trazendo para o campo político aspectos de sua vivência do período do exílio.[440]

Apesar do longo período que permaneceu fora do país e das tensões internas com a direção pecebista, ainda assim ficou em terceiro lugar entre os dezoito candidatos eleitos do partido, alcançando um total de 5.257 votos, ficando atrás apenas de Pedro Carvalho Braga, com 10.520 votos, e Agildo Barata, com 9.689 votos.

---

[437] REGO, Octavio Brandão. *Octavio Brandão (depoimento, 1977),* op. cit., p.112.

[438] "Panfleto de propaganda da candidatura de Octavio Brandão a vereador do Município do Rio". S.l.d. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Série: DOPS, setor: Prontuário OB, pasta: GB, folha: 2077.

[439] BRANDÃO, Octavio. "Vida vivida'. (Autobiografia). S.l., 04.04.1952. *Fundo Octavio Brandão (Inventário).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta: 112, p.160. [dat.].

[440] Citamos, a título de exemplo, a divulgação do evento direcionado aos trabalhadores da Companhia *Light,* o qual foi convidado a falar sobre as experiências sindicais na URSS: "O Grupo Eleitoral dos Trabalhadores da *Light* realizará no dia 11 de janeiro de 1947 às 16 horas no Auditorium da Associação Brasileira de Imprensa uma palestra – sabatina sobre o seguinte tema: Organização Sindical na União Soviética a cargo de Octavio Brandão candidato a vereador pela 'Chapa Popular'". Citado In: BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti (Org.). *Octávio Brandão: centenário de um militante na memória do Rio de Janeiro,* op. cit., p. 51.

Figura 11: Octavio Brandão recebendo diploma de vereador das mãos do presidente do Tribunal Regional Eleitoral (TRE) Sr. Afrânio Costa. [S.l, 1947]. (Fundo Octavio Brandão, Arquivo Edgard LEUEROTH/UNICAMP, Campinas, SP.)

Figura 12: Churrasco do PCB em Campo Grande, 1947. Da esquerda para direita: um companheiro, Octavio Brandão, Noberto Nicoliski, Iracema, Lúcia (esposa), Glorinha, Dionysa (atrás), Valná, uma companheira (atrás). (Fundo Octavio Brandão, Arquivo Edgard LEUENROTH/UNICAMP, SP.).

Pelo que pudemos apurar nas atas da Assembleia Legislativa da Câmara Municipal do Distrito Federal, Brandão seguiu a linha política defendida pelo PCB de enfrentamento moderado à burguesia dentro dos limites constitucionais. Aliás, essa tática se assemelhava muito à linha política de combate ao fascismo, a partir da formação de uma frente ampla popular e democrática. Dessa forma, procurou construir pontes com vários segmentos da sociedade, a fim de conseguir apoio para a realização de reformas

sociais e democráticas, ao invés de se lançar ao enfrentamento direto, a partir de greves e grandes mobilizações populares.[441] Todavia, o ambiente interno no PCB era marcado por fortes tensões políticas e ressentimentos entre os dirigentes.

No caso de Brandão, ele fez críticas à diferença de tratamento despendida pelos dirigentes desde o primeiro dia de seu retorno ao Brasil e, em particular, à rígida disciplina imposta que o proibia de se pronunciar sem a anuência prévia dos dirigentes do partido[442]:

> Em 1947, fui proibido de falar. Não podia fazer nenhum discurso. Todos os discursos que fiz em 1947, fiz violando a disciplina. Não podia substituir os discursos. Não podia falar nada. Só para votar e bater palma. Cansei de dizer: "eu não presto para voltar e bater palma". Minha tarefa é outra. Fui eleito pelos operários.[443]

Durante o seu mandato na Câmara Municipal, costumava se apresentar como um "Vereador do Povo" e, apesar do curto período que permaneceu no cargo, de 07 de maio de 1947 a 10 de janeiro de 1948, suas propostas tocaram em pautas de grande interesse da população carioca, como a limitação dos transportes públicos[444], os serviços precários de abastecimento de água, iluminação pública e esgoto, além da ausência de uma política pública voltada para a construção de habitações populares destinada às famílias de baixa renda.[445] Estava entre os vereadores que mais apresentaram proposições voltadas para os assuntos urbanos do Rio de Janeiro.[446]

O problema educacional também ocupou um espaço central em suas pautas[447], em

---

[441] SANTANA, Marco Aurélio; SILVA, Fernando Teixeira da. O equilibrista e a política: o "Partido da Classe Operária" (PCB) na democratização (1945-1964). In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs.). *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964).* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 2, 2005, p. 104.

[442] Esse sentimento de injustiça e humilhação que sentiu foi retomado em seu artigo "A política de quadros", publicado na *Imprensa Popular* durante a abertura para discussão interna em 1956. Cf.: BRANDÃO, Octávio. A política de quadros. *Imprensa Popular.* Rio de Janeiro, n. 1.949/n. 1.950. 26 de outubro de 1956/ 27 de outubro de 1956, p. 03. Apesar das críticas e do isolamento a que foi submetido dentro do PCB, Brandão se manteve fiel ao "centralismo democrático".

[443] REGO, Octavio Brandão. *Octavio Brandão (depoimento, 1977),* op. cit., p.112.

[444] Vereador Octavio Brandão. "Requerimento n.º 261". (solicitando a reconstrução da linha de bondes da Ilha). *Anais da Câmara do Distrito Federal.* Sessão de 07 de abril de 1947, vo. II, p. 286.

[445] Discursou no plenário contra a política violenta adotada pelo prefeito de ordenar a demolição imediata de barracos nos morros do Jóquei e do Morro da Catacumba, sem antes ter elaborado um plano de acolhimento aos desamparados, como a concessão de terrenos para a construção de moradias populares em outros espaços da cidade. BRANDÃO, Octavio. (sem título). Discurso proferido na Câmara Municipal do Distrito Federal contra a demolição da Favela do Jóquei e do Morro da Catacumba. Rio de Janeiro, 1947. *Fundo Octavio Brandão.* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta: 104, 9p. (manuscrito).

[446] BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti (Org.). *Octávio Brandão: centenário de um militante na memória do Rio de Janeiro,* op. cit., p. 54.

[447] A preocupação com a área educacional o levou a ingressar à Comissão de Educação da Câmara, sendo afastado de suas funções somente quando teve seu registro de vereador cassado pelo TSE, em 1948.

particular, sua posição firme em defesa da instrução primária, da construção de novas creches e escolas[448] como forma de atender à crescente demanda das trabalhadoras que não tinham onde deixar seus filhos pequenos; a criação de programas de alfabetização, gratuidade do ensino, desde a educação primária até o ensino superior.[449] Aliás, partiu de Brandão uma proposta ousada para os padrões educacionais e sociais daquela época: a ideia de uma universidade pública no Distrito Federal para atender aos filhos trabalhadores.[450] Contudo, sua atuação no legislativo seria interrompida em razão do alinhamento do governo brasileiro à cartilha anticomunista dos Estados Unidos.

No dia 07 de maio de 1947 o Supremo Tribunal Eleitoral (STE) julgou pertinente o parecer apresentado pela Procuradoria da República contra o PCB, determinando a suspensão do seu registro eleitoral e o encerramento de suas atividades partidárias em razão de supostas irregularidades no estatuto do partido, e seu caráter internacionalista. Pouco tempo depois, no dia 10 de janeiro de 1948, foi a vez dos parlamentares eleitos pela sigla perderem seus mandatos. As acusações para justificar a cassação foram embasadas nos artigos 141, § 13, da Constituição Federal de 1946, c.c. o art. 26, alíneas a e b, do Decreto-Lei nº 9.258/46, que vedava a possibilidade de funcionamento de partidos ou organizações políticas que violasse os fundamentos do regime democrático.[451]

O fato é que pela segunda vez não conseguiria finalizar seu mandato como vereador: foi um duro golpe ter de deixar para trás sua atuação política em um momento de muitas expectativas.

---

[448] Vereador Octavio Brandão. "Sobre o Requerimento n.º 421". *Anais da Câmara do Distrito Federal.* Sessão Ordinária de 14 de maio de 1947, vol. V, p.62.

[449] BRANDÃO, Octavio. "Indicação". Rascunho de indicação sobre a criação, no Distrito Federa, de uma Universidade. Sala de Sessões, 19.06.1947, 1p. *Fundo Octavio Brandão (Inventário).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 104. [dat.].

[450] AMARAL, Roberto Mansilla. *Uma memória silenciada. Idéias, lutas e desilusões na vida do revolucionário Octávio Brandão (1917-1980),* op. cit., p. 249.

[451] Cf.: BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. *Resolução nº 1841.* Processo nº 411/412/DF. Disponível em: http://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/tse-resolucao-1841-cancelamento-do-registro-do-pcb. Acesso em: 14 nov. 2023.

Figura 13: Octavio Brandão fotografado no exercício de vereador. Rio de Janeiro, RJ [1947]. (Fundo Octavio Brandão, Arquivo Edgard LEUENROTH/UNICAMP, Campinas, SP.)

Figura 13: Octavio Brandão ouvindo as demandas da população pobre, 1946. (Fundo Octavio Brandão, Arquivo Edgard LEUENROTH/UNICAMP, Campinas, SP.)

Figura 14: Vereador Octavio Brandão acompanhado do repórter Humberto Felles, da Imprensa Popular, levantando dados sobre a situação da população. (Fundo Octavio Brandão, Arquivo Edgard LEUENROTH/UNICAMP, Campinas, SP.)

Após a cassação do registro eleitoral dos parlamentares pecebistas, o Secretário-Geral do partido, Luiz Carlos Prestes, lançou, no dia 31 de janeiro de 1948, um Manifesto, alterando radicalmente a orientação política do PCB, passando a defender a renúncia do presidente Dutra (antigo aliado para a "reconstrução nacional", agora considerado traidor da nação por ter se alinhado ao imperialismo estadunidense), e a adoção de uma política de enfrentamento, infiltrando-se nos sindicatos e apoiando os movimentos grevistas.[452] Cabe, entretanto, destacar que essa nova tática política de enfrentamento defendida pela direção pecebista é resultado dos efeitos da Guerra Fria que, durante o governo Dutra, aumentou a repressão aos comunistas e setores populares da sociedade, conforme indicou a historiadora Anita Prestes:

> Em janeiro de 1948, com a cassação dos mandatos parlamentares comunistas, ocorria uma guinada "esquerdista" na tática do PCB. Abandonava-se a proposta de "União Nacional", decisão

[452] Essa guinada esquerdista de aproximação aos movimentos sindicais como forma de erguer uma frente de luta democrática e anti-imperialista, ainda estava muito distante da ideia de tomada do poder, conforme proposto no Manifesto de 1948. Segundo o historiador Angelo Aparecido Priori: "Se durante a legalidade o partido convivia com os limites democráticos constitucionais e tinha na participação eleitoral uma forma bastante profícua de divulgação do ideário comunista, ainda que dentro dos limites legais, diante da nova realidade parte para a elaboração de uma política conspirativa, que, em termos de quem tinha a pretensão da tomada do poder, era bastante singela". PRIORI, Angelo Aparecido. O PCB e a questão agrária: os manifestos e o debate político acerca dos seus temas. In: MAZZEO, Antonio Carlos; LAGOA, Maria Isabel (orgs.). *Corações Vermelhos: os comunistas brasileiros no século XX.* São Paulo: Cortez, 2003, p. 63-64.

> provocada pelo avanço da Guerra Fria e pelos seus desdobramentos. Em especial, tal virada tática seria motivada pela intensificação, parte do governo Dutra, da repressão aos comunistas e às demais forças democráticas e populares.[453]

Em relação às implicações dessa política junto ao proletariado, acrescentou:

> No que se refere ao movimento operário e sindical, a política do PCB também sofreria uma guinada "esquerdista" com o Manifesto de Janeiro de 1948. É o momento quando os comunistas iniciam a formação de entidades paralelas aos sindicatos oficiais, "por meio de novas organizações profissionais nos próprios locais de trabalho", e adotam a política que ficou conhecida como "greve pela greve". Era a orientação de promover greves a qualquer custo, mesmo quando os trabalhadores não estavam mobilizados para tal e inexistiam condições propícias para a defesa dessa forma de luta.[454]

Por fim, é importante lembrar que esta nova situação política, agravada ainda mais pela conjuntura internacional, trouxe uma série de dificuldades para os comunistas: a ilegalidade do Partido, a cassação dos mandatos de seus representantes, o enfrentamento de vários processos judiciais e seus principiais militantes e dirigentes perseguidos, sob constante ameaça. Nestas condições de clandestinidade, a possibilidade de uma militância política em geral e, junto a classe trabalhadora em particular, ofereciam uma série de obstáculos. Como muitas vezes ocorreu na história, a resposta ao isolamento político leva a elaboração de políticas voluntaristas, que agravam ainda mais o isolamento, como foi por exemplo a nova resolução política do PCB de janeiro de 1948.

Brandão em seu livro "Vida Subterrânea", no capítulo *Vida duríssima*, escrito por na terceira pessoa e utilizando o pseudônimo "X", nos apresenta um panorama destas dificuldades: registra seu sentimento de revolta por ter perdido seu mandato, assim como a onda de processos e prisões arbitrárias desencadeados aos comunistas após as repercussões do Manifesto:

> Em janeiro de 1948, X viu cassado seu mandato de vereador do povo. Em consequência do manifesto lançado pelo P.C. em janeiro de 1948, passou a ser processado com outros dirigentes, desde o começo do mesmo ano. O promotor, um fascista, pediu dezenas de anos de prisão para cada um dos processados. O Supremo Tribunal Federal ordenou a prisão preventiva dos

---

[453] PRESTES, Anita Leocádia. *Os comunistas brasileiros (1945-1956/58): Luiz Carlos Prestes e a política do PCB,* op. cit., p. 111.
[454] *id. ibid.* p. 112.

> mesmos. A 22 de maio de 1950, um oficial de justiça, acompanhado de agentes da polícia política, foi pela segunda vez ao lar de X, intimá-lo a comparecer ao juiz do processo de 1948. Fizeram 4 intimações. Entre a segunda e a terceira, X escapou-se. Desde então, vítima de um processo político por ideias e não por delitos, já cassado, passou a ser caçado e acossado pela polícia política, ameaçado de prisão.[455]

Os processos mencionados se arrastaram por doze anos, entre 1948 e 1960 e, nesse ínterim, enfrentou novamente os desafios impostos à vida subterrânea da ilegalidade, submetido ao "[...] anonimato da pobreza, escondido em casebres, barracos miseráveis, partilhando o espaço reduzido e a parca refeição dos velhos companheiros operários, solidários com seu porta-voz".[456] Em suas memórias, recordou as lembranças dolorosas referentes a vida ilegal, quando teve de suportar todo tipo de privações, como a pobreza, a solidão, a fome, a saúde fragilizada, a impossibilidade de trabalhar e a ameaça de prisão. Segundo informou:

> Rolei por dezenas de lugarejos perdidos. Não tinha pouso certo. Morei um telheiro no subúrbio da Penha e num pobre barraco em Vilar dos Teles, para dentro da estação Coelho da Rocha, na Linha Auxiliar. Dormi muitas vezes no chão. Dispunha de muito pouco dinheiro. A alimentação, pobre. Em várias ocasiões, quando tinha almoço, não tinha jantar, e vice-versa. Os furúnculos e os gânglios linfáticos multiplicaram-se eram a pobreza econômica e a pobreza do organismo. Às vezes, só tinha, para jantar, duas bananas ou um pedaço de pão com água.[457]

Embora soubesse dos riscos que corria de ser preso, procurou manter-se solidário aos camaradas que eram perseguidos pela justiça. Aliás, foi em decorrência de seu engajamento na campanha pela libertação do ex-deputado Gregório Bezerra (1900-1983), passou a ser procurado pela polícia política e, ao ser localizado, acabou sendo agredido fisicamente e preso, juntamente com sua filha, Dionysa. A esse respeito, recordou:

> Sob o governo Dutra, em abril de 1948, minha filha Dionysa foi presa e levou socos. Ficou como refém, até que o pai aparecesse. Pouco depois, fui preso e barbaramente espancado por quatro sicários da polícia política, durante todo o trajeto, desde o lar, no bairro da Urca, até a Polícia Central e, mesmo dentro dessa

---

[455] BRANDÃO, Octavio. Vida duríssima (Autobiografia inédita), S.l., 04.04.1952, [inédito]. *Fundo Octavio Brandão (Inventário).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH, pasta 112, p.116. [dat.]. p. 16.
[456] BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti (Org.). *Octávio Brandão: centenário de um militante na memória do Rio de Janeiro,* op. cit., p. 73.
[457] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 109.

> repartição. Recebi pontapés na boca do estomago. Na cabeça, muitos hematomas, em consequência dos socos. Levei meses com vertigens.[458]

Assim que os processos foram anulados e a ordem de prisão revogada em março de 1958, procurou novamente recomeçar a vida, entretanto, sentia-se boicotado e com muitas dificuldades para conseguir meios de se sustentar.[459] Ainda assim, nos pareceu que o seu ressentimento maior foi em relação à indiferença da direção pecebista[460], conforme se observa no seu desabafo: "durante 8 anos, em 1950-1958, caçado e acossado, na pobreza, sem ganha-pão, sem poder trabalhar, sem a mais vaga sobra de liberdade, no abandono e solidão, um desconforto atroz – físico, moral e intelectual".[461] Profundamente ressentido, na ocasião, enviou uma carta a Prestes, cobrando-lhe pela falta de assistência do núcleo central do PCB com seus militantes. Citamos a seguir alguns trechos da carta:

> Há um ano e cinco meses, encontro-me na ilegalidade, num ambiente de perseguições [...]. Durante um ano e cinco meses, levei uma vida incerta, em lugares inseguros. Muitas vezes fiquei sem almoço nem jantar. Em várias ocasiões deixei às pressas locais farejados pela polícia política, mas sem ter para onde ir. Duas vezes pedi auxílios dos camaradas, mas não obtive resposta. Compareci aos encontros marcados, esperei as visitas prometidas, mas ninguém apareceu. [...] Só em fins de outubro de 1951, fui chamado a uma reunião – pela primeira vez – no decorrer de um ano e cinco meses. Como se explica que um militante não seja convocado durante um ano e cinco meses? [...] Como comunista, protesto contra os fatos mencionados. Reivindico uma política justa efetiva dos quadros, no espírito de

---

[458] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2,* op. cit., p. 109.

[459] Após a revogação da ordem de sua prisão pelo Tribunal Superior de Justiça (TSJ), em março de 1958, voltou a reclamar da falta de assistência da direção do PCB, apesar de seus esforços para se reaproximar, assim como das dificuldades para conseguir uma forma de se sustentar: "A ordem de prisão preventiva foi revogada pelo juiz Monjardim Filho, em março de 1958. Reconquistei uma liberdade relativa. Fui pela Avenida rio Branco, livremente, mas sem encontrar sequer um amigo, no meio das multidões, a avenida parecia um deserto. Vi-me boicotado por todos os lados. Apesar dos esforços não consegui reorganizar a vida. Fiz muitas tentativas durante 2 anos. Em vão. Estava em liberdade. Mas não obtive nenhum ganha-pão certo. Nenhum trabalho compensador. Nenhuma base econômica, nem financeira". BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2,* op. cit., p. 111.

[460] Em um pequeno bilhete enviado à direção do PCB, reclamou da indiferença com que foi tratado por um de seus integrantes que não compareceu a um encontro previamente combinado, mesmo sabendo dos riscos que esse comportamento irresponsável poderia lhe causar, caso fosse descoberto pela polícia. A título de exemplo, reproduzimos a seguir o referido desabafo: "Compareci ontem, à hora exata, no lugar combinado. Daí fui levado com um camarada a outro local, onde nos deixaram às 8 da noite e recomendaram que esperássemos outra condução. Aí ficamos até 9.10 da noite. Assim esperamos no local mais de uma hora – o que é contraindicado. Apesar de tudo, ninguém apareceu. Tal fato ocorrido que levo ao conhecimento dos camaradas. Saudações comunistas". BRANDÃO, Octavio. "Carta aos camaradas desaprovando desencontro em atividade clandestina". 19.12.1953. *Fundo Octavio Brandão (Inventário).* AEL/IFCH/Unicamp, pasta 8, 1.p. [dat.].

[461] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2,* op. cit., p. 110.

> Stálin, a fim de que os velhos militantes fiéis possam trabalhar, dêem o máximo ao P.C. e encontrem apoio e estímulo, justiça e compreensão. É um direito que me assiste! Afetuosamente, seu amigo e camarada.[462]

Na carta, exigiu explicações acerca do boicote de seus escritos e, igualmente, os porquês de atribuir funções secundárias a quem entregou "quase 30 anos de Partido!", servindo à causa nos momentos mais difíceis. Relatou ainda que, quando solicitou um "posto de combate" junto as instâncias superiores, para sua decepção, foi contemplado com três "tarefas" irrelevantes, como: "1.ª) No congresso dos escritores, na Bahia: acordar os camaradas; 2.ª) na ABDE: pôr os endereços e selos nos envelopes; 3.ª) no Comitê da Paz: receber as notícias do dia e enviá-las à *Imprensa Popular"*.[463] Enfim, conforme apresentaremos nos tópicos finais desta tese, os próximos anos seriam ainda mais difíceis para o militante comunista que, além de haver acumulado derrotas irreversíveis em sua trajetória política, ocasionado pelo aprofundamento de seu "isolamento político" imposto pela direção pecebista, teve de encarar outras perdas pessoais.

Figura 16: Octavio Brandão sendo entrevistado. Rio de Janeiro, 21 de março 1958. LEGENDA do jornal Diário da Noite: "SEMPRE ESPERANDO - 'Só terei destino certo depois que o Sr. Juiz Monjardim Filho marcar a data de minha apresentação' - declara à reportagem do DIARIO DA NOITE o escritor Octavio Brandão." (Fundo Octavio Brandão, Arquivo Edgard LEUENROTH/UNICAMP, Campinas, SP.)

---

[462] BRANDÃO, Octavio. "Carta ao amigo e camarada Luís Carlos Prestes", s.l.; novembro de 1951, 5p. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 08, p.1. [dat.].
[463] *id. ibid.* p. 04.

5.2 A construção do isolamento político

A cassação do seu mandato no legislativo, as dificuldades financeiras, os vários processos na justiça, a ameaça de prisão e, por conseguinte, as condições penosas da vida na ilegalidade e a marginalização política imposta pelos próprios camaradas de partido foram alguns dos desafios afrontados pelo intelectual e militante comunista. Sentindo-se profundamente angustiado, anotou em sua autobiografia *Vida Duríssima*, de 1952, aos 56 anos de idade, um comovente relato, repleto de lirismo e nostalgia, referente às lembranças das paisagens naturais da cidade do Rio de Janeiro, que percorreu com a sua falecida esposa, Laura, quando ainda eram noivos; os lugares que conheceu durante o seu exílio na Europa; além da alusão ao poeta romântico Castro Alves. Reproduzimos a seguir a passagem intitulada "Visão da Cascata":

> No fim de janeiro de 1953, X. sentia-se angustiado pelas dificuldades econômicas e financeiras, as torpezas políticas e sociais, as dores morais e intelectuais, procurou algo que fosse um bálsamo. Foi Às Cascatinha, no Alto da Boa Vista, onde estivera tantas vezes com Laura, noiva, em 1919-1921. O caminho subia em curvas suaves. O poeta lembrou-se de Castro Alves em visita a Alencar nessa Tijuca esplêndida. Gozou as visões: a cidade do Rio de Janeiro, a baía de Guanabara e as montanhas longínquas, concordância com as paisagens grandiosas: A Tijuca, o Silvestre, o Corcovado, os caireis de serranias bravas em Scheid e Serra Central do Brasil, os Alpes, o Cáucaso, os Urais... Na Cascatinha, o sonhador esqueceu as próprias dores. Encheu-se de alegria e jovialidade. Respirou o ar puro. Bebeu a água límpida na concha das mãos. Saturou-se de sons e luzes, de cores e perfumes. Absorveu o silêncio solene da mata, o rumor selvagem do riacho, o canto harmonioso dos pássaros e o coro ardente das cigarras. Sorveu toda a beleza da Natureza tropical: o céu azul e o sol luxuriante, os maciços de pedra e as escarpas amarelas, os fetos arborescentes e as moitas perfumadas do jasmim-borboleta, as palmeiras esbeltas e as bananeiras de largas folhas acetinadas, as mangueiras olorosas e as jaqueiras ricas de resina, as imbaúbas prateadas e os paus d'arco floridos – zimbórios dourados. No seio imenso da Natureza, a doçura etérea da luz caia em jorros, na eclosão da alegria criadora. A vida tornava-se um cântico nupcial, vinho embriagador, néctar inebriante. A alma do poeta cantava uma ode lírica e um ditirambo dionisíaco. Lá no alto da cascata, surgiu a visão sublime de Laura – a linda Iara de longos cabelos soltos...[464]

Recordações como essas mencionadas no fragmento acima foram frequentemente

[464] BRANDÃO, Octavio. *Vida duríssima* (Autobiografia inédita), op. cit., p. 36.

evocadas pelo autor em suas autobiografias sempre que se sentia injustiçado. Entretanto, as coisas iriam piorar ainda mais para Brandão nos últimos meses de 1956, após a crise no movimento comunista internacional, em razão das repercussões do XX Congresso do PCUS, realizado em Moscou no dia 14 e 16 de fevereiro de 1956.

Na ocasião, Nikita Khrushchov apresentou o relatório secreto, denunciando os crimes cometidos pelo ex-dirigente soviético Josef Stálin, causando enorme perplexidade nos PCs do mundo todo.[465] De acordo com o depoimento de Jacob Gorender em uma entrevista concedida ao historiador Éder da Silva Silveira no ano de 2011, esse episódio surpreendeu toda militância pecebista, conforme se observa no relato a seguir:

> Isso foi um choque muito grande. Porque Stálin, em vida, para os comunistas, era um super-homem, um sábio, um justiceiro. E depois ele morre, e pouco depois o Kruschev escancara. Ele era um homem arbitrário, cometeu atrocidades contra companheiros, exílios, até torturas. Então, ele passou a ser visto de outro prisma.[466]

No referido Congresso, uma delegação formada por delegados pecebistas liderada por Diógenes Arruda foi enviada a Moscou a fim participar dos debates e, igualmente, inteirar-se quanto às novas resoluções políticas. Segundo informou Anita Prestes (2015), a partir de depoimento que lhe fora concedido por Luiz Carlos Prestes, já em Moscou, Arruda tinha sido informando com antecedência o que se passaria no Congresso. Desde esse momento, havia inesperadamente mudado de posição, "de defensor subserviente, da União Soviética e do PUCS passou ao antissovietismo explícito".[467] Ainda, de acordo com Prestes, ao invés de retornar imediatamente para informar as notícias, decidiu viajar por cinco meses pela Europa e à China e "só voltou ao Brasil em julho de 1956".[468] Quando, enfim, retornou, houve uma reunião emergencial com a Comissão Executiva do Partido no intuito de esclarecer a situação. Em consonância com Anita Prestes:

> [...] após ouvir o informe de Arruda sobre o XX Congresso do PUCS e diante da revelação de seu declarado antissovietismo, Prestes lhe avisou: "Eu espero que você não diga essas coisas aí

---

[465] Outro episódio trágico nesse mesmo ano para os comunistas foi a controversa invasão das tropas soviéticas na Hungria, repercutindo na imprensa internacional e aumentando ainda mais os questionamentos em relação à política soviética. Como não poderia ser diferente, o impacto desses últimos acontecimentos abalou as estruturas do PCB, iniciando uma crise política profunda.
[466] GORENDER, Jacob. Entrevista, citado In: SILVEIRA, Éder da Silva. Dissidência comunista: da cisão do PCB à formação do PCBR na década de 1960. Anos 90, *Porto Alegre*, v. 20, p. 291-322, 2013, p. 292.
[467] PRESTES, Luiz Carlos *apud* PRESTES, Anita Leocádia. *Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro,* op. cit., p. 309.
[468] *id. ibid.* p. 309.

> fora". Mas ele já havia falado para muita gente. Imediatamente após essa conversa, Prestes se dirigiu a Giocondo Dias, responsável por seu "aparelho": "temos que mudar tudo", porque Arruda conhecia toda a engrenagem partidária e "se tornara um traidor" – uma vez que posições antissoviéticas eram inaceitáveis para Prestes e para a maioria dos comunistas brasileiros. [...] Um grande número de intelectuais foi convidado para participar da reunião por Arruda, que apresentou um informe semelhante ao que fizera na presença de Prestes, na expectativa de que este acabasse sendo o alvo principal das críticas dos presentes. Aconteceu o contrário, as críticas dos presentes foram dirigidas principalmente à Arruda. [...] A partir de outubro daquele ano, um número considerável de intelectuais do partido passou por cima da direção e começou a discutir o *Relatório* nos jornais *Imprensa Popular*, diário do PCB, e *Voz Operária*, órgão central do partido.[469]

No mês de outubro daquele ano, na ausência de Prestes, foi realizado o Pleno em que ficou decidido que o Partido abriria para debate nas páginas dos jornais *Imprensa Popular* e *Voz Operária*. Nesse ambiente de tensões se destacaram duas leituras distintas acerca da proposta do Comitê Central de abrir para discussão. De um lado, estavam os "aberturistas", grupo que enfatizava a necessidade de abertura total para discussão dos temas, em que cada indivíduo poderia expressar abertamente o que desejasse. Do outro lado, posicionaram-se os "fechadistas", segmento que desencorajava o debate.[470]

Conforme informava o Projeto de resolução do Comitê Central, todos os trabalhos seriam analisados com "atenção e solicitude" pelo Comitê Central e "todos os problemas, sugestões e críticas que forem levantados através deste amplo debate" servirá como forma de "elaborar os documentos para a convocação do V Congresso do Partido", no intuito de encontrar "soluções justas para os problemas". Assim concluía o sétimo e último tópico do referido documento:

> O Comitê Central abre o debate sobre os problemas levantados neste projeto de Resolução plenamente confiante nas forças de nosso Partido. Esta discussão conduzirá ao fortalecimento do Partido e de sua unidade, contribuirá para o desenvolvimento do espírito de camaradagem entre os comunistas e será benéfica aos interesses de nosso Partido e de nosso povo. Serão publicados os trabalhos dos membros do Partido, inclusive daqueles que tenham divergências a apresentar. Que todos falem, discutam e sugiram, fazendo pleno uso da liberdade de opinião e do direito de crítica e autocrítica. que se estabeleça viva e fecunda luta de

---

[469] PRESTES, Anita Leocádia. *Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro,* op. cit., p. 309-310.

[470] Em relação ao entendimento do secretário-geral do PCB, Luiz Carlos Prestes, desde o início, era contrário à abertura para discussão, pois entedia ser "inadmissível" o ataque à "União Soviética", aos princípios do "marxismo-leninismo e à "unidade do partido". *id. ibid.* p. 311.

> opinião à base de princípios, em busca de soluções justas para os problemas. Que a livre discussão dessas questões no Partido estimule a iniciativa criadora e o senso de responsabilidade dos comunistas, assegure a luta contra tudo que seja prejudicial aos interesses partidários e se desenvolva em ligação com a aplicação entusiástica de nossas tarefas. A democratização da vida do Partido elevará a um nível superior a atividade em nossas fileiras. [...] Estamos convictos de que esta discussão reforçará o prestígio do Partido entre as massas e nossos aliados e tornará mais sólida a unidade orgânica, política e ideológica de nossas fileiras em torno do Comitê Central.[471]

Aproveitando-se da abertura, nos dias 26 e 27 de outubro, Brandão publicou o artigo "Política de Quadros", em duas partes, nas páginas do jornal *Imprensa Popular*, do Rio de Janeiro, onde retomou as suas críticas referentes à nova linha política defendida pelo PCB.[472] Na ocasião, acusou a direção pecebista de desvios interpretativos da filosofia do marxismo-leninismo e criticou o "culto à personalidade" de seus líderes, em particular, de Luiz Carlos Prestes, e o "desprezo pela personalidade humana". Na ocasião, afirmou que esperou pacientemente um longo período para poder expressar abertamente suas posições, porém clamou para que o Comitê Central encarasse as críticas sem novas repreensões, como se observa no desabafo a seguir:

> Esperei dez anos – tenaz, pacientemente, sempre lutando, como um caboclo do Nordeste. A discussão está aberta. Hoje, tenho o direito incontestável de travar o debate público, denunciar as violações clamorosas dos princípios mais elementares da verdadeira política de quadros e protestar, mais uma vez, com veemência e indignação. Faço um Apelo ao Comitê Central, a todos os membros do P.C. e à classe operária, para que me assegurem plenamente esse direito e não permitam absolutamente novas violações.[473]

Brandão procurou primeiramente se defender das injustiças que julgava ter sofrido ao longo de sua conflitosa militância pelo PCB, deixando claro que seus questionamentos

---

[471] "Projeto de resolução do Comitê Central". In: *Voz Operária*, Rio de Janeiro, Ed. 00388, 20.10.2056, p. 7.

[472] O Jornal *Imprensa Popular* surgiu em junho de 1948, na cidade do Rio de Janeiro, como uma instituição ligada secretamente ao PCB, substituindo outro jornal, a *Tribuna Popular*, que funcionou entre os anos de 1945 a 1947. Sob a direção do jornalista Pedro Motta Lima, sua forma de atuar era mais abrangente que o jornal anterior. Sempre com manchetes "alarmantes" a fim de chamar a atenção da classe operária, tratavam de temas conexos às questões sociopolíticas, em particular, a ameaça do imperialismo norte-americano, o combate ao fascismo internacional e as relações entre o governo brasileiro e os *Yanquees*. Por outro lado, havia uma identificação com o pensamento stalinista e maoísta, além de seu viés nacionalista e pacífico. Enfim, sua circulação foi relativamente duradora para um jornal com esse perfil provocador; durou 10 anos.

[473] BRANDÃO, Octavio. "A Política de Quadros". In: *Imprensa Popular.* Rio de Janeiro. Ed. 1949. 26.10.1956, p. 3.

seriam todos de ordem político-ideológico, e não ressentimentos pessoais. Na sequência, criticou firmemente aquilo que definiu como desastrosos desvios ideológicos cometidos pela direção do partido, que ditava as regras de forma monocrática sem levar em conta a filosofia do marxismo-leninismo, impedindo-o de prestar seus serviços à causa. A esse respeito, argumentou:

> Sou um dos raríssimos intelectuais que aderiram ao P.C. no ambiente brasileiro dos quatro anos de estados de sítio sucessivos e no ambiente internacional da estabilização relativa do capitalismo, de seu reforçamento, embora temporário. Em razão de tudo isso, multiplicaram-se, no Brasil, os obstáculos e as dificuldades. Sou um dos raríssimos militantes que se mantiveram na luta, sem interrupção, durante todos os anos de existência do P.C. Tenho 34 anos de P.C., sendo, porém, mais de 15 anos de ostracismo político: de 1930 a 1935, de 1946 a 1950 e de 1950 a 1956. Mas de 15 anos perdidos em grande parte! O problema que aqui levanto não é absolutamente de caráter pessoal. Sua essência é política, social e ideológica. É o problema da política de quadros – questão decisiva, determinante. Vou traçar a pálida miniatura das imensas desgraças de todo o P.C.[474]

Repassando episódios anteriores, voltou a condenar as duras repreensões sofridas no Congresso de Buenos Aires, em 1930 e, igualmente, os anos de penúria durante o período do exílio (no auge dos expurgos stalinistas), os riscos que sua família corria por haver se indisposto com os dirigentes da IC após o seu posicionado contrário à tese da revolução soviética imediata. Profundamente ressentido, registrou que durante todos esses anos que passou no exílio, o PCB não realizou o menor esforço para ajudá-lo a retornar ao Brasil, apesar de sua insistência através de seus inúmeros telegramas enviados. Quando, enfim, foi permitido o seu regresso, encontrou um ambiente hostil por parte dos dirigentes. Por conseguinte, destacou que, quando ainda ocupava o cargo de vereador, tinha feito planos para percorrer o país, pois, pretendia utilizar toda experiência que adquiriu durante os anos do exílio para promover uma campanha de esclarecimento sobre a URSS, porém foi proibido pela direção do PCB, como se observa no desabafo a seguir:

> De volta ao Brasil, fui relegado ao meio-ostracismo político durante 31/2 anos, de novembro de 1946 a maio de 1950, sem nenhuma razão de princípios nem de tática que o justificasse. Fui golpeado por uma falsa e injusta política de quadros, conforme o Projeto de Resolução do Comitê Central hoje a denuncia e condena. [...] Pensava que a direção do P.C. me enviaria a percorrer o Brasil, fazendo conferências e sabatinas sobre os

[474] BRANDÃO, Octavio. "A Política de Quadros". *Imprensa Popular*, op. cit., p. 3.

> acontecimentos grandiosos que vivi na Europa durante mais de quinze anos. Não consegui sair do Distrito Federal. Nem sequer permitiram que visitasse Alagoas. Há 37 ano, não vejo a terra natal.[475]

Na segunda parte do artigo, relatou as dificuldades encontradas para obter algum suporte do Partido para abrigar-se e continuar seus estudos. Citamos, a seguir, a revolta do autor:

> Em várias ocasiões, fui obrigado a partir às pressas, mas sem ter para onde ir. [...] com fome e frio, não tinha sequer onde dormir. Solicitei o auxílio da direção do P.C. para encontrar um local onde pudesse refugiar-me e trabalhar. Esperei a resposta durante semanas. Em vão! Num ambiente de perseguições, fiquei muitas vezes ora sem almoço ora sem jantar. Não tinha dinheiro. [...] solicitei o auxílio da direção do P.C. Esperei várias semanas. Não obtive resposta. Rolei novamente, abaixo e acima.[476]

Outra vez, encontrou na escrita uma forma de resistir, contudo, os seus livros e artigos foram ignorados pela cúpula pecebista, apesar de seu esforço para divulgá-los. Nesse período, publicou o livro *Os intelectuais progressistas* (1956), e enviou os folhetos *Abecedário dos Trabalhadores*, *Os acontecimentos de 1930* e a *linha política do P.C. de 1930-1934* aos dirigentes do Partido. Havia também sugerido realizar uma série de esclarecimentos à população sobre as características do imperialismo norte-americano a partir da publicação de panfletos, pequenos artigos diários e, igualmente, estudos profundos explicando detalhadamente acerca da penetração do imperialismo no Brasil, porém, para sua indignação, foi surpreendido com a publicação de dois artigos escritos por camaradas do Partido que, segundo informou, o tratou com ironia e menosprezo.[477] Na ocasião, protestou enviando uma carta à direção do PCB rebatendo as críticas.

Pela importância que esses debates tiveram para a compreensão da marginalização política de Brandão, reproduzimos, nas páginas seguintes, as polêmicas em torno de seu artigo "A política de quadros" na *Imprensa Popular* em 1956, jornal que havia se transformado em um importante espaço de debate e reflexões dos pecebistas.

O artigo que inaugurou as polêmicas foi escrito por Egydio Squeff, em sua coluna "Ponto Pacífico". Squeff iniciou o seu artigo informando aos seus interlocutores que, após

---

[475] *id. ibid.* p. 3.
[476] BRANDÃO, Octavio. "A Política de Quadros". *Imprensa Popular.* Rio de Janeiro. Ed. 1950. 27. 10. 1956. p. 3.
[477] *id. ibid.* p. 3.

ter realizado a leitura dos textos de Brandão, ficou com "a alma em pedaços". Em seguida, debochou da capacidade de sacrifício do intelectual por haver informado que "chegou a comer pão sem manteiga e fazer apenas duas refeições por dia de feijão e arroz", além das cinco gripes que afirmava ter contraído, deixando-o enfraquecido durante oito meses. Em tom de repúdio, o censurou por ter revelado à polícia os lugares por onde passou na clandestinidade, conforme se observa abaixo:

> INFORMA o articulista que nessa época enfraqueceu muito, e que durante oito meses aguentou cinco gripes. A imensa curiosidade pública em torno das gripes e resfriados do Octávio Brandão ficaria mais satisfeita se ele revelasse o nome das pastilhas e injeções que tomou para debelá-los. Entretanto, uma virtude ninguém há de negar às revelações feitas em seu artigo. Com efeito, contra Octávio Brandão, às vezes com minúcias, mas sempre esclarecedor, os lugares em que tem estado na clandestinidade, subúrbio tal, barraco tal, chegando até a detalhes na aparência puramente literária, [...] O major Luna Pedrosa deve estar agradecido.[478]

Endurecendo ainda mais o tom de suas críticas, definiu o artigo como "enfadonho" e "egocêntrico". Além disso, aproveitou para menosprezar a qualidade literária dos seus livros, afirmando que estavam "tudo encalhado, [...] dormindo nas prateleiras". Enfim, classificou os relatos de Brandão como desastrosos e encerrou suas insinuações dizendo que Brandão prestava um "desserviço ao PCB".[479]Logo em seguida à publicação do artigo de Squeff, Brandão publicou, no dia 04 de novembro de 1956, sua reposta sob o título "Insídia Chalaça", em que procurou rebater as "calúnias" e reafirmou sua posição crítica à "velha política de quadros – '*falsa e injusta*'", com seus métodos já conhecidos, conforme se observa nas declarações a seguir:

> No artigo A POLÍTICA DE QUADROS procurei provar com fatos essa tese do Comitê Central. Tal a essência da questão. Em contraste com isto, o sr. Egydio Squeff publicou uma nota cheia de ataques pessoais e nada alega de concreto. Portanto, os fatos continuam de pé! E isto é fundamental. No artigo solicitei *ao Comité Central e ao P.C.* uma nova política de quadros – educação e orientação, calor e simpatia, apoio e estímulo, justiça e compreensão para todos os militantes. Em contraste com isto, o sr. Squeff, nada poderia alegar contra os fatos, lança duas insídias. Insinua *"policialismo"* contra um militante que, há mais de seis anos, vive ameaçado de prisão preventiva. Insinua

[478] SQUEFF, Egydio. "Ponto pacífico". *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro. Ed. 1951. 28.10.1956, p. 3.
[479] *id. ibid.* p. 3.

> também que o ambiciono o poder pessoal. São duas calúnias" E recuso enveredar por esses "métodos" da velha política de quadros – "*falsa e injusta"* conforme o acentua o Projeto de Resolução do Comitê Central. Além dessas duas insídias, a nota do sr. Squeff está saturada de personalismo, chalaça e menosprezo. Acha "ridículo" um velho militante reclamar porque ficou mais de seis anos completamente abandonado. Descobre "egocentrismo" num homem que dedicou 34 anos de vida ao P.C. Acha um "desserviço" comprovar os fatos, as teses do Projeto de Resolução do Comitê Central. Tudo isso demonstra que os "métodos" da velha política de quadros – *falsa e injusta" criaram raízes profundas. As deduções e conclusões são mais que cadentes.*[480]

As repercussões calorosas nas páginas da *Imprensa Popular* instigaram outras pessoas a tomarem partido nesse debate polêmico entre Brandão e Squeff. Como contraponto às críticas recebidas por Brandão, encontramos um artigo intitulado "Em torno do artigo de Octavio Brandão", publicado no dia 30 de outubro de 1956. Enviado por um operário e líder sindical de nome João Caminha Borges, demonstrou solidariedade ao camarada Brandão, acusando a direção do PCB de tramar uma campanha sorrateira contra os seus membros históricos, que entregaram no passado toda sua juventude ao Partido, contudo, na velhice, são tratados com desprezo. Reproduzimos, a seguir, a referida carta:

> Sr. Redator da IMPRENSA POPULAR. Como trabalhador e dirigente sindical e também homem da vanguarda do proletariado, sou leitor diário da IMPRENSA POPULAR. Tenho acompanhado o apaixonado debate que se está travando em torno do combate ao "culto da personalidade" iniciado pelo camarada João Batista. Mas esta carta não visa entrar no mérito da questão levantada e sim protestar contra a forma do camarada Egídio Squeff se expressar em seu "ponto Pacífico", na IMPRENSA POPULAR do dia 28-10-56, com relação ao camarada Brandão quando ele se referiu ao "arroz com feijão e feijão com arroz" e às "5 gripes" e chega a dizer que Brandão prestou um grande serviço a polícia dizendo os lugares por onde passou. Li o artigo do camarada Brandão, que classifico de um grito de alerta para a classe operária contra o crime que se está praticando contra esse velho homem da vanguarda. Nós, trabalhadores, não iremos responder a Brandão com o pouco caso e o riso zombeteiro próprio de um "pequeno burguês" que tem um cantinho diário na IMPRENSA POPULAR e que talvez viva confortavelmente, apoiado por quem pratica este monstruoso crime contra o camarada Octavio Brandão. "Nós, trabalhadores vamos responder a Brandão exigindo da direção do Partido que

[480] BRANDÃO, Octavio. "Insídia e Chalaça". *Imprensa Popular.* Rio de Janeiro. Ed. 1956, 04.11.1956, p. 3.

> esclareça a todos nós, porque este camarada, que é um dos fundadores de nosso Partido e que tem 60 anos, 42 dos quais em defesa da ideologia da classe operária, está relegado e sem nenhuma assistência". Fazemos esta pergunta porque somo, jovens, damos os melhores anos de nossa existência em defesa do nosso ideal e acreditamos em nosso Partido, não queremos chegar à velhice como e na situação em que está Brandão que deu toda a sua juventude ao Partido e a classe operária. E porque hoje está abandonado? Esta a pergunta que deve ser respondida por quem de direito. Quanto ao riso do Egydio a classe operária responderá em futuro próximo.[481]

Carlos Nascimento em seu artigo "A implacável Batalha contra os erros não abole a fraternidade", publicado no dia 04 de novembro de 1956, seguiu a mesma interpretação a que chegou o artigo anterior. Atento para as implicações do XX Congresso do PUCS, reconheceu a necessidade de mudanças do lado de cá do Atlântico como forma de superar "métodos e sistemas condenados". Em sua exposição, condenou a atitude debochada, bem como a falta de fraternidade de Squeff ao se referir ao camarada Brandão em seu artigo. Assim, registrou:

> Começo por dar minha contribuição crítica dirigida a nossa IMPRENSA POPULAR e ao companheiro Egydio Squeff. [...] Não é possível desfazer-se tudo aquilo que disse Brandão com simples ironia. Reconhecemos a deficiência e debilidades da forma daqueles artigos. E estas pode Esquef destruir com sua fluente ironia. Mas o conteúdo, aquilo que foi dito e que calou fundo em todos nós, aquilo não se apaga com ironias. Squeff tratou o companheiro de "Sr. Brandão". Por que negar a ele o tratamento fraternal de companheiro? Squeff não desmentiu nada, não aprofundou, não analisou, não argumentou. Simplesmente ironizou. E isto não serve a discussão.[482]

A dona de casa e militante, Lurdes do Nascimento, em "Cobrando uma velha dívida (Carta a Egydio Squeff)" artigo publicado no dia 06 de novembro, também criticou as insinuações e ironias realizadas por Squeff e, igualmente, a marginalização política imposta pelo sectarismo da direção do PCB em relação ao velho combatente.[483] Iniciou o seu texto indagando Squeff se Brandão realmente merecia "tais notinhas semi-irônicas", pois havia lido o seu artigo e não lhe pareceu que pretendia se passar por "mártir" ao se

---

[481] BORGES, João Caminha. "Em torno do artigo de Octavio Brandão". *Imprensa Popular.* Rio de Janeiro. Ed. 1952. 30.10.1956, p. 3.
[482] NASCIMENTO, Carlos. "A implacável a batalha contra os erros não abole a fraternidade". In: *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro. Ed. 1956, 04.11.1956, p. 9.
[483] NASCIMENTO, Lurdes. "Cobrando uma velha dívida (Carta a Egydio Squeff)". *Imprensa Popular*. Ed. 01957, 06.11.1956, p. 5.

referir à má alimentação, às suas indisposições, mas sim apontar "a falta de solidariedade humana" por parte do PCB com sua condição. Embora tenha frisado que desconhecia os valores políticos e literários presentes nas obras de Brandão, acentuou o enorme esforço do intelectual para continuar contribuindo com a causa, apesar da sua marginalização política. Aproveitou a ocasião para cobrar uma "velha dívida" feita por Squeff, que havia viajado até a China e, no seu retorno, prometeu escrever um livro de impressões sobre a viagem, porém, até aquele momento nada tinha feito. A esse respeito, acrescentou:

> Nas suas odisseias, escondendo-se, dormindo em barracões, subnutrido, velho e doente, ele procurou trabalhar de algum modo (já que o Partido lhe fechara as portas) e escrever. [...] aproveito a ocasião para lhe cobrar uma velha dívida. O livro de Impressões sobre a viagem à China, prometido após sua volta. Apreciadora de sua verve (tão deslocada no domingo) aguardo-o com grande interesse. Sei que um homem da IMPRENSA POPULAR também tem uma vida de sacrifício. Mas não serão suas condições de trabalho melhores do que as de Octávio Brandão? A fazer piadinhas sobre um companheiro, vítima de injustificável erro do Partido, fale-nos do que viu nessa maravilhosa China, essa China que derrota nossos inimigos.[484]

Lurdes recordou ao colunista outros casos semelhantes de injustiça que afirmou haver presenciado no PCB, companheiros que, pelo simples fato de discordarem dos métodos de trabalho, segundo relatou, "tiveram suas bocas tapadas com palavras lançadas aereamente, tais como 'pequeno-burguês', 'indisciplinado, quando não 'policial'".[485] Em linhas gerais, o camarada que persistia em defender seus pontos de vista, encontrava um "ambiente tão hostil", a que dificilmente resistia e acabava se afastando. Finalmente, criticou os altos postos do PCB por não terem prestado "assistência moral e financeira" quando foram procurados por Brandão, que estava impedido de conseguir um emprego em razão de sua condição. Afirmando falar em nome de um grupo maior de companheiros e, convidando todos os membros do PCB a encarar a realidade com seriedade e a realizar uma sincera autocrítica, argumentou:

> Nós, comunistas, somos todos responsáveis pelo que hoje acontece e pela que aconteceu ao Partido. Nós sempre aceitamos, sem mais exames, "o que vinha de cima", nós que muitas vezes preferimos calar a entrar em choque, que enviamos presentes a Stálin, entoamos-lhe lóas, defendemos todos os processos e execuções da União Soviética, não temos os direito de encarar a

[484] *id. ibid.* p. 5.
[485] *id. ibid.* p. 5.

> denúncia de Brandão como um desserviço ao P.C.B. Desserviço prestamos todos nós, que muitas vezes abdicamos do direito de pensar, que deformamos a realidade a nosso favor, que aceitamos como justo isto que hoje verificamos ter sido uma mancha na história da revolução mundial: o culto à personalidade. Vamos nos autocriticar por um companheiro como Brandão ter ficado tão abandonado pelo seu Partido a ponto de chegar a este egocentrismo e autossuficiência. Tratamo-lo com o mesmo respeito que nos merece o estivador que levanta a hipótese de ser Krushiov um traidor ou aquele trabalhador que envia Cr$ 20,00 em nome de Stálin para o jornal.[486]

Já a carta aberta assinada por José da Silva, datada do dia 07 de novembro, por sua vez, foi bastante austero quanto as críticas a Brandão, partilhou da mesma opinião de Squeff, concordando que Brandão seria mesmo "egocêntrico", "vaidoso" e "arrogante", não obstante, o mais impressionante em suas críticas, a nosso ver, foi haver condenado Brandão pelo fato de ter partido para o exílio, enquanto seus camaradas eram mortos pela repressão. Apresentando-se como um leitor assíduo da coluna e, agradecendo o espaço no jornal para que os leitores pudessem manifestar suas opiniões, defendeu:

> Li a sua crônica sobre Octávio Brandão. Tenho muitas e sérias restrições à conduta e ao que escreve este escritor brasileiro. Ele combate o culto da personalidade mas, por outro lado, é vaidoso, quer ser "adorado", considera-se o maior lutador brasileiro pelas liberdades e pela emancipação econômica do país. [...] quer ser líder, quer ser respeitado, quando devia saber que confiança não se impõe. Ele devia lembrar-se que – enquanto estava no estrangeiro – milhares de homens e mulheres patriotas lutaram, sofreram e morreram aqui no brasil pela liberdade e por uma vida melhor. Ele sabe e, por desonestidade (ou porque vive no mundo da lua) não diz que deseja a veneração de lutadores – com responsabilidade – trabalhadores esses anos todos foram perseguidos também, presos e torturados alguns, outros, doentes, com mulher e filhos à porta da tuberculose, raquitismo, etc. Todas essas pessoas podem ter errado – e errar é humano – mas trabalharam, lutaram, conscientes de que estavam fazendo o melhor pela felicidade do povo brasileiro. Hoje, o problema **não é só discutir os erros,** lamentar-se pelos jornais e chorar o passado. Não![487]

Um terceiro artigo crítico a Brandão foi publicado em 13 de novembro, intitulado "Caminho Certo", escrito por J. Martins. Nele, o autor procurou se apresentar como um "humilde simpatizante" do PCB que estava seguindo atentamente o projeto de resolução

---

[486] *id. ibid.* p. 5.
[487] SILVA, José da. "Carta aberta a Egydio Squeff". *Imprensa Popular.* Rio de Janeiro. Ed.1958, 07.11.1956, p. 5.

da Comitê Central do PCB em torno dos "ensinamentos" do XX Congresso do PCUS. Aproveitou para parabenizar a cúpula do Partido por ter proposto o debate público por meio da *IP* e, igualmente, por reconhecer os seus erros.

> No meu modo de entender, o caminho a ser encontrado para melhorar as condições do Partido, foi a direção ter aberto os debates através da Imprensa Popular, como, a todos aqueles que quiseram manifestar suas opiniões. Mas deveria antes, e ainda está em tempo, CONVOCAR uma ou várias reuniões dentro de suas bases, com todos os militantes que se afastaram ou foram afastados por divergências, desde que se tenham mantido fiéis ao Partido. Assim é o caso de muitos e, particularmente, de Octávio Brandão, que acaba de publicar um artigo de quase uma página, querendo passar por vítima ou mártir, para apenas dizer que a política adotada pelo Partido era falsa e que precisa ser modificada. Creio que Octávio Brandão, no momento em que escreveu o seu artigo, estava com a mente transbordando de ódio e, por isso perdeu a necessária serenidade. Em 1945, Prestes, entrevistado pela Tribuna Popular, sobre o que era preciso para ser comunista, respondia: honestidade, têmpera revolucionária e sangue frio. Creio na honestidade e na lealdade de Octávio Brandão ao Partido, creio, também na sua têmpera revolucionária, conforme o seu livro, "O Caminho", pois tomou parte, ao lado da Sra. Laura e dos soldados soviéticos, na defesa heróica de Moscou. Não deixa de ser um grande teste, mas creio, também, que este teste afetou o seu sangue frio, fazendo-o perder a serenidade. No momento em que a direção do Partido vem a público reconhecer os seus erros e abre os debates, através da Imprensa e todos os militantes, deles esperando uma colaboração sincera, é justo que façam suas críticas, mas, é necessário que acabem com as divergências, com os ressentimentos e com os complexos. Neste momento de dúvidas e ansiedades que o Brasil trava, o partido, não pode, não dever parar, nem tão pouco, perder tempo com erros passados, Deve, isto sim, procurar corrigi-los. E a ti, Octávio Brandão, e a todos que te apoiam, peço que meditem um pouco e façam como fez o C.C.: venham, através da imprensa, reconhecer, também, os vossos erros, para, junto aos CAMARADAS de VERDADES, encontrardes O CAMINHO, mas o CAMINHO CERTO.[488]

Muitos outros debates envolvendo temas polêmicos se seguiram nas páginas da *Imprensa Popular* e, para colocar um ponto final nas divergências que ameaçavam a unidade do Partido[489], o secretário-geral logo tratou de intervir tornando público uma

---

[488] MARTINS, J. "Caminho Certo". In: *Imprensa Popular.* Rio de Janeiro. Ed. 1967, 13.11.1956, p. 5.

[489] Esses momentos que ocorrem o trabalho de "rearrumação da memória" costumam ser excessivamente custosos em termos políticos para a instituição partidária, pois é quando se estabelecem as maiores crises, resultando em cisões. Em concordância com Pollak: "[...] cada vez que ocorre uma reorganização interna, a cada reorientação ideológica importante, reescrevera-se a história do partido e a história geral". POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: *Estudo Históricos*, op. cit., p.7. Esse aspecto pode ser observado nas memórias do PCB, a preocupação dos seus dirigentes em estabelecer uma memória oficial a partir do

carta-resolução, intitulada: "Importante Carta de Luiz Carlos Prestes ao C.C. do PCB sobre o debate Político" (posteriormente denominada por seus críticos de "carta-rolha"), publicada no jornal *Voz Operária*, no dia 26 de novembro, em sua edição 393.

Apresentando-se como "entusiasta" dos debates iniciados no interior do Partido e, reconhecendo serem justas as rebeliões contra a direção[490], por outro lado, combateu firmemente o uso indiscriminado das críticas por parte de alguns de seus membros, solicitando-os respeito aos princípios fundamentais do Partido, a saber: a "defesa irrestrita do marxismo-leninismo", do "internacionalismo proletário" e da "unidade do PCB", conforme se observa a seguir:

> [...] sinto-me, no entanto, no dever de manifestar a minha estranheza e indignação diante de certas manifestações que vão surgindo no debate pela imprensa. É inadmissível que, a pretexto de livre discussão, jornais feitos com o dinheiro do povo e que sempre – a custa dos maiores sacrifícios – defendam os interesses do povo, da classe operária e do seu Partido de vanguarda, agora sejam utilizados para veicular ataques à União Soviética, para tentar apresentar como equiparáveis os erros cometidos na luta difícil e duríssima pela construção do socialismo como os crimes da burguesa em defesa de seus interesses e privilégios. [...] Evidentemente estamos diante de um equívoco lamentável e perigoso. Não discutimos por discutir apenas, por simples tagarelice, mas com o fim consciente de fortalecer nosso Partido, de melhorar nosso trabalho, de nossas estreitas relações com as massas, de melhor e mais eficientemente dirigir as lutas de nosso povo. [...] Estou convencido de que para elevar a um nível superar a atividade em nossas fileiras é agora necessário ampliar a democracia na vida do Partido, melhorar a direção coletiva, fortalecer sistematicamente toda e qualquer violação aos princípios leninistas sobre o Partido, usar em maior grau a crítica e autocrítica e estimular, mais e mais, a crítica vinda de baixo. Neste debate o debate deve ser assegurado a todos os membros do Partido o seu direito de opinar livremente sobre todas as questões, estabelecendo viva e fecunda luta de opiniões e criticando os dirigentes, principalmente aqueles que apoiam nos seus ombros o maior peso de responsabilidade e de experiencia. [...] Não podemos de forma alguma considerar quem quer que seja o direito de propagar no Partido as ideias dos inimigos de classe. E constituiria um crime que, a pretexto de livre discussão, a imprensa feita para servir ao povo, para educa-lo politicamente, passasse a constituir instrumento de confusão e de deseducação do povo. O Comitê Central não pode renunciar à sua condição de centro apenas sem solapar com isto os próprios alicerces do Partido.[491]

---

reforço da identidade da organização.

[490] PRESTES, Anita Leocádia. *Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro,* op. cit., p. 310.

[491] "Carta de Luiz Carlos Prestes ao Comitê Central". *Voz Operária*. Ed. 393. Rio de Janeiro, 26.11.1956, p. 3.

As implicações desse documento foram inesperadas para aqueles intelectuais e militantes que se expuseram abertamente nos debates. Alguns foram expulsos, outros perderam espaço político, inclusive, cargos na administração interna do Partido, causando uma enorme apreensão. Na medida em que os debates foram se intensificando, o grupo político liderado por Prestes passou a agir como forma de "restabelecer a ordem" e garantir a "unidade partidária". Em decorrência dessas ações, aquelas lideranças que se envolveram diretamente nos debates foram expulsas do partido, já aqueles indivíduos que permaneceram, porém recusaram-se a realizar a autocrítica, foram isolados politicamente. Conforme observou José Antonio Segatto:

> Em meio à crise, o grupo de dirigentes e militantes que haviam iniciado o debate e que propugnavam por uma renovação drástica, tendo à frente Agildo Barata, foi colocado fora do PCB. No outro extremo, um grupo conservador que se recusava a fazer a autocrítica e resistia às mudanças reivindicadas (João Amazonas, Maurício Grabóis, Pedro Pomar e outros) foi isolado. E, no centro, uma maioria pragmática que absorve concepções do primeiro, mesclando e conservando algumas antigas, implementou as mudanças renovadoras.[492]

Em consonância com o testemunho do jornalista e ex-militante Osvaldo Peralva (1962), desde então, os jornais *Imprensa Popular* e *Voz Operária* foram submetidos a uma rigorosa vigilância, passando a censurar possíveis divergências em relação as orientações políticas do núcleo dirigente.[493]

Pouco tempo depois da publicação da "Carta Rolha", em 20 de abril de 1957, o Comitê Central do PCB aprovou duas novas resoluções ainda mais duras a fim de reforçar o compromisso e disciplina dos militantes com a "Unidade Partidária".[494] O documento

---

[492] SEGATTO, José Antonio. "O PCB e a revolução nacional-democrática". In: MAZZEO, Antonio Carlos; LAGOA, Maria Isabel (orgs.). *Corações Vermelhos: os comunistas brasileiros no século XX,* op. cit., p. 126.

[493] PERALVA, Osvaldo. *O Retrato: impressionante depoimento sobre o comunismo no Brasil.* Rio de Janeiro: Editora Globo, 1962, p. 230.

[494] Essa rigidez dos partidos comunistas em relação aos seus projetos políticos é uma maneira de legitimar sua identidade institucional. Dessa forma, sempre que ocorre alguma divergência interna grave em torno desses projetos políticos, os sinais de alerta são acionados, pois a unidade partidária encontra-se em risco. Nesses casos, atuam os guardiões da ordem, figuras responsáveis pelo controle político que se articulam a partir de reorientações ideológicas como forma de restabelecer a coesão do grupo. A esse respeito, acrescentou Pandolfi: "[...] todos os partidos comunistas possuem um projeto bastante definido e consistente. Em função de um objetivo maior e de longo alcance, que é a construção de uma nova sociedade, projetos menores são elaborados. Servindo a uma concepção teleológica da história, como a todas as organizações comunistas, o presente existe em função do futuro, e é o futuro que dá forma ao passado". PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros: memória e história do PCB.* Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995, p.18.

que foi divulgado no jornal *Voz Operária* orientava que "[...] nenhum comunista pode, assim, atuar fora da organização partidária a que pertence ou colocar-se à sua margem para emitir opiniões pessoais e manifestar divergências".[495] Desse modo, as divergências passaram a ser encardas como um golpe contrário à unidade partidária. Para José Roberto Guedes de Oliveira (2005), Prestes utilizou sua influência política para colocar um ponto final nas discussões e restabelecer a disciplina partidária. A esse respeito, ponderou:

> [...] Prestes criou um centrismo capaz, em termos, de aniquilar qualquer sugestão dos membros ou das fileiras históricas do PCB. Não aceitava ideias e rechaçava, com veemência qualquer coisa que não lhe agradasse. Puro prestismo, ainda mais que havia ele recebido a 'Ordem de Lênin' – uma honraria especial do Comitê Central da URSS.[496]

Apesar das ações da direção do Partido para colocar um ponto final nas disputas internas entre os grupos *stalinistas* e *antistalinistas,* esse episódio ocasionará, em última instância, uma cisão interna responsável pela debandada de importantes lideranças.

A exemplo do que estamos discutindo, em fevereiro de 1962, formou-se o Partido Comunista do Brasil (PC do B) como uma dissidência do Partido Comunista Brasileiro (PCB) em razão das distintas divergências político-ideológicas que se agravaram, sobretudo, a partir da segunda metade da década de 1950.[497]

Segundo as análises de Valter Pomar, esse episódio polêmico é frequentemente interpretado pela historiografia como uma consequência imediata de três variáveis, a saber: "o conflito entre 'stalinistas' e antistalinistas' no interior do Partido Comunista; o conflito entre as linhas 'soviética' e 'chinesa'; e o conflito entre a 'via pacífica' e a 'luta armada'".[498] Não obstante, é preciso também considerar outra dimensão fundamental, que são as distintas interpretações da realidade nacional, uma singularidade do movimento comunista brasileiro que costuma ser negligenciado.[499] Ademais, conforme se observa na

---

[495] "Resolução Política e Nossas Tarefas Atuais: Resolução do Comitê Central do P.C.B". *Voz Operária*. Ed. 411. Rio de Janeiro, 20-04-1957, p. 5.
[496] OLIVEIRA, José Roberto Guedes de (org.). *Cartas de Octávio Brandão: memória*, op. cit., p. 61.
[497] Ao buscar sua legitimidade política, o PC do B apoiou-se na memória partidária como forma de se apresentar aos seus militantes como sendo os legítimos "herdeiros da teoria do marxismo-leninismo" e, igualmente, continuadores da tradição comunista brasileira, iniciada em 1922. Porém, pelo menos até o golpe civil-miliar de abril de 1964, o PCB conseguiu se manter como a principal organização política de esquerda no país. SALES, Jean Rodrigues. História do Partido Comunista do Brasil (PCdoB): um balanço bibliográfico. *Revista Tempo e Argumento*. Florianópolis, v. 9, n.º 21, p. 290-311. maio/ago. 2017, p. 297.
[498] POMAR, Valter Ventura da Rocha. *Comunistas do Brasil. Interpretações sobre a cisão*. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-graduação da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2000, p. 270.
[499] *id. ibid.* p. 273.

reflexão a seguir realizada por Pomar, nesse período o PCB havia adotado uma linha política favorável à chegada ao socialismo passando pelo desenvolvimento capitalista:

> [...] o 'comunismo' brasileiro tinha como um de seus objetivos fundamentais 'desenvolver o capitalismo'. O pressuposto – presente, mas não indispensável – diz respeito ao caráter feudal, semicolonial da sociedade brasileira: nesta linha interpretativa, o Brasil sofreria mais por falta de capitalismo do que por sua ação".

No caso específico de Brandão, as divergências com o núcleo central do PCB não pararam por aí. Em uma entrevista bastante polêmica enviada ao *O Jornal* do Rio de Janeiro, mas que não foi publicada por razões obvias, Brandão questionou a capacidade do secretário-geral do PCB para interpretar objetivamente a realidade nacional e de liderar as massas operárias. Discordou também daquilo que julgou um comportamento pequeno-burguês, pelo fato de o secretário-geral ter supostamente se afastado das frentes potencialmente revolucionárias do proletariado. Para ele:

> Sempre que Prestes e os revolucionários pequeno-burgueses em geral marcharem com as massas, com a frente única das massas, a frente única entre eles e nós estará realizada de fato. Sempre que os chefes pequeno-burgueses romperem com as massas, terão por isto mesmo rompido de fato conosco. Subordinamos a nossa atitude perante quaisquer grupos políticos, aos interesses das massas. A nossa frente única só poderá ser realizada pelas massas. Empurraremos os revolucionários pequeno-burgueses sempre para a frente. Ao mesmo tempo, criticaremos as suas ilusões e oscilações, e demonstraremos a sua incapacidade para dirigir as massas na luta. Explicaremos sem cessar às massas laboriosas que elas não poderão ser libertas pelos "heróis", pelos "cavaleiros da esperança". Só poderão ser libertas pelas próprias organizações revolucionárias, pela sua própria aliança revolucionária. Explicaremos às massas que a direção da pequena burguesia já lhes tem custado muito sangue e muito sofrimento. No final, as massas foram traídas. Tal direção acarretará sempre novas derrotas e novas traições.[500]

A leitura das memórias de Brandão permite-nos entender algumas importantes subjetividades do autor acerca desse episódio. Mesmo passado algumas décadas desde o ocorrido, ainda permanecia inconformado com as implicações de suas críticas. Em *A luta libertadora* (1970), narrou que, mesmo submetido a um ambiente de "preterições sociais, dores morais e injustiças intelectuais", procurou não se desesperar diante dos infortúnios,

---

[500] BRANDÃO, Octavio In: OLIVEIRA, José Roberto Guedes de (org.). *Cartas de Octávio Brandão: memória*, op. cit., p. 60-61.

manteve-se paciente e confiante quanto ao "dia e a hora da justiça e compreensão".[501] Esse traço peculiar em sua escrita é revelador do sentimento de "isolamento interior" que se agravou notadamente após as repercussões negativas das suas intervenções contrárias à direção pecebista, resultando no seu afastamento do poder decisório do Partido.

Em 1959, em tom de desabafo, escreveu uma carta sincera ao amigo Cid Franco, lamentando, a seu modo de ver, as posições equivocadas adotadas pela direção pecebista, reconhecendo, sobretudo, a falta de originalidade em relação à interpretação da realidade brasileira e, igualmente, as implicações nocivas da apropriação do pensamento stalinista. Além disso, conferiu ao proletariado brasileiro uma capacidade revolucionária limitada, incapaz de assumir o protagonismo na história que lhe foi atribuído. Conforme sugeriu, o PCB deveria se aproximar das demandas mais representativas da coletividade; defendeu também que o Brasil necessitava atravessar um longo período de nacionalismo, essencial para conquistar uma condição de autonomia econômica. Segue abaixo, na íntegra, a carta:

> Cid
>
> Existe uma nova realidade. Todos nós estamos superados, presos a experiências ultrapassadas. Nosso destino histórico, inclusive o do Pr., está ultrapassado. As concepções do P.C. já não correspondem à realidade. Fomos deformados pelo stalinismo. Devemos buscar as raízes da nossa própria autenticidade nacional, em proveito da coletividade, e não apenas do proletariado. Precisamos de dez ou quinze anos de nacionalismo. Depois, começará outro período histórico. Já teremos, então, conquistado nossa independência econômica. Fracassou, no Brasil a ideia de um partido proletário e da hegemonia do proletariado. O proletariado do Brasil não tem condições para isto.[502]

A nosso ver, o relato acima em tom de desabafo representa o ponto de vista sincero de um intelectual que se sentia cada vez mais desesperançado após anos de isolamento político. Expressa também sua indignação em relação à maneira como o Partido era conduzido, a partir de um forte centralismo político em torno de Prestes que, por sua vez, desencorajava qualquer possibilidade de debate em nome da unidade partidária.

É preciso registrar que toda organização revolucionária nos partidos comunistas se estrutura a partir dos princípios do marxismo-leninismo de "direção" e "base", pautada

---

[501] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2,* op. cit., p. 112.
[502] BRANDÃO, Octavio. "Carta ao amigo Cid repensando a participação do PCB como um partido proletário" 14.11.1959. *Fundo Octavio Brandão.* AEL/IFCH/Unicamp, pasta 9, 1p. [dat.].

no modelo do "centralismo democrático".[503] Desse modo, o poder deveria conservar-se centrando entre os membros esclarecidos intelectualmente da direção, aptos a superar a desorganização revolucionária. Por outro lado, a "direção" deveria respeitar a ampla liberdade de opinião interna, possibilitando a todos os membros da "base" direitos iguais para debater e, até mesmo, criticar suas ideias. Mas, uma vez tomada a decisão coletiva, todos deveriam apoiar firmemente a ação da "direção", a fim de que se possa atingir os objetivos da organização, evitando, assim, a divisão partidária, entendida como oposta à revolução. No caso particular de Brandão, apesar de ter acumulado inúmeras divergências políticas frente à direção pecebista, sempre respeitou esse modelo, além disso, mesmo nos momentos mais conturbados de sua militância, em nenhum momento cogitou a possibilidade de abandonar o PCB. E, em relação a essas divergências, nota-se, também, nesse caso, o conflito entre duas funções nem sempre correspondentes, refiro-me à noção de "dirigente" e "intelectual". Brandão, ao longo de sua militância política, assumiu a função de "intelectual", ou seja, estava comprometido com a produção do conhecimento e o embate político-ideológico.[504] Desse modo, sentia-se inclinado a criticar as posições que considerava desviantes da teoria do marxismo-leninismo e, igualmente, sentia-se ressentido quando suas ideias eram tratadas com desprezo e seus escritos recusados para publicação pela direção do PCB. Já a função de dirigente, por sua vez, diz respeito a um tipo de ação mais pragmática, pois deve lidar com outras questões de fundo operacionais, como a disciplina partidária, o compromisso com o projeto político e, principalmente, as articulações necessárias à continuidade da organização.

Entre os anos de 1961 até a sua morte, ocorrida em 1980, as divergências políticas entre Brandão e a alta cúpula pecebista redobraram, o que resultará no seu afastamento do poder decisório, assim como ocorreu com outras lideranças do PCB. Em consonância

---

[503] O método de ação revolucionário conhecido pelo nome de "centralismo democrático" foi pensado por Lênin para garantir a unidade partidária e, igualmente, possibilitar a realização de avaliações frequentes das bases em relação as decisões da direção. Em *A revolução traída*, León Trotsky (2005) explicou, de forma didática, o funcionamento desse método desenvolvido para o Partido Bolchevique: "O regime interno do partido bolchevique é caracterizado pelos métodos do centralismo democrático. A união dessas duas noções não implica qualquer contradição. O partido velava para que as suas fronteiras se mantivessem estritamente delimitadas, mas entendia que todos os que penetrassem no interior dessas fronteiras deviam usufruir realmente o direito de determinar a orientação da sua política. A livre crítica e a luta de ideias formavam o conteúdo intangível da democracia do partido. […] A clarividência da direção do partido conseguiu, muitas vezes, atenuar e abreviar as lutas de fração, mas não podia fazer mais. O Comitê Central apoiava-se sobre essa base efervescente e dela recebia a audácia para decidir e ordenar. A manifesta justeza das ideias da direção, em todas as etapas críticas, conferia-lhe uma elevada autoridade, precioso capital moral da centralização." TROTSKY, Leon. *A revolução traída.* São Paulo: Editora Sundermann, 2005, pp. 111-112.

[504] Em consonância com Helenice Rodrigues da Silva (1995), esse tipo de intelectual "se situa, então, entre dois pólos distintos e contraditórios: a produção do saber e a enunciação da verdade". RODRIGUES DA SILVA, Helenice. *Fragmentos da história intelectual: Entre questionamentos e perspectivas,* op. cit., p. 17.

com Guedes de Oliveira (2005): "relegado a um plano secundário que lhe deram, apenas para constar no quadro do PCB (algo como entregar carteirinhas a membros em reunião, colher assinaturas de presença, fiscalizar a portaria de entrada das reuniões, etc.)".[505] Ainda de acordo com o autor, do ponto de vista ideológico, a trajetória de Brandão não conhecia paralelo na história política e social do marxismo brasileiro:

> Perseguido pela reação, a chamada 'gestapo policial', muito bem classificada pelo poeta Jorge de Lima em suas *Memórias* e boicotado pela imprensa, não lhe faltaram no próprio seio do PCB também idêntica reação. Seria um paradoxo? Em suma, tanto nas orlas situacionistas, como no próprio Partido não lhe deram trégua. Inúmeras vezes chamado à prisão, por uma; e centenas de vezes chamado à outra, para a autocrítica. Um dilema atroz![506].

Enfim, na fase final de sua vida, cada vez mais isolado politicamente pelos próprios camaradas, o velho combatente comunista afrontará uma sensação perturbadora que caracterizamos como "exílio interior", conforme veremos no último tópico desta tese.

5.3 Do isolamento político ao exílio interior

Em consonância com Paul Ilie (1981), a condição exílica corresponde a um estado mental no qual ocorrem algumas rupturas no interior do indivíduo, em razão de um ambiente social hostil, independente de qualquer deslocamento espacial e temporal. Para o autor: "[...] uma vez que percebemos que o exílio é uma condição mental mais do que material, que desloca pessoas e seu modo de vida, então a natureza dessa separação [...] [é] mais profunda [...]. A questão que estou levantando é se as estruturas internas do exílio não seriam fundamentais, sendo a localização geográfica de importância secundária".[507]

Dessa forma, viver em exílio interior seria, antes de qualquer coisa, sentir-se isolado, fora do lugar, apartado de sua vida social por conta de suas posições conflitantes em relação a um pensamento hegemônico. A esse respeito, argumentou Ilie:

> [...] O exílio é um estado de espírito cujos valores e sentimentos respondem à separação e à ruptura como condições em si mesmas. Viver à parte significa aderir a valores que não correspondem aos valores dominantes; aquele que se apercebe

---

[505] OLIVEIRA, José Roberto Guedes de (org.). *Cartas de Octávio Brandão: memória*, op. cit., p. 61-62.
[506] *id. ibid.* p. 61-62.
[507] ILIE, Paul. *Literatura y exilio interior*, op. cit., p.2 – (tradução nossa).

> desta diferença moral e responde a ela emocionalmente vive no exílio. Assim, um cidadão pode sentir a falta de afeto da maioria, mesmo vivendo na maioria. O seu exílio assemelha-se, na sua morfologia interna, à dimensão psicomoral de um emigrado. Além disso, uma população residente no país pode viver tanto no exílio da parte expulsa como da parte expulsora.[508]

Com o tempo, as diferenças em relação ao grupo passam a ser reforçadas pelo próprio indivíduo, provocando um estranhamento frente à maioria, que não se identifica com suas novas ideias: nesse caso, pode-se dizer que ele se encontra exilado. Conforme indicaram Giovana Cordeiro Campos e Maria Clara Castellões de Oliveira (2008): "O exilado começa a expressar concretamente o seu novo ideário e a se reconhecer como estranho e exilado frente ao olhar da maioria, que não compartilha de seus novos valores".[509] Porém, cada um vive essa experiência de uma maneira muito particular: há aqueles que preferem o silêncio, outros que simplesmente se perdem e enlouquecem, e os que optam pela escrita como forma de expressar seus sentimentos internos, podendo revelar certas vivências de um indivíduo inserido em um grupo social moldado por conflitos e perdas.

Nesse caso, o sujeito experimenta diferentes sentimentos em suas memórias, como a sensação de perda provocada pelos conflitos sociais, se manifestando no texto a partir de uma narrativa dramática. De acordo com Lore Aresti: "*Desde el punto de vista psíquico, el exilio puede ser entendido como una vivencia profunda de pérdida y como quiebre compulsivo y casi total de la cotidianidad*."[510] Este é o caso de Brandão, que decidiu romper com o silêncio e registrar suas angústias e revoltas frente às injustiças que julgava haver sofrido.

Ao revisitar o passado de lutas, refletiu sobre suas posições, bem como as do PCB em seu livro *Análise*, estudo ainda inédito do autor, escrito no ano de 1966. O livro em questão apresenta uma sucessão de críticas as posições defendidas pela direção do PCB; um desabafo sincero do autor diante do profundo isolamento político que se encontrava naquele momento de sua vida, conforme se observa no comentário a seguir: "A consciência me diz que fiz tudo para evitar que o Partido Comunista do Brasil chegasse à situação atual. De volta ao Brasil, durante 10 anos, em 1946-1956 fiz tudo para auxiliar

---

[508] ILIE, Paul. 2008. p.435 – (tradução nossa).
[509] CAMPOS, Giovana Cordeiro; OLIVEIRA, Maria Clara Castellões de. Dimensões geográficas, literárias e tradutórias do exílio. *Literatura em Debate* (URI), v.2, n.2, p.1-18, 2008.
[510] ARESTI, Lore, *Realidad política y daño psicológico: el exilio.* Editora UNAL. Monterrey. 1997.

o PCB. Fui sempre jogado à margem".[511] Atribui como o principal responsável por essa situação desconfortável Diógenes Arruda, com quem conservava sérias discordâncias.

Em um testemunho indireto fornecido por uma das filhas de Brandão, Valná Tchudínova, disponível no Arquivo Secreto da Internacional Comunista em Moscou, é possível constatar a relação tensa entre Brandão e Diógenes Arruda Câmara, secretário de Prestes. Segundo informou Valná, trata-se de um comentário proferido por Arruda durante uma viagem que realizou a Moscou, em setembro ou outubro de 1951. Na ocasião, teria sido perguntado pela CC do Partido Comunista da URSS (PCUS) o que Brandão andava fazendo no Brasil e, como resposta, teria dito que Brandão não fazia nada, havia traído a confiança de todos ao falhar nas atividades que foi designado e, além disso, era "vaidoso" e "oportunista". Reproduzimos a seguir um trecho desse polêmico depoimento:

> Presentemente, OB não faz nada, porque não tem capacidade para ser vice-membro do CC do PCB. [...] Octavio Brandão é um velho membro e dirigente do PCB. Tendo sido eleito, em 1946, vice-membro do CC do PCB, na prática, não fez não fez jus a confiança nele depositada em nenhum setor de atividade a que foi encaminhado. É um elemento oportunista, adepto de posições filosóficas idealistas. Extremamente vaidoso. No momento presente, nada faz. É filho de um grande fazendeiro de estado de Alagoas. Acredito que seja excluído do CC do PCB.[512]

Em *A luta libertadora*, relatou que as rusgas com a direção pecebista já vinham de alguns anos atrás, na ocasião do 4º Congresso do PCB, ocorrido em novembro de 1954, havia preparado um estudo e discorrido a respeito dos problemas políticos militares no Brasil, porém a discussão não logrou qualquer resultado, e o seu artigo foi recusado para publicação. Além disso, para sua angústia, cobraram-lhe uma nova autocrítica dos "erros" de trinta anos atrás e, igualmente, não o reelegeram para o Comitê Central.[513] Em tom de

---

[511] BRANDÃO, Octávio. "Análise". Passagem de Mariana (MG), 19.05.1966. *Fundo Octavio Brandão (Inventário).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 33, pp.102. [dat.]. p.1.

[512] TCHUDÍNOVA, Valná. "Recordando o meu pai" (segunda parte). In: OLIVEIRA, José Roberto Guedes de (org.). *Cartas de Octávio Brandão: memória*, op. cit., p. 51.

[513] Em *A luta libertadora* (1970), registrou que era impossível haver realizado tantos combates sem cometer erros. Recordou das inúmeras autocríticas que realizou ao longo de sua militância pelo PCB, como "na conferência do Partidos Comunistas, em Buenos Aires, em 1930. Em mais de 50 reuniões no Brasil, em 1930-1931. Na Internacional Comunista, em Moscou, em 1931-1933. No Instituto de Economia e Política Mundiais, em Moscou, em 1934. Novamente na Internacional Comunista, no fim de 193. De volta ao Brasil, no jornal "A Classe Operária" do Rio de Janeiro, em 1947. No 4º Congresso do PCB, em 1954. No jornal "Imprensa Popular" do Rio de Janeiro, 1956-1957". BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2,* op. cit., p. 127. Dentre as principais "erros" reconhecidos pelo autor, escreveu que poderia haver defendido com maior energia a "hegemonia do proletariado" e, igualmente, ter rechaçado o reformismo e a conciliação das classes: "deveria ter concentrado o fogo neles"; sentia também que faltou se aprofundar acerca da questão agrária, dos povos indígenas e dos negros; não teria sido realista o

desabafo, recordou com tristeza desse episódio: "Não queriam mais ouvir minhas críticas construtivas, nem minhas propostas de tarefas. Ficaram livres de mim'.[514]

Lendo as fontes a esse respeito, pode-se afirmar que a situação de Brandão dentro do Partido se tornou irremediável após a publicação dos artigos a "Política de Quadros", em 26 e 27 de outubro de 1956, como se observa no próprio relato do autor:

> Depois deste artigo, a direção do PCB nunca mais me chamou para nada. Não me respondeu. Nem tomou nenhuma decisão a respeito. Portanto, é totalmente falso dizer que me afastei do Partido Comunista do Brasil. Pelo contrário, fui afastado sem nenhuma razão de princípios e sem nenhuma decisão. Quisesse ou não, tive de aceitar o ostracismo político total. Já lá se vão mais de 9 anos. Desde 1956, só me restou continuar a marcha avante, mas sem o PCB, afrontando sua hostilidade a cada passo.[515]

Isolado do PCB e dos novos intelectuais no pós-1958, seguiu a luta ideológica em prol da construção de uma sociedade mais justa e igualitária sem o Partido, conforme registrou em *Análise*: "Foi, pois, impossível continuar a batalha política. Só me restou travar a batalha propriamente ideológica".[516] Desta forma, procurou força novamente na "escrita engajada" forma de resistir e, igualmente, denunciar sua atual condição de marginalização política. A prova disso é o grande número de escritos nos últimos vinte anos de sua vida, cuja temática se refere aos problemas nacionais, sejam eles de ordem literária ou política e, especialmente, relacionados às análises críticas do PCB, assim como as memórias de sua militância. Em *Combates e Batalhas* (1978), registrou o significado da escrita e do engajamento para si:

> Pelejei sempre. Recorri às armas – a pena e a palavra falada. Vivi através de combates, perigos e tormentos. Conheci a felicidade das batalhas e vitórias. Travei as lutas, cheio da grande paixão revolucionária. Duramente golpeado nos combates, atirava-me novamente à batalha.[517]

---

suficiente em suas previsões após os acontecimentos de 1930, ao subestimar a força de Getúlio Vargas, assim como as "ilusões do povo brasileiro em geral e dos operariados em particular, iludidos com as migalhas das leis trabalhistas"; não foi capaz de enxergar os lados negativos de Stálin, que "violaram a doutrina de Marx, Engels e Lênin". Ao final, atribuiu parte desses "erros" a sua origem pequeno-burguesa, aos resquícios do idealismo filosófico que teria permanecido em seu pensamento e, principalmente, o fato de não ter encontrado no Brasil nenhuma tradição marxista que preparasse o terreno.

[514] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2,* op. cit., p. 127.

[515] BRANDÃO, Octávio. "Análise", op. cit., p.1.

[516] *id. ibid.* p.1.

[517] BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas*, op. cit., p. XXVII.

No começo da década de 1960, havia retornado a Alagoas após quatro décadas distante da terra natal. Aliás, em suas memórias, costumava se reportar repetidas vezes a esse distanciamento espacial como sendo sua primeira experiência exílica. O fato é que esse aguardado retorno resultou em alguns escritos do autor:

> Voltei mais pobre do que quando parti, em 1919. Não pude sequer pagar a passagem. Cheguei de avião a Maceió, à noite de 7 de maio de 1960, depois de 41 anos de exílio. fui acolhido calorosamente pelo povo e a família. Vivi num ambiente de conforto moral e intelectual. Iniciei uma obra de paz, congraçamento e fraternização dos brasileiros e alagoanos, em nome da pela libertação nacional e do Brasil.[518]

Em relação às suas recordações acerca desse retorno, narrou que foi recebido com entusiasmo por parte de alguns intelectuais conterrâneos, sendo, inclusive, noticiada a sua chegada nos principais jornais e no rádio como um acontecimento a ser celebrado.[519]

Nas semanas seguintes ao seu desembarque, a convite do pesquisador folclorista Théo Brandão, realizou uma palestra no Departamento de Cultura do Estado de Alagoas, dirigido pelo jornalista Arnoldo Jambo. Houve ainda um ato de solenidade na Assembleia Legislativa de Alagoas, onde teria discursado na tribuna apresentando suas análises acerca dos problemas nacionais da atualidade.[520] Em seguida, foi convidado para realizar três conferências em outros espaços importantes do círculo intelectual alagoano: a primeira ocorreu no salão nobre da Faculdade de Direito, onde debateu sobre "A Educação do Povo Brasileiro"; a segunda, aconteceu no salão nobre do Instituto Histórico e Geográfico, acerca da "Ascensão histórica do Brasil"; a terceira e última foi realizada no Palácio do Trabalhador, onde discorreu sobre os "Canais e Lagoas".[521] Encontrou espaço também na imprensa local, onde escreveu para alguns dos jornais mais influentes, como a *Gazeta de Alagoas* e *Jornal de Alagoas*.

---

[518] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2,* op. cit., p. 128.
[519] Após um longo período distante de sua terra querida, enfim o "antigo filho" teria retornado. Cf.: RIZZO, Francisco. "Retorno à gleba". *Gazeta de Alagoas.* Maceió, 13.05.1960. *Fundo Octavio Brandão II* (reserva técnica). Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 8.
[520] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2,* op. cit., p. 128.
[521] *id. ibid.* p. 128.

Figura 17: No Aeroporto dos Palmares, em Maceió, à 7 de maio de 1960, ao chegar de volta a Alagoas. Da esquerda para direita: Getúlio (?), Theo Brandão (folclorista), Vólia (filha de Theo), Mariinha (irmão de Brandão), Eloi Sá, Senador Theotônio. (Fundo Octavio Brandão, Arquivo Edgard LEUENROTH/UNICAMP, Campinas, SP.).

Em suas memórias, registrou que escreveu setenta artigos somente para o *Jornal de Alagoas,* entre os anos de 1960 e 1963. Destacamos aqui o seu artigo "Saudação à Terra Natal", um relato comovente do autor por haver retornado a Alagoas após quarenta e um anos distante.[522] No referido artigo, enalteceu a riqueza da terra, bem como a bravura dos intelectuais alagoanos, que lutaram no passado em prol do desenvolvimento nacional. A esse respeito, acrescentou:

> É uma alegria extraordinária rever a beleza incomparável da terra, sentir a grande nobreza do povo e beber novas energias no seio imenso da terra e do povo! Envio a saudação mais calorosa à terra natal e aos conterrâneos. Estendo para eles a mão fraternal, em prol da união dos alagoanos, em nome dos altos interesses da Pátria, do seu progresso e grandeza" Sempre amei Alagoas com o mais profundo amor. Sempre, por toda parte, procurei honrá-la, ser digno dela. Orgulho-me de ter nascido em Alagoas. É uma terra de raízes profundas da história do Brasil, berço das tradições épicas, imortais, patrióticas e progressistas [...]. Que, no presente, Alagoas, sempre ao lado de todo o Brasil, continue essa tradição épica e imortal, patriótica e progressista, desfralde a bandeira das grandes reivindicações sociais e nacionais, seja verdadeira defensora da paz e da liberdade, esteio do desenvolvimento técnico e cultural, lutadora da Pátria e da Humanidade, combatente pela justiça e o bem estar para as imensas massas

[522] Escreveu na mesma época sobre a "A Pedra de Viçosa" (16.09.1960), que o acompanhou por todos os lugares onde percorreu.

trabalhadoras![523]

Não obstante, recebeu duras críticas por conta de seu posicionamento ideológico em defesa do socialismo. Esse foi o caso de duas matérias publicadas no jornal *O Semeador*, de Maceió. A primeira delas, datada de 19 de maio de 1960, falou sobre os "perigosos enganos" do palestrante ao se referir ao Brasil como um país dependente e sua solução para resolver essa situação seria através do socialismo. Ademais, acrescentou a matéria que as análises do autor estariam seriamente afetadas pelo "marxismo russo", conforme se observa no fragmento a seguir, intitulado "Conferência do escritor Octavio Brandão":

> S. S. é vítima do marxismo russo a cujo controle submete sua brilhante inteligência, obrigando-se a reproduzir os slogans vermelhos de libertação nacional e do petróleo é nosso, quando possui cultura para pôr a limpo os verdadeiros fatores de nossa história. [...] Foi lamentável que o escritor patrício não estivesse atento à gêneses de outros motivos que o cristianismo teve merecido destaque na propugnação das liberdades mais caras do povo.[524]

A segunda matéria foi publicada no dia 21 de maio de 1960, e discorreu sobre a apresentação que Brandão realizou no Palácio dos Trabalhadores sobre o seu livro *Canais e Lagoas.* Por um lado, reconheceu o esforço do escritor ao evidenciar "uma luta de vários anos em busca do Petróleo em nosso Estado", por outro, divergiu quanto à sua defesa pela aliança dos trabalhadores em prol da libertação nacional e, igualmente, suas apreciações sobre a ameaça do imperialismo norte-americano. Ao final, afirmou que "o erro do ilustre escritor é ver as coisas somente de um lado", uma vez que, segundo reforçava a matéria: "há outro imperialismo e de piores consequências, o imperialismo russo".[525]

---

[523] BRANDÃO, Octavio. "Saudação à Terra Natal". *Jornal de Alagoas*. Maceió, 05. 1960.
[524] "Conferência do escritor Octavio Brandão". *O Semeador.* Maceió, 19.05.1960. *Fundo Octavio Brandão II* (reserva técnica). Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 8.
[525] "Fala o sr. Octavio Brandão no Palácio do Trabalhador". *O Semeador.* Maceió, 21.05.1960. *Fundo Octavio Brandão II* (reserva técnica). Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 8.

Figura 18: Octavio Brandão participando de uma Conferência no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, em 18.05.1960 - Coleção Particular pertencente a Dionysa Brandão Rocha

Outro acontecimento esperado pelo autor foi o seu retorno a Viçosa e à região do Barro Branco, locais onde viveu toda sua infância e estão enterrados seus familiares.[526] Aproveitou sua estada para percorrer os mesmos lugares que, no passado, provocaram sua imaginação. Pretendia, pois, fazer muitas outras coisas, mas sofreu uma fratura no osso do calcanhar após haver saltado um paredão que limitou sua capacidade de locomoção.[527]

---

[526] As recordações referentes a essa fase de sua infância em Viçosa e no Engenho do Barro Branco foram descritas pelo autor como trágicas. Antes mesmo de completar quatro anos de idade perdeu sua mãe, Maria Loureiro Brandão Rego. Na companhia de sua irmã caçula, Maria Brandão Vilela (Mariinha), foi morar no Barro Branco, na casa do avô materno. Porém, pouco mais de sete meses depois, perdeu o avô. Na ocasião, o seu pai, Manoel Correia de Melo Rego, o trouxe de volta para Viçosa. Mariinha, por sua vez, ficou aos cuidados de uma tia materna. Em 1911, aos quinze anos de idade, sofreu outra perda, o falecimento de seu pai. Em suas memórias recordou que Era um ambiente de pobreza. Quando seu pai faleceu, foi sepultado coberto apenas com um lençol, pelo fato de não ter recursos para comprar um caixão. Para sua tristeza, não conseguiu se despedir do seu pai. O último encontro foi em 1909, quando Brandão partiu para continuar seus estudar em Maceió. BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas,* op. cit., p. 60.

[527] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 129.

Durante os sete meses que permaneceu em Alagoas, relatou que encontrou um raro momento de tranquilidade. Não obstante, também alegou ter se decepcionado com a indiferença dos intelectuais em relação ao seu apelo para auxiliá-lo na publicação de seus livros: afirmou haver sentindo a mesma sensação de incompreensão que experimentou no passado, quando escreveu *Canais e Lagoas* e procurou apoio entre seus conterrâneos, porém só recebeu a indiferença. É interessante notar nessas lembranças a manifestação do sentimento de "exílio interior" que o acompanhou ao longo de toda sua existência, podendo ser demonstrada sobretudo nos relatos a seguir, quando voltou a comparar sua atual condição com as experiências passadas: "No fim de 1960, fiz um balanço das antigas e novas amarguras. Era inútil ficar. Só me restava partir. Triste, desterrei-me de Alagoas pela segunda vez. Começou o terceiro exílio na vida. Terei de viver sempre exilado?"[528]

De volta ao Rio de Janeiro, em dezembro de 1960, vivendo de "trabalhos avulsos e incertos" e sem conseguir publicar seus livros, referiu-se novamente à sua atual situação como alguém que se encontrava permanentemente exiliado, conforme se nota a seguir: "Começou o terceiro exílio. O primeiro exílio durou 41 anos. O segundo, mais de 15 anos. E o terceiro? Quantos anos durará?"[529]

Essa maneira particular de se representar como alguém "fora do lugar", para usar a expressão de Said, reforça a tese de que Brandão experimentava uma dolorosa condição exílica, aspecto que pode ser facilmente identificado nos seus escritos da época. Por outro lado, é importante destacar que o autor não escrevia apenas para ficar na "gaveta". Como exemplos de sua abundante produção intelectual podemos destacar os 61 artigos dedicados aos mais diferentes temas e publicados no ano de 1961 no Jornal *Luta Democrática*[530], do Rio de Janeiro; os livros: *O Niilista de Machado de Assis* (1958) no qual questiona a canonização da sua obra, *Os Intelectuais Progressistas* (1956) e, por fim,

---

[528] *id. ibid.* p. 129.
[529] *id. ibid.* p. 130.
[530] O Jornal *Luta Democrática* foi fundado no dia 03 de fevereiro de 1954, no Rio de Janeiro, pelo político udenista Natalício Tenório Cavalcanti de Albuquerque ("O Homem da Capa Preta"), que se tornaria o responsável pela linha política e editorial. De acordo com a pesquisa realizada por Carla Vieira Siqueira (2002), no início dos anos 1960, o jornal, com sua abordagem sensacionalista, alcançou uma tiragem diária de 150 mil exemplares, um número impressionante que o colocou na terceira posição entre os jornais mais lidos do Rio de Janeiro. SIQUEIRA, Carla Vieira. *Sexo, Crime e Sindicato: sensacionalismo e populismo nos jornais Última Hora, O Dia e Luta Democrática no segundo governo Vargas (1951-1954).* Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002, p.101. Acesso em: 15 jun. 2024. Em relação aos escritos de Brandão publicados no referido jornal no ano de 1961, a maioria versam sobre a questão da literatura e da poesia nacional, a luta pelo petróleo, a política econômica de Jânio Quadros, a ameaça das ditaduras militares, a luta dos soviéticos contra o fascismo e o hitlerismo na Segunda Guerra Mundial, o avanço das bases nucleares dos Estados Unidos e os riscos de uma catástrofe, os problemas sociopolíticos nacionais e internacionais, as paisagens alagoanas, a ascensão do proletariado e, sobretudo, a ameaça do imperialismo estadunidense no Brasil e na América Latina.

um conjunto de artigos na importante "Revista Brasiliense", dirigida por Caio Prado Jr e Elias Chaves Neto, publicada entre os anos 1955 e 1964, e que reunia entre seus colaboradores destacados intelectuais de esquerda. Esta simples enumeração parece problematizar as repetidas manifestações de Brandão sobre o seu "isolamento", "marginalização" e "Ostracismo".

Entre esta produção algumas são mais representativas para o nosso objeto de investigação. Por exemplo em "A Poesia e a Sabedoria" (dedicado à Marisa Coutinho Brandão)[531] publicado no Jornal *Luta Democrática*, exaltou os homens e mulheres que souberam lutar e não capitularam apesar dos desafios.[532] É interessante notar também sua mensagem de otimismo em relação à vida:

> O problema não é viver. É saber viver. A questão não é lutar. É saber lutar. A maioria dos homens e das mulheres vive e luta. Mas não sabe viver nem lutar. Não conhece a grande arte de viver – a poesia e a Sabedoria na vida. A vida é perene combate. É um cântico de batalha e de vitória. Exige almas heroicas, feitas de bronze! A vida é um espetáculo maravilhoso. Mesmo dura, é dolorosamente bela. Uma dura vida é melhor que uma boa morte. [...] Uns quebram – enlouquecem, suicidam-se. Outros vergam – dobram-se e capitulam. Mas as almas heroicas, feitas de bronze, são inquebrantáveis. Não quebram, nem vergam! É preciso travar a grande batalha da vida e triunfar. Ou então, quando a luta é desigual e a derrota inevitável – tomba de pé! Juventude brasileira, aprende a viver. Domina-te. Educa-te. Retempera-te. Realiza-te. Alcança a plenitude. O dever acima do prazer. A intransigência nos princípios e a flexibilidade na tática. Inspira-te nos grandes poetas e pensadores avançados e progressistas. Trava, no presente, em nome do porvir, a grande peleja pela libertação nacional e social do Brasil e de toda humanidade.[533]

Nas entrelinhas do artigo, o autor estava falando no fundo de si mesmo, de sua

---

[531] Em 1953, aos 56 anos de idade, havia se casado com sua terceira esposa, Marisa Coutinho. Uma jovem professora de apenas vinte e dois anos de idade. Em suas memórias, narrou que sentiu uma grande alegria nesse momento conturbado de sua vida. Afirmou ter encontrado força no amor e no estímulo intelectual de Marisa para enfrentar os desafios da vida na ilegalidade (1949-1958). A esse respeito, recordou tempos depois: "A vida tornara-se muito dolorosa. Em contraste, nessa data atingiu o outono de outro. Esplêndida cheia de sumo e seiva e pomos dourados. Sazonava-se em vinhedos maduros e figos suculentos, numa eclosão exuberante. No outono da vida, surgiu a primavera, rica de sonho e luz, de flores magníficas e canções dionisíacas". Foram 12 anos ao lado da nova companheira, em uma relação descrita como sendo de muito carinho, solicitude e amor.

[532] Esse aspecto do romantismo revolucionário presente na poesia de Brandão está relacionado as propostas defendidas pelo Comitê Cultural do PCB durante os anos de 1960 e início de 1970, um posicionamento em defesa da cultura nacional e do povo brasileiro, a fim de fortalecer os ideais revolucionários na sociedade. Cf.: RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro:* artistas da revolução, do CPC à era da TV. Rio de Janeiro: Record, 2000.

[533] BRANDÃO, Octavio. "A Poesia e a sabedoria na vida". *Luta Democrática*. 03.10.1960. Ed. 02351. Rio de Janeiro. p. 4. In: *Coleção* n.º 5, 1961.

luta particular contra o profundo ostracismo político que se sentia submetido e, sobretudo, das inúmeras lutas que afrontou ao longo de sua militância para defender seus pontos de vista e se proteger-se das reações. Outro aspecto que nos chamou bastante atenção foi o fato de "vida" e "engajamento" aparecem como indissociáveis para o autor. Aliás, essa correspondência é algo recorrente em sua escrita, como se observa, por exemplo, em sua autobiografia, "Vida Vivida", publicada na *Revista Brasiliense* nessa mesma época:

> Octavio Brandão, aos 64 anos de idade, dos quais 48 de lutas, marcha no presente cheio de realismo histórico otimista, de esperanças no futuro, de confiança nas imensas energias criadoras do povo brasileiro – saturado do mais profundo amor à Pátria e à Humanidade, à vida e à natureza, à ciência e à filosofia, à arte e à literatura. Coragem e firmeza, energia e decisão![534]

Em suas memórias, de aproximadamente vinte anos depois, *Combates e batalhas* (1978), registrou que sua angústia mais profunda foi ver sua obra reduzida "a esboços e tentativas, blocos esparsos e fragmentos imperfeitos".[535] Pretendia realizar-se integralmente como escritor em proveito do Brasil e da Humanidade, porém, não obteve êxito. Sentia-se prejudicado por conta de suas lutas e ideias. Em tom de desabafo, questionou: "A alma do poeta revolucionário desabrocha num canto de amor inebriante, de dor insondável e emoção indizível. Mas alguém a escuta?"[536]

Em relação aos escritos políticos, destaque para o artigo "O Aranhol Imperialista", publicado no dia 26 de agosto de 1961 em *Luta Democrática*, o qual alertou para a ameaça imperialista perpetrada pelo capital financeiro e monopolista norte-americano.[537] O artigo foi direcionado aos operários, camponeses, estudantes e intelectuais. Para Brandão, tanto no Brasil quanto na América Latina, a ação do capital monopolista e financeiro norte-americano estaria provocando uma série de reações nocivas à economia nacional, ao atrair os setores reacionários da sociedade, "uma pequena minoria de alguns exploradores", que passaram a explorar uma "grande massa de 60 milhões" de pessoas. Sua interpretação é a de que essa teia imperialista teria se articulado a partir de quatro pontos de apoio convergentes: "os esteios, os agentes, os aliados e os espiões".[538] Os esteios, no caso, seria

---

[534] BRANDÃO, Octávio. "Vida vivida: recordações" In: *Revista Brasiliense.* São Paulo, n.º 33, janeiro-fevereiro, 1961, p.153.
[535] BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas,* op. cit., p. XXVIII.
[536] *id. ibid.* p. XXVIII.
[537] BRANDÃO, Octavio. "O Aranhol Imperialista". *Luta Democrática*. 25-26.09.1961. Ed. 02345. Rio de Janeiro. p.7. In: *Coleção* n.º 6, 1961.
[538] *id. ibid.* p.

o poder exercido por um pequeno grupo de oligarcas que monopolizavam o mercado a partir da ação de empresas como a Light, Morgan, City Bank, Esso, Atlantic, Chase Bank, Refining entre outros; já os agentes seriam os indivíduos que foram coniventes com essa trama, os assim chamados entreguistas; já os aliados, seriam os aqueles setores reacionários, formados a partir dos grandes proprietários rurais semifeudais e da alta burguesia; finalmente, os espiões, seriam aquelas instituições infiltradas como o Bureau Federal de Investigações (FBI), os Serviços de Inteligência dos Estados Unidos e a Polícia Política, que atuavam de forma orquestrada a fim de assegurar a exploração nacional.[539]

É preciso registrar que a teoria do imperialismo e do subdesenvolvimento adquiriu grande repercussão nas décadas de 1950-1970. A interpretação por parte da *intelligensia* da nação sobre a condição de subdesenvolvimento gerou intensos debates a respeito da estratégia que deveria ser utilizada para a superação do atraso nacional.[540] No caso do PCB, desde a "Declaração de Março de 1958", a orientação defendida seria a ênfase na formação de uma aliança com a burguesia nacional, no intuito de avançar na industrialização e superar o atraso semifeudal-imperialista, manifestado, sobretudo, pelo modelo agroexportador, considerado o principal agente do imperialismo ianque.[541] Enfim, descrentes quanto à possibilidade de uma revolução a curto prazo no país, a opção da direção pecebista foi pela adesão da "[...] via pacífica para o socialismo, com atuação preferencialmente dentro da legalidade democrática e constitucional".[542]

Em linhas gerais, após o V Congresso do PCB realizado no Rio de Janeiro em agosto de 1960, ampliaram as divergências no interior do Partido em razão das novas posições políticas. De um lado posicionaram-se o grupo minoritário, ligado a Diógenes Arruda, João Amazonas e Maurício Grabóis, que seriam acusados por seus oponentes pecebistas de desvios direitistas e, em consequência disso, foram isolados politicamente e afastados do Comitê Central. Do outro estava o grupo majoritário, liderado por Prestes e seus aliados, Giocondo Dias e Mário Alves, que passaram a defender uma aliança ampla com a burguesia nacional e progressista, a fim de lutar por questões imediatas, como o

---

[539] Uma versão ampliada desse artigo foi publicada na *Revista Brasiliense*, sob o título "O Brasil explorado e oprimido", em sua edição n.º 38, de 1962.

[540] Conforme avaliou Luiz Carlos Bresser Pereira, para essa geração de intelectuais o subdesenvolvimento do Brasil e dos demais países da América Latina seria "resultado da ação imperialista das grandes potências, que buscava manter os países da periferia exportadores de produtos agrícolas e matérias-primas". PEREIRA, Bresser. L. C. *Do ISEB e da CEPAL à Teoria da Dependência.* In: TOLEDO. Caio. N. (Org.) Intelectuais e política no Brasil: A Experiência do ISEB. Rio de Janeiro: Revan, 2005. p. 205.

[541] Com a candidatura de Jânio Quadros à presidência em 1960, se intensificou o discurso nacionalista entre os setores de esquerda e as alas progressistas, como forma de resistir ao avanço das forças antinacionalistas e antidemocráticas, representadas pelos setores hegemônicos economicamente da sociedade.

[542] CF.: MANTEGA, Guido. *A economia política brasileira.* São Paulo: Vozes, 1984, p. 167.

restabelecimento da legalidade do Partido e, possivelmente, assumir cargos no governo pelos comunistas. Assim, o Congresso que visava resolver as tensões políticas acabou por reforçar, ainda mais, a divisão interna, garantindo a Prestes o controle sobre o Partido.

Com isso, a direção pecebista passou a apoiar a candidatura do Marechal Henrique Teixeira Lott em 1960, porém, com a derrota do presidenciável, passou-se a apoiar uma articulação política com as forças populares a fim de se evitar retrocessos, conforme ponderaram Marco Aurélio Santana e Fernando Teixeira da Silva (2005):

> [...] A luta por um governo nacionalista e democrático deveria estar num primeiro plano, ao lado de patriotas e democratas de outras correntes. Quanto ao movimento dos trabalhadores, cumpriria lutar por aumentos salariais e defender liberdade e autonomia sindicais, medidas contra a carestia, reforma da justiça e da legislação trabalhista, isenção do imposto de renda para os trabalhadores, regulamentação dos contratos coletivos de trabalho e escala móvel de salários.[543]

Foi nessa conjuntura que ganhou força a tese do imperialismo estadunidense e, em consequência disso, a necessidade da aliança política com a burguesia nacional-progressista a fim de pavimentar o terreno para a emancipação nacional, conforme se observa no programa defendido por Prestes:

> Participar ativamente, e desde já, da campanha eleitoral e intervir nos acontecimentos a fim de contribuir para assegurar a vitória das forças nacionalistas e democráticas. Neste sentido, é necessário intensificar a atuação entre as massas e, juntamente com a luta por suas reivindicações, realizar o alistamento eleitoral, participar da discussão do problema sucessório nas fábricas, bairros, escolas e outros locais, a fim de que as próprias massas se manifestem, critiquem as posições dos candidatos e formulem suas exigências a eles e ao atual governo.[544]

Na ocasião desses debates acerca das novas orientações políticas hegemônicas no PCB, Brandão se posicionou publicamente escrevendo novos artigos. O primeiro deles foi "A Aventura Golpista-Militarista", publicado na renomada *Revista Brasiliense* em 25 de agosto de 1961. No referido texto, apresentou um panorama da crise política ocorrida

---

[543] SANTANA, Marco Aurélio; SILVA, Fernando Teixeira da. O equilibrista e a política: o "Partido da Classe Operária" (PCB) na democratização (1945-1964). In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs.). *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964).* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 2, 2005, p. 125-126.

[544] PRESTES, Luiz Carlos. "Os comunistas e a sucessão presidencial". Novos Rumos, 04.10.1959. In: CARONE, Edgard. *O P.C.B.* (1943 a 1964). Volume II. São Paulo. Difel, 1982, p. 207-208.

após a renúncia de Jânio Quadros em agosto de 1961, e a trama golpista articulada pelos setores reacionários da sociedade, como as Forças Armadas e os setores civis em torno de Carlos Lacerda, a fim de inviabilizar a posse do líder populista e sindicalista João Goulart. Em sua análise, alertou quanto aos riscos de uma ruptura institucional no país, financiado pelo capital financeiro e monopolista norte-americano. Conforme alertou, fazia parte dessa trama "implantar uma ditadura militarista-terrorista, a serviço da reação brasileira e do imperialismo norte-americano".[545]

É importante aqui destacar que estas discussões e resolução do PCB não ficam sem referência na obra de Brandão. Em 24 de outubro de 1961 publicou o artigo "As reformas e a libertação" na revista *Luta Democrática*, no qual se posicionou contrário à linha política defendida pela direção pecebista de apoio às reformas de base propostas pelo governo de João Goulart. Segundo informou, era inteiramente favorável às pequenas melhorias econômicas e culturais para os trabalhadores, porém, a seu modo de ver, "essas pequenas reformas nada revolvem. São apenas graus, momentos para a transformações profundas e radicais".[546] Posicionando-se crítico em relação à política de formação de alianças com a classe burguesa, realçou: "Não bastam, pois, os atuais remendos paliativos e improvisações. Não se deve cair no reformismo apodrecido, na colaboração das classes, entre o cordeiro operário e o lobo capitalista, em proveito do lobo".[547] Desta maneira, conforme acrescentou o autor, seria falsa a premissa de que as reformas de base levariam o Brasil a alcançar a libertação nacional, uma vez que não pretendiam alterar as bases da dominação capitalista, tampouco visavam "varrer o Aranhol Imperialista". Ao final, esboçou uma tática para libertar a classe trabalhadora e o Brasil do regime de exploração, propondo um novo pacto político e, o mais interessante, a formação de novos partidos, conforme se nota no fragmento abaixo:

> Faço, pois, um apelo veemente aos operários e camponeses, jornalistas e intelectuais em geral, no sentido de formatarmos um bloco de aço pela libertação nacional do Brasil, contra a dominação imperialista, contra os interesses egoístas dos grandes proprietários rurais e semifeudais e da grande burguesia reacionária. O Brasil precisa de novas classes no poder. Novos partidos. Novos homens e mulheres – de talento e caráter, cultura e combate![548]

---

[545] BRANDÃO, Octavio. "A aventura golpista-militarista". *Revista Brasiliense.* São Paulo, nº 38, nov-dez., 1961.
[546] BRANDÃO, Octavio. "As reformas e a libertação". *Luta Democrática*. Rio de Janeiro, 24.10.1961. In: *Coleção nº 6*, 1961, p.4.
[547] *id. ibid.* p. 4.
[548] BRANDÃO, Octavio. "As reformas e a libertação". *Luta Democrática*, op. cit., p. 4.

No ano de 1962, ocorreram dois acontecimentos dignos de celebração para Brandão. O primeiro deles, havia conseguido um emprego após um longo período desempregado. Em suas memórias, contou que o trabalho consistia em realizar algumas traduções para um amigo russo: o trabalho era modesto e o salário era baixo, ainda assim, já o ajudava a sobreviver, tendo em vista que não conseguiu se aposentar. O segundo deles, em agosto, recebeu, com grande alegria, a visita de sua filha Vólia, que vivia em Moscou.

Em dezembro de 1963, conseguiu, até mesmo, viajar de férias com Marisa para o interior de Minas Gerais, na região do quadrilátero do ferro, entre os vales e as montanhas. Visitaram, em Ouro Preto, os túmulos dos conjurados, o local da casa de Marília de Dirceu e onde fincaram a cabeça de Tiradentes. Reproduzimos a seguir uma lembrança do autor em relação aos seus sentimentos e expectativas durante esse período de grande felicidade: "[...] sentado num banco de pedra da ponte célebre, ao lado de Marisa, evoquei os imortais revolucionários de 1789, Marília de Dirceu e o nosso grande amor. No interior de Minas, acolhemos o ano de 1964, cheios de alegria e esperança".[549] Viveram, de fato, um período precioso de descanso e calmaria, após os últimos quatro anos de profundo sofrimento em razão do estado de saúde de Marisa, conforme registrou em suas memórias: "No meio de tantas maravilhas, existia um ponto sombrio: a saúde frágil de Marisa".[550]

Após uma viagem a trabalho ao Nordeste em 1961, Marisa retornou para casa com a saúde muito afetada. Frequentemente era internada em hospitais e casas de saúde para tratamento, dava sinais de haver se recuperado, porém, pouco tempo depois, ocorriam novas crises e, para desespero de Brandão, os médicos não conseguiam descobrir a causa da doença. Angustiado pela falta de recursos financeiros para tratar a doença da esposa e por não ter conseguido uma aposentadoria digna, lembrou com tristeza esse período difícil de sua vida: "Passei sofrimentos espantosos. [...] Dei-lhe solicitude, dedicação, conforto moral. [...] Travei tenazmente uma batalha duríssima – a mais difícil de toda a vida [...]. Não sabiam a gênese e a terapêutica da moléstia covarde e traiçoeira".[551]

Quando retornou de viagem ao Rio de Janeiro, nos primeiros dias de 1964, sentiu que o ambiente político do país havia mudado espantosamente. Narrou que havia alertado alguns amigos próximos quanto às "ilusões" alimentadas em torno da força do governo de João Goulart e, igualmente, em relação à possibilidade de ocorrer uma "revolução

---

[549] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 140.
[550] *id. ibid.* p. 133.
[551] *id. ibid.* p. 139.

democrática e nacionalista" naquele contexto, entretanto, outra vez, não foi ouvido, como registrou no desabafo a seguir: "Um dos piores pesares é compreender que a catástrofe se aproxima e sentir-se completamente só, como em 1935 em Moscou e em 1964 no Rio de Janeiro".[552]

Inicia-se então os anos que seriam os mais penosos de sua vida.

Uma das consequências imediatas ao Golpe de 1964 foi ter perdido o emprego de tradutor: novamente estava sem uma fonte fixa de sustento. Para piorar, o quadro clínico de Marisa havia piorado muito, aumentando a frequência das internações. A esse respeito, recordou: "Mal sabia – ironia da vida – que o naufrágio se aproximava. O Remanso transformou-se num doido redemoinho. Abriu-se um abismo de sofrimentos e desmoronamentos".[553]

Em 13 de maio de 1965, após uma dessas fortes crises de Marisa, Brandão afirmou haver procurado convencê-la a se internar novamente na Casa de Saúde do Rio de Janeiro, porém, contra sua vontade, foi convencido por ela a viajar até Belo Horizonte e deixá-la aos cuidados da família. Dois dias depois, ainda muito preocupado com o estado de saúde de Marisa, recebeu um telefonema urgente de sua filha Dionysa, informando que deveria retornar imediatamente, pois algo muito grave havia ocorrido.

Seguiu rapidamente em direção ao Aeroporto de Belo Horizonte, pegou o primeiro voo e, quarenta e cinco minutos depois, desembarcou no Rio de janeiro, onde recebeu a terrível notícia: o falecimento de sua filha caçula, Glória Brandão, vítima de um câncer. Profundamente amargurado, lembrou tempos depois desse terrível episódio: "Corri ao cemitério, em Real Grandeza. E encontrei minha filha Glória, a caçulinha, linda morena de olhos negros, na flor da idade, aos 19 anos – morta. [...] Enterrei a pobre filha. Guardei para sempre a lembrança dolorosa".[554] Não obstante, os dramas pessoais não pararam por aí! Quatro dias depois de haver sepultado sua filha, retornou a Belo Horizonte a fim de cuidar de sua esposa. Porém, para seu desespero, foi impedido pelos familiares de Marisa, que o pressionou a romper a relação e a deixar imediatamente a residência, sob ameaça de entregá-lo à polícia. Assim, no tempo curto de apenas quatro dias, sofreu duas perdas terríveis. Em *A luta libertadora* (1970), expôs seus sentimentos íntimos a respeito desse trágico episódio: "De surpresa, da noite para o dia, perdi tudo. Perdi o amor de Marisa. Perdi o lar, a saúde, o apoio, o estímulo, a compreensão, o conforto moral. Perdi milhares

---

[552] *id. ibid.* p. 141.
[553] *id. ibid.* p. 141.
[554] *id. ibid.* p. 142.

de livros preciosos. Fiquei sem trabalho e sem moradia".[555]

Vivendo em condições penosas, desempregado, sem moradia e com problemas de saúde, foi acolhido por sua filha Dionysa, passando a residir no Caminho do Silvestre.[556] Na ocasião, escreveu a poesia "A Felicidade Perdida", o qual expôs os seus sentimentos de melancolia e amor moldados pelas perdas que acumulou ao longo de sua vida, como as mortes precoces de sua mãe, Laura e Glória, assim como a saudade de Marisa.

Brandão ainda procurou, pelos próximos doze anos, reatar a relação com sua ex-companheira, mas, para sua infelicidade, os esforços não surtiram efeito. Passados alguns anos desde a separação, ainda muito amargurado, relatou em suas memórias o sentimento da perda: "Guardo de Marisa a recordação maravilhosa, a profunda gratidão e a mais dolorosa nostalgia, como de uma pátria perdida para sempre".[557] Por outro lado, encontrou um alento em meio a esse cenário de perdas, o carinho e conforto de suas netas Marisa e Valéria Brandão, assim como as paisagens naturais do local onde passou a viver:

> Mergulhei no seio da Natureza, entre as paisagens esplêndidas do caminho do Silvestre. Admirei as palmeiras esbeltas e as paineiras floridas, as quaresmas violentas e as imbaúbas prateadas, os cantos dos pássaros e os murmúrios das matas, sob as grinaldas e guirlandas de luz.[558]

Diante dessas adversidades, apelou ao remédio de sempre, a produção intelectual, aprofundando-se nos assuntos conexos à filosofia, história do Brasil, literatura e ciências sociais. Aproveitou para reestudar o materialismo dialético e histórico a partir da releitura dos pensadores clássicos da teoria marxista: Marx, Engels e Lênin. Releu também os poetas e escritores clássicos da literatura mundial como: Máximo Gorki, Leon Tólstoi, Castro Alves, Johan Wolfgang Von Goethe, Walt Whitman, Alexandre Púshkin, Mikhail Lérmontov, entre outros. Ansiava por justiça e compreensão, conforme revelou tempos depois: "A existência tornou-se uma longa espera de tudo que a Vida me negou e de tudo que ela me deu e me tomou".[559] Os momentos de alegrias eram raros, mas, ainda assim, ocorreram, como na ocasião em que foi homenageado pela Rádio de Moscou, na noite de

---

[555] *id. ibid.* p. 142.
[556] O antigo apartamento onde Brandão viveu seus últimos dezesseis anos ficava no condomínio Equitativa, na região do Caminho do Silvestre, situado no Bairro de Santa Tereza. A paisagem rodeada de montanhas e ladeiras foi descrita como um verdadeiro cartão postal: o céu luminoso, as matas e morros deslumbrantes, com vista para a Bahia de Guanabara. Dionysa Brandão ainda vive em Santa Tereza, porém, desde o ano de 2009 passou a residir em outra parte do bairro por conta do aumento da violência na região.
[557] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 143.
[558] *id. ibid.* p. 143.
[559] *id. ibid.* p. 143.

12 de setembro de 1966, em uma programação especial para lembrar a vida, as lutas e as obras do escritor brasileiro. Em suas memórias, informou que a abertura do programa foi ao ar com sua sonata preferida, a *Appassionata*, de Ludwig Von Beethoven.

No evento, participaram o crítico Alexandre Drobínski, o comentarista Eusébio Cimorra e os locutores Luiz Ceccíni e Adam, que evocaram sua atuação nos movimentos sociais durante sua juventude, como a defesa pioneira da existência do petróleo no Brasil; o apelo pelo término da Grande Guerra Mundial, além da defesa dos ideais socialistas difundidos pela Revolução Russa; lembraram também dos momentos terríveis que enfrentou no exílio, quando a URSS foi invadida pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Enfim, em uma passagem curiosa de suas memórias, a partir de uma anotação feita de próprio punho à caneta sobre o texto datilografado, anotou que os locutores mencionaram que seus livros foram lidos por Lênin e que permanecem guardados em sua biblioteca pessoal no Kremlin até os dias atuais.[560]

Nos anos seguintes, pareceu-nos que já não nutria qualquer expectativa de retornar ao PCB e, muito menos, de os dirigentes do Partido lhe fazerem "justiça", reconhecendo a importância de suas ideias, obras e memórias de luta. Pelo teor das entrevistas e dos artigos escritos nessa época, fica evidente que o intelectual assumiu uma posição ainda mais crítica em relação à postura dos dirigentes do PCB e, em particular, em relação a Prestes, como se observa nos registros a seguir.

Em maio de 1968, aos setenta e três anos de idade, escreveu um artigo intitulado "Polêmica", o qual procurou refletir sobre os motivos que levaram ao golpe civil-militar de 1964. Em sua análise, alertou para o risco de a conjuntura política do país se agravar ainda mais nos próximos anos, o que veio, de fato, a ocorrer com a decretação do AI-5, em dezembro de 1968.[561] Enfatizou também a urgência de uma profunda reflexão interna no PCB, pois o golpe havia demonstrado a incapacidade de "Prestes, Arruda e Grabóis" para liderar o Partido, segundo acrescentou, indivíduos "carreiristas" e "aventureiros" que negavam o "materialismo histórico" ao confundir "o desejo com a realidade".[562]

---

[560] *id. ibid.* p. 144.

[561] O AI-5 foi um decreto assinado no dia 13 de dezembro de 1968 pelo governo do marechal Arthur da Costa e Silva, que institucionalizou a repressão política ao permitir aos militares, entre outros aspectos, a cassação dos mandatos parlamentares, o fechamento do Congresso Nacional, a suspensão dos direitos políticos de qualquer cidadão sob o pretexto do restabelecimento da ordem. Contudo, o que se sucedeu foi o aumento exponencial da violência como as torturas, assassinatos e desaparecidos políticos perpetrado pelos instrumentos repressivos do estado, como forma de neutralizar os adversários da ditadura. Cf.: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. "Sobre as origens e motivações do Ato Institucional 5". *Revista Brasileira de História*. vol.38, nº 79, pp. 195-216.

[562] BRANDÃO, Octavio. "Polêmica". Maio de 1968, S.l.d. 25p. *Fundo Octavio Brandão II (Reserva técnica).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 6. [dat. e manus.].

Alguns meses depois, em 17 de outubro de 1969, escreveu um novo artigo ainda mais polêmico intitulado "A Realidade", o qual voltou a criticar a direção pecebista e, em particular, a Prestes, culpando-o pela grave crise interna que o PCB atravessava naquele momento.[563] Para o autor, a situação do Partido de Prestes era péssima, pois encontrava-se dividido em diversos grupos excludentes que não conversavam entre si. Portanto, a seu modo de ver, a realidade é que o Partido não teria futuro.[564] Além disso, revelou também sua angústia pelo fato de ter entregado tudo ao seu país, a causa do socialismo e ao PCB, porém, atualmente, aos setenta e três anos de idade, sentia-se bloqueado pela solidão, sem aposentadoria, sem lugar para onde ir e, ainda por cima, vivendo "acuado, manietado e amordaçado desde o golpe armado de 1.º de abril de 1964".[565] Em tom de ironia, finalizou a discussão criticando a orientação política do PCB conduzido por Prestes, afirmando que para o Partido ter êxito, deveria permanecer alinhado ao imperialismo, aos latifundiários, a alta burguesia e as ditaduras militares reacionárias.[566]

Em uma entrevista polêmica concedida à *Folha de São Paulo* em 16 de julho de 1978, novamente culpou Prestes por seu isolamento político e, igualmente, pelos supostos desvios "pequenos burgueses" do dirigente à frente do PCB. Primeiramente, criticou o seu "Manifesto de 1930", bem como sua orientação política adepta da tese da revolução soviética imediata, responsável pela derrota do movimento armado de novembro de 1935. Em seguida, reclamou da falta de apoio durante os anos árduos na ilegalidade, entre os anos de 1948 a 1958, quando solicitou auxílio do dirigente, porém não foi correspondido. Além disso, segundo afirmou, dentro do PCB havia se criado um culto em torno do líder, em que ninguém ousava questionar suas ordens e, por conta dessas atitudes, concluiu que o Partido estava condenando à derrota, conforme se observa na declaração abaixo:

> No Brasil, não há um partido comunista. O que há é um partido pequeno-burguês prestista, que não tem nada a ver nem com a classe operária nem com o marxismo-leninismo. Por isso, acabou no ostracismo. Mas eles ainda são aprenderam. Como todo prestista, os membros do partido não discutem ordens, são homens derrotados dez vezes, mas que recomeçam pela décima vez, repetindo os erros. De direita e de esquerda. [...] Eu sempre pensei com a minha cabeça e não a cabeça dos outros. Prestes sempre gostou de ser ouvido. No partido, ele era como um Deus. Ficava por cima, dizia as coisas e ninguém discutira. Eu quis

[563] BRANDÃO, Octavio. "A realidade". S.l., 17.10.1969, 2p. *Fundo Octavio Brandão (Inventário).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 114. [dat.].
[564] *id. ibid.* p.1.
[565] *id. ibid.* p.2.
[566] *id. ibid.* p.2.

> discutir e acabaram me afastando. Mas eu tive e tenho minhas ideias e delas não abro mão. Além disso, não tive Prestes nem o partido como mestres. Meus mestres foram Marx, Engels e Lenin, porém a doutrina para mim nunca foi dogma. [...] Ele virou mito porque brasileiro não pode viver sem mitos. A história está cheia deles. Mas, na sua essência, o Partido Comunista sempre foi contra os mitos. Veja no que deu o mito Stálin. E Prestes, aqui no Brasil.[567]

Em outra entrevista da mesma época concedida à revista *Isto É,* em 28 de junho de 1978, voltou a reclamar do sentimento de solidão que o atormentava, motivado por sua situação de marginalização política pela direção pecebista. A esse respeito, registrou: "É trágico dizer que os companheiros foram gradualmente me abandonando. O ostracismo a que me condenaram obedecia às ordens de cima. A verdade é que, por minha fidelidade ao partido e à causa operária, acabei sozinho".[568]

Figura 19: Octavio Brandão em Santa Tereza, quarto e gabinete de trabalho, 1970? (Fundo Octavio Brandão, Arquivo Edgard LEUENROTH/UNICAMP, Campinas, SP.)

---

[567] Entrevista de Octavio Brandão a Isa Cambará. Folha de São Paulo, *Caderno Ilustrada.* São Paulo, 16.07.1978, p. 9.

[568] BRANDÃO, Octavio. "Entrevista: Brandão: ateu, anarco, comunista, profeta". In: *Revista Isto É*. 28.06.1978, pp.48-50.

Figura 20: Octavio Brandão e o professor André em um Seminário de História no Colégio São Vicente, Rio de Janeiro, em 1979. (Fundo Octavio Brandão, Arquivo Edgard LEUENROTH/UNICAMP, Campinas, SP.).

Como se observa nesses relatos, a sensação de "exílio interior" experienciado por Brandão pode ser explicado como uma impressão aflitiva de perda de perspectiva, um tempo em suspenso em que presente, passado e futuro se fundem em uma busca contínua de sentido. Conforme ponderou Nicolás Casullo: *"Resulta una de las duras experincias, entoces, donde recién ahí cobra presencia la pregunta por el sentido de la vida"*.[569]

Não foi por acaso que a parte final de suas memórias assumiu uma conotação trágica e melancólica em relação a sua atual condição, passando a se autorrepresentar na terceira pessoa como um poeta revolucionário, soldado da libertação nacional e social, forjado a partir dos infortúnios e das lutas que travou ao longo de sua existência. Sentindo-se isolado e incompreendido pelos próprios companheiros, exaltou seu espírito de resistência para suportar as angústias pessoais e políticas, conforme se observa em seu desabafo abaixo:

> Sozinho, à noite, sob a tormenta horrível e as trevas profundas, o poeta-soldado monta guarda na última ponta de terra. Mantem-se de pé, velando pelo Brasil e pela Humanidade, nas posições mais avançadas contra o oceano, diante dos elementos em fúria – as ondas da reação mundial. Afronta a primeira vaga. Resiste à segunda. Sobrepuja a terceira. Mas vê que vêm dos confins do

[569] CASULLO, Nicolás. "La pérdida de lo propio". In: *Revista Sociedad*, Facultad de Ciencias Sociales de la UBA, nº 25, Buenos Aires, 2006. p. 169.

> horizonte, dezenas, centenas, milhares de ondas rugidoras, cada vez mais terríveis, selvagens, violentas. Derrubam-no. Julgam-no definitivamente liquidado. Respiram aliviadas. Eis, porém, que o poeta-soldado se levanta. Ergue a cabeça altivamente. Volta a montar guarda. Afronta e resiste às novas ondas. E mantem-se firme diante da muralha feroz das vagas doidas, os assaltos furiosos dos elementos desencadeados.[570]

Mostrou-se ainda muito preocupado com a atual situação política nacional, com as tensões internacionais, com os vários conflitos espalhados pelo mundo, com a ameaça de uma catástrofe nuclear e, sobretudo, com as dificuldades financeiras para sobreviver. Não obstante, o aspecto mais doloroso era a falta de apoio, estímulo e compreensão, conforme registrou:

> Atravesso os anos mais penosos de toda a vida. As alegrias são raras. Inúmeras, as fontes de amarguras. No terreno econômico, não tenho ganha-pão. Sou boicotado por todos os lados. Consigo apenas biscates incertos, traduções avulsas. Não tenho aposentadoria. Lutei durante um ano para consegui-las. Em vão. No domínio político e ideológico, dei tudo ao meu país e à causa da libertação nacional e social. Sacrifiquei tudo. Vivo acuado. No terreno intelectual [...], tenho feito muitos esforços. Inutilmente. [...] Não tenho jornal, nem revista, onde escrever. Nenhuma tribuna. Nem editor. Nem alunos.[571]

Esse aspecto trágico se repetirá em sua última autobiografia, *Combates e batalhas* (1978), publicada oito anos após ter registrado o relato acima, o que reforça a nossa tese de que permaneceu em "exílio interior" até os últimos anos de vida. Reproduzimos abaixo os sentimentos do autor em relação ao profundo isolamento interior que se encontrava, impedido de continuar sua luta pela libertação nacional:

> Aos 80 anos de idade, dos quais 65 de lutas, fazem a conspiração do silêncio em torno da vida, obra e luta. Tratam de sepultá-las, como se nunca tivessem existido. Sou boicotado por todos os lados – pela direita porque é profundamente reacionária e pela pretensa "esquerda porque é oportunista até a medula. Tudo terminou no desconforto atroz e ostracismo total. Contra tanta torpeza, protesto com revolta, veemência e indignação.[572]

Se, por um lado, é notório o isolamento de Brandão pela direção pecebista, por outro, parece-nos que tal ponto de vista apresentado pelo autor nem sempre tem em

---

[570] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 146.
[571] *id. ibid.* p. 145.
[572] BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas,* op. cit., p. XXVIII.

consideração o conjunto de dificuldade enfrentado pelo próprio PCB e os dirigentes e militantes que permaneceram no Partido após os eventos trágicos de 1956 e do golpe de 1964, contextos esses marcados por uma cultura política de viés anticomunista[573] e potencializado pelos efeitos da Guerra Fria, caracterizando assim um Partido também marginalizado, com recursos financeiros e capacidade de atuação limitados, além, é claro, da rígida vigilância e repressão desencadeada pela ditadura.

À guisa de encerramento, pode-se afirmar que Brandão foi um personagem muito particular do movimento comunista brasileiro. De um lado, sempre vigiado de perto pelos agentes repressivos da polícia, que consideravam suas ideias e ações políticas "perigosas" e "extremistas", resultando em inúmeras prisões e exílios.[574] Por outro lado, sofreu pelo fato de não ter encontrado suporte para exercer sua militância política dentro do próprio PCB, partido que ajudou a construir, e que entregou os melhores anos de sua existência. Entretanto, em diversas ocasiões, forçou-o a realizar autocríticas e impediu-o de defender suas ideias, submetendo-o a um isolamento político, muitas vezes acentuando a sua sensação de "exílio interior". Ademais, apesar de suas posições críticas em relação à condução do Partido, ainda assim procurou manter-se fiel a ele e à causa comunista até o último dia de sua vida. Enfim, se por um lado suas memórias se encerram de forma melancólica, por outro, o sentimento de esperança se mostrou igualmente presente nesses escritos. Vislumbrava, pois, para o Brasil um futuro grandioso após a superação da fase tenebrosa que o país atravessava, permaneceu confiante quanto ao dia da justiça, da compreensão e, sobretudo, a "vinda da aurora da libertação em todo o seu esplendor!"[575]

---

[573] O discurso anticomunista, como sabemos, é um fenômeno constante na história social nacional, servindo de pretexto para que o Estado e os grupos sociais vinculados as classes hegemônicas perseguissem seus opositores políticos. No contexto posterior a Segunda Guerra Mundial, os grupos conservadores mais inflamados politicamente reforçaram o vigor no combate ao comunismo, provocando, assim, o início antecipado da Guerra Fria no Brasil. Cf.: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho:* o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva, 2002.

[574] KUPERMAN, Esther. "De olho em Octavio Brandao: os arquivos do Dops". In: BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti (Org.). *Octávio Brandão: centenário de um militante na memória do Rio de Janeiro*, op. cit., p. 152-153.

[575] BRANDÃO, Octavio. *A luta libertadora: 1931-1970 (Combates e batalhas, vol. 2),* op. cit., p. 146.

Figura 21: Octavio Brandão vibrando aos 82 anos de idade (Fundo Octavio Brandão, Arquivo Edgard LEUENROTH/UNICAMP, Campinas, SP.).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O historiador seleciona e interpreta os documentos a partir de um instrumental teórico e de um método investigativo, no intuito de obter respostas para questões e hipóteses formuladas previamente por ele. Porém, é preciso ter em mente que o resultado final de toda pesquisa é sempre uma incógnita, tendo em vista a imprevisibilidade do próprio percurso, moldado por caminhos sinuosos e encruzilhadas que se projetam no horizonte, alterando o seu trajeto. Desse modo, nas linhas que seguem, tentaremos esclarecer como se construiu o percurso desta tese, assim como os resultados alcançados.

Nossa pesquisa partiu de uma questão central, que foi problematizar as memórias de Octavio Brandão a partir dos seus escritos políticos, literários, cartas e entrevistas, elaborados em períodos distintos, como forma de apreender a sua experiência do exílio e as implicações do distanciamento físico, temporal e cultural no percurso de sua vida, assim como, a construção histórica do seu isolamento político, imposto pelos dirigentes do PCB e da Internacional Comunista.

Inicialmente, fazia parte dos nossos planos consultar os arquivos da Internacional Comunista, em particular, o prontuário de Brandão e as Atas Taquigráficas referentes aos Encontros dos dirigentes comunistas na IC, no intuito de examinar as posições políticas. Infelizmente, por conta da pandemia da Covid-2019 e, logo em seguida, o início da guerra entre Rússia e a Ucrânia, essa consulta não aconteceu. Dessa forma, tivemos de recorrer à leitura indireta desses documentos, a partir de outros pesquisadores que tiveram acesso ao arquivo. Por outro lado, para nossa surpresa, encontramos em alguns arquivos digitais, artigos do autor tidos como desaparecidos, publicados na imprensa estrangeira, o que nos permitiu entender melhor as atividades políticas realizadas durante o seu exílio.

No primeiro momento, cercamo-nos de uma literatura especializada que nos permitiu refletir sobre o processo de construção da memória, e as atitudes emocionais e intelectuais que caracterizam a escrita. Essa reflexão foi essencial para que pudéssemos entender a representação que o nosso autor realizou de si em suas narrativas, e os motivos que o persuadiram a romper com o silêncio, e externalizar suas angústias interiores e ressentimentos em relação ao PCB.

Em relação ao referencial teórico para pensar especificamente o exílio, para os nossos propósitos nesta tese seguimos, sobretudo, as reflexões indicadas por Edward Said e Paul Ilie, como forma de pensar o exílio enquanto uma condição real e, igualmente, metafórica, definida como exílio interior.

Em seguida, analisamos os escritos políticos, como é o caso dos artigos publicados na imprensa internacional, elucidando, assim, sua inserção nos debates políticos do movimento comunista internacional. A partir de então, foi possível perceber suas posições polêmicas nos Encontros em Moscou realizados na Internacional Comunista nos anos 1934-1935, quando se posicionou contrário à orientação política favorável à tese da "revolução soviética imediata" no Brasil, que resultariam no levante comunista de novembro de 1935 da ANL. Também de grande importância foram os artigos escritos na imprensa internacional e a correspondência que trocou com a Lígia Prestes, irmã de Luiz Carlos Prestes, esclarecendo suas formas de engajamento intelectual nos anos 1935-1937 na campanha pela libertação dos presos políticos no Brasil e na campanha pela libertação de Olga Benário Prestes e Anita Leocádia Prestes do campo de concentração nazista, após a derrota do levante de 1935. Aliás, essa foi a fase mais ativa intelectualmente do autor durante o seu exílio.

A leitura dos escritos políticos e literários de Brandão nos permitiu, igualmente, acessar às marcas do sofrimento deixadas pelo exílio, capaz de revelar os sentimentos internos de um indivíduo inserido em um grupo social moldado por conflitos. A despeito, Brandão experienciou diferentes sentimentos ao longo de sua narrativa, porém, a sensação de angústia e desassossego provocada pelas tensões com a direção pecebista, parece haver sido a manifestação mais recorrente em sua escrita e, nesse caso, a condição exílica se revelou nos momentos em que o autor, sentindo-se estranho em relação aos valores dominantes do PCB e da sociedade da qual fazia parte, recusou-se a aceitar a situação, rompendo com o silêncio e o isolamento político em que se encontrava, a partir das armas que lhe restou para resistir: a escrita. Não por acaso, escreveu de forma incessante nesses períodos de maior solidão, com destaque para os escritos autobiográficos, certamente procurando se defender das críticas e injustiças que julgava sofrer, e também como forma de salvaguardar suas memórias da ameaça do esquecimento a que foi relegado.

A leitura e problematização deste material levou-nos a concluir que Brandão experienciou três exílios ao longo de sua existência. O primeiro exílio, segundo as palavras do próprio autor, ocorreu em 1919, quando o então jovem escritor alagoano foi forçado a abandonar a sua terra natal para o Rio de Janeiro, após ter sido ameaçado de morte pelas autoridades locais, em razão de seu engajamento nos movimentos sociais de Maceió. O segundo exílio se deu um ano após o golpe de Estado de 1930, quando foi deportado para a Europa com sua família, a esposa Laura e as filhas pequenas Sátva, Vólia

e Dionysa, por determinação do governo de Getúlio Vargas, em razão de sua militância pelo PCB, permanecendo no estrangeiro por quinze anos. O terceiro exílio, marcado por dois grandes acontecimentos, o relatório de Kruschev ao XX Congresso do PCUS e seus impactos no Brasil e o golpe de Estado de 1964, por sua vez, não está necessariamente relacionado a um deslocamento físico como nos dois casos anteriores, é resultado, antes pelo sentimento de exílio interior, motivado por seu isolamento político, após ter entrado em conflito com os dirigentes pecebistas.

Não seria exagero afirmar que Brandão foi um dos intelectuais comunistas mais atuantes e profícuos da sua geração, entretanto, desde o seu afastamento em definitivo do Partido em 1956, após as repercussões negativas por ocasião dos artigos que publicou no jornal *Imprensa Popular,* criticando os dirigentes pecebistas, se encontrou em um profundo isolamento político, que se estendeu até os derradeiros anos de anos de vida e que se manifesta com intensidade em suas memórias, motivo pelo qual se tornaria uma *persona non grata*, quase esquecida entre as novas gerações da esquerda brasileira. Aliás, algo semelhante ao que ocorreu com sua extensa obra, muitas das quais permanecem inéditas ainda hoje, à espera de seus editores.

FONTES

Cartas ativas e passivas

"Carta acusando Octávio Brandão enviada pelo PCB em abril de 1932". *Fundo Octávio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenrouth/IFCH/Unicamp. Pacote 17, pasta 39. [dat.].

"Carta de Fernando Lacerda a Octavio Brandão". Outubro de 1936.2p. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/ IFCH/Unicamp, pacote 17, pasta 39. [manus].

"Carta de Geraldo Santa Maria a Octavio Brandão". Rio de Janeiro (DF), 02.11.1946. *Fundo Octavio Brandão (Inventário).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 22, 3p.

"Carta de Henrique Marinho, pastor protestante a Octavio Brandão". Nilópolis, RJ, 05.11.1946. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. AEL/IFCH/Unicamp, pasta 22, 1p.

"Carta de José Villela dos Santos pelo Comitê Municipal de Pouso Alegre do PCB a Octavio Brandão". Pouso Alegre (MG). 11.11.1946. *Fundo Octavio Brandão (Inventário).* AEL/IFCH/Unicamp, pasta 23, 1p.

"Carta de Lígia Prestes a Octavio Brandão". Paris, 17.09.1937. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 16, pasta 33. [manus.].

"Carta de Luiz Carlos Prestes ao Comitê Central". *Voz Operária*. Ed. 393. Rio de Janeiro, 26.11.1956.

"Carta de Octavio Brandão a Laura". 27.10.1941. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 1, pasta 36. [dat.].

"Carta enviada à mãe de Laura, Jacintazinha, encontra-se informações sobre a viagem para o exílio", datada de 17 de setembro de 1931, depositado no *Fundo Octávio Brandão/* Arquivo Edgard Leuenrouth, pasta 118.

"Carta manuscrita de Laura a Jacintinha". Moscou, 03 de junho de 1932. *Fundo Octávio brandão.* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta n.118.

"Carta não assinada enviada ao querido amigo". S.l.d., 01.09.1937. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 16, pasta 33. [dat.].

BERNARDO [Fernando Lacerda]. "Aos camaradas da Seção Latino-Americana da

Internacional". *Fundo Octavio Brandão II* (reserva técnica). Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp.

BRANDÃO, Octavio. "Carta a Eloísa, Lúcia e Clotilde". S.l., 20.10.1942, 1p. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 14, pasta 30. [dat.].

BRANDÃO, Octavio. "Carta a Pedro Mota Lima. Moscou", 09.12.1945, 2p. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 30, pacote 14, envelope "Lúcia". [dat.].

BRANDÃO, Octavio. "Carta ao amigo Cid repensando a participação do PCB como um partido proletário" 14.11.1959. *Fundo Octavio Brandão.* AEL/IFCH/Unicamp, pasta 9, 1p. [dat.].

BRANDÃO, Octavio. "Carta ao amigo Cid repensando a participação do PCB como um partido proletário" 14.11.1959. *Fundo Octavio Brandão.* AEL/IFCH/Unicamp, pasta 9, 1p. [dat.].

BRANDÃO, Octavio. "Carta ao amigo e camarada Luís Carlos Prestes", s.l.; novembro de 1951, 5p. *Fundo Octavio Brandão (Inventário).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 08, p.1. [dat.].

BRANDÃO, Octavio. "Carta aos camaradas desaprovando desencontro em atividade clandestina". 19.12.1953. *Fundo Octavio Brandão (Inventário).* AEL/IFCH/Unicamp, pasta 8, 1.p. [dat.].

BRANDÃO, Octavio. "Carta aos camaradas desaprovando desencontro em atividade clandestina". 19.12.1953. *Fundo Octavio Brandão (Inventário).* AEL/IFCH/Unicamp, pasta 8, 1.p. [dat.].

BRANDÃO, Octavio. "Carta de Cab. as 'Caras Amigas'". S.l., 25.09.1937. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 16 [dat.].

BRANDÃO, Octavio. "Carta de Caboclo Às 'Caras Amigas'". 28.09.1937. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 16, pasta 33. [dat.].

BRANDÃO, Octavio. "Carta de Octávio Brandão a Mariinha e Jacintinha". 10.03.1945. *Fundo Octávio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 7 [dat.].

BRANDÃO, Octavio. "Carta de Octavio Brandão a Pedro Mota Lima". Moscou, 28.08.1945, 2p. *Fundo Octavio Brandão (reserva técnica)*. AEL/IFHC/Unicamp, pasta

30, pacote 14, envelope “Lúcia”. [dat.].

BRANDÃO, Octavio. “Carta de um deportado”. Moscou, 21.07.1931. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, OB 1526 Ma 3, Pasta 112, 2p.

BRANDÃO, Octavio. “Chers camarades”. Moscou, outubro de 1935. *Fundo Octavio Brandão 2(reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 14, pasta 30, p. 2. [dat.].

Carta de Geraldo Santa Maria a Octavio Brandão. Rio de Janeiro (DF), 02.11.1946. *Fundo Octavio Brandão (Inventário).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 22, 3p.

Carta de Heitor Marinho, pastor protestante a Octavio Brandão. Nilópolis, RJ, 05.11.1946. *Fundo Octavio Brandão (Inventário).* AEL/IFCH/Unicamp, pasta 22, 1p.

Carta de Lígia ao amigo. S.l.d. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 16, pasta 33. [manus.].

ROCHA, Dionysa. “Querido papaizinho” 24.01.1942. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, OB 0114, P.113. 1p.

Prontuários

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. *Ofício emitido pela 14ª Delegacia da Casa de Correção.* Rio de Janeiro, 30.10.1930.

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Setor: Prontuário OB, pasta: DESPS, folha: 2077, caixa 12.

Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 11.08.1937. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Prontuário OB, pasta: DESPS, folha: 2077, caixa 12.

Anais Parlamentares

Vereador Octavio Brandão. (sem título). Discurso proferido na Câmara Municipal do Distrito Federal contra a demolição da Favela do Jóquei e do Morro da Catacumba. Rio de Janeiro, 1947. *Fundo Octavio Brandão.* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta: 104, 9p. (manuscrito).

Vereador Octavio Brandão. “Indicação”. Rascunho de indicação sobre a criação, no Distrito Federal, de uma Universidade. Sala de Sessões, 19.06.1947, 1p. *Fundo Octavio Brandão (Inventário).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 104. [dat.].

Vereador Octavio Brandão. “Requerimento n.º 261”. (solicitando a reconstrução da linha de bondes da Ilha). *Anais da Câmara do Distrito Federal.* Sessão de 07 de abril de 1947, vo. II, p. 286.
Vereador Octavio Brandão. “Requerimento n.º 261”. (solicitando a reconstrução da linha de bondes da Ilha). *Anais da Câmara do Distrito Federal.* Sessão de 07 de abril de 1947, vo. II, p. 286.
Vereador Octavio Brandão. “Sobre o Requerimento n.º 421”. *Anais da Câmara do Distrito Federal.* Sessão Ordinária de 14 de maio de 1947, vol. V, p.62.

Artigos e livros publicados e inéditos

“A juventude e suas economias para a construção de tanques e aviões para o Exército Vermelho”. Vida soviética. Moscou, 27.01.1943. Tradução de Octavio Brandão. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 2, pasta 37, envelope “maio de 1943”. [dat.].

“Carta de Luiz Carlos Prestes ao Comitê Central”. *Voz Operária*. Ed. 393. Rio de Janeiro, 26.11.1956.
“Carta de Luiz Carlos Prestes ao Comitê Central”. *Voz Operária*. Ed. 393. Rio de Janeiro, 26.11.1956.
“Manuscrito de Laura, datado de 10 de janeiro de 1931”. *Fundo Octávio Brandão*. Arquivo Edgard Leuenrouth/UNICAMP.

“Manuscrito informando a cerimônia de sepultamento de Laura realizada no cemitério de Ufá”. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 28. [manus].

“Panfleto de propaganda da candidatura de Octavio Brandão a vereador do Município do Rio”. S.l.d. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Série: DOPS, setor: Prontuário OB, pasta: GB, folha: 2077.

“Projeto de resolução do Comitê Central”. In: *Voz Operária*, Rio de Janeiro, Ed. 00388, 20.10.2056.

“Resolução Política e Nossas Tarefas Atuais: Resolução do Comitê Central do P.C.B”. *Voz Operária*. Ed. 411. Rio de Janeiro, 20-04-1957.
“Resolução Política e Nossas Tarefas Atuais: Resolução do Comitê Central do P.C.B”. *Voz Operária*. Ed. 411. Rio de Janeiro, 20-04-1957.
BORGES, João Caminha. “Em torno do artigo de Octavio Brandão”. *Imprensa Popular.*

Rio de Janeiro. Ed. 1952. 30.10.1956.

BRANDÃO, Laura. “A Guerra Total”. Moscou, jul.1941. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, OB G.01 s.06 ss.02 LBp.55, P.119.

BRANDÃO, Laura. “Brasil”. Moscou, jul.1941. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, OB G.01 s.06 ss.02 LBp.55, P.119.

BRANDÃO, Laura. “E a vida continua”. Moscou, 31.08.1941. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, OB G.01 s.06 ss.02 LBp.57, P.119. 1p.

BRANDÃO, Laura. *Carta a Dionysinha.* Moscou, 07.09.1941. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, OB G.01 s.06 ss.02 LBp.57, P.119. 1p.

BRANDÃO, Octavio. (sem título). “Discurso proferido na Câmara Municipal do Distrito Federal contra a demolição da Favela do Jóquei e do Morro da Catacumba”. Rio de Janeiro, 1947. *Fundo Octavio Brandão.* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta: 104, 9p. (manuscrito).

BRANDÃO, Octavio. “A epopeia de Stalingrado”. Moscou, 17.12.1942, 2p. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFC/Unicamp, pacote 1, pasta 36. [dat.].

BRANDÃO, Octavio. “A Poesia e a sabedoria na vida”. *Luta Democrática*. 03.10.1960. Ed. 02351. Rio de Janeiro. p. 4. In: *Coleção* n.º 5, 1961.

BRANDÃO, Octavio. “A Política de Quadros”. *Imprensa Popular.* Rio de Janeiro. Ed. 1950. 27. 10. 1956.

BRANDÃO, Octavio. “A Política de Quadros”. In: *Imprensa Popular.* Rio de Janeiro. Ed. 1949. 26.10.1956.

BRANDÃO, Octavio. “A realidade”. S.l., 17.10.1969, 2p. *Fundo Octavio Brandão (Inventário).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 114. [dat.].

BRANDÃO, Octavio. “A vida de um escritor”. S.l.,12.12.1970, 31p. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 114-b, [dat.].

BRANDÃO, Octávio. “Análise”. Passagem de Mariana (MG), 19.05.1966. *Fundo Octavio Brandão (Inventário).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 33, pp.102. [dat.].

BRANDÃO, Octavio. “Combates da Classe operária”. Rio de Janeiro, 1963. Disponível em: https://marxists.architexturez.net/portugues/brandao/ano/mes/combates.pdf Acesso

em 16.10.2023.

BRANDÃO, Octavio. “Conferência do escritor Octavio Brandão”. *O Semeador.* Maceió, 19.05.1960. *Fundo Octavio Brandão II* (reserva técnica). Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 8.

BRANDÃO, Octavio. “Emision en la lengua portuguesa-brasileña”. 26.09.1942. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 1, pasta 36, envelope “Guerra Patriótica – URSS: frente de batalha”. [dat.].

BRANDÃO, Octavio. “Esquema da Conferência na Casa do Estudante”. S.l., 27.12.1946. *Fundo Octavio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, Pasta: 103, 1p. [dat.].

BRANDÃO, Octavio. “Fala o sr. Octavio Brandão no Palácio do Trabalhador”. *O Semeador.* Maceió, 21.05.1960. *Fundo Octavio Brandão II* (reserva técnica). Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 8.

BRANDÃO, Octavio. “Indicação”. Rascunho de indicação sobre a criação, no Distrito Federal, de uma Universidade. Sala de Sessões, 19.06.1947, 1p. *Fundo Octavio Brandão (Inventário).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 104. [dat.].

BRANDÃO, Octavio. “Indicação”. Rascunho de indicação sobre a criação, no Distrito Federa, de uma Universidade. Sala de Sessões, 19.06.1947, 1p. *Fundo Octavio Brandão (Inventário).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 104. (dat.).

BRANDÃO, Octavio. “Informações soviéticas”. 1944. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 1, pasta 36, envelope “Guerra Patriótica – URSS: frente de batalha”. [dat.].

BRANDÃO, Octavio. “Insídia e Chalaça”. *Imprensa Popular.* Rio de Janeiro. Ed. 1956, 04.11.1956.

BRANDÃO, Octavio. “Materiais destruídos, queimados, confiscados”. 25 nov. 1942, p.1. *Fundo Octavio Brandão*, DP.2, P.1, Arquivo Edgard Leuenroth/Unicamp, Campinas, São Paulo.

BRANDÃO, Octavio. “Materiais destruídos, queimados, confiscados”. 25 nov. 1942, p.1. *Fundo Octavio Brandão*, DP.2, P.1, Arquivo Edgard Leuenroth/Unicamp, Campinas, São Paulo.

BRANDÃO, Octavio. “O Aranhol Imperialista”. *Luta Democrática*. 25-26.09.1961. Ed. 02345. Rio de Janeiro. p.7. In: *Coleção* n.º 6, 1961.

BRANDÃO, Octavio. “O Golpe de Estado no Brasil”. 12.10.1937. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/ Unicamp, pacote 17, pasta 38.

BRANDÃO, Octavio. “Os fascistas alemães buscam apoderar-se de territórios estratégicos na América do Sul”. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 13, pasta 26.

BRANDÃO, Octavio. “Pelo realismo revolucionário”. In: *Revista Brasiliense*. n.º 35. São Paulo: Brasiliense, pp.95-119, Maio-Jun., 1961.

BRANDÃO, Octavio. “Polêmica”. Maio de 1968, S.l.d. 25p. *Fundo Octavio Brandão II (Reserva técnica).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 6. [dat. e manus.].

BRANDÃO, Octavio. “Sinfonia Lírica e heróica”. Criméia, 18.07.1936, 16p. *Fundo Octavio Brandão II (reserva técnica).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, OB 1235, p. 04. [dat.].

BRANDÃO, Octavio. “Sinfonia Staliniana”. Moscou, 18.06.1936. *Fundo Octavio Brandão (Reserva técnica II)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, OB 1236 PM 193, Pasta 82, 14p. [dat.].

BRANDÃO, Octávio. “Um evadido da realidade”. In: BRANDÃO, Octávio. Por uma literatura social e nacional. “Artigo enviado ao jornalista Arnoldo Jambo”. [datilografado]. *Fundo Octávio Brandão (Inventário)*. AEL/IFCH. O.B. 1196. Pm 163, P 70.

BRANDÃO, Octavio. “Uma casa de repouso na Criméia. 31.05.1936. *Fundo Octavio Brandão II* (reserva técnica). Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 18, pasta 41.

BRANDÃO, Octavio. “Uma obra de ficção”. *Luta Democrática*. 25-26.06.1961. Ed. 02266. Rio de Janeiro. p.7. In: *Coleção* n.º 6, 1961.

BRANDÃO, Octavio. “Un appel pathétique à Romain Rolland”. *L’Humanité*. 20 de janeiro de 1936.

BRANDÃO, Octávio. “Vida vivida: recordações” In: *Revista Brasiliense.* São Paulo, n.º 33, janeiro-fevereiro, 1961, p.153.

BRANDÃO, Octavio. “Vida vivida’. (Autobiografia). S.l., 04.04.1952. *Fundo Octavio Brandão (Inventário).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta: 112, p.160. [dat.].

BRANDÃO, Octavio. “Vida vivida’. (Autobiografia). S.l., 04.04.1952. *Fundo Octavio Brandão (Inventário).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta: 112, p.160. [dat.].

BRANDÃO, Octávio. “Vida vivida”. S.l, 04.04.1952, 200p. *Fundo Octávio Brandão (Inventário)*. Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pasta 112, p.148. [dat.].

BRANDÃO, Octávio. *Canais e lagoas:* a poesia da terra brasileira, as riquezas naturais de Alagoas e aspectos sociais do Nordeste. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1919.

BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*, vol. 2, Rio de Janeiro. 1970, [inédito].

BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas.* Vol. 1, São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1978.

BRANDÃO, Octavio. *O Niilista Machado de Assis.* Rio de Janeiro: Organização Simões, 1958. p.13.

BRANDÃO, Octavio. *Os intelectuais Progressistas*. Rio de Janeiro: Organização Simões Editora (Coleção Rex), 1956.

BRANDÃO, Octavio. Vida duríssima (Autobiografia inédita), S.l., 04.04.1952, [inédito]. *Fundo Octavio Brandão (Inventário).* Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH, pasta 112, p.116. [dat.].

KONDER, Leandro. "Octavio Brandão: o Lenin que não deu certo". *Folha de São Paulo,* Caderno Folhetim. São Paulo, 23.06.1985.

MARTINS, J. "Caminho Certo". In: *Imprensa Popular.* Rio de Janeiro. Ed. 1967, 13.11.1956.

NASCIMENTO, Carlos. "A implacável a batalha contra os erros não abole a fraternidade". In: *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro. Ed. 1956, 04.11.1956.

NASCIMENTO, Lurdes. "Cobrando uma velha dívida (Carta a Egydio Squeff)". *Imprensa Popular*. Ed. 01957, 06.11.1956.

POMBO, Francisco da Rocha. "Comentários de Rocha Pombo, Monteiro Lobato, John C Brauner, Manoel Diegues Junior e outros sobre obras de O.B". S.l.d. *Fundo Octávio Brandão (Inventário)*. AEL/IFCH. Pasta 116.

RIZZO, Francisco. "Retorno à gleba". *Gazeta de Alagoas.* Maceió, 13.05.1960. *Fundo Octavio Brandão II* (reserva técnica). Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp, pacote 8.

ROCHA, Dionysa Brandão (org.). *Poesia Laura e Otavio.* Rio de Janeiro: D. Brandão Rocha, 2000.

SILVA, José da. "Carta aberta a Egydio Squeff". *Imprensa Popular.* Rio de Janeiro. Ed.1958, 07.11.1956.

SQUEFF, Egydio. "Ponto pacífico". *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro. Ed. 1951. 28.10.1956, p. 3.

Depoimento

LONER, B. A., & MENEZES, V. (2019). Entrevista com Otávio Brandão. *História Em Revista*, *2*. https://doi.org/10.15210/hr.v2i0.16017

REGO, Octávio Brandão. *Octávio Brandão (depoimento 1977)*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1993. dat.

Inventários

ACERVO EDGARD LEUENROTH. Catálogo do Fundo Octavio Brandão. Campinas/IFCH/AEL, 2013.

ACERVO EDGARD LEUENROTH. Catálogo do Fundo Octavio Brandão. Campinas/IFCH/AEL, 2014.

ZANATTA, Elaine Márquez et alii. *Inventário analítico do acervo Octávio Brandão.* Arquivo Edgard Leuenroth, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: Editora da Unicamp, 1986.

Sites consultados

https://cedem.unesp.br/#!/acervo/asmob/

https://ael.ifch.unicamp.br/ael-digital

http://almanaque.folha.uol.com.br/memoria_1.htm.

https://marxists.org/history/international/comintern/inprecor/index.htm

http://justicaeleitoral.jus.br/arquivos/tse-resolucao-1841-cancelamento-do-registro-do-pcb.

Revistas e jornais

"Carta de Luiz Carlos Prestes ao Comitê Central". *Voz Operária*, Ed.393. Rio de Janeiro, 26.11.1956.

"Projeto de resolução do Comitê Central". In: *Voz Operária*, Rio de Janeiro, Ed. 00388, 20.10.2056.

ANDRADE, Carlos Drummond. *Estado de Minas*. 06.01.1981.

BRANDÃO, Octavio. "A aventura golpista-militarista". *Revista Brasiliense.* São Paulo,

nº 38, nov-dez., 1961.

BRANDÃO, Octavio. “A Política de Quadros”. *Imprensa Popular.* Rio de Janeiro. Ed. 1950. 27. 10. 1956.

BRANDÃO, Octavio. “A Política de Quadros”. In: *Imprensa Popular.* Rio de Janeiro. Ed. 1949. 26.10.1956.

BRANDÃO, Octavio. “As reformas e a libertação”. *Luta Democrática*. Rio de Janeiro, 24.10.1961. In: *Coleção nº 6*, 1961.

BRANDÃO, Octavio. “Entrevista de Octavio Brandão a Isa Cambará”. Folha de São Paulo, *Caderno Ilustrada.* São Paulo, 16.07.1978.

BRANDÃO, Octavio. “Entrevista: Brandão: ateu, anarco, comunista, profeta”. In: *Revista Isto É*. 28.06.1978.

BRANDÃO, Octavio. “Insídia e Chalaça”. *Imprensa Popular.* Ed. 1956, 04.11.1956.

BRANDÃO, Octávio. *Entrevista à revista APARTE*, 1979.

BRANDÃO, Octavio. Entrevista. *Revista Isto É*. 28.06.1978.

BRANDÃO, Octavio. II faut sauver Prestes, sa femme et son enfant: Une enfant de six mois dans les grifes de la Gestapo. *L'Humanité*, 13 de peut de 1937 p.3/8.

BRANDÃO, Octavio. L’araignée hitlérienne au Brésil. In *La Correspondance internationale*, Nº27, 26 de juin de 1937.

BRANDÃO, Octavio. La terreur em Amerique du sud: A I’aide des combattants menacés de mort au Brésil! In: L'Humanité,3 de mars de 1936.

BRANDÃO, Octavio. Les Raisons de L’Insurrection brésilienne. *L’Humanité.* 11 de décembre de 1935. p. 3.

BRANDÃO, Octavio. Um appel pathétique à Romain Rolland. *L’Humanité*. 20 de janvier de 1936. p.3.

CANELAS, Antônio. *Tribuna do Povo.* Recife. 01. 06. 1918.

Jornal do Comércio. Rio de Janeiro, 21.02.1939, seção rádio.

LIMA, Pedro Mota. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro. 06. 06. 1918.

MARTINS, J. “Caminho Certo”. In: *Imprensa Popular.* Rio de Janeiro, Ed. 1967. 13.11.1956.

NASCIMENTO, Carlos. “A implacável a batalha contra os erros não abole a fraternidade”. In: *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro. Ed. 1956, 04.11.1956.

NASCIMENTO, Lurdes. “Cobrando uma velha dívida (Carta a Egydio Squeff)”. *Imprensa Popular*, Ed. 01957, 06.11.1956.

PALMARES, Rita. *Gazeta de Alagoas*. 29.05.1960.

PEREIRA, Astrojildo. *Crônica Subversiva.* Rio de Janeiro. 03. 08. 1918.

SILVA, José da. "Carta aberta a Egydio Squeff". *Imprensa Popular.* Rio de Janeiro. Ed.1958, 07.11.1956.

SQUEFF, Egydio. "Ponto pacífico". *Imprensa Popular*, Ed. 1951. Rio de Janeiro, 28.10.1956.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. (s.d) *Minima Moralia.* Lisboa: Edições 70. 2001.

ADORNO, Theodor W. Adorno. *Minima Moralia: reflexões a partir da vida danificada.* 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 1993.

ADORNO, Theodor. *Mínima Moralia: reflexões a partir da vida lesada.* Rio de Janeiro: Azougue, 2008.

AGUIAR, Joaquim Alves de. *Espaços da Memória: um estudo sobre Pedro Navas.* São Paulo: Edusp, 1997.

AGUIAR, Joaquim Alves de. *Espaços de memória: um estudo sobre Pedro Navas.* São Paulo: EDUSP, 1997.

ALBERTI, Rafael. *Poesías completas*. Buenos Aires, 1961.

ALTAMIRANO, Carlos. Ideias para um programa de História intelectual. In: *Tempo Social.* Revista de Sociologia da USP. v. 19, n.1. São Paulo, 2007.

AMARAL, Roberto Mansilla. *Uma memória silenciada. Idéias, lutas e desilusões na vida do revolucionário Octávio Brandão (1917-1980).* Dissertação de mestrado, ICHF/ Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

AMORÓS, Mario. *No pasarán! Biografía de Dolores Ibárruri, Pasionaria*. Madrid: Akal, 2021.

APOR, Balázs. *The Invisible Shining: The Cult of Mátyás Rákosi in Stalinist Hungary, 1945-1956.* Budapest: Central European University Press, 2017.

ARESTI, Lore, *Realidad política y daño psicológico: el exilio.* Editora UNAL. Monterrey. 1997.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea.* Rio de Janeiro. Ed. UERJ, 2010.

ARTIÈRES, Phillipe. Arquivar a Própria Vida. *Estudos históricos:* arquivos Pessoais. Rio de Janeiro, v.11, n.2, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal.* São Paulo: Martins Fontes, 1985.

BANDEIRA, Moniz *et alli*. *O Ano Vermelho.* São Paulo: Civilização Brasileira, 1980.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti (Org.). *Octávio Brandão: centenário de um militante na memória do Rio de Janeiro*. UERJ, Cultural SR-3, Arquivo Público, 1996.

BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos.* São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

BECKER, Nestor J. R. A agricultura soviética. In: *Revista Brasileira de Economia.* v.18, n.4. Rio Bell, John D. *The Bulgarian Communist Party from Blagoev to Zhivkov*. Stanford, CA: Hoover Institution Press, 1986.de Janeiro: FGV, 1964.

BELL, John D. *The Bulgarian Communist Party from Blagoev to Zhivkov*. Stanford, CA: Hoover Institution Press, 1986.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. *Obras escolhidas.* Volume 1, 7a edição, Editora Brasiliense, 1994.

BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política.* Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1995.

BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política.* Campinas: UNICAMP/CMU, 2007.

BIANCHI, Alvaro. Octavio Brandão e o confisco da memória. In: ACERVO EDGARD LEUENROTH. Catálogo do Fundo Octavio Brandão. Campinas/IFCH/AEL, 2013.

BIANCHI, Álvaro. Octávio Brandão e o confisco da memória: nota à margem da história do comunismo brasileiro. In: *Revista Crítica Marxista,* n.º34, Campinas: Fundação Editora da Unesp, 2012. pp. 133-149.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea.* São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997.

BORGES, Vavy Pacheco. Desafios da memória e da biografia: Gabrielle Brunesieler, uma vida (1874-1940). In: BRESCIANI, Maria Stella; NAXARA, Marcia. *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível.* Campinas: Unicamp, 2004.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade. Lembranças de velhos.* São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta M. (coord.). *Usos e abusos da História Oral.* Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação.* Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996.

BURKE, Peter. História como memória social. In: *Variedades de história cultural.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BURKE, Peter. *Perdas e ganhos: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000.* São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Estudos Históricos.* Rio de Janeiro, nº. 21, 1998.

CAMPOS, Giovana Cordeiro; OLIVEIRA, Maria Clara Castellões de. Dimensões geográficas, literárias e tradutórias do exílio. *Literatura em Debate* (URI), v.2, n.2, p.1-18, 2008.

CANALLE, Cristiane Barckhausen. *No rastro de Tina Modotti.* São Paulo: Alfa-Ômega, 1989.

CANDAU, JOEL. *Antropologia da Memória.* São Paulo: Instituto Piaget, 2005.

CARONE, Edgard. *O marxismo no Brasil: das origens a 1964.* Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

CASULLO, Nicolás. "La pérdida de lo propio". In: *Revista Sociedad*, Facultad de Ciencias Sociales de la UBA, nº 25, Buenos Aires, 2006. p. 169.

CAVALCANTI, Pedro Celso Uchôa; RAMOS, Jovelino (Orgs.). *Memórias do exílio: Brasil (1964-19??). De muitos caminhos.* Vol.1, São Paulo: Editora e Livraria Livramento. São Paulo, 1978.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CORTÁZAR, Julio. América Latina: exílio e literatura. In: *Obra Crítica 3.* Organização de Saul Sosnowski. Tradução de Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

COSTA, João Cruz. *Contribuição à História das Idéias no Brasil.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

DEL ROIO, José Luiz. *O que todo cidadão precisa saber sobre fascismo.* São Paulo: Global, 1987.

DEL ROIO, José Luiz. *O que todo cidadão precisa saber sobre o Fascismo.* São Paulo: 1987.

DEL ROIO, Marcos. A formação de um quadro dirigente do PCB. In: PINHEIRO, Paulo Sérgio; DEL ROIO, Marcos. *Combates na história: A trajetória de Heitor Ferreira Lima.* Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: FAPESP, 1990.

DEL ROIO, Marcos. A gênese do Partido Comunista (1919-1929). In: FERREIRA, Jorge & FILHO, Daniel Aarão. *A formação das tradições: 1889-1945.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

DEL ROIO, Marcos. O impacto da revolução Russa e da Internacional Comunista no Brasil. In: MORAES, João Quartim; AARÃO REIS, Daniel. (Orgs.) *História do marxismo no Brasil: o impacto das revoluções.* Vol.1. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

DIMITROV, Georgi. *Diario: Gli anni di Mosca (1934-1945).* Torino: Einaudi, 2002.

DOSSE, François. *O desafio biográfico:* escrever uma vida. São Paulo: EDUSP, 2009.

DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e comunistas no Brasil.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ELLEINSTEIN, Jean. *A história da URSS: o socialismo num só país (1922-1937).* Paris: Publicações Europa-América, 1973.

FERREIRA, Pedro Roberto. *O conceito de revolução da esquerda brasileira: 1920-1946.* Londrina: EDUEL, 1999.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann. Cartografia da sensibilidade: a arte de viver no campo do outro (Brasil, séculos XVI e XVII). In: FLECK, Eliane Cristina Deckmann; ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes. *História e sensibilidade.* Brasília: Paralelo 15, 2006.

FREUD, Sigmund. O estranho. In: *Freud. Obras completas.* Edição Standard Brasileira, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

GORENDER, Jacob. Entrevista, citado In: SILVEIRA, Éder da Silva. Dissidência comunista: da cisão do PCB à formação do PCBR na década de 1960. Anos 90, *Porto Alegre*, v. 20, p. 291-322, 2013.

GORENDER, Jacob. Entrevista, citado In: SILVEIRA, Éder da Silva. Dissidência comunista: da cisão do PCB à formação do PCBR na década de 1960. Anos 90, *Porto Alegre*, v. 20, p. 291-322, 2013.

GRAMSCI, A. *Quaderni del cárcere.* Torino: Einaudi Editori, 1977.

GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

GUARINELLO, Norberto Luiz. História científica, história contemporânea e história cotidiana. *Revista Brasileira de História,* v. 24, nº. 48, p. 13-38, dezembro, 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva.* São Paulo: Centauro, 2004.

HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade.* Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

ILIE, Paul. *Literatura y exilio interior.* Editora Espiral. Madrid, 1981.

JEIFETS, Víctor; JEIFETS, Lazar. *América Latina en la Internacional Comunista 1919-1943: Diccionario Biográfico.* Nueva edición [en línea]. Santiago: Ariadna Ediciones, 2015.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memória.* Madrid: Siglo XXI de España editores, 2002.

JITRIK, Noé. *Las armas y las razones: ensayos sobre el peronismo, el exilio, la literatura.* Buenos Aires: Sudamericana, 1984.

KARVAT, E. C.; MACHADO, Valeria Floriano. Intelectuais, um conceito: observações sobre uma alegoria sociológica (e histórica) escorregadia. In: *Anais do II Encontro do GT Regional Religião e Religiosidades ANPUH PR/SC e da 40a. Semana de História DEHIS/UEPG Religião, Cultura e Identidades,* 2011, Ponta Grossa. II Encontro do GT Regional Religião e Religiosidades ANPUH PR/SC e da 40a. Semana de História DEHIS/UEPG Religião, Cultura e Identidades. Ponta Grossa: Aos Quatro Ventos, 2011.

KONDER, Leandro. *A derrota da dialética:* a recepção das idéias de Marx e Engels no Brasil até o começo dos anos trinta. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

KONDER, Leandro. *Intelectuais brasileiros e marxismo*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.* Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-Rio, 2006.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos.* Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

KUPERMAN, Esther. "De olho em Octavio Brandao: os arquivos do Dops". In: BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti (Org.). *Octávio Brandão: centenário de um militante na memória do Rio de Janeiro*. UERJ, Cultural SR-3, Arquivo Público, 1996.

LENIN, Vladimir Ilitch. *O imperialismo: fase superior do capitalismo.* São Paulo: Centauro, 2008.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, J; FERREIRA, M. M. *Usos e abusos da história oral.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta M. (coord.). *Usos e abusos da História Oral.* Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2001.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René. *Por uma história política.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, FGV, 1996.

LIMA, Heitor Ferreira. *Caminhos Percorridos*: memórias de militância. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise.* Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LÖWY, MICHAEL. *O Marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais.* São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.

LUCCHESI, Marco de. *A paixão do infinito*. Niterói: Clube de Literatura Cromos, 1994.

MALUF, Marina. *Ruídos da Memória.* São Paulo: Siciliano, 1995.

MANTEGA, Guido. *A economia política brasileira.* São Paulo: Vozes, 1984.

MATE, Reyes. Autoridade da testemunha. In: MATE, Reyes. *Memórias de Auschwitz.* São Leopoldo: Nova Harmonia, 2005.

MICHEL, Johann. Podemos falar de uma política do esquecimento? In: *Revista Memória em rede.* Pelotas. v.2, n.3, ago-nov 2010. 14-26p.

MORAES, João Quartim de. A evolução da consciência política dos marxistas brasileiros. In: MORAES, João Quartim de (Org.). *História do marxismo no Brasil*: os influxos teóricos, Vol. 2. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

MORAIS, Fernando. *Olga: a vida de Olga Benário Prestes, judia comunista entregue a Hitler por Getúlio Vargas.* São Paulo: Editora Alfa-Omega: 1985.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. "Sobre as origens e motivações do Ato Institucional 5". *Revista Brasileira de História*. vol.38, nº 79, pp. 195-216.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho:* o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva, 2002.

NEGRI, T. *Exílio seguido de valor e afeto.* São Paulo: Editora Iluminuras, 2001.

NETTO, José Paulo. *O que é stalinismo.* São Paulo: Editora Unesp, 2003.

NOVE, Alec. *Historia económica de la Unión Soviética.* Madrid: Alianza Editorial, 1973.

OKUNEVA, Olga.; OKUNEVA, Liudmila. Do Brasil para a URSS e de volta: a trajetória de vida de Laura e Otavio Brandão. *Revista Eletrônica científica e educacional, História*. V.10. Edição 11 (85). Moscou, 2019, (tradução realizada por meios eletrônicos).

OLIVEIRA, José Roberto Guedes de (org.). *Cartas de Octávio Brandão: memória.* Florianópolis, Ed. da UFSC, 2005.

PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros: memória e história do PCB.* Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

PERALVA, Osvaldo. *O Retrato: impressionante depoimento sobre o comunismo no*

Brasil. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1962.

PERALVA, Osvaldo. *O Retrato:* impressionante depoimento sobre o comunismo no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1962.

PERES, Fabio de Faria et all. A 'sensibilidade' de Simmel: notas e contribuições ao estudo das emoções. *RBSE* 10 (28): 93-120, ISSN 1676-8965, Abril de 2011.

PIGLIA, Ricardo. Uma propuesta para el nuevo milênio. Margens/márgenes. *Caderno de cultura*/ nº2 /out. 2001. Belo Horizonte/Mar del Plata/Buenos Aires.

PINHEIRO, Filipe Leite. Sobre o marxismo e a interpretação do Brasil de Octavio Brandão. In: *XXIII Congresso Brasileiro de História Econômica. 13ª Conferência Internacional de História de Empresas.* Niterói, (Anais) 2017.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão: a revolução mundial e o Brasil (1922-1935).* São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

PLANCHEREL, Alice Anabuki. *Memória e Omissão: Octávio Brandão e anarquismo.* Dissertação de mestrado, FFLCH, USP, São Paulo, 1993.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos.* Rio de Janeiro, v. 5, nº. 10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989.

POMAR, Valter Ventura da Rocha. *Comunistas do Brasil. Interpretações sobre a cisão*. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-graduação da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2000.

POMAR, Valter Ventura da Rocha. *Comunistas do Brasil. Interpretações sobre a cisão*. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-graduação da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2000, p. 270.

POMBO, Francisco da Rocha. *Notas de Viagem:* Norte do Brazil. Rio de Janeiro: Benjamin Aguila editor, 1918.

POMBO, Francisco da Rocha. *Notas de Viagem:* Norte do Brazil. Rio de Janeiro: Benjamin Aguila editor, 1918.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta M. (coord.). *Usos e abusos da História Oral.* Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2000.

PRESTES, Anita Leocádia. A que herança os comunistas devem renunciar? *Oitenta.* Porto Alegre: LP&M, nº. 4, 1980.

PRESTES, Anita Leocádia. *Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro.* São Paulo: Boitempo, 2015.

PRESTES, Anita Leocádia. *Os comunistas brasileiros (1945-1956/58): Luiz Carlos Prestes e a política do PCB.* São Paulo: Brasiliense, 2010.

PRESTES, Luiz Carlos. "Os comunistas e a sucessão presidencial". Novos Rumos, 04.10.1959. In: CARONE, Edgard. *O P.C.B.* (1943 a 1964). Volume II. São Paulo. Difel, 1982.

PRIORI, Angelo Aparecido. O PCB e a questão agrária: os manifestos e o debate político acerca dos seus temas. In: MAZZEO, Antonio Carlos; LAGOA, Maria Isabel (orgs.). *Corações Vermelhos: os comunistas brasileiros no século XX.* São Paulo: Cortez, 2003.

PRIORI, Angelo Aparecido. Paixões políticas e militância partidária (PCB: 1947-1954). *Espaço Plural.* Marechal Cândido Rondon. Online, v. 16, 2015.

PROST, Antoine. A história como compreensão. In. *Doze Lições sobre a história.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

QUEIROZ, Maria José. *Os males da ausência ou a literatura de exílio.* Rio de Janeiro, RJ: Topbooks, 1998.

RAMA, Angel. *La riesgosa navegación del escritor exiliado.* In: *Nueva Sociedad*. nº35, março-abril, 1978.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *As Revoluções Russas e o Socialismo Soviético.* São Paulo: Editoria Unesp, 2003.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *URSS: O socialismo real (1921-1964).* São Paulo: Brasiliense, 1983.

RÉMOND, René. Do Político. In: RÉMOND, René. (org.). *Por uma História Política.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

REZENDE PAULO, Antônio. *História do movimento operário no Brasil.* São Paulo: Editora Ática, 1986.

RICOEUR, Paul. O esquecimento. In: *A memória, a história, o esquecimento.* Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

RICOEUR, Paul. O perdão pode curar? *Revista Viragem*, n.º 21, 1996. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/paul_ri-coeur_o_perdao_pode_curar.pdf>. Acesso em: 08 de set. 2023.

RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro:* artistas da revolução, do CPC à era da TV. Rio de Janeiro: Record, 2000.

RODRIGUES DA SILVA, Helenice & KOHLER, Heliane. *Travessias e cruzamentos*

culturais: a mobilidade em questão. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

RODRIGUES DA SILVA, Helenice. "Rememoração" /Comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História.* São Paulo, v. 22, n.44, p.425-438, 2002.

RODRIGUES DA SILVA, Helenice. *Fragmentos da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas.* São Paulo: Papirus, 2002.

ROIO, Marcos. (orgs.). *História do marxismo no Brasil:* visões do Brasil, Vol. 4. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: entre raízes e radares.* Rio de Janeiro: Record, 1999.

ROLLEMBERG, Denise. Memórias no exílio, memórias do exílio. In: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel. (Orgs.). *As Esquerdas no Brasil.* Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

RONIGER, Luis. Exílio massivo, inclusão e exclusão política no século XX. In: *Dados - Revista de Ciências Sociais*, v.53, n.1, 2010,

RONIGER, Luis. Reflexões sobre o exílio como tema de investigação: avanços teóricos e desafios. In: QUADRAT, Samantha Viz. *Caminhos cruzados: história e memória dos exílios latino-americanos no século XX.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Moraes. (coord.). *Usos e abusos da História Oral.* Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2001.

SAID, Edward W. *Reflexões do exílio e outros ensaios.* São Paulo: Cia das Letras, 2002.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios.* São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAID, Edward. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993.* Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SALES, Jean Rodrigues. História do Partido Comunista do Brasil (PCdoB): um balanço bibliográfico. *Revista Tempo e Argumento*. Florianópolis, v. 9, n. 21, p. 290-311. maio/ago. 2017, p. 297.

SALES, Jean Rodrigues. História do Partido Comunista do Brasil (PCdoB): um balanço bibliográfico. *Revista Tempo e Argumento*. Florianópolis, v. 9, n. 21, p. 290 - 311. maio/ago. 2017.

SANTANA, Marco Aurélio; SILVA, Fernando Teixeira da. O equilibrista e a política: o

"Partido da Classe Operária" (PCB) na democratização (1945-1964). In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs.). *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964).* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 2, 2005.

SANTANA, Marco Aurélio; SILVA, Fernando Teixeira da. O equilibrista e a política: o "Partido da Classe Operária" (PCB) na democratização (1945-1964). In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs.). *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964).* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 2, 2005.

SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. *Fontes orais: testemunhos, trajetórias de vida e história.* Curitiba: DAP, 2005, (texto para discussão).

SAPIRO, Gisèle. Modelos de intervenção política dos intelectuais: o caso francês. *Revista Pós Ciências Sociais*, v. 9, nº. 17, p. 19-50, 2012.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva.* São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SEGATTO, José Antonio. "O PCB e a revolução nacional-democrática". In: MAZZEO, Antonio Carlos; LAGOA, Maria Isabel (orgs.). *Corações Vermelhos: os comunistas brasileiros no século XX.* São Paulo: Cortez, 2003.

SEGRILLO, Angelo. *Os Russos.* São Paulo: Contexto, 2012.

SHAIN, Yossi. *The frontier of loyalty: political exiles in the age of Nation-States.* Middletown: Wesleyen University Press, 1989.

SILVA, Ângelo José da. Agrarismo e Industrialismo: uma primeira tentativa marxista de interpretação do Brasil. In: *Revista de Sociologia e Política*, nº 8, Curitiba: Editora da UFPR, 1997.

SILVA, Ângelo José da. Tempo de fundadores. In: MORAES, João Quartim de.; DEL

SIMMEL, George. O Estrangeiro. In: MORAES FILHO, Evaristo. (Org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma História Política.* 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.

SULEIMAN, Susan. Amnésia e anistia: reflexões sobre o esquecimento e o perdão. In: SULEIMAN, Susan. *Crises de Memória e a Segunda Guerra Mundial.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

THOMPSON, Paul. A memória e o eu. In: *A voz do passado: história oral.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, Alistair. Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a História oral e as memórias. *Projeto História.* São Paulo, n.15, p. 51-84, 1997.

THOMSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta M. (coord.). *Usos e abusos da História Oral.* Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2001.

TOLEDO. Caio. N. (Org.) Intelectuais e política no Brasil: A Experiência do ISEB. Rio de Janeiro: Revan, 2005. p. 205.

TROTSKY, Leon. *A revolução traída.* São Paulo: Editora Sundermann, 2005.

VASQUEZ Ana; ARAÚJO Ana Maria. *Exils latino-americains – la malédiction d´Ulysse*. Paris, L' Harmattan, CIEMI, 1988.

VELLOSO, Mônica Pimenta. A literatura como espelho da nação. *Estudos Históricos.* Rio de Janeiro, vol.1, n.2, p.239-263, 1988.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história.* Brasília: Editora da UnB, 1982.

VIDAL, Paloma. *A história em seus restos: Literatura e exílio no cone sul.* São Paulo: AnnaBlume, 2004.

VIÑA, Marcelo; VIÑAR, Maren. *Exílio e tortura.* São Paulo: Escuta, 1992.

VINHAS, Moisés. *O Partidão: a luta por um partido de massas (1922-1974).* São Paulo: Hucitec, 1982.

VOLPE, Miriam L. *Geografias de exílio.* Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

WAACK, Willian. *Camaradas: nos arquivos de Moscou - a história secreta da revolução brasileira de 1935.* São Paulo: Cia das Letras, 1993.